

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

Trama de afetos: desafios de educadoras de crianças pequenas institucionalizadas

Mariana Peres Stucchi

Mariana Peres Stucchi

Trama de afetos: desafios de educadoras de crianças pequenas institucionalizadas

Trabalho de tese apresentado à Universidade
Católica de Pernambuco, como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de
Doutora em Psicologia Clínica, na linha de
Psicopatologia Fundamental e Psicanálise.

Orientadora: Professora Doutora Maria Consuelo Passos

RECIFE

2017

S932t Stucchi, Mariana Peres

Trama de afetos : desafios de educadoras de crianças pequenas institucionalizadas / Mariana Peres Stucchi ; orientador Maria Consuêlo Passos, 2017.

212 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Doutorado em Psicologia Clínica, 2017.

1.Crianças - Assistência em instituições. 2. Assistência à menores.
3. Psicanálise infantil. 4. Educadores. I. Título.

CDU 159.922.7

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

Mariana Peres Stucchi

**Trama de afetos: desafios de educadoras de crianças pequenas
institucionalizadas**

BANCA EXAMINADORA:

PROFA. DRA. ISABEL KAHN MARIN – Examinadora externa

PROFA. DRA. MARIA LÍGIA DE AQUINO GOUVEIA – Examinadora externa

PROFA. DRA. ANA LÚCIA FRANCISCO – Examinadora Interna

PROFA. DRA. EDILENE FREIRE QUEIROZ – Examinadora Interna

PROFA. DRA. MARIA CONSUÊLO PASSOS - Orientadora

DATA DE APROVAÇÃO: _____

Agradecimentos

Ao Professor Zeferino Rocha, que tão apaixonadamente nos transmitia conhecimento sobre o ser e o existir. Não apenas pela filosofia e psicanálise, mas por sua forma de falar delas, encadeá-las e questioná-las. Inspiração que o doutorado na Universidade Católica de Pernambuco me proporcionou. (In memoriam).

À Professora Doutora Maria Consuelo Passos. Orientadora bastante rigorosa, tanto para os puxões de orelha, quanto para os empurrões, que tanto precisei para melhorar o trabalho. Companheira desta aventura rica e custosa da academia.

Às Professoras Doutoras membros da Banca, Ana Lúcia Francisco, Isabel Kahn Marin, Edilene Queiroz e Lígia Gouveia, pelos apontamentos tão importantes tanto para animar minha caminhada quanto para melhorar academicamente este trabalho, tarefa tão árdua para mim.

Ao LABORE – Laboratório de Psicopatologia Fundamental do EPSI, pelo incentivo, apoio e companhia nos meus avanços e tropeços para iniciar o doutorado e seguir nele.

Ao Projeto Fazendo Minha História, que me permitiu entrar em contato com pessoas muito competentes e de garra num ambiente bastante inóspito quanto os abrigos, além de possibilitar minha entrada neste campo tão cheio de questões e humanidade.

Ao Grupo de Trabalho Pró Convivência Familiar e Comunitária de João Pessoa, que me acompanhou e incentivou tanto no desenvolvimento do FMH quanto do doutorado.

À equipe do abrigo Antenor Navarro, pela contribuição com esta produção, que espero possa refletir frutos para mudanças na árdua tarefa de acolher crianças separadas de suas famílias.

Às educadoras entrevistadas, pela generosidade em falarem de si e de seu trabalho inquietante, me oferecendo tanta riqueza e precariedade. Tanta humanidade.

Aos professores e colegas do doutorado, especialmente Adriana, com suas contribuições para essa formação.

Ao Julio Rique, à Carla Gonçalves, à Juliana Kawakama, à Beatriz Stucchi e, especialmente, ao Daniel Antiquera, pelas leituras atenciosas e incentivadoras de meu texto.

Ao Pablo Andrada e à Gizele Antiquera pela ajuda inestimável e amável.

À Telma, que me acompanhou bem de perto nas aventuras de me tornar mãe de Raul e Doutora em Psicologia Clínica.

Aos amigos e familiares tão queridos que sempre me oferecem carinho e energia para sustentar a luta pela vida.

Aos meus tão queridos pais e irmã, agora mais de longe, mas sempre como sustentação em larga escala e qualidade de minhas empreitadas.

À linda e querida Mila, sobrinha e afilhada, que nos inspirou tanto amor para gerarmos vida em meio a esse trabalho em campo árido.

Aos meus maiores amores, Dani e Raul, sem os quais eu não terminaria este trabalho, que tanto me ensinam e permitem ensinar sobre todas as coisas desse mundo.

“Todos os dias as crianças me lembram do real sentido de estarmos vivos: cuidarmos uns d@s outr@s. Sem arrogância, exigem meus cuidados no ato. Generosamente, me relembram que ninguém é no mundo sozinh@. Não têm medo de parecerem ridículas, vulneráveis, frágeis (como tod@s nós somos): me lembram que nossa força está exatamente em nossos limites. Sem pudores, me jogam constantemente na pista da vida, lembrando que ninguém cuida de ninguém só e que tod@s precisamos ser cuidad@s. Não dão a menor bola pro que é menos importante que isso: a vida é urgente e não pára. Por fim, me lembram que não há mal que cruze uma boa noite de sono e choro que não seja acalentado num colo quente. Assim, pequen@s grandes mestres, cuidam-me enquanto vos cuido. "Cuidar d@ outr@ é cuidar de mim. Cuidar de mim é cuidar do mundo." (Ray lima) Saber cuidar é uma arte. É acolhimento, amor sem julgamento, sem pressa, sem arrogância. Compaixão. É ser n@ outr@, sem ser @ outr@.
Pequen@s grandes mestras e mestres, eu vos saúdo e honro”

Lia Haikal

Resumo

Esta pesquisa discute a trama afetiva que se constitui no encontro entre educadoras e crianças no Serviço de Acolhimento a partir das histórias de vida desses atores. Um estudo qualitativo sobre o entrelaçamento das histórias de mulheres que enfrentam duramente seu dia-a-dia, com situação de trabalho precarizado no acolhimento de bebês e crianças vistos com descaso pelas Políticas Públicas, cujas famílias apresentam muita dificuldade com as responsabilidades da vida cotidiana. A função de proteger, cuidar, reconhecer como sujeitos de direitos estes pequenos, filhos de histórias que são vistas apenas pelo abandono e violência, mobiliza as marcas infantis e experiências vividas destas educadoras, permeando o encontro entre eles. A partir de Winnicott, pensamos o que seria importante oferecer a estas crianças e como potencializar e delimitar a função destas profissionais. Num percurso pela história da infância abrigada e da realidade de todos ali, produto e produtora de seus integrantes (Guirado, 1987), refletimos sobre os vetores que se cruzam nesta relação intersubjetiva. Isto é, queremos verificar as representações e afetos das experiências de vida dos envolvidos associadas ao que aquela instituição demanda afetivamente. Através de entrevistas narrativas de sete educadoras, observação sistemática da dinâmica da Casa de Acolhimento, assim como da leitura de seu Livro de Ocorrência, averiguamos que entre as histórias de vida de educadoras e acolhidos a institucionalização acaba sendo o diferencial maior, permitindo identificações, mas dificultando o reconhecimento da alteridade. Movimento que permite aproximação e dedicação, mas pode dificultar o acolhimento. Fica claro que todos ali querem acolhimento, especialmente pela forte idealização de família, que falta a todos. Assim, esta tese pretende, com a contribuição da psicanálise, esclarecer melhor os desafios do acolhimento nos abrigos, trazendo à tona o envolvimento e as implicações afetivas das cuidadoras, sugerindo caminhos teóricos, de pesquisa e de políticas públicas que possam aprimorar alternativas para enfrentar estes desafios.

Palavras chave: Trama afetiva. Histórias de vida. Acolhimento. Ambiente (Winnicott). Educadoras. Bebês e crianças. Serviço de Acolhimento.

Abstract

This thesis discusses the affective relationship that follows the encounter of children and their caregivers in shelters, taking into consideration the later own life experiences. The research presents a qualitative study about the complex intertwining of stories of the individuals involved. In one hand, the caregivers or educators, women who undertake their own struggles in life while dealing with a primitive work environment, where they must embrace children who are both neglected by their own families and by Public Policies. Their stories intersect in the struggles: to care for and to protect these children, while acknowledging them as subjects of civil rights in a context seen by the institution as violent and of abandonment, bring back the caregiver's own struggles and create a context of empathy. Based on Winnicott, we analyze what are the main fundamentals to offer those children and how to define and optimize the caregivers' role. In addition, by analyzing both the past and current realities of the professionals (Guirado 1987; 2002), we discuss about the intertwining forces inside this intersubjective relationship. In other words, we aim to investigate the meaning of affection and the ways the involved parts demonstrate it versus the guidelines the institution would need to provide. By examining the narrative of seven caregivers along with observation of their routine in the shelters, as well as combining information from the shelter's official written notes, we found a strong correlation between the lives of educators and children, with the institution being the biggest divergence since it will affect the perception of otherness. That means the educator empathize and feel compelled to provide care, however, is simply not able to provide sufficient refuge. It is clear that all involved need asylum, including the caregivers since they all strongly idealize the institution of the family. Therefore, this study intends to clarify the challenges faced by the shelters when dealing with providing refuge, since the caregivers' background and feelings will play an important role on how they care for the children. We suggest new approaches, from research and public policies standpoints in order to create ultimately new alternatives to improve care to sheltered children.

Keywords: Affection, Foster Care, Caregivers, Refuge, Asylum, Environment (Winnicott), Educators. Babies and children. Shelters.

Resumen

Esta investigación discute la trama afectiva que se constituye en el encuentro entre educadoras y niños del Servicio de Casas de Abrigo a partir de las historias de vida de esos actores. Es un estudio cualitativo sobre el entrelazamiento de las historias de mujeres que enfrentan duramente su día a día con trabajo precarizado en el abrigo de bebés y niños, vistos con descaso por las Políticas Públicas, cuyas familias presentan muchas dificultades con las responsabilidades de la vida cotidiana. Proteger, cuidar, reconocer como sujetos de derecho a estos pequeños, hijos de historias que son vistas apenas por el abandono y la violencia, moviliza las marcas infantiles y experiencias vividas de estas educadoras, permeando el encuentro entre ellos. A partir de Winnicott, pensamos qué cosas sería importante ofrecerles a estos niños y cómo potencializar y delimitar la función de estas profesionales. En un recorrido por la historia de la infancia de abrigos y de la realidad de todos los que allí conviven, producto y productora de sus integrantes (Guirado, 1987), reflexionamos sobre los vectores que se cruzan en esta relación intersubjetiva. Esto es, queremos verificar las representaciones y afectos de las experiencias de vida de los participantes asociadas a lo que aquella institución demanda afectivamente. A través de entrevistas narradas por siete educadoras, observación sistemática de la dinámica de la Casa de Abrigo, así como de la lectura de su Libro de Quejas, averiguamos que entre las historias de vida de educadoras y refugiados la institucionalización termina por ser el elemento diferencial más destacado, permitiendo identificaciones, pero también dificultando el reconocimiento de la alteridad. Movimiento que permite aproximación y dedicación, aunque asimismo puede dificultar la hospitalidad. Queda claro que todos quieren protección, especialmente por la fuerte idealización de familia que a todos les falta. De esa forma, esta tesis pretende, con la contribución que el psicoanálisis puede ofrecer, clarificar mejor los desafíos de la hospitalidad en los espacios de abrigo, poniendo en destaque el involucramiento y las implicaciones afectivas de las cuidadoras, y sugiriendo así caminos teóricos, de investigación y de políticas públicas que puedan perfeccionar alternativas para enfrentar esos desafíos.

Palabras clave: Trama afectiva. Historias de vida. Hospitalidad. Ambiente (Winnicott). Educadoras. Bebés y niños. Casas de Abrigo.

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo um.	
Metodologia para investigação da trama afetiva do acolhimento institucional.....	23
1.1. Instrumentos metodológicos.....	24
1.1.1. As entrevistas narrativas.....	24
1.1.2. As observações.....	25
1.1.3. O livro de ocorrência.....	25
1.2. A instituição.....	26
1.3. Participantes.....	27
1.4. Descrição procedimental.....	28
Capítulo dois.	
O acolhimento institucional como trama afetiva.....	33
2.1. A inserção social e institucional do acolhimento.....	33
2.2. Acolher: uma função em discussão.....	39
2.2.1. O cuidado para o acolhimento.....	41
2.2.2. O reconhecimento como diferencial para acolher.....	44
2.3. A noção winnicottiana de ambiente como sustentação do acolhimento.....	48
Capítulo três.	
As profissionais do acolhimento e a especificidade de sua função.....	57
3.1. A mulher em associação direta com o cuidado.....	57
3.2. Uma mistura de funções: entre ser mãe e ser educadora.....	60
3.3. Delimitando o lugar de educadora.....	65
3.4. Continuidade e descontinuidade do acolhimento.....	72
Capítulo quatro.	
O encontro com as crianças acolhidas: aprofundando a trama.....	79
4.1. A infância acolhida.....	79
4.2. Os marcadores sociais em relação aos acolhidos.....	84
4.2.1 Encarando o abandono.....	85
4.2.2. A violência como ponto de partida.....	91

4.2.3 A separação das referências primeiras.....	97
4.3. Outros deslocamentos e desconstruções para o lugar do educador no acolhimento.....	102
Capítulo cinco.	
Histórias de vida entrecruzadas: acolhimento ou pedido de socorro?.....	111
5.1. Entre nós um abrigo: educadoras se diferenciando dos acolhidos.....	115
5.1.1. Narrativas de infância não institucionalizada: as educadoras.....	116
5.1.2. O contato com a infância institucionalizada.....	127
5.2. Ser educadora do abrigo: as bases para a trama.....	138
5.2.1. Como as profissionais vivem o lugar de educadoras.....	138
5.2.2. De responsabilidade das famílias para responsabilidade das educadoras: uma transferência sem reconhecimento do contexto institucional.....	151
5.3. Tecendo a trama nos limites da instituição.....	159
5.3.1. A interdição do apego.....	159
5.3.1.1. A circulação dos profissionais.....	163
5.3.1.2. Criança de abrigo não tem colo suficiente.....	164
5.3.1.3. O castigo: buscando limite para a criança e para o educador.....	167
5.3.2. Instituição do abandono – as contradições na interdição do apego.....	172
5.3.2.1. Sem apego mas na casa das educadoras.....	177
5.4. Enfim, a trama – a guisa de conclusão.....	178
Uma proposta de novo olhar.....	189
Bibliografia.....	202
Anexo.....	213

Introdução.

Este trabalho de tese estuda a trama afetiva que se estabelece entre educadora e acolhido no abrigo institucional. Visa discutir as condições das educadoras para o acolhimento de bebês e crianças pequenas separados de seus familiares, buscando os aspectos afetivos e culturais advindos do entrelaçamento das histórias de vida dos mesmos. Dentro deste objetivo geral, visualizamos quatro pontos a serem atingidos: verificar a dinâmica que se institui na relação entre educadoras e crianças abrigadas; observar possíveis identificações entre a história das educadoras e das crianças abrigadas; relacionar as histórias de vida das educadoras com o lugar que ocupam na instituição e em relação à sua função. Trabalhamos a partir da hipótese de que as histórias de vida das educadoras teriam semelhanças com as dos acolhidos, interferindo na atuação profissional, podendo facilitar esta função através de identificações ou também dificultar o atendimento às necessidades dos acolhidos.

No documento Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (CONANDA, CNAS, 2009), verificamos que as funções delimitadas a estas instituições são proteção e cuidado. Proteção por conta da retirada de situação de violação de direitos – motivo da institucionalização – e cuidado na responsabilização pelas crianças acolhidas. O termo acolhimento é utilizado na nomenclatura do serviço, compreendendo assim sua função primordial. Acolher é oferecer espaço psíquico para que alguém se apresente, reconhecendo-o a partir de um lugar que insere a ambos num certo grupo (PASSOS, 2012). Uma mãe reconhece um filho a partir do lugar que pode inseri-lo numa família, numa tradição, numa cultura. Um educador pode reconhecer um acolhido a partir da família e origem deste, inserindo-o numa cultura e sociedade compartilhada.

Sendo assim, ao discutir a trama afetiva que se constitui no abrigo¹, abordaremos tanto o cuidado, como o acolhimento. As discussões de Rocha (2011) e Figueiredo (2009) sobre o cuidado convergem para a compreensão deste como uma ação de investimento num outro, como uma responsabilidade que gera contribuição recíproca. Ao cuidar do outro dedicadamente, é possível cuidar de si mesmo, aprender sobre si e sobre a vida. Assim, seria

¹ Atualmente as casas para moradia de crianças e adolescentes afastados de suas famílias são chamadas de Serviços de Acolhimento, buscando enfatizar a qualidade de contato, não apenas o teto. Porém ainda encontramos o uso da palavra abrigo. São abrigos institucionais aquelas instituições que acolhem até vinte crianças e adolescentes, com educadores que se revezam em turnos. Sendo assim, usaremos ambas as formas de referência: acolhimento e abrigo, até para não ficar extremamente repetitivo um ou outro.

necessário para o acolhimento, o reconhecimento do outro a partir de suas potencialidades e necessidades, que o insere numa cultura (PASSOS, 2012).

A bibliografia sobre o abrigo institucional² mostra um histórico de desvalorização, falta de investimento e pouco suporte para o exercício de uma função bastante desafiante: cuidar de crianças longe de suas famílias. Quem são estas crianças, o que precisam, o que o abrigo pode oferecer ou não, quem são estas famílias que não sustentam o cuidado de seus filhos, a formação e suporte oferecido para os profissionais, entre outros pontos, fazem parte da complexidade do cenário do Acolhimento.

Ao lado desta literatura, este trabalho de tese pretende focar as dimensões subjetivas, não apenas conscientes, envolvidas no desafio de acolher, em especial nestas circunstâncias de abrigamento institucional. Busca-se entender como a relação entre as cuidadoras³ e as crianças envolve a história de vida das primeiras, suas experiências de terem sido cuidadas, podendo se refletir nos vínculos estabelecidos, nas expectativas, identificações, transferências, defesas. Dito de outro modo, uma trama afetiva entre educador e acolhido, configurada na relação de acolhimento do adulto com o bebê/criança, no manejo com o corpo, na troca de olhares, na melodia da voz, na continuidade destes fazeres como referência para aquele que inicia o contato consigo e com o mundo. Uma trama relativa aos vetores conscientes e inconscientes que se cruzam numa relação intersubjetiva, inserida em uma instituição – seja ela família, casa de acolhimento ou qualquer outra. Isto é, levamos em conta as representações e afetos⁴ das experiências de vida dos envolvidos associadas ao que aquela instituição mobiliza.

O suporte teórico conceitual vem de Winnicott ([1988]1990), que vê o cuidador (primordialmente a mãe) como ambiente, como provedor de espaço psíquico no qual a subjetivação pode acontecer. Portanto, busca-se discutir como, nas relações dentro da instituição, configura-se uma possibilidade de ambiente, a partir da concepção de Guirado

² Cf. além de vários artigos relacionados na bibliografia deste trabalho, a Coletânea Abrigar (BAPTISTA, 2006) e a Coleção Abrigos em Movimento (ELAGE, 2010).

³ Esta tese se refere a mulheres que ocupam uma função recentemente denominada por educadora social, mas nos documentos formais da área ainda são chamadas, muitas vezes, de cuidadoras. Faremos uma discussão sobre isso no capítulo 3, mas é importante ressaltar que usaremos o termo cuidadora em alguns momentos tanto para frisar a vertente do cuidado na função, assim como, para não repetir demais o termo educadora.

⁴ A noção de afeto é entendida não apenas como amor, carinho, mas como variável na qualidade e intensidade: medo, ódio, amor, inveja, ciúme, etc. Para uma relação de cuidados iniciais com o bebê, é importante haver vínculo, investimento que conecte, que estabeleça ligações, mesmo que muitos afetos estejam presentes.

(1987), que percebe a instituição como o espaço de repetição lugares ocupados a partir de reedições de relações das histórias de vida de seus integrantes.

O tema adveio da prática da pesquisadora nos abrigos de João Pessoa a partir do projeto Fazendo Minha História (FMH)⁵, cuja equipe trabalha na concepção de que quanto mais a criança se apropria de sua história, melhor é sua condição de traçar seu caminho e sair da repetição geracional de abandono e violência (ELAGE, 2010). Algo que não parece ter deixado de ser um problema na capital paulistana ou na paraibana, assim como a condição de acolhimento que as casas oferecem: tanto pela infra-estrutura frágil, mas também pelo despreparo e desamparo dos educadores, que são lançados ao desafio de cuidar dos acolhidos com muito pouco apoio. Este trabalho discute se e como o acolhimento implica a história de vida dos profissionais responsáveis, o que pode explicitar ainda mais a necessidade do suporte para o desempenho da função.

Cuidar de crianças por 12h seguidas⁶, em rotina de horários e tarefas constantes (refeições, banho, escola, lição de casa, hora de dormir e acordar, etc.) ao lidar com as necessidades de cada um dos cerca de 20 acolhidos, seguida dos cuidados com seus próprios afazeres, quando não de outro trabalho, somados ao desconforto de alguns em se afastar de seus filhos para cuidar de filhos dos outros no abrigo. Uma rotina exaustiva e exigente, incluindo a ocupação de uma função pouco compreendida.

Estes profissionais, em sua quase totalidade mulheres, sem formação específica, com pouco estudo (poucas terminaram ensino médio), lançam mão de suas experiências de vida ou do senso comum, para cuidar de crianças em suas necessidades físicas e psíquicas, uma vez que não possuem formação ou orientação específica. Quer dizer, as educadoras desta instituição são as responsáveis pelo desenvolvimento e acolhimento de sujeitos que carregam uma separação significativa, e acabam sem suporte para isso, já que “não há tempo”, segundo relatos dos próprios envolvidos. Os afazeres do dia-a-dia parecem ocupar todo o tempo, não havendo chance de reunir a equipe para discutir a prática. Sem este espaço fica mais difícil perceber se há entrelaçamento das histórias e como trabalhar a partir dele no acolhimento.

⁵ Projeto que iniciou o trabalho realizado pelo Instituto Fazendo História – ONG paulistana criada em 2002. O FMH foi idealizado a partir da observação da dificuldade de acolhimento das histórias de vida de crianças e adolescentes que viviam em abrigos em São Paulo.

⁶ Trabalha 12h e folga 36h.

Estas instituições são ambientadas em casas alugadas dentro dos bairros da cidade, mas sem qualquer identificação, visando não estigmatizar as crianças. Atendem supostamente no máximo 20 crianças e adolescentes, de variadas idades, buscando não quebrar vínculos de irmãos e identificar o grupo, o máximo possível, com um grupo familiar. As crianças são inseridas nas escolas da comunidade e atendidas nos serviços da mesma. Estas configurações das casas se tornam lei em 2009 (Lei 12.010. BRASIL, 2009) e são guiadas pelo Plano Nacional de Proteção, Promoção e Defesa do Direito da Criança e do Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006).

O abrigo Antenor Navarro⁷, lócus da presente pesquisa, é recente na Prefeitura de João Pessoa. Apenas em 2013 ele deixou de ser instituição vinculada ao Governo de Estado da Paraíba com o modelo antigo de “orfanato⁸”. Desde a vinculação ao Estado era a instituição que mais atendia bebês e na Prefeitura passa a ser a única referência na cidade para acolhimento deste primeiro momento da infância. O processo de reordenação a partir da nova Lei 12010 (BRASIL, 2009) foi penoso para crianças e profissionais – mudança de casa, de um espaço bastante amplo para um sobrado, mudança de profissionais (poucos se mantiveram), mudança de rotina, de estrutura de trabalho, etc.

Estas instituições possuem um histórico de muita desvalorização, já que atendem público pobre, “abandonado”, “incompetentes”, “submetidos” a interesses de outros (ABRINQ;CAMARGO CORREA, 2005). Ou seja, a preocupação em relação a eles era tirá-los da circulação das cidades, mas não fazer investimento significativo para que pudessem reverter sua situação – do abandono ao vínculo, da vulnerabilidade à cidadania (MARIN, 2010).

Este abrigo vincula-se à Proteção Social Especial de Alta Complexidade da Secretaria de Desenvolvimento Humano – responsável por aqueles cujos direitos já estão violados. Os Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICAS) são parte desta Política, sendo responsáveis pelo acolhimento daqueles que são judicialmente afastados da família.

Francisco e Souza (2009) argumentam que uma mudança significativa para “a falta de políticas públicas voltadas, efetivamente, para as reais necessidades de uma população

⁷Nome fictício, assim como todos apresentados neste trabalho.

⁸A proposta das Políticas Públicas é acabar com o antigo modelo de instituições muito grandes, que acolhiam até 200 crianças e adolescentes, e viam as crianças como órfãs, isto é, sem pai ou mãe.

desassistida, carente e abandonada à sua própria sorte (...) não depende apenas dos esforços de uma equipe, mas de uma profunda vontade política e de ampla conscientização da sociedade sobre o seu papel e suas responsabilidades no processo tão pretendido pela instituição” (2009, p. 10). Este apontamento dos autores (FRANCISCO; SOUZA, 2009) foi realizado a partir de atuação em abrigo do Estado de Pernambuco, mas que os próprios indicam como questão nacional.

Haja vista que a Alta Complexidade não costuma ser área de maiores investimentos por não haver interesse político para isso (LIMA, 2005), entendemos que seja ainda mais importante um estudo que discuta os desafios da função do acolhimento, no sentido de instrumentalizar a equipe. É indispensável para a qualificação dos Serviços de Acolhimento maior investimento de diversas ordens. Buscar esclarecimentos e delimitações sobre sua desafiante função pode facilitar o cotidiano e diminuir o abandono.

Os acolhidos, por sua vez, possuem famílias que enfrentaram grandes dificuldades em oferecer-lhes proteção. Provém de grupos cujos direitos também estão violados, sem assistência, sem atendimento de saúde, sem condições dignas de vida, facilitando negligência, abandono, maus-tratos, violência, abuso sexual, etc. O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006), deixa clara a visão de que a proteção integral à infância exige da gestão preocupação e garantia de direitos para as famílias que as criam e a comunidade em que se formam. Esta concepção visa a não culpabilização das famílias ou vitimização das crianças e a responsabilização de toda a sociedade pela forma que a infância, e a população em geral, está sendo cuidada, justificada pela Constituição Federal (BRASIL, 1988). Ou seja, implica uma leitura crítica sobre a produção da pobreza, dos preconceitos, dos desafios que as desigualdades impõem (DEMO, 2005; CANIATO, 2008) e sobre a peculiaridade na forma de cada família enfrentar seus desafios e criar estratégias de sobrevivência (AUSLOOS, 2011).

Esta compreensão demanda muita sensibilidade e formação técnica, em nome de perceber que as políticas públicas não dão conta de todos. Passa pela desconstrução do discurso liberal de culpabilização do indivíduo por sua “desadaptação” à realidade social e pela possibilidade de reconhecimento do esforço sobre-humano que muitas famílias fazem, por vezes adoecendo, na tentativa de dar conta de suas responsabilidades (CANIATO, 2008; CASTEL, 1988).

A realidade sócio-econômica demandar mudanças por não garantir direitos básicos não é novidade. A resposta dos poderes públicos tem sido mudanças na legislação, que além de não serem suficientes para garantir as necessidades dos cidadãos, demoram muito para serem assimiladas pela população, haja vista o demasiado peso dos valores e preconceitos construídos historicamente. De qualquer forma são avanços e a Paraíba conta com seu Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PARAÍBA, 2013). Muito trabalho ainda precisa ser feito, uma vez que a concepção de que aqueles que não se responsabilizam e não cuidam de seus filhos são fracassados, “inúteis para o mundo” (CASTEL, 1998) não é fácil de desconstruir em nenhuma parcela da população.

As educadoras são parte desta mesma sociedade e fazem esforço desmedido para não abrir mão de suas responsabilidades. Muitas vezes têm dificuldades em ouvir os pedidos de ajuda das famílias: “Poderia ficar aqui dentro do abrigo junto com meus filhos para vocês cuidarem de mim também?” ou “Estou num período difícil. Sinto falta dos meus filhos. Posso ficar aqui?” (ABRINQ; CAMARGO CORREA, 2005; GOLIN; BENETTI; DONELLI, 2011). As faltas e abandonos são tantos que as famílias chegam a pensar que o abrigo pode cuidar melhor de seus filhos e delas mesmas e garantir condições básicas que elas não podem, como alimentação, por exemplo. Mas as educadoras nem sempre conseguem olhar por este lado e, muitas vezes, não acolhem⁹ as famílias, afinal também gostariam de não se haverem sozinhas com suas necessidades e prerrogativas.

Outro complicador do acolhimento é a dor mobilizada pela separação de pais e filhos. Mas Marin (2010, p. 61) nos alerta: “A perda, a falta e a separação não são em si o problema para a formação de identidade”. Afinal, é a partir da falta, do que não coincide entre ilusão onipotente e realidade, que o sujeito se diferencia do outro, se torna eu (WINNICOTT, [1988] 1990). E Winnicott ([1984] 2002, p. 149) diz: “(...) a doença não resulta da própria perda, mas da ocorrência da perda num estágio do desenvolvimento emocional em que a criança ou o bebê ainda não são capazes de uma reação madura a ela”. Não é difícil pensar em reações complicadas a separações e lutos de pessoas de diferentes idades, mas o bebê tem menos condição de já ter constituído possibilidades de resposta a perdas significativas, exigindo maior adaptação do ambiente para acolhê-lo. Segundo o psicanalista britânico o infante que

⁹ Não podem efetivamente acolher, no sentido de morarem ali com os filhos. Falo do acolhimento desta fragilidade e de se dispor a acompanhar estas famílias nos desafios para estarem em casa com seus filhos novamente.

perde sua mãe terá seu processo de integração anulado até poder estabelecer um laço de envolvimento com uma figura tão constante quanto a mãe pode ser, desde o período de gestação, por exemplo, em que a voz e o ritmo já são percebidos pelo bebê (WINNICOTT, [1984] 2002). Há necessidade de atenção e suporte, especialmente para bebês, mas discutiremos como a separação não determina problemas na vida da criança, se ela puder ser acolhida e não olhada apenas como vítima. Olhar que depende das experiências de vida daquele que o recebe.

Assim, de forma geral, cada novo acolhido provoca os que ali estão e exige abertura dos que o recebem para ser visto como novidade e não como mais um “abandonado”. Em publicação sobre acolhimento de bebês, o Instituto Fazendo História (2011, p.19), chama atenção para o efeito que um bebê produz quando chega, tanto numa família, quanto numa instituição: “Logo uma das crianças correu até mim e abriu um sorriso para me contar: - Tem um bebê novo na casa!”. Como é este bebê? Que cara tem, como se comporta, chora muito, gosta do que, não gosta do que, etc. As expectativas pipocam e o enlace está pronto a ocorrer: Tanto um bebê, como qualquer novo acolhido carrega uma história a ser integrada à casa.

E então, entram em jogo os educadores, com toda sua experiência de terem sido cuidados, podendo oferecer uma medida particular de espaço psíquico para reconhecer o outro. Portanto, o acolhimento pode passar desde o desespero de não saber mexer neste bebê, não poder mudar a realidade e desejar apagar o que passou, até a expectativa de que este infante seja tudo que não se pôde ser, num despejo de expectativas narcísicas, sem poder encontrar a alteridade, sem espaço psíquico para um outro se mostrar.

Como já apontado, há famílias que não oferecem condições para o amadurecimento de suas crianças, portanto, a instituição é alternativa importante como apontam Marin (2010), Batista (2006), Ungaretti (2013)¹⁰. A partir desta impossibilidade de um ambiente facilitador se manter ou se criar na família daquela criança, a equipe de acolhimento fica com esta incumbência. As condições de turnos de trabalho, profissionais que se modificam frequentemente, lotação das casas, tornam esta possibilidade remota. Construir um ambiente facilitador na instituição demanda muito trabalho e esforço constante, mesmo em contexto

¹⁰Importante salientar que não são apenas famílias pobres que não oferecem ambiente facilitador do amadurecimento, mas são estas que precisam da Proteção Social Especial de Alta Complexidade. Famílias com outras possibilidades econômicas possuem outras formas de solucionar ou encobrir suas dificuldades.

sócio-político distinto, como em Lóczy¹¹(2015). Quer dizer, o acolhimento institucional exige exercício de diferenciação constante para que as demandas atendidas não sejam as das educadoras, como na tentativa de substituir as mães (MARIN, 2010).

Neste sentido, a psicanálise nos parece instrumental adequado para pensar a função dos abrigos, uma vez que considera a mobilização de elementos inconscientes pelo contexto de precariedade que levam ao movimento de educadoras se colocarem no lugar das mães, por exemplo. Assim como trata das necessidades do infante para se constituir um sujeito com capacidade de se relacionar com a realidade compartilhada. Este raciocínio se aplica tanto para o trabalho com as crianças, quanto com os educadores, que precisam ser compreendidos em suas dificuldades e limitações, mas também estarem abertos a pensar sobre elas. Especialmente porque “aqueles que cuidam de bebês e crianças pequenas são constantemente tocados em suas partes mais frágeis e vulneráveis; não podemos subestimar os mecanismos defensivos ou mesmo depressivos que podem operar nos educadores em contato com afetos tão intensos e primários do humano” (SOUZA e cols., 2016, p.52).

Sendo assim, compreendemos que para haver acolhimento de crianças é fundamental reconhecer e dar suporte àqueles que delas se ocuparão. Como apontado por Abrinq e Camargo Correa (2005), o abrigo é “lugar de pertencimento, de vinculação, de afetividade e, sobretudo, de instrumentalização para conhecer e, a partir daí, construir possibilidade de pertencimento e inclusão para seus atendidos”. Não é fácil enfrentar sozinho aquilo que as histórias das crianças mobilizam – esta pesquisa visa justamente entender melhor esta dimensão, o quanto os cuidadores trazem para o trabalho sua bagagem afetiva e como isto interfere na própria atividade.

Num primeiro capítulo discorreremos sobre a metodologia do trabalho, explicitando detalhes do percurso realizado para as entrevistas narrativas com as educadoras do abrigo Antenor Navarro, observações da dinâmica da instituição e consulta ao livro de ocorrência¹² da mesma. Analisaremos a trama a partir do ponto de vista das educadoras, que apresentam as crianças e suas histórias, até porque uma trama afetiva se costura na subjetividade de cada um

¹¹ Emmi Pikler criou instituição para acolhimento de crianças em Budapeste em 1946, com metodologia própria de trabalho, que é referência internacional na área. Lóczy é o nome da rua onde fica a instituição (<http://www.pikler.hu/>; <https://pikler.org/>). Esta instituição húngara se pauta pela autonomia das crianças e pelos cuidados sempre referenciados aos princípios que a equipe retoma cotidianamente, pois percebem que sem essa discussão e formação freqüentes há confusão de papéis, de função.

¹² Este livro é um instrumento de comunicação entre os educadores de turnos diferentes, onde anotam como foi o plantão, recados e encaminhamentos.

e se atualiza, no caso, na forma destas profissionais se ocuparem das crianças. Observações da dinâmica da casa e das educadoras em sua prática se somarão ao material das entrevistas para buscar mais elementos sobre a trama, mas não analisamos os prontuários com os dados dos acolhidos.

O segundo capítulo trata do contexto social e institucional que inclui as educadoras, as famílias e as crianças acolhidas. Apresentamos uma crítica à desigualdade e competitividade que desvaloriza e culpabiliza pessoas pobres ou que não conseguem inserção no mercado de trabalho. Apontamos o quanto esta composição dificulta o acolhimento – que entendemos como função a partir de duas vertentes principais: o cuidado e o reconhecimento. Em seguida, apresentamos as noções de ambiente (WINNICOTT, [1965b]1978; [1958]2000) e concernimento (WINNICOTT, [1988]1990), relacionando-as com o acolhimento.

No terceiro capítulo aprofundamos a reflexão sobre a função das educadoras, que como mulheres e mães, numa sociedade machista, são vistas como naturalmente cuidadoras de crianças. Associação que leva à confusão entre ser mãe e não ser mãe dos acolhidos. Propomos pensar a função da educadora a partir da sustentação deste lugar paradoxal para esclarecer especificidades, focando o tipo de investimento em relação à criança e nos lugares que ambos, educador e acolhido, podem ocupar, reconhecendo a alteridade e inserção num coletivo maior.

O quarto capítulo apresenta o olhar que se forma social e historicamente para esta infância institucionalizada e que perpassa esta trama. Ou seja, partiremos do histórico das instituições de atendimento a crianças “abandonadas” para pensar quem são essas que estão institucionalizadas, percebendo que o maior desafio é a desconstrução de um olhar para esta infância que a vitima e a trata como coitada e incapacitada (COIMBRA, 2000; ARPINI, 2003; BAPTISTA, 2006; ALTOÉ, 2008). Discutimos as noções de abandono, violência e separação dos primeiros cuidadores, buscando compreender o quanto são parte da vida e não a inviabilizam, embora exijam atenção. Então, são pequenos que carregam precariedades em suas histórias que podem dificultar o reconhecimento de um lugar de potência para eles.

O quinto capítulo trará as análises das narrativas de sete educadoras que foram gravadas, transcritas e lidas com elas, construídas a partir da análise institucional do discurso (GUIRADO, 2010). No decorrer deste material fica claro o quanto suas histórias marcam o acolhimento das crianças e suas famílias, ao se atualizarem em reações impensadas ou angústias e dúvidas que não encontram espaço de troca e elaboração, mas também permitindo

identificação e empatia, importantes para o desenvolvimento da função destas profissionais. Percebe-se como a idealização da família perpassa o serviço desde a organização institucional, ao discurso das educadoras, e com isso o acolhido fica no lugar da falta. Discutiremos mais amplamente a partir dos marcadores encontrados na organização do material das entrevistas. Chamamos marcadores as idéias-chave que atravessam os discursos e expressam tensões explícitas ou implícitas nas falas.

Por fim, nas considerações finais, como forma de avançar na possível contribuição desta pesquisa para dimensões mais teóricas e também de formulação de políticas públicas, buscaremos refletir como as relações de acolhimento demandam uma maior discussão sobre o papel da família, sua função e importância. Questionaremos a unidade familiar como referência, especialmente num espaço de acolhimento a crianças separadas das suas. Concepções comunitárias de ambiente de desenvolvimento e socialização, que envolvem uma rede de cuidados articulada, poderiam ampliar a compreensão de ser humano, de convivência, etc. Afinal, vemos muitas famílias com problemas para cuidarem de seus membros, e relações que ficam minadas, dentro e fora da instituição de acolhimento, pelos preconceitos criados a partir de um ideal de família.

Capítulo um.

Metodologia para investigação da trama afetiva do acolhimento institucional.

Conforme apresentado, o objetivo deste estudo é verificar o entrecruzamento das histórias de vida das educadoras do Serviço de Acolhimento Antenor Navarro, situado na capital paraibana, com as dos bebês e crianças acolhidas. Entendemos que as experiências de acolhimento e cuidado que estas mulheres receberam, especialmente em sua infância, configuram uma forma de se colocar e olhar as crianças no abrigo, costurando uma trama afetiva peculiar, que pode favorecer ou dificultar a função do acolhimento.

Perpassaremos alguns temas para compreender os caminhos que se cruzam. Para acolher no abrigo é necessário cuidar. Crianças demandam cuidados de diversas ordens e também necessitam dele para se constituírem sujeitos num processo psicossomático (WINNICOTT, [1958]2000). E este cuidado é realizado numa instituição específica, com um histórico que carrega o abandono como principal estigma (GOFFMAN, 1975). Além disso, este acolhimento é realizado, em geral, por mulheres, mães, sem formação específica, num cargo de trabalho precarizado e com suas próprias bagagens de cuidados e descuidados.

A leitura de uma trama desta ordem precisa ser cuidadosa e sensível. Por isso, os instrumentos metodológicos, assim como procedimentos e análise, descritos a seguir, refletem a preocupação com os limites da própria produção acadêmica, respeitando e levantando novos questionamentos.

Iniciaremos apresentando nossa forma de trabalho - uma compreensão qualitativa de pesquisa, no sentido de que sempre o pesquisador está envolvido desde a delimitação do tema, mesmo que norteado por teorias e instrumentos metodológicos. Ou seja, não é uma pesquisa que visa quantificar variáveis, mas sim reconhecê-las e verificar relevância das mesmas. Além disso, a pesquisa se desenvolve numa relação, que precisa fazer parte da preocupação das análises e construção de resultados (OLIVEIRA, 1988). Neste sentido, é importante apontar que no período de elaboração da tese que discute a trama afetiva que se configura no acolhimento, nos cuidados com bebês, a pesquisadora engravidou e se tornou mãe. Este dado não é simplesmente biográfico exatamente porque ao se dedicar ao doutorado, a pesquisadora precisava deixar de cuidar do filho pequeno. O mergulho na temática do abandono, que subjaz à do acolhimento institucional, por vezes dificultava o discernimento sobre a separação. A identificação com algumas cuidadoras, na contramão do movimento institucional de identificação com as crianças, também ficou favorecida, pois não é fácil cuidar de criança: há

grande dispêndio de energia física e psíquica, na intensa dedicação ao outro e pouco a si. Tivemos cuidado no sentido de trabalhar estas mobilizações, porém como todo cuidado, há brechas. E afinal, a trama afetiva abarca mulheres, mães, dentro daquela instituição, na relação com aquelas crianças. Ou seja, em alguns momentos a pesquisadora também fazia parte da trama.

Esta característica deste trabalho nos levou a entender como pertinente começar com a apresentação da metodologia, explicitando aspectos institucionais, que perpassam a trama afetiva e também a tornam peculiar, auxiliando no distanciamento da pesquisadora.

1.1. Instrumentos metodológicos.

1.1.1. Entrevistas narrativas.

O instrumento principal utilizado na pesquisa foram as entrevistas narrativas, que buscam relatos das educadoras sobre suas experiências de vida, olhando para o plano pessoal e social. Bauer e Gaskell (2005, p.93) explicam que “a técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história” e permite maior amplitude de detalhes, aponta o recorte de visão de mundo daquele que narra, e um começo, meio e fim, ou seja, há um relato em totalidade, encerrado por aquele que narra, quando este entende que completou seu relato. Estas características são importantes para um estudo que quer aprofundar a investigação sobre o entrelaçamento afetivo que o discurso revela. Afetivo no sentido das forças que mobilizam, que podem ser inúmeras e variadas: a partir da história da infância da educadora, das histórias de vida dos acolhidos, do que uma criança ou outra, ou a instituição, despertam na profissional, da relação da educadora com o mundo do trabalho, com sua própria família, etc. Sempre relacionados ao contexto social em que este sujeito se insere.

A entrevista narrativa valoriza o relato do sujeito, que fará seu recorte e destina seu discurso a alguém. Para isso, o pesquisador deve interferir o mínimo possível, permitindo o detalhamento da experiência e o percurso livre do discurso, dentro daquele tema ou momento da vida. Após uma narrativa central, uma pequena intervenção que estimule o sujeito a falar mais sobre o que vinha narrando pode ser feita. Aprendemos com Benjamin (1994) que a narrativa nos mostra a diversidade da vida, suas possibilidades, não seus sentidos. Isto é, não haverá um julgamento, ou avaliação destas respostas, pois elas falam da vida, do poder ser de cada um, enfrentando suas idiossincrasias e precariedades. A análise se faz na localização de marcadores, entendidos como pontos nodais da trama afetiva entre educadores e acolhidos.

São pontos referenciados por todas ou várias das educadoras, ou que se mostram significativos para a relação que se estabelece entre adulto e criança no Serviço de Acolhimento. Portanto, são ideias que perpassam a contextualização social e institucional, localizadas e/ou mobilizadas pelas experiências de vida de cada uma.

Entendemos também que a narração de suas experiências de infância e de trabalho com o acolhimento, somadas ao processo de pesquisa como um todo, pode tê-las levado a refletir sobre questões presentes em seu cotidiano de trabalho e a elaborar de outras formas sua função. Algo que já mostra indícios no momento da leitura conjunta das narrativas transcritas.

1.1.2. Observações.

Foram realizadas observações sistemáticas da dinâmica da casa, por períodos variados, mas em média cerca de 30 minutos a uma hora a cada visita ao abrigo, tanto nos dias de entrevista quanto outros momentos que a pesquisadora esteve na casa: alguns dias para consultar o Livro de Ocorrência, outros dias de festa que foi convidada e outros dias que esteve presente para não criar grandes intervalos entre suas visitas. Essa sequência de presenças na casa duraram aproximadamente quatro meses: de duas a três vezes na semana durante dois meses para realização das entrevistas e, antes e depois deste momento, uma vez por semana ou a cada quinze dias para acompanhamento e realização de observação. Os horários em que a pesquisadora estava presente variaram, justamente para tentar compreender a dinâmica de maneira mais global, já que há horários bem diferenciados, como o logo após o almoço, em que as crianças devem estar descansando nas camas ou as trocas de plantão, que são bem agitadas.

O principal foco das observações era a relação das educadoras e equipe em geral com as crianças. Foram observados: onde costumavam ficar, tanto profissionais, quanto acolhidos; que tipo de atividades realizavam, que diálogos estabeleciam; como se dividiam entre atender as demandas das crianças, quando atendiam aos choros dos bebês, como seguiam a rotina estabelecida ou quanto estavam dispostas a propor novas atividades, etc. Logo que saía da casa, a pesquisadora fazia relato em gravador, que foi transcrito, buscando manter as sensações causadas durante o tempo de estada na casa.

1.1.3. Livro de Ocorrência

O livro de ocorrência da casa é um livro ATA que os educadores devem preencher ao final de seu plantão para se comunicar com os demais colegas sobre importantes recados, acontecimentos, etc. Além da leitura, foram anotados elementos que pudessem referenciar à relação entre educadores e crianças, como o que era considerado importante ser comunicado, de que forma se remetiam às crianças, ou demais pessoas que pudessem vir à casa, e mesmo aos colegas. O que escrevem, como escrevem, para quem escrevem, em suma, buscou-se compreender como os educadores utilizam este instrumento de trabalho.

Assim como as observações, a análise do livro de ocorrência serviu como subsídio, para a compreensão do principal: a trama afetiva. Por isso, elas não aparecem em destaque e aprofundamento, mas compoem as análises do material coletado nas narrativas.

1.2. A instituição

Todos os momentos da pesquisa, a não ser um, aconteceram nos espaços do Abrigo Institucional Antenor Navarro. Um sobrado grande, com dez cômodos em cima e cinco embaixo, de tamanhos bastante variados. O espaço externo também é amplo, conta com áreas cobertas e não cobertas. Foi montado um parquinho numa extensão do terreno, mas infelizmente, não parece ser usado. Esta casa foi ocupada em 2013, na mudança do abrigo da gestão Estadual para a Municipal.

O abastecimento de alimentos e outros materiais é feito pela Prefeitura e administrado pelas cozinheiras duas educadoras responsáveis pelo depósito. O leite dos bebês, elemento mais caro, e de consumo muito variável a depender do número de bebês, muitas vezes falta. Voluntários acabam ajudando com o leite, com medicamentos, festas para as crianças entre outras coisas. Além disso, os próprios funcionários usam seu salário para suprir algumas necessidades dos acolhidos.

A equipe é composta por uma coordenadora, uma psicóloga e uma assistente social; duas cozinheiras que dividem os turnos do dia, assim como dois auxiliares de assuntos gerais; e 14 educadores, quatro nos plantões diurnos e três nos noturnos. Há uma divisão de duas educadoras do dia como responsáveis pelos bebês, mas é acertado que todos ajudam em tudo. O número de crianças acolhidas e mesmo a composição da equipe muda constantemente. Quando iniciamos a pesquisa estavam com 24 acolhidos, quatro acima do limite. Durante a pesquisa ficaram apenas com cinco e depois a casa voltou a encher. Os educadores também passaram por rodízio entre serviços de alta complexidade, ou pediram demissão e novos entraram. Esta rotatividade acontece a cada dois anos, aproximadamente. Mesmo depois da

primeira entrevista, quando seria feita a leitura da transcrição, muitos não estavam. Portanto esse processo foi realizado apenas com sete educadoras. No momento das entrevistas havia quatro educadores homens. Um em cada plantão. Mas logo um saiu de férias, outro pediu demissão, outro precisou compor outra equipe¹³.

A equipe técnica, coordenação, psicóloga e assistente social, passam pela casa em alguns horários mas desempenham muito mais trabalho externo: junto à Vara da Infância, famílias dos acolhidos, serviços da rede, etc. A coordenadora mostra sua formação de psicóloga ao apresentar sua compreensão em relação à postura dos acolhidos, de forma crítica e considerando a articulação entre sujeito e seu contexto. As outras técnicas acabam mostrando, aparentemente, pouco entendimento de seu papel institucional, se dedicando mais aos relatórios e contatos com o judiciário.

A rotina da casa é bastante restrita no sentido de diversidade de atividades, primeiro por conta das trocas de plantão, que são os horários mais agitados e depois por causa de horário de escola dos acolhidos. Acordam 5h30 da manhã, tomam café e vão para a escola. A maioria estuda pela manhã, ficando a casa basicamente com os bebês. Depois do almoço todos devem ficar duas horas no quarto para dormir, ou ao menos descansar. Depois vão brincar, mas sem muitas propostas e alternativas, muitas vezes vão para a televisão.

1.3. Participantes.

Sete educadoras¹⁴, de 25 a 55 anos, participaram da pesquisa diretamente, a partir das narrativas. Mas todos os educadores e crianças presentes na casa faziam parte das observações. Como a maioria das observações eram durante o dia, as educadoras do dia foram mais observadas. Mas também foram as que aceitaram narrar. As crianças variavam bastante.

Em João Pessoa a maioria dos adultos que se ocupa das crianças acolhidas é mulher. No percurso da pesquisa ficou claro que muitas destas mulheres vêm de famílias com muitos filhos, quer dizer, elas cresceram em meio a muitos irmãos, dividindo as atenções dos pais,

¹³ No item a seguir explicaremos o recorte dos participantes pelo sexo.

¹⁴ Chamaremos as profissionais de educadoras no sentido de abarcar uma discussão importante sobre sua função. Nos documentos e leis de 2009 há dupla nomeação de educador/cuidador. Porém, em 2014, há a formalização do educador social como trabalhador da assistência social, preocupando-se com a formação dos usuários. A literatura apresenta a duplicidade e a palavra cuidador aparece neste trabalho de acordo com as referências, ou quando queremos enfatizar a atenção aos cuidados básicos com o corpo do bebê ou da criança.

que por vezes passavam boa parte de seu tempo fora, trabalhando para alimentar as crianças. Cresceram entre seus pares, da forma que foi possível para suas famílias. A maioria de origem pobre, algumas nascidas no interior, outras na cidade. Cada uma carrega suas formas de configurar este passado, algumas falando com orgulho, outras com solidão, outras com medo, etc.

São mulheres que estudaram um pouco e algumas conseguiram terminar o ensino médio. Não é exigido nenhum nível de formação para ser educador no abrigo, mas ao menos que leiam e escrevam. A maioria é mãe, algumas já avós. Moram longe do trabalho e ajudam na subsistência da família, quando não são arrimos delas. Não possuem direitos trabalhistas garantidos pela forma de contrato com a Secretaria e planejam férias com dificuldade.

O único critério de exclusão foi o sexo. Trabalhamos com educadoras mulheres, já que por si só a figura feminina possui carga de valores e estigmas em relação aos cuidados de crianças. Os estudos na área mostram a tendência das educadoras a substituir as mães, como apontado. Uma figura masculina traz diferentes questões de gênero e sexualidade, criando outras tramas, que também mereceriam seu próprio estudo, não havendo tempo suficiente para abarcar esta amplitude neste trabalho de tese. Mas é inegável, até por termos escutado alguns educadores homens e comentários de educadoras sobre a presença deles, a importância de um estudo como este.

Realizamos um estudo institucional por amostragem aleatória, derivada da aceitação das entrevistadas em participar.

1.4. Descrição procedimental.

Fizemos contato com a coordenadora do abrigo a partir de participação em rede local em defesa da convivência familiar e comunitária. A pesquisadora e a coordenação já se conheciam por conta do projeto Fazendo Minha História, assim como uma grande parte dos integrantes da rede. Quando da solicitação de espaço para desenvolver pesquisa de orientação psicanalítica sobre a relação educador-acolhido, este foi logo concedido pela coordenação. O contato com a Secretaria de Desenvolvimento Humano foi feito para conseguir a carta de aceite necessária ao Comitê de Ética. Foi enviado o projeto da pesquisa e sem maiores problemas tivemos a liberação da carta. Nela constavam os procedimentos e instrumentos de pesquisa, que incluíam a consulta aos prontuários de crianças que fossem mais citadas pelas educadoras, porém, na hora desta consulta a coordenadora explicou que “tinha tudo de cor”

sobre as crianças e poderíamos conversar, mas que os prontuários eram material de sigilo e muitas vezes de segredo jurídico.

A pesquisa foi apresentada em todos os plantões para que a maioria dos profissionais conhecesse a motivação e objetivos da mesma, além do que seria solicitado aos que tivessem interesse em participar. Não foi especificado neste momento que a pesquisa seria apenas com as mulheres, por isso alguns homens foram ouvidos, uma vez que manifestaram interesse em participar. Foram reuniões rápidas, realizadas em momentos que a equipe em geral achava mais tranquilos. Contamos com a presença de crianças algumas vezes, mas especialmente no período noturno os educadores quiseram conversar naquela hora, dando algumas informações, mas não aceitando fazer sua narrativa pessoal. Em geral, falaram sobre os problemas com os meninos e com a gestão, mostrando-se cansados e com pouco respaldo para a atuação cotidiana.

Em sua maioria as narrativas ocorreram na Casa de Acolhimento, em horário de descanso das crianças, conforme acordado ser melhor para todos. Apenas uma educadora preferiu realizá-la em sua casa, fora do horário de trabalho. As demais foram entrevistadas no abrigo, em espaço escolhido por elas, uma vez que a pesquisadora entendeu ser melhor que cada narradora escolhesse o local em que ficasse mais à vontade. O horário era mais ou menos fixo, no início da tarde, quando as crianças estão nos quartos para descanso (rotina da casa).

Especialmente as educadoras do período noturno não quiseram falar, apenas uma. Durante o dia a maioria aceitou, inclusive por ver as demais participando. Mesmo assim, houve quem não se dispôs, ou quem não quisesse gravar. Uma delas negou dizendo: *“Ah, não, você já me conhece, sabe como eu sou cheia de problemas”*. Era uma educadora remanescente do abrigo quando vinculado com o Estado, onde a pesquisadora atuara com o Projeto Fazendo Minha História. O esforço para participar na época parece ter sido suficiente para ela. Falar de si naquele momento não seria possível. Mas em outro momento informal, a educadora conta um pouco de suas inquietações.

Outros profissionais acharam interessante participar, como as cozinheiras, a auxiliar de assuntos gerais além de educadores homens. Achemos importante coletar o material, mesmo que não sejam foco do estudo. Ouvir mais sobre o contexto e ter mais olhares sobre o trabalho que desenvolvem poderia ser enriquecedor das análises. A equipe técnica, que encontrou poucas vezes a pesquisadora, não mostrou interesse em participar da pesquisa.

Após a aceitação em participar e a assinatura do TCLE, as educadoras foram convidadas a falar sobre suas experiências de infância e sobre o trabalho no abrigo. Elas escolhiam por qual começar e isto variou. Sete educadoras aceitaram serem gravadas, as quais apresentaremos mais detalhadamente no quinto capítulo.

Focamos o acolhimento de bebês e crianças pequenas, pela falta de pesquisas com esta faixa etária e pela importância deste primeiro momento da vida para a formação do ser humano com bases psíquicas saudáveis e condições de participar ativamente da sociedade. Soma-se a isto o elevado grau de cuidado que ela demanda (objetivos e subjetivos), exatamente por estar iniciando o processo de constituição de si – algo que pode estar relacionado ao elevado número de bebês acolhidos que precisam ser hospitalizados frequentemente. Além disto, bebês e pequenos mobilizam afetos referentes às experiências primitivas de cuidado dos adultos, ou seja, experiências afetivas que precisam ser refletidas de alguma forma para não dificultarem o trabalho com possíveis misturas com os afetos dos bebês de quem cuidam.

O início da vida é fundamental para a constituição do eu e suas condições psíquicas para conviver em sociedade como cidadão responsável. Poder compreender o que está envolvido na relação que se estabelece entre educadoras e crianças que precisam estar afastadas de suas famílias como medida excepcional de proteção, é considerar como estamos cuidando das bases psíquicas destes sujeitos em formação. É também se preocupar com a realidade de trabalho destes profissionais que se dedicam a cuidar das crianças.

Foram feitas observações sistemáticas da interação educadores-acolhidos, por cerca de uma hora por vez, nos mesmos dias de realização das entrevistas, além de outros dias que a pesquisadora foi à casa. A pesquisadora ficava em diferentes espaços da casa e seguia a dinâmica de cada um. Em alguns momentos era mais fácil apenas observar, mas muitas vezes surgia alguma solicitação – tanto por parte das crianças quanto dos educadores. Teve ocasião, por exemplo, de a pesquisadora auxiliar a preparação de coxinhas para uma festa de aniversário que fariam no dia. Momento de aproximação, diálogos e observação.

Esta possibilidade de participação e maior entrosamento foi enriquecedora para a percepção de um ritmo que se estabelece no trabalho da casa. No período de coleta de dados percebeu-se que a presença mais constante da pesquisadora fez diferença para as educadoras se sentirem mais à vontade, perceberem que não estavam sendo avaliadas, ao menos em sua maioria, pela postura cooperativa e não julgadora daquela que lhes solicitava falarem de si.

Além disso, este contato contribuiu para uma aproximação maior da pesquisadora, para não se identificar apenas com o sofrimento das crianças, mas também poder acompanhar o dia-a-dia e os diálogos à cozinha, os institucionais, etc. Em outros momentos a pesquisadora estava junto no café da tarde dos educadores, em que se reúnem informalmente e aleatoriamente na cozinha. Momento em que acontecem várias conversas, de diferentes ordens. Nos momentos de festa a dinâmica é significativamente diferente.

Após todas as entrevistas realizadas, foi feita a leitura do livro de ocorrência da casa, que demandou cerca de seis horas, em três dias diferentes. No momento da apresentação da pesquisa, a maioria dos educadores logo disse que quase não usavam, mas havia a expectativa da pesquisadora de que o material trouxesse elementos sobre o olhar do educador para as crianças e suas famílias. Realmente o material era escasso, mas há uma tendência nos registros que somaremos à discussão do quarto capítulo. E cabe ressaltar que houve estranhamento por parte da equipe técnica em abrir este instrumento para alguém de fora.

A partir da leitura das narrativas das educadoras transcritas, destacamos quatro marcadores baseados na análise institucional do discurso, de pontos que se repetem em todas ou quase todas e indicam tensões de forças presentes na convivência no abrigo, que serão base para organizar o quinto capítulo. São eles: Entre nós um abrigo: educadoras se diferenciando das crianças; Ser educadora do abrigo: as bases para a trama; Tecendo a trama nos limites da instituição; e Enfim, a trama – à guisa de conclusão.

As entrevistas gravadas estão na íntegra em anexo, com material muito rico, mas excessivo às análises. Ao mesmo tempo é bastante trabalhoso fazer os recortes e direcionamentos para referir o conteúdo aos marcadores definidos. Parece-nos que todos são tão imbricados que quase os repetimos uns nos outros. Esta sensação também ocorreu na escrita dos primeiros capítulos, o que nos mostra que realmente não há como ver todo este contexto e histórias de vida sem considerar uma trama implícita. Uma trama de afetos, de construções sociais, de realidade compartilhada, de infância vivida e de futuro sonhado. Então, mesmo com todo trabalho, algumas repetições aparecem e discussões são retomadas.

A metodologia de análise escolhida compreende os discursos como ato, ou seja, como material que carrega as tensões institucionais presentes no decorrer da história de vida de quem fala. Quando falamos, o fazemos de certa forma, com certo destino e de certo lugar, a partir da construção de nossas experiências de vida. A análise se faz num exercício de desconstrução do discurso, na localização das tensões institucionais que se manifestam

naquele momento para as educadoras (GUIRADO, 2002). O que as leva a construir sua narrativa de tal forma, de tal lugar e para tal destino (ibid.). Assim, as narrativas foram transcritas, lidas e relidas, marcando inicialmente os temas que apareciam. Em seguida foram marcados os temas que se repetiam entre narrativas e também os que se destacavam em cada uma pela intensidade com que eram relatados. Os recortes das falas muitas vezes aparecem longos, buscando mostrar as associações que as educadoras produzem, assim como, tentando manter em suas palavras o grande desafio que enfrentam. No decorrer das análises, as falas diretas das educadoras estarão entre aspas, em itálico e em recuo.

Após a finalização do texto da tese, faremos uma apresentação na instituição dos resultados obtidos e das reflexões suscitadas, da mesma forma que apresentamos a proposta da pesquisa. Em horários diferentes do plantão para abarcar a maior parte dos plantonistas.

Capítulo dois.

O acolhimento institucional como trama afetiva

Discutir o acolhimento numa tese sobre a trama afetiva entre educadoras e crianças abrigadas tem por objetivo diferenciá-lo de mera assistência e proteção a crianças com direitos violados. Mesmo que em 2009 (BRASIL, 2009) uma mudança na legislação tenha inserido a nomenclatura de Acolhimento Institucional, ou Serviços de Acolhimento, para enfatizar a necessidade de qualidade para além de abrigo (um teto), com vistas à atenção a crianças e adolescentes separados de suas famílias, ainda assim, as relações que ali se estabelecem são vistas como vetores unidirecionais. Isto é, considerando tudo que o educador ou o serviço podem oferecer, mas não uma troca, um encontro humano, no qual se tece uma relação intersubjetiva, de entrelaçamento de histórias de vida dos envolvidos, com suas marcas psíquicas e desafios de abrirem-se um ao outro.

Não queremos intensificar a ideia de serviço de garantia de direito para pobres, no qual pessoas inseridas socialmente atendem marginalizados. Ou seja, baseado na desigualdade, ou numa hierarquia. Também problematizamos a concepção de que haja um espaço a priori mais favorável para garantia de direitos e de saúde, quer dizer, todos os espaços são constituídos por pessoas, inseridas numa sociedade, num certo tempo, que carregam suas idiossincrasias. A institucionalização, por sua estrutura e seu histórico, possui características que podem dificultar o desenvolvimento da função de acolhimento, mas não que a impeçam. E enquanto esta possibilidade não é enfrentada, ela apenas acontece sob a dedicação e esforço pessoais de alguns funcionários (LIMA, 2005).

O Brasil possui uma Lei (BRASIL, 1990) de referência internacional em relação aos direitos da infância e juventude. Esta mesma vem sofrendo alterações em função das dificuldades em implementá-la, haja vista o descompasso entre a legislação e as condições de vida da população. Vale dizer que maior investimento no trabalho com a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) possivelmente diminuiria o número de crianças institucionalizadas. Mas a quantidade e qualidade de trabalho nesta direção parece distante do que se pode fazer.

Portanto, antes de pensar mais diretamente sobre os protagonistas da trama, problematizaremos o que marca o contexto dos Serviços de Acolhimento.

2.1. A inserção social e institucional do acolhimento.

As educadoras que estudamos são mulheres, majoritariamente mães, que precisam desenvolver uma função de cuidados, serem acolhedoras e totalmente responsáveis. Mas a realidade e problemas que levam à separação das mães e seus filhos são pouco compreendidos ou discutidos no abrigo. Postura que pode ser dificultada por estarem em realidade muito próxima, ou seja, pelo fato das educadoras se sentirem injustiçadas, por exemplo, por não renunciarem à responsabilidade de cuidar dos filhos sem nada em troca, quando outros os “abandonam” e “nada” acontece com eles, como já refletiam Sayão e Vicente (1985). O que pode levá-las a denegrirem as famílias de cujos filhos elas cuidam.

O cotidiano de muita exigência que as educadoras enfrentam e seguem sustentando de alguma forma, as diferencia daquelas que não conseguem manter os filhos consigo. Há dificuldade para uma escuta do que podem dizer estas mães, não podendo reconhecer a problemática de cada uma, além de não poderem se identificar:

Olha, é meio assim, é como estar com uma criança na mão, andando por uma rua; a gente quer chegar lá no fim da rua mas de repente tem uma pedra muito grande no meio do caminho e a gente tem que ficar empurrando a pedra com os dois braços, não posso usar um só, e aí eu deixo a criança cair, porque eu tenho que usar os dois braços pra empurrar a pedra (SAYÃO; VICENTE, 1985, p.9).

Este relato de uma mãe de acolhido na Febém na década de 80 ajudou as psicólogas Sayão e Vicente a perceberem o quanto teriam a aprender com essas mulheres sobre as condições que levavam tantos meninos a instituições. E as duas técnicas contam o percurso que precisaram percorrer para assim poderem se posicionar, mostrando que não é simples, mesmo para aqueles com formação específica (SAYÃO; VICENTE, 1985).

Demo (2005) apresenta o quanto a concepção de si e de sujeito estão imbricadas com o discurso social, dificultando o distanciamento crítico para compreensão das estruturas sociais que geram desigualdades e para força para transformá-las. Nestas amarras, as educadoras se vêem no extremo oposto das mães que entregam os filhos e não como possíveis parceiras de luta por melhores condições para criarem seus filhos, inclusive por viverem em contexto semelhante ao das mães com filhos institucionalizados.

Caniato (2008) nos apresenta uma visão bastante crítica sobre a violência simbólica a que estamos todos expostos. A autora mostra como a psicanálise explica o movimento de autopunição e culpabilização pela realidade em que os indivíduos acabam entrando, a partir de identificações projetivas-introjetivas de valores passados pela mídia e indústria cultural. Mensagens subliminares que nos constituem pela repetição, configuração da rede de

comportamentos e ditadura de modelos que nos cerca desde que nascemos. A autora entende que as leis da sociedade de consumo afastam o investimento nos laços afetivos, que fundamentam nossas estruturas psíquicas, que permitem, inclusive, o pensamento, a crítica, etc: “Tal fetichização (da mercadoria, do ter, ser tão fundamental– parênteses meu) exige a cooptação de indivíduos isolados, deformados e fragilizados pelo individualismo imperante, e contraria a necessidade de dependência inerente às relações entre os indivíduos singulares que necessitam de cuidados mútuos no acolhimento” (CANIATO, 2008, p. 23).

Rozenthal (2009) fala de um deslocamento em relação àquilo que subjetiva: do desejo para objetos da compulsão. O sujeito já não é o freudiano, marcado pela falta, mas se torna objeto de manipulação tecnológica em nome de estar sempre consumindo e nunca estar vazio. O autor concorda que este movimento esvazia os encontros humanos, a comunicação que subjetiva e simboliza.

Podemos, assim, compreender um movimento sócio-cultural que dificulta a capacidade de acolhimento, afinal não há abertura para a alteridade e novas formas de vida são necessárias para lidar com a angústia que a falta de encontros, de diálogos, de afeto, gera. Algo que não tem como não relacionar à constituição de todos os envolvidos no serviço de acolhimento. Segundo Caniato (2008), a violência simbólica, silenciosa, é internalizada e entendida como própria do si mesmo. Os homens se vêem violentos, se desesperam, projetam o que os assusta nos outros e, então, querem se proteger ficando longe daquele à quem atribuem a violência. E entram, assim, numa cadeia de repetições de violentas exclusões consigo e com os outros: quem não tem sucesso na sociedade é fracassado; quem não se sacrifica para viver sob condições desumanas é fraco, não resiliente o suficiente: “Tolos heróis! Exigem de si esforços sobrenaturais para provar a essa vil sociedade que ‘agüentam todos os maus tratos que o destino lhes presenteou’” (MARTIN BARÓ, Apud CANIATO, 2008, p. 28).

Nesta mesma linha encontramos as construções de Mizrahi, (2010) que aponta que apenas o interesse nas trocas, nos encontros, é que manteria o valor das diferenças, portanto vê o espaço transicional “fundamentando tanto a independência do indivíduo em relação à sociedade quanto a importância de sua firme vinculação a esta” (MIZRAHI, 2010, p. 42). Um paradoxo caro ao acolhimento, que deve facilitar a constituição de sujeitos que possam construir seus caminhos sem que deixem de perceber seu pertencimento e dependência sociais, como defende Leal (2016).

Mizrahi (2010) entende que o homem contemporâneo está constantemente sob risco de morte (de exclusão social), o que se deve a problemas internos (incompetência em seguir o modelo de produtividade), e passa a vida lutando contra a morte, num controle cotidiano sobre si mesmo. Há uma intensa valorização dos próprios interesses, vendo o outro como tormenta para atingi-los, entendendo a precariedade como algo ruim que faz parte do humano e que deve ser enfrentado e superado o quanto possível (MIZRAHI, 2010).

E a partir daí, pessoas que fazem parte desta “vil sociedade” (CANIATO, 2008), vão compor o cenário das instituições de “proteção a crianças e adolescentes”. Ou seja, embora venham todos deste mesmo lugar, uns estarão no lugar de fracassados, pois “não suportam a luta e deixam os filhos” e os outros no lugar de “heróis”, de quem “resiste lutando”. As aspas configuram algo que poderia ser fala dos educadores, e que merece discussão, afinal o que é resistir e o que é se submeter. Mizrahi (2010) entende que a resistência é a possibilidade de vida, de criatividade para novas formas de vida que não a submissão. Esta última seria, então, estar tomado pelo que o outro faz do eu nos casos de invasão que levam a confusão do eu com o outro. Nesse sentido, não seriam as famílias dos acolhidos indicadoras de que precisamos de novas formas de organização? Um questionamento útil para pensar o Acolhimento Institucional em sua potencialidade e não apenas como terror a ser apagado – olhar que ainda vigora, como apresentaremos mais aprofundadamente no quarto capítulo.

Oliveira e Uziel (2016) apresentam crítica em relação ao papel dos profissionais dos Serviços de Acolhimento estar relacionado ao controle de crianças e adolescentes “perigosos” (como as instituições de atendimento à infância nos séculos XIX e XX), e manutenção da exclusão dos mesmos, seguindo interesses de um Estado Liberal. Ou seja, uma visão negativa do abrigo ajudaria na manutenção das desigualdades, importante para o conforto de alguns. As autoras trabalham mais especificamente com as “mães-sociais¹⁵”, que são educadoras residentes¹⁶ de um tipo específico de abrigo, em que não há educadores revezando em turnos. São mulheres que se dedicam tempo integral a cuidar de meninos e meninas, com uma folga

¹⁵ Mães sociais: “profissionais que atuam como cuidadoras nos espaços de abrigos e devem proporcionar um ambiente familiar para crianças e adolescentes. O nome mãe social, que mistura maternidade e seus sentidos privados à uma dimensão pública, junto com o fato de receberem salários para exercerem cuidados maternos, indica a hibridéz em sua função. Se, por um lado, a expressão evoca, em primeiro plano, a figura da mãe, de família, por outro tira-a, em certo sentido, da esfera doméstica. É mãe, mas de muita gente, de pessoas de diferentes origens, sem laços prévios. E cumpre uma função que é social, a de cuidar e proteger aqueles que se encontram em uma situação especial por sua condição.” (OLIVEIRA E UZIEL, 2016).

¹⁶ Nomenclatura alternativa mas que ainda não está legislada, vinculando-se à função de mãe-social.

semanal. Portanto, não apenas o nome, mas o formato de atuação são bastante significativos em relação à função profissional destas mulheres.

As autoras entendem que justamente a articulação desta função com a nomenclatura dada indica a visão de mãe moderna, que se sacrifica a cuidar e educar seus filhos para que não se tornem delinquentes (BADINTER, 1985). As autoras discutem a possibilidade de desconstrução desta visão de família patriarcal que ainda subjaz o discurso social, justamente para sair da repetição de exclusão que as Políticas Públicas de Inclusão Social produzem (CANIATO, 2008). Seria nos abrigos institucionais¹⁷ muito diferente? Veremos mais adiante.

E Caniato (2008) chama atenção para a construção do discurso liberal: são heróis os que não falham às suas responsabilidades. Sobrevive-se sob condições inumanas, pois enredados pelas mensagens sub-reptícias de que vencer na vida é sobreviver a esta sociedade sem deixar o “lado negro” vencer: sem enlouquecer, sem deixar de trabalhar, sem cair no vício, sem abandonar os que de si dependem, etc. Ou seja, sem acabar como as famílias das crianças de quem cuidam essas educadoras. Quem é testado cotidianamente a sobreviver no limite muitas vezes deixa de ser sujeito, passa a ser objeto de manipulação ou dejetado, a vagar pelas ruas de acordo com os ventos e as águas (CASTEL, 1998).

Alguns educadores se assustam demais com a desumanidade que vêem nas famílias que atendem, muitas vezes não percebendo o contexto que leva a isso. Como apontam Setton L. Souza e cols. (2016), trabalhar com crianças que sofreram violência ou negligência e que apresentam muitas feridas de diversas formas traumatiza e ameaça a capacidade de discernimento de quem delas se ocupa. Os profissionais são invadidos por estes afetos tão intensos, e, como aponta Ferreira (2016, p.159) podem inclusive (re)produzir violências: “Não raramente, os adultos a quem é delegada a função de proteção de crianças têm sido apontados como abusadores perversos”. A preocupação com um bom trabalho de acolhimento exige muita dedicação e reflexão para que as violências não se repitam, o que demanda maiores investimentos de diversas ordens.

A precariedade que aparece nesta repetição de violência pode ser também indicação da concepção assistencialista de que para pobre pouco é suficiente, como discutem Passarini, Fromer e Ferreira (2012). Mostrando-nos que não há naturalmente uma preocupação em proteger, em acolher, estas crianças, portanto, uma desvalorização grande da vida delas.

¹⁷ As mães-sociais atuam em casas-lares. Outro formato de abrigo é o institucional, onde atuam as educadoras que aqui estudamos.

Conselhos Tutelares, Conselhos Municipais e Ministério Público têm o papel de fiscalizar serviços que atendem crianças e adolescentes e nunca deixam de apresentar necessidades de mudança, mas, como já apontado, os abrigos não são prioridade (Lima, 2005).

Neste sentido, observando o contexto da instituição e daqueles que a compõe, utilizamos Guirado (1987), para pensar o abrigo como: “conjunto de relações sociais que se repetem e, nessa repetição, legitimam-se”. Ou seja, a instituição não é algo além das pessoas, mas produto da ação de todos. Esta autora traz uma proposta de metodologia de pesquisa que entende como postura de trabalho clínico: escuta das posições que os atores ocupam no discurso do outro. A partir de aproximação do pensamento de Foucault, que fala do discurso como ato, aponta que este não apenas veicula práticas, mas é prática. Este discurso é produtor e produzido numa história, em meio às relações que se estabelecem, a partir das instituições de que se participa, nos “movimentos e tensões que se estabelecem entre lugar institucional e história de vida” (GUIRADO, 1987, p. 71):

(...) sujeitos constituídos nas e constitutivos das relações institucionais. Esta concepção privilegia a posição do sujeito na estrutura institucional e não as características ou capacidades individuais e pessoais. Assim, os conflitos, os distúrbios, os desvios, as inadequações são considerados, sobretudo, como expressão desta articulação de posições, e não como sintoma de um indivíduo que está na instituição (GUIRADO, 1987, p. 71).

O abrigo, os educadores e os acolhidos estão em constante transformação e constituição recíproca, carregando marcas afetivas e valores que se entremeiam às produzidas neste novo encontro, constituindo nova rede de marcas e tensões, modificando os sujeitos e a instituição.

Esta reflexão contribui com o trabalho com instituições de acolhimento, na qual estas tensões, movimentos e relações não devem reproduzir a violação de direitos que aconteciam anteriormente na vida da criança (na família, na rua, etc), mas como são compostas de pessoas que compartilham realidades semelhantes, o indevido muitas vezes acontece.

Guirado (2010) parte da metáfora do bloco mágico¹⁸ para pensar o inconsciente como rede de marcações, que vai sendo tecida desde os cuidados iniciais e recebendo novas

¹⁸ Bloco mágico é como uma lousa que se escreve em uma primeira tela, sem tinta, apenas com o decalque de uma ponta plástica. Passa-se um mecanismo que libera a primeira tela dos traços, mas estes não deixam de estar marcados numa superfície mais profunda, que seria o inconsciente. Esta ideia traz referência ao texto de Freud com o mesmo nome: “Uma nota sobre o bloco mágico”, de 1925.

inscrições ao longo da vida de acordo com as instituições e tramas inconscientes que este sujeito compõe. Esta rede se atualiza nos novos lugares que o sujeito ocupa e a autora compreende esta reedição de modos de relação como relações transferenciais, do sujeito com a instituição e vice-versa, seguindo um movimento exigido pelos novos lugares ocupados em cada relação, ou cada instituição. Fala de um encontro contextualizado, não de uma verdade do sujeito.

Apresentamos, assim, nossa forma de olhar para o panorama que envolve os educadores a quem procuramos ouvir. Um contexto geral de impessoalidade, que dificulta o acolhimento na não abertura à alteridade e se atualiza no encontro de histórias na instituição, mas que mostra movimentos de resistência. Entendemos que, apesar da falta de formação, por ser o abrigo um serviço de acolhimento, ou seja, por sua função, teria potência a se desenvolver como espaço de resistência à desvalorização da vida de crianças e adolescentes pobres.

2.2. Acolher: uma função em discussão.

É interessante perceber que as discussões sobre o Acolhimento Institucional passam muito mais por considerar a função do cuidado do que do acolhimento, haja vista o uso de “cuidadora” para nomeá-la. O reconhecimento de um lugar para o outro e para si, que ofereceria acolhimento ao inserir este outro no contexto compartilhado, não parece ser levado tanto em consideração, como aponta Leal (2016). A autora verifica que os abrigos não são considerados em sua potencialidade, não se preocupando em formar sujeitos de direitos, que desenvolvam autonomia, emancipação e pertencimento em relação à sociedade que compõem (LEAL, 2016).

Falamos então de instituições que se preocupam muito mais em cuidar do que efetivamente acolher e com isso limitam os processos de amadurecimento da maioria que dela participa, pois exige muito mais da capacidade individual de cada um a responder às mudanças. Esta constatação pode ser conferida ao nos depararmos com as Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (CONANDA, CNAS, 2009), assim como nas Normas Operacionais Básicas para o Sistema Único de Assistência Social (SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTENCIA SOCIAL, 2005) (que embasam o funcionamento dos abrigos), nos quais a noção de acolhimento não é discutida. O termo é utilizado para definir o nome das instituições que atendem à infância em situação de violação

de direitos, mas não está diretamente relacionado à função dos educadores sociais que dela se ocupam.

A ideia de acolhimento nestes norteadores dos abrigos (CONANDA; CNAS, 2009), está na interpretação do que deve ser feito: atenção à criança desde a chegada ao serviço, favorecendo os vínculos anteriores e futuros, até o encaminhamento a uma família ou a república de jovens, focando a independência do acolhido, a valorização e respeito à diversidade, sempre prestando “auxílio à criança e ao adolescente para lidar com sua história de vida, fortalecimento da auto-estima e construção da identidade” (2009, p. 66). Sendo assim, a amplitude da função da equipe dos abrigos é grande: estar ali para quem chega e abrir espaço para cada um seguir seu caminho, sem um ideal normativo e preconceituoso. Postura que como o próprio documento diz depende de formação e capacitação constantes dos educadores responsáveis (CONANDA; CNAS, 2009).

Neste sentido, é importante discutir a compreensão de acolhimento que utilizaremos. A questão da nomenclatura dos serviços indica a forma que ele é concebido e suas mudanças mostram a evolução desta visão. Recentemente as instituições que recebem crianças afastadas de suas famílias passaram a ser chamadas de Serviços de Acolhimento, enfatizando a dedicação e envolvimento afetivo que as crianças precisam. Não se deve oferecer apenas teto, apenas abrigo para protegê-las dos perigos das ruas, por exemplo, mas buscar criar uma relação que as ajude a elaborar a separação da família, a ter segurança para crescer, encontrar um lugar para si, voltar à família ou ser adotado.

Sendo assim, o acolhimento está diretamente remetido à abertura que se tem ao outro. Marin (NOGUEIRA, 2011, p. 9) afirma que acolher fala de “reunir, associar, estar aberto à relação, portanto ao desconhecido” e chama Lévinas para pensar a receptividade à alteridade. O acolhimento fala de uma abertura a tudo que o outro traz, de bem vindo e assustador, na possibilidade do cuidador sustentar seus paradoxos e assim encontrar o outro integralmente. Como aponta Rios (2006), acolher implica respeito, reconhecimento do outro. Palombini e Ceccim (2009, p. 155), falam sobre poder “aceitar o outro como ele é, mas também oferecer acolhimento ao “tornar-se o que se é”.

Estas concepções nos indicam duas vertentes principais para a capacidade de acolhimento: cuidar e reconhecer. Um cuidado que se reflete na abertura ao outro para perceber suas necessidades, e um reconhecimento na possibilidade de ver o outro como sujeito, com um lugar de inserção num coletivo, no qual pode se localizar como ponto de

partida para ser si mesmo. Discutiremos a seguir estas vertentes, pensando que se baseiam na precariedade humana, suas idiossincrasias e vicissitudes. Ou seja, o acolhimento como encontro humano é um desafio para todos e pensar sobre as condições de acolhimento nos abrigos para crianças e adolescentes afastados de suas famílias nos mobiliza a compreender as possibilidades atuais de cuidado na sociedade, sua importância para a existência e suas implicações para a condição humana.

2.2.1. O cuidado para o acolhimento

As discussões sobre o tema do cuidado partem de leituras sobre o mito de Hígino (Apud ZÓBOLI, 2004) que mostra Cuidado moldando o homem a partir da Terra e pedindo a Júpiter que lhe soprasse espírito em sua criação. Cuidado, Júpiter e Terra disputam quem deve dar o nome a esta nova figura que carrega o trabalho de um, espírito de outro e a matéria prima de terceiro. Saturno é chamado para resolver o impasse: Júpiter receberá de volta o espírito quando da morte do homem, assim como a Terra receberá sua matéria na mesma ocasião. E como Cuidado o moldara, fica responsável pelos cuidados do mesmo durante sua vida. A criatura foi chamada de Homem, que significa feito de húmus (terra fértil).

O homem é, então, fértil, advém do cuidado e dele necessita, é fruto de investimento coletivo e sua nomeação carrega uma disputa. A forma que cada cultura e momento histórico vai encarar o cuidado varia, mostrando que não há uma forma única. Este percurso se torna útil aqui para marcar um ponto de partida para o cuidado que reflete a trama afetiva por traz do mesmo. Quer dizer, social e culturalmente se moldam compreensões de cuidado e de como se deve levar a vida, o que já compõe uma inclinação mais interior ou exterior do sujeito, que ainda se complementa com as experiências pessoais de cada um. E a maior ou menor preocupação com o outro fará diferença na possibilidade de acolhimento.

Foucault (BRAUNSTEIN, 2012) trata a noção de cuidado de si da antiguidade como um conhecimento de si, em nome de controlar os impulsos que podem fazer mal ao indivíduo e à coletividade, uma racionalidade em nome da liberdade. Para ser livre era necessário cuidar de si para respeitar a liberdade dos outros. Já o cristianismo desvinculou o cuidado de si do cuidado do outro, uma vez que o primeiro é entendido como egoísmo e o objetivo é o sacrifício de si pelo cuidado do outro.

Mizrahi (2010) parte da noção de cuidado de si apresentada por Foucault e entende que este cuidado é ético e estético, num exercício de cuidado consigo mesmo para poder estar

no coletivo de maneira amadurecida e colaborativa. A autora faz um diálogo entre esta ideia e a de transicionalidade de Winnicott. O cuidado de si seria paradoxal, uma vez que conhecer-se a si mesmo implica cuidar também de seu entorno e se deixar ser cuidado por ele, ou seja, poder criar uma atmosfera de encontro com o outro e seu entorno que facilite a criatividade, que permita que cada um possa ser si mesmo dentro de um coletivo. Isto é, o ser si mesmo não é a despeito do outro, muito pelo contrário.

E para tanto Braunstein (2012) defende que haja uma grande parcela do cuidado que seja racional que aprimora uma operacionalização em nome do zelo à vida, embora esta mesma submetida à internalização de valores sócio-culturais arraigados no sujeito que cuida. Como nos lembra Fernandes (Apud DAFFRE, 2012), cuidar vem do latim “cogitare”: pensar, cogitar, que fala da vertente racional, no sentido de uma dedicação que exige organização, planejamento, diferenciação entre cuidador e objeto de cuidado, etc. Tal dedicação implica uma convivência que, muitas vezes, acaba por construir um vínculo entre cuidador e objeto de cuidado. Além disso, a autora considera certo “cuidado de si”, na atenção ao seu modo de ser para poder se ocupar e inclinar ao outro.

Mas chamamos atenção à dimensão mais subjetiva do envolvimento do cuidado, que envolve as experiências e necessidades dos dois protagonistas da relação, que quando pode ser suficientemente-bom¹⁹, preocupado, permite acolhimento. Nossa concepção percebe, ao lado deste esforço por criar melhorias à ação do cuidado, tramas afetivas, que se constituem nas relações de cuidado, facilitando ou dificultando a atenção à alteridade, que são bastante específicas quando se fala em profissionais cuja função se associa à parentalidade.

Figueiredo (2009, p. 141) discute o desafio de exercer a função do cuidado, que deve encontrar um “equilíbrio dinâmico” entre diferentes formas de encontro com o outro. O autor coloca que o cuidador deve: “moderar seus fazeres (...), manter-se em reserva e desapegar-se (...) pôr limite à sua própria ‘loucura’ (...) renunciar às fantasias reparadoras maníacas”. Algo que segundo o autor (FIGUEIREDO, 2012) tem a ver com a renúncia “à onipotência e ao fascínio das relações duais e excludentes” e com deixar-se cuidar pelo objeto de cuidado. Quer dizer, a partir do reconhecimento de seus limites e finitude, permite-se uma relação menos hierárquica, “tirânica”, na qual aquele que cuida se impõe. Ele pensa numa maior

¹⁹ O cuidado suficientemente-bom se refere à noção de mãe suficientemente-bom que Winnicott desenvolve (2000) para definir um encontro acolhedor ao sujeito que chega. Esta concepção do autor será melhor apresentada no segundo capítulo. O cuidado preocupado, definido por Heidegger e discutido por Rocha (2011), fala da dedicação ao outro, e será explicitada a seguir.

consideração daquele, mesmo que um bebê, ou alguém mais fragilizado, como quem também tem o que oferecer e estimular desejo de vida, também pode alimentar aquele que lhe cuida. Movimento este que demanda o outro como sujeito, dá um lugar a ele, de potência e significação, que o autor denomina como “deixar ser e deixar acontecer” (FIGUEIREDO, 2012, p. 142-143).

Mas como moderar, desapegar (no sentido de poder “deixar ser”), dar limites, renunciar? E como cuidar do próprio cuidar se ele não é apenas racional? Em especial se a identificação através das histórias, ou a defesa em relação a elas, dificulta a alteridade, a diferenciação em relação ao outro? E será que há disposição interna destes profissionais para manter-se em reserva e desapegar-se, ou de que forma cuidam disso? Será que pensam em respeitar o espaço da criança? Em reconhecer suas necessidades?

Portanto, a diferenciação entre cuidado e acolhimento é desafiadora. Problemática que encontramos com Zeferino Rocha (2011) ao apresentar a diferenciação entre cuidado ocupação e cuidado preocupação.

O autor defende ser o cuidado condicional e constitutivo do ser humano, e entende que o cuidador precisa ter postura coerente e preocupada, no sentido de exercer autoridade e referência, inserindo o bebê na cultura. Um adulto que esteja implicado com sua função de acompanhar a criança, que apresente constância com sua presença e coerência em sua postura e suas respostas, é primordial para a construção da confiança no mundo, como espaço de segurança para a criança se lançar a conhecer e criar formas de interagir e se relacionar com a sociedade. Rocha retoma a diferenciação entre ocupação e preocupação, advinda de Heidegger, para pensar diferenças de posturas de cuidado que podemos encontrar. O cuidado ocupação estaria mais ligado à angústia de fazer algo, um cuidado de si, pois focado em diminuir este incômodo. Seria aquele que cumpre as tarefas básicas necessárias: banho, alimentação, sono, medicação. O cuidado preocupação é aquele que implica “solicitude e dedicação em relação ao outro e a si mesmo, para fazer cada vez mais seu o seu existir no mundo” (ROCHA, 2011): atenção, escuta, interesse, etc.

Parece-nos importante esta ambigüidade do cuidado – ele não denota apenas altruísmo na preocupação com o outro, mas também uma dose egoística de cuidado de si, de preocupação consigo mesmo, de suprimimento das próprias necessidades. Quer dizer, toda relação de cuidado percorre constantemente um degradê entre preocupação e ocupação.

Esta diferenciação parece ser uma possibilidade de compreender o acolhimento, que seria identificado ao cuidado preocupado, por aquele que se abre ao outro, que considera o sujeito com quem se depara, respeitando-o em suas necessidades e possibilidades. Poderíamos pensar que se pode ser acolhedor a despeito de conviver ou conhecer aquele que chega. O importante é ter esta inclinação ao outro, um interesse em escutá-lo e a possibilidade de reconhecê-lo como outro. Mas também se pode pensar que a partir de um cuidado ocupado, como aquele compreendido como básico ou tarefeiro, pode-se criar uma relação acolhedora que envolveria a preocupação daquele que cuida em atender àquele que é cuidado no decorrer da convivência. Ou seja, Figueiredo (2012) e Rocha (2011) discutem o cuidado numa vertente acolhedora, que demanda atenção à saúde do “cuidador”, uma vez que este deverá ter a capacidade de reconhecimento da alteridade.

2.2.2. O reconhecimento como diferencial para acolher

Tanto Figueiredo (2012) quanto Rocha (2011) constroem reflexões que falam de um cuidado baseado no reconhecimento do outro, da alteridade. Desta feita, o acolhimento seria um cuidado preocupado com o outro, reconhecendo a diferença eu-outro e se dedicando à necessidade do outro. A partir do interesse em cuidar pode-se ser acolhedor, abrir espaço ao outro, reconhecer um lugar, uma referência para este outro poder ocupar o mundo. Entendemos que o acolhimento implica um cuidado para além do cumprimento de tarefas, que implica envolvimento afetivo, marcas subjetivas. É fundamental haver reflexão e planejamento ao lado disso, para garantir que todo esse afeto não ocupe o espaço do outro e a alteridade possa ser respeitada. Embora o acolhimento esteja para além do cuidado, ele se constrói ou não no abrigo a partir da necessidade de cuidar das crianças que ali chegam: cuidado que pode se abrir ao outro ou não.

Para Passos (2012, p. 125) o reconhecimento necessário ao acolhimento se faz “num processamento psíquico, no qual ocorrem os investimentos de afeto e a criação dos lugares e posições subjetivas de cada um dos membros” de um grupo familiar. A autora compreende que é a partir deste posicionamento, desta inserção num grupo, que o sujeito pode se apropriar de sua história e recriá-la constantemente. Portanto o acolhimento precisa reconhecer a alteridade endereçando-a a certa origem que a permita ser e habitar o mundo. Como coloca Safra (2012), para ser si mesmo o ser humano precisa partir de um lugar, não físico, mas um lugar no psiquismo do outro.

Segundo Passos (2012, p. 130): “podemos dizer que a reciprocidade que se instaura aí é uma peça chave e originária dos laços intersubjetivos da vida adulta, pois possibilita que cada sujeito se sinta integrado, aliado e identificado a outros sujeitos ao longo da vida”. Esta reciprocidade parece falar do vínculo de reconhecimento – como: sou seu pai, você é meu filho/sou seu filho, você é meu pai, com os afetos e processos de identificação que essas afirmações carregam.

Ao lado disso, Queiroz (2012, p. 105) aponta que a filiação se baseia “em três vínculos: o biológico ou genético, o social ou jurídico e o psíquico ou afetivo”. Quer dizer, se falamos da importância de apropriação das origens, falamos desta rede de configuração sobre as diferentes formas de reconhecimento de quem se é e de onde se veio. Ao discutir vicissitudes da filiação na adoção, a autora atenta para o fato de que as histórias que levam ao reconhecimento da filiação não são totalmente reconstituídas, “pois há sempre lacunas, registros inconscientes, os quais são da ordem do indizível, do incomunicável, pela própria natureza da experiência vivida” (QUEIROZ, 2012, p. 107).

Há sempre um romance a ser criado pelo sujeito a partir do “mito da origem sexual do homem (...). A narrativa mítica em torno da origem é o nácar que transforma o grão de areia em pérola; é a fantasia que dará cor e brilho ao real da origem” (QUEIROZ, 2012, p. 113-114). Esta fantasia que leva à construção e apropriação de um lugar para si, mas que depende da sustentação de um olhar de reconhecimento.

Infelizmente, na realidade dos abrigos o trabalho de reconhecimento parece dificultado pelo preconceito em relação às famílias. Zornig (2010) ressalta que a falta de contato da instituição com a família “real” leva a uma prática que não insere o bebê numa trama familiar, numa “história transgeracional”, que permitisse “pensar aquele bebê e pelo bebê”. Ou seja, (re)instaura um abandono ao não reconhecer um lugar para ele. É fundamental um olhar para um bebê, que o pense a partir de um par parental, que o gerou, ou este olhar fica no vazio, o bebê fica sem passado, sem origem e, conseqüentemente, sem apoio para um futuro. Com este apoio histórico fica possível falar ao bebê sobre o que ele sente e precisa. Quer dizer, o reconhecimento da família dá acento à existência do infante, que não nasce na instituição de acolhimento.

Por mais dolorida que tenha sido sua concepção, é preciso falar sobre isso e construir uma forma de olhar para aquele que nasce junto com as precariedades e capacidades daquela família. Não reconhecer a filiação pode ser uma forma de realmente abandoná-lo, na quebra do vínculo com sua história, com seu passado, que pode inviabilizar a inserção da criança

numa lei maior, ou inserção numa certa cultura e coletividade que segue certa ética (PASSOS; QUEIROZ, 2012).

Assim, pensando na prática do acolhimento institucional, na falta ou distância da família, poder-se-ia pensar num trabalho de estabelecimento de ponte entre os pais e o filho, para que ao menos se reconheça esta filiação, para dar espaço à criação de uma fantasia suportável para a criança em relação à sua origem (LÉVY- SOUSSAN, 2011). Quando possível o trabalho com os pais, o papel do educador seria apenas reconhecer e legitimar a filiação. Mas sustentar este reconhecimento a partir de um lugar terceiro, como aquele que dá continência à criação do romance familiar da criança e a legítima, na ausência dos pais, seria um desafio a mais aos educadores.

O nome indica a origem da criança e uma localização dentro da família, que muitas vezes vai ter que ser criada no contexto do abrigo. Mesmo que não possa ser apoiada numa relação de reciprocidade entre pai e filho, os educadores precisariam endereçar a origem a um casal, inserido num coletivo, a partir do qual se buscaria reciprocidade de pertencimento social, mais amplo, que inclui o educador como terceiro, como reconhecedor deste pertencimento. Movimento que poderíamos pensar a partir do que fala Lévy-Soussan (2011, p. 70): “A verdade da filiação do sujeito é singular. Ela se fala e se diz a respeito daquilo que se conta”. Ou seja, outros contam e reconhecem uma ficção familiar. Algo que inscreve o sujeito numa conexão com o mundo e com a vida, num movimento de produção dos vínculos.

A questão das histórias de vida é ponto alto da discussão do acolhimento institucional, uma vez que são parte das crianças e precisam ser acolhidas, mas costumam ser evitadas pela precariedade que carregam. Em livro do Instituto Fazendo História (IFH) para educadores de serviços de acolhimento, os autores chamam atenção: “Acompanhar essas crianças e adolescentes na construção e escrita de uma narrativa sobre suas histórias, com interesse e respeito, possibilita que elas recriem e sejam autoras de suas histórias de vida, evitando repetições presentes nas histórias familiares” (IFH, s/data, p. 5).

Os profissionais do IFH (s/data) mostram o impasse em trabalhar com equipes que temem dizer a verdade sobre a história da criança e, ou não dizem nada, ou dizem que a mãe chegará em breve, e precisam ajudá-las a perceber que a história precisa ser falada. Afinal como entrar em contato e nomear um bebê cuja história fica apenas na fantasia? Como se falar de uma história tão difícil de ser encarada? Alguns educadores preferem não saber para não interferir de modo negativo nos cuidados. Mas mesmo os bebês precisam saber sua história. Suas formas de comunicação do sofrimento pela falta de conhecimento sobre ela são

de difícil reconhecimento por não falarem. Além do que, em via inversa, se apropriar da própria história e da história da criança pode ajudar educadores a compreenderem melhor essas manifestações não verbais (IFH, s/data, p. 59).

Como exemplo dado pelo Instituto Fazendo História (s/data), ao falar que a chegada de um bebê numa casa mobiliza a todos. Aponta que muitos profissionais da equipe²⁰ temem dizer a verdade sobre a história do bebê para não fazê-lo sofrer. Mas seu passado já foi vivido, já foi sofrido, e não saber de sua história pode trazer angústias ao bebê que não encontra quem lhe explique o que está se passando com ele e não o prepara para o que está por vir (IFH, s/data): “Tão ou mais importante que matriculá-los na escola (...) é poder dizer porque estão no abrigo, qual a relação que poderão ter com sua família (de origem ou substituta) a partir daquele momento” (ELAGE, 2010, p. 9). Localizá-los no tempo e no espaço para poderem ocupar seu lugar.

Barros (2011) apresenta que no Acolhimento de Pernambuco, algumas instituições tinham cuidado com as histórias de vida das crianças, outras as ocultavam e outras expunham as mesmas, sem respeito à privacidade, mostrando o desafio desta prática.

Como Elage (2010) chama atenção, não se esquece a própria história de vida, ainda mais com as primeiras figuras de afeto. Para pensar este registro, Tanis (1995) fala sobre o *infantil* psicanalítico (*infans*), que se relaciona com a memória de experiências, fatos, impressões, de “coisas vistas ou ouvidas, memória de um passado irrecuperável na sua identidade espaço-temporal, embora vivo e ativo” naquilo que se atualiza em situações atuais, chamado por Freud de *infantil* (TANIS, 1995, p. 20). O autor segue o caminho de que a memória neste contexto se mescla à fantasia, que ele chama de “anjo negro da nossa psique” (TANIS, 1995, p. 21). As fantasias seriam fabricadas para colocar máscaras em outras lembranças. Como álibis de “desejos inconcebíveis” advindos de “experiências de satisfação (1995, p. 21). São, portanto, criações intrapsíquicas para representar experiências infantis não sustentadas pela consciência e bagagem rica para os entrelaçamentos entre cuidador e criança, entre educador e acolhido:

Ora, as hipóteses e fantasias sobre cada criança e sua família são criadas diante da angústia que as lacunas em sua história de vida provocam nos educadores, e não ao contrário. Poder compartilhar sua visão, problematizar, fazer conexões, comover-se diante do desamparo e criar condições para lidar

²⁰ Neste trabalho nos referimos a educadores focando os profissionais assim denominados pela função específica que carregam, mas é importante assinalar que numa equipe de acolhimento todos são considerados educadores no sentido de que todos são responsáveis pelo acolhimento, já que todos convivem com as crianças.

com ele são alguns recursos que podem oferecer maior clareza e segurança para os educadores (NOGUEIRA, 2011, p. 23).

Portanto, ter atenção às fantasias e aos entrelaçamentos é uma forma de melhorar as condições de trabalho dos educadores e de acolhimento das crianças.

A infância institucionalizada demanda acolhimento, pois vive momento de mudança intensa (separação das figuras de referência) que pode ou não gerar problemas para o processo de amadurecimento, como discutiremos a seguir. Assim, entendemos que ser “acolhedor” exige uma abertura de quem recebe que nem sempre é fácil. E que como aponta Fernandes (2012), exige organização e planejamento, exige reflexão e discussão, para pensar se esta abertura está podendo ser oferecida, onde estão os entraves, se nas tarefas de cuidado há um interesse pelo outro, um desejo de convidar à vida, de oferecer acalento e não apenas teto. Especialmente quando se trata de função profissional.

Os educadores não estão ali para tirar os meninos da rua ou de famílias violentas, mas para se tornarem referência para os mesmos, para que possam se tornar cidadãos. Desafio que convoca estes profissionais com toda sua história de cuidado e compreensão de mundo: quem são essas crianças, o que é infância, o que é cuidar do outro, o que é ser mãe, o que está envolvido nas escolhas de cada um, quanto se implicam em suas escolhas e se responsabilizam por elas, ou as delegam a outros, etc. Ou seja, o quanto podem oferecer um ambiente facilitador do processo de amadurecimento.

2.3. A noção winnicottiana de ambiente como sustentação do acolhimento

Um ambiente adequado favorece o processo de amadurecimento do infante, ao olhá-lo como sujeito, ao oferecer confiança para que se insira numa realidade compartilhada (WINNICOTT, [1965b]1978, [1958]2000). Para Winnicott ([1965b]1978) o ambiente é o espaço psíquico de quem cuida, que não se resume à relação dele com a criança, mas à atmosfera criada pelo suporte de alguns, num tempo e num espaço, para acolhimento do bebê, criança, ou qualquer outro que chega. Aiello-Vaisberg e Granato (2006), a partir de leitura winnicottiana, chamam atenção para a necessidade de suporte inter-humano, do campo social, para o cuidado materno. O pai, a família, a história de vida dos pais, além da configuração social e seus valores e modelos, fazem parte da relação com o bebê e podem facilitar, dificultar ou mesmo inviabilizar o acolhimento. Sendo assim, a história de relações que cada um traz compõe uma grande teia numa trama institucional e que se atualiza nos lugares que

cada um ocupa para cada envolvido. Podemos, então, pensar a possibilidade da organização institucional oferecer ambiente facilitador, assim como cada educador.

A noção de ambiente facilitador está diretamente ligada a esta capacidade de dedicação sem invasão (sem exigir respostas que aquele que chega não seja capaz de produzir), de um cuidador que passe longo tempo ao lado do bebê recém-chegado para oferecer constância. Este outro é, inicialmente, o ambiente que ampara o processo de amadurecimento do eu, emprestando seu ego como mediador da realidade; que possa se dedicar o máximo possível ao bebê ([1988], 1990). Uma dedicação ao infante que exige uma configuração ambiental mais ampla, como apontado (AIELLO-VAISBERG; GRANATO, 2006).

As noções de *holding*, *handling* e *apresentação dos objetos*, são funções da mãe *suficientemente-boas*, ou do cuidador de referência do bebê, que configuram um ambiente facilitador criando possibilidade de saúde (WINNICOTT, [1971]1975). *holding* é a sustentação, o amparo que o adulto dá ao bebê, com sua voz, com seu colo, com seu olhar, etc., e o *handling* é a coerência e constância nos cuidados, no manuseio do corpo do bebê. A apresentação de objetos se refere à capacidade da mãe de perceber o que o bebê precisa, inclusive ao se desligar gradualmente dele, diminuindo sua dedicação e apresentando o entorno de acordo com as condições do infante em responder a ele (ibid.).

A relação mãe-bebê é destacada por Winnicott ([1986]2005; [1958]2000; [1988]1990; [1971]1975) por ser a mãe aquela que carrega o bebê na gestação, fantasia sua chegada, seu desenvolvimento, seu crescimento, etc. Sua condição de identificação total com o bebê pode ser favorecida pelo processo de vinculação anterior ao nascimento, porém, como uma gestação também pode sofrer vicissitudes, o imprescindível é haver um adulto de referência que atenda as necessidades do infante. Um adulto que possa estabelecer um vínculo de responsabilidade em relação à criança, com preocupação e dedicação a ela e que reconheça que, com todas as variáveis possíveis, houve uma mãe que gestou seu bebê e esperou por ele, desejando alguma sequência a esta história. Então, a partir desta identificação com as necessidades do bebê que chega, o cuidador permite um momento de ilusão, como se fossem um, dando ao bebê a impressão de que tudo acontece por sua causa, ao ter todas suas necessidades atendidas no momento que são manifestadas (WINNICOTT, [1971]1975). Partem desta fusão, de devoção integral do adulto, para uma gradativa separação.

O mesmo autor (WINNICOTT, [1971]1975) criou um conceito que nos parece indicar esta complexidade do encontro que poderia se dar entre educador e criança: a *transicionalidade*. É no entre eu e outro, entre corpo e psiquismo, entre fantasia e realidade, de uma relação de confiança, que as diferenciações podem ser criadas, que os objetos podem ser criados, assim como a capacidade de se relacionar com eles. Ou seja, a *transicionalidade* é a capacidade do ambiente criar um terceiro, um espaço e tempo especiais, que permitem o esquecimento momentâneo dos limites, das bordas, criando um contato diferenciado com as experiências, como a separação. A partir deste terceiro, aos poucos a separação do objeto primordial vai sendo mais suportada pois ele já foi internalizado, criando a capacidade de estar só e também a capacidade de se relacionar com o mundo. Portanto, é neste paradoxo, a partir da possibilidade de indistinção entre eu-não eu, dentro e fora, que se elaboram os limites da noção de eu e a possibilidade de integração.

A *transicionalidade* (WINNICOTT, [1971]1975) envolve a possibilidade de relaxamento da tensão cotidiana de equilíbrio entre mundo interno e externo, ou seja, uma atmosfera de encontro criada sem as exigências morais e disciplinares, ou mesmo das leis naturais, no sentido de que é o espaço maior de criatividade. Neste sentido, compreende a base para o brincar, que é a forma da criança conhecer e aprender a lidar com o mundo, além da experiência cultural, do contato do adulto com a arte, com elementos poéticos, estéticos. Ela deixa em suspenso o exercício de adaptação consciente, aceita o paradoxo e com ele pode brincar, sem precisar tentar desfazê-lo ou entendê-lo, o que facilita lidar com as angústias posteriormente, permitindo o pensamento e novas formas de responder às situações.

A transicionalidade permite, segundo Winnicott ([1988]1990), um percurso de elaboração das ansiedades no decurso do processo de amadurecimento, o que leva à capacidade de administrá-las, não de acabar com elas. Parte-se da solidão essencial do momento do nascimento, na dependência do outro para ser, para a condição de relação com este outro; da *ruthless* (ausência de compaixão) ao *concernimento*. Todo este processo se faz a partir da confiabilidade e coerência dos cuidados. Se na situação de solidão essencial não houvesse suporte, haveria abandono à angústia de aniquilação²¹, na qual o eu não pode existir.

O autor fala em instinto do amor primitivo (WINNICOTT, 1990) que comporta o sentimento agressivo em relação à mesma mãe que o sustenta. Uma ambivalência que não é

²¹ Esta sensação se dá nos momentos em que o infante não encontra recursos para responder às suas necessidades ou demandas externas.

suportada pelo bebê, mas que permite, com a sobrevivência da mãe, alcançar este estágio de compreensão. Esta vertente de agressividade, ativa, que permite agir, seria inicialmente chamada de *ruthless*, que exprime excitação sem a compreensão do que pode causar. Seria o que permite ao bebê nascer, por exemplo, já que neste início a agressividade não está associada ao intuito destrutivo, mas é ainda apenas motilidade relativa à excitação muscular.

Portanto, podemos pensar que é esta vertente do amor primitivo que pode progredir em direção ao *concernimento* (Winnicott, [1988]1990). Não é um sentimento de ódio, mas algo como um grito de liberdade, buscando destruir o objeto e mostrar-se poderoso. O que se confronta com a realidade e pode levar à reparação. Algo como: tenho energia, tenho força, posso destruir, mas não quero, sinto culpa, sinto responsabilidade, me preocupo em cuidar deste todo que me inclui. Quer dizer, segundo Winnicott ([1988]1990), o *concernimento* é uma capacidade que exige a continuidade dos cuidados com alguém de referência, pois ao expressar sua agressividade e ela ser reconhecida, o bebê terá chance de reparar, se desculpar, ao se dar conta que aquele que sentiu dor é o mesmo que o acolhe. Este processo permite a construção da noção de responsabilidade, de preocupação com o outro, compaixão, ao dar lugar tanto à agressividade quanto ao carinho, pelo cuidador. O infante pode se sentir potente e construtivo, não apenas destrutivo.

O bebê precisa que o ambiente acolha sua agressão, permita que ela possa ser manifestada, para aprender que ele não destrói efetivamente e que pode aprender a controlá-la:

(a mãe) “Ela diz ‘Ui!’ quando é mordida. Mas não fica perturbada, em absoluto, quando reconhece que o bebê quer devorá-la. De fato, considera que isso é um cumprimento, a única maneira como o bebê pode mostrar sua excitação amorosa. E, é claro, ela não é assim tão fácil de comer. Ela diz ‘ui’ mas isso apenas significa que sentiu alguma dor.” (WINNICOTT, [1988]1990, p. 122).

A partir deste acolhimento do ambiente, o bebê não se sente destruidor, mas um ser de potência, que vai precisar aprender a cuidar destas sensações para demonstrar o que sente e cuidar do outro de quem recebe cuidados, de quem depende e com quem habita o mundo. Ao perceber que feriu este outro que está ali para ele, que é sua referência de mundo, a criança pode aos poucos desejar reparar esta agressão que não destruiu. Winnicott ([1988]1990, p. 92) aponta que quanto mais a criança conta com uma relação de cuidado “contínuo e pessoal, ele cria uma capacidade de reparação também maior (...)”, uma vez que esta permanência torna o vínculo mais forte, permite enlaçamento erótico dos gestos de cuidado com os agressivos, por exemplo:

Para Winnicott, no início da vida, a motilidade é precursora da agressão: mover-se, agarrar, sugar, morder. Esses movimentos ainda não estão “fundidos com a vida erótica”. Caso isso não aconteça, a agressividade se transforma em destrutividade: seja com relação aos objetos, seja de uma forma sem sentido, como nas convulsões (cf. Winnicott, 2001 [1958]: 17). A agressão é vista como “evidência de vida” e, sob condições favoráveis, os impulsos eróticos e a motilidade se fundem (BELO, 2012, p. 12).

Este processo se desenvolverá em direção ao concernimento, à capacidade de se preocupar com o outro que constrói o mundo junto com o eu, a partir da possibilidade de integração, bom e mau como componentes do eu e do outro. Ou seja, o processo de amadurecimento é psicossomático, sempre corpo e psique caminhando juntos se houver saúde:

O corpo elaborado imaginativamente é o corpo vivo de alguém que respira, se move, busca algo, mama, esperneia, chupa o polegar, descansa, é acalentado, trocado, envolvido pela água do banho, etc. Seja o que for que esteja sendo experienciado – e tudo, no início, é experienciado no corpo e por meio do corpo – está sendo personalizado pela elaboração imaginativa (DIAS, 2003, p. 106).

Assim, o corpo físico e o psíquico se constroem. O eu e o outro, os limites, as bordas, as delimitações são possíveis ou não, caso haja alguma interferência que o bebê não consiga elaborar. No caso da criança não poder viver este processo de acolhimento pelo cuidador inicial, ou ser separado deste primeiro vínculo, pode ampliar a sensação de que os impulsos agressivos chegam a matar, aniquilar o outro e, conseqüentemente, o si mesmo. Então, cada vez que sentir estes impulsos terá um grau bastante alto de angústia e assim mais dificuldade de entrar em contato com possibilidades de elaboração:

O fenômeno interno mau que não pode ser controlado, contornado ou excluído transforma-se num empecilho. Ele se transforma num perseguidor interno e é sentido pela criança como uma ameaça que vem do interior. Frequentemente, ele se transforma numa dor. A dor causada por doenças físicas é possivelmente investida das propriedades que denominamos persecutórias. É possível tolerar dores muito intensas, se estas estiverem separadas da idéia de forças ou objetos internos maus (WINNICOTT, [1988]1990, p. 101).

Ou seja, se não aprendemos a controlar esta carga, ou fenômenos internos maus derivados da dificuldade de contato com a mesma, podemos nos assustar demais com a agressividade que pode nos expor à dor, ao sofrimento, à angústia de aniquilação. Apenas quando o outro sobrevive aos ataques é possível reparar e construir uma relação com este não-eu, que aos poucos se torna o outro, onde há relação e desejo de cuidar: *objeto objetivamente percebido* (1975). Por vezes tememos demasiadamente a agressividade no outro, por nos identificarmos com aquilo que não temos controle em nós mesmos. Identificação que em

alguns casos indica dificuldade desta separação eu-não-eu, portanto na percepção do objeto objetivamente percebido. Se a relação ficar baseada nos medos, não há espaço de relaxamento e espontaneidade possível. Sendo assim, a transicionalidade fica comprometida.

Conforme os caminhos vão sendo percorridos a criança segue na percepção de algo além dela, se percebendo ao se diferenciar deste outro, se dando conta de que não manda, isto é, que este outro está fora de seu controle onipotente. Falamos do processo criação/destruição/recriação, usando a agressividade de modo criativo, que se faz a partir de uma relação que caminha para uma concepção amadurecida de mundo – eu e outro como partes que precisam de cuidados para sobreviver. Uma visão responsável, que reconhece o outro integralmente, assim como o eu: com suas características paradoxais. Esta conquista está ligada à capacidade de concernimento, que Winnicott ([1958]2000) relaciona com a posição depressiva da teoria de Melanie Klein, quando a criança não está cindida, mas consegue integrar o bom e o mau no mesmo objeto. Ou seja, quando consegue lidar com a ambivalência de seus sentimentos e dos do outro também. Estas são, então, algumas funções deste ambiente facilitador que a mãe ou cuidador precisa sustentar em nome da saúde:

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas (WINNICOTT, [1986]2005, p. 10).

Para Winnicott ([1986]2005) esta noção de dependência no sentido de ser parte do mundo é fundamental para uma sociedade cidadã, para a democracia, na qual as pessoas conseguem conviver e manter cuidado sobre o coletivo, uma vez que a capacidade de concernimento foi construída. Se dependo do outro, se me percebo como parte integrante do mundo, se me percebo como responsável por minhas ações e portanto, pelo cuidado com o outro, sou capaz de exercer a democracia. Falamos então de uma capacidade de vinculação com o mundo a que pertencemos.

Já se o bebê fica preso na impossibilidade de lidar com impulsos agressivos/destruidores, apresenta dificuldade em amar, há tendência a dissociações, podendo chegar à cisão, falta de tranquilidade, pois não consegue brincar, não consegue ser espontâneo, por medo da destruição de si e do outro (WINNICOTT, [1984]2002). É o caso quando da perda ou separação deste cuidador inicial, pois ela pode ser representada pela via da destruição.

Portanto, é a partir da tessitura de uma trama afetiva que garanta o acolhimento daquele sujeito, da agressividade à reparação, que ele pode se constituir e continuar existindo. Assim como na discussão feita sobre cuidado, entendemos que haja oscilação na capacidade de cuidado preocupado do ambiente facilitador, mas na qual a descontinuidade, as falhas, não devem se sobrepor à segurança passada pela continuidade. Acontece que os componentes desta trama podem se costurar de maneira a dificultar a sustentação dos envolvidos e distanciá-los, ao invés de acolhê-los: como a separação das figuras iniciais de referência, como a separação da família, que Winnicott ([1984]2002) trabalha especificamente.

Para este autor (WINNICOTT, [1984]2002), se falamos em bebês que se separam muito cedo da mãe, o esforço necessário a dar sustentação e contorno a este corpo, para permitir que um novo cuidador seja uma nova referência, é grande. Não é simples estabelecer confiança que auxilie na elaboração da separação. É necessária uma aposta na capacidade da criança e do adulto de estabelecerem um espaço *transicional*, em que as rupturas possam ser vividas e retomadas, até poderem ser “metabolizadas”, criando marcas que desenham os caminhos do amadurecimento daquela criança. Winnicott ([1984]2002) mostra que se houve uma relação satisfatória antes da separação, ela pode ser recuperada, mas não entende que o “albergue²²” possa criar uma relação tão íntima como a necessária para os primeiros momentos do amadurecimento. O mesmo autor ([1988]1990) aponta que a criança se sentirá agredida pela ruptura, mas que em um ambiente favorecedor, poderá retomar o processo.

Se estes pequenos tiveram seus ambientes facilitadores, construíram vínculos afetivos iniciais mas os perderam, vivendo experiência de privação, vão buscar confiança novamente (WINNICOTT, [1984]2002). Mas, para isso, testam infinitas vezes esta condição. A capacidade de suportar os testes, a agressividade, mostrando que não foi a criança que destruiu o objeto inicial, que não é culpada da separação, que ela não é mortífera, que pode construir laços, é fundamental. Reconhecer o gesto conciliador, regenerador, é vital, pois é o resultado positivo deste, por menor que seja, que inicia um novo começo de confiança para o interesse pela vida (ibid.).

Em relação às crianças pequenas, segundo Winnicott ([1984]2002), é importante observar sua forma de se relacionar e responder ao seu entorno. Isto porque assim é possível conhecer um pouco de sua experiência anterior. Se for verificado que é uma criança que

²² Nome usado na época de Winnicott para falar dos espaços que acolhiam as crianças separadas de suas famílias durante a guerra.

nunca teve um ambiente facilitador, um cuidador suficientemente-bom, quanto mais velha ela for, mais difícil fica ocupar este lugar: “Uma criança que não experienciou cuidado pré-verbal em termos de sustentação e manejo – confiabilidade humana – é uma criança deprivada” (Apud SANTOS, 2006, p. 184). Nesse caso, de experiência de deprivação, de não estabelecimento de um vínculo significativo, mais limites claros e constantes a criança precisa, pois não teve ilusão onipotente que dê base para a construção da noção de eu e de outro. A angústia de aniquilação fica à flor da pele. Winnicott ([1984]2002) entende que para cada grupo de crianças com certa experiência ambiental deva haver instituição específica, dedicada a adaptar-se às necessidades daquele grupo.

Spitz (2000) observara que crianças separadas de bons vínculos anteriores desenvolviam um quadro inicial de recusa à separação, e os casos de relações ruins com as figuras de referência, eram facilmente reproduzidos com os novos cuidados no hospital ou creche. Winnicott ([1984]2002) observou que as adaptações mais difíceis eram oriundas dos maus vínculos anteriores, uma vez que as crianças não teriam porque acreditar que no alojamento encontrariam algo de bom, já que nunca tiveram. Esta diferença nas colocações pode ser decorrente do tempo de observação, uma vez que o segundo autor percebe que com o tempo, em ambiente facilitador, as primeiras reações ruins das crianças privadas de seu vínculo suficientemente-bom, se adaptavam. Já as deprivadas, tinham bem maior dificuldade a se organizarem psiquicamente, precisando de um formato de alojamento diferente (WINNICOTT, [1984]2002).

Então, ao chegar um bebê ou uma criança que não demonstra capacidade de relacionar-se ou criatividade no contato com seu entorno, há que se pensar em estratégias específicas para seu acolhimento, acionando toda rede necessária. Ou seja, casos de maior dificuldade no amadurecimento precisam de intervenções especializadas, mas é importante ter clareza de que não são todos e de que, como aponta o próprio Winnicott ([1984]2002), um abrigo com gestão firme e presente no acompanhamento dos educadores pode ser terapêutico.

É importante que o autor atente para o perfil dos profissionais dos abrigos, pois entende que “em todo trabalho que envolva cuidar de seres humanos, são necessárias pessoas dotadas de originalidade e de um senso agudo de responsabilidade” (WINNICOTT, [1984]2002, p. 72). Ainda acrescenta que devem ter mente aberta e facilitar ao máximo a adaptação dos acolhidos. Winnicott ([1984]2002) entende que como não é simples selecionar apenas pessoas com perfil adequado, as que ocuparem os cargos devem ser acompanhadas

constantemente, sentindo-se estimuladas, valorizadas e, com suporte para sua atuação. O que talvez já fosse um ideal na época da Segunda Guerra Mundial, hoje ainda aparenta sê-lo.

Capítulo três.

As profissionais do acolhimento e a especificidade de sua função

Vamos, então, apresentar as profissionais e seus desafios na função do acolhimento, o que passa pela necessidade de compreender a argamassa que se forma entre alguns elementos: ser mulher, ser mãe, ser cuidadora e educadora, e desenvolver uma função que vêm como muito próxima da que desenvolvem como mães de seus filhos, mas pela qual recebem um salário. E um salário baixo, que confunde entre a enorme responsabilidade que é cuidar de filhos dos outros e a baixa importância dada à vida destas crianças, cujas famílias encontram tanta dificuldade em cuidar.

Neste contexto, logo nos deparamos com uma institucionalização significativa para a construção deste lugar de educadora: o cuidado como função da mulher. Cabe refletir sobre como estas mulheres que precisam cuidar de crianças profissionalmente são vistas como “feitas para isso” por serem mulheres, quase obrigadas a saber fazê-lo, a querer fazê-lo, e ainda sem precisar de ajuda.

3.1. A mulher em associação direta com o cuidado

Braunstein (2012) aponta que associações entre cuidado como feminino e materno são muito recorrentes na história das ciências sociais e biológicas. Numa trajetória histórica, ideológica e filosófica, como o feminino é inferiorizado, conseqüentemente o é o cuidado – a não ser em relação a risco de vida, como no caso da medicina. O autor ainda apresenta dados mostrando como é prioritariamente a mulher que se ocupa das crianças, tanto em creches, quanto em casa, e entende que isto denota uma compreensão de obrigação da mulher em cuidar. Sendo assim, a trama afetiva entre cuidadora e criança não é valorizada, pois é vista como inerente à vida, naturalizada.

A associação do cuidado com o elemento feminino é diferente da associação com o sexo feminino, ou seja, com as mulheres. Mas o fato de ser a mulher que gesta e que amamenta acaba facilitando essa correlação direta. Assim como sustenta os argumentos patriarcais e higienistas de que a mulher deve estar em casa e cuidar da família enquanto o homem trabalha, como nos mostra Badinter (1985). No século XX, a mulher é vista como mãe e deve ser “bela, altruísta, submissa e resignada” (MANSUR, 2006): “Aqueles dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, seriam despidas do sentimento de maternidade,

característica inata da mulher normal, e consideradas extremamente perigosas” (SOIHET, 1997, P. 363).

Stucchi (2009) apresenta um histórico sobre a visão da mulher e o lugar que ocupa na sociedade, mostrando que os movimentos feministas trouxeram conquistas embora não tenham conseguido desconstruir a visão social de que é a mulher que cuida da casa e da família. E cita Davis apontando que “em todo o Terceiro Mundo, os choques econômicos dos anos 1980 obrigaram os indivíduos a se reagrupar em torno da soma dos recursos da família e, principalmente, da capacidade de sobrevivência e da engenhosidade desesperada das mulheres” (Apud STUCCHI, 2009, p. 116). As mulheres foram obrigadas a trabalhar, assim como as crianças: “Sendo assim, esta mãe da família ficou com carga da casa quase completa, como diz Kalpagan (Apud STUCCHI, 2009, p. 117): “Embora seja enorme o fardo da sobrevivência (para a família) o das mulheres é ainda maior”.

Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004) mostra satisfação das mulheres pobres com suas vidas. Frente a tanta desigualdade, como podem estar satisfeitas? São submissas? Passivas? Alienadas? Estão aceitando sua exclusão? (CHACHAM e MAIA, 2004). Esta análise não é feita pela pesquisa, mas os autores entendem que pode ser decorrente da metodologia usada e que precisariam de novos estudos para aprofundar esta compreensão, mas não deixaram de manifestar sua surpresa.

Vale salientar a paradoxalidade deste lugar ocupado pela mulher, que precisa desenvolver diversas funções. Escolher uma forma de viver num momento em que a sociedade diz que mulheres devem ser donas de casa, mães carinhosas e dedicadas, esposas atentas e solícitas, educadoras excelentes para os filhos, profissionais de ponta, para provar seu valor, traz muitas questões, exigindo que esta personagem esteja sempre entre ser isto ou não ser, ser mais isto ou aquilo, que definam o lugar que desejam ocupar e como ocupá-lo, sempre a partir deste ideal social (BADINTER, 2011).

Badinter (2011) nos aponta um retorno a uma ideia naturalista de mãe neste início de século XXI. A partir da crise econômica da década de 80, maior desemprego e discurso psicopediátrico sobre o valor dos cuidados maternos leva a mulher novamente para casa. Ao lado disso a crise identitária da mesma época, numa diferenciação menos clara entre homens e mulheres, exige redefinição da maternidade: aquela que dá óvulo, que gesta ou que educa? (BADINTER, 2011). Ao ter conquistado um espaço no mercado de trabalho e no mundo social, a mulher pode escolher voltar para casa assumindo o que médicos dizem ser seu papel,

ou lutar para manter seu lugar de trabalho. Há um conflito entre ser mulher e ser mãe, levando muitas a escolher não ter filhos (*childfree*) (BADINTER, 2011).

E a autora chama atenção à força do mito do amor materno renovado, que sai do patriarcado, para o reino do bebê, pois se baseia no amor pelo filho, no sonho da criança perfeita e na escolha moralmente superior da mulher que renegará sua carreira para ser mãe. Ou seja, o apelo é forte e gera intensa culpa. E as que resistem introduzem “como nunca anteriormente a questão da responsabilidade materna, já que a maternidade provinha da necessidade natural” (BADINTER, 2011, p. 174). Ponto importante, que tende a se aliar à culpabilidade das mulheres que resolvem entregar os filhos à adoção. Mais do que nunca serão demonizadas por engravidarem e não arcarem com a responsabilidade de criar o filho.

Badinter (2011) mostra uma contradição entre os apelos à mulher: ainda há enorme pressão para que as mulheres sejam mães, e ao mesmo tempo o estilo de vida sem filhos é criticado e invejado. Se por um lado, mulheres não mães não condizem ao modelo feminino natural, daquela que gera vida, por outro, as mulheres sem filhos se vêem muito mais femininas e atraentes, pois podem dedicar mais tempo a seus cuidados e não ao filho. Segundo a autora, as segundas, são chamadas de “egoístas, incompletas, insatisfeitas, imaturas, materialistas, carreiristas” (BADINTER, 2011, p. 184), sofrendo uma carga agressiva significativa, que é um dos elementos que Badinter (2011) entende demonstrar a inveja desta escolha, ao defender a tese de que a maternidade não é desejo natural e atrapalha o desenvolvimento profissional da mulher.

Há mulheres que se identificarão com a mãe naturalista, as que querem se manter trabalhando, as que tentam se dividir entre as funções e as que decidem não se tornarem mães. Pontos que vão diferenciando uma mãe da outra e apontam para as necessidades de cada uma, que se constroem em sua história de vida e experiências de terem sido cuidadas. Por isso, entendemos que quando se faz a relação direta entre mulher e cuidado, dificulta-se o reconhecimento sobre o lugar que cada um quer ocupar e, conseqüentemente, o lugar que podem reconhecer àqueles de quem cuidam. Se interdita a comunicação sobre quem são as pessoas envolvidas e o que desejam.

A mulher se divide entre cuidar de sua feminilidade, sua casa, seu casamento, seus filhos, seu trabalho, e demais aspectos da vida social. Neste campo de pesquisa que é o abrigo institucional, amplia-se o desafio ao mesclar a função do trabalho com a materna. Então, como separar uma da outra, como saber quando priorizar uma ou outra, como diferenciá-las e

como diferenciar-se ou aproximar-se das mães daqueles de quem cuidam? Questões que se tornam cotidiano das educadoras e que precisam ser pensadas, especialmente por não terem uma resposta pronta.

A psicanálise de Winnicott traz uma contribuição importante ao dissociar o elemento feminino da mulher. Este está vinculado à capacidade não apenas de cuidado, mas de acolhimento, no reconhecimento do outro como potente, como ativo em sua existência. Quer dizer, uma capacidade tanto dos homens quanto das mulheres, ou seja, ambos se constituem de elementos femininos e masculinos em diferentes níveis, de acordo com suas experiências de vida (WINNICOTT, [1986]2005).

Se há naturalização desta relação da mulher com o cuidado, fecha-se a possibilidade de pensar sobre as negações e dificuldades que elas, mulheres, mães, educadoras, enfrentam nesta função, ou seja, na construção de melhores condições de acolhimento. Podem se sentir incapazes, menos mulheres, menos mães, problemáticas, etc.

3.2. Uma mistura de funções: mães ou educadoras.

Os profissionais responsáveis pelas crianças “carentes”, “abandonadas”, foram chamadas de diversos nomes ao longo da história de acordo com o objetivo maior das instituições de atenção à infância. Passaram de pajens, nas instituições religiosas, a monitores, com função mais policalesca. Houve também o uso de instrutor, pois além de disciplinar, deviam ensinar. Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), atendente e cuidador, mostram uma visão um pouco mais orientada para a criança como sujeito em desenvolvimento e sujeito de direito. Apenas em 2009, com o documento “Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes” começa-se a falar em educador, entendendo que há uma função de formação (ELAGE; GÓES; FIKS; GENTILE, 2014). Neste documento, porém, ainda usa-se uma nomeação dupla: educador/cuidador (CONANDA; CNAS, 2009), mostrando certa indiferenciação.

O título de educador social, formalizado em 2014 (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2014)²³, como funcionário da assistência social, está ligado à busca de ampliação do conceito de educação e a postura do educador como formador de cidadãos, mas o nome ainda carrega um “pedagogismo” que se

²³ Em Diário Oficial da União.

distancia do acolhimento, que queremos enfatizar. Talvez por isso a manutenção de uma nomenclatura dupla, como citado, para tentar abarcar a complexidade da função. Porém, esta questão não é discutida nas equipes e cada um apresenta sua forma de compreender. Por exemplo, há equipes em abrigos de João Pessoa²⁴ que dizem que educador é aquele que educa no sentido de dar regras. E então dizem que nas casas não tem educador, tem “olhador”, pois só ficam olhando as crianças e adolescentes. Um funcionário, que vem de experiência com regime de privação de liberdade de adolescentes, diz que educador é o que fica olhando para os meninos não brigarem, mas que seu trabalho no acolhimento vai além deste, pois tem que cuidar. Mas também a palavra “cuidador” pode cair na suposta naturalização do cuidado, de cumprimento de tarefas, sem contemplar a reflexão da função de acolher. Ou seja, tanto chamando de cuidador como de educador, ainda assim não estamos falando no acolhedor. É uma função que exige muita discussão para que os profissionais possam compreender qual seu diferencial.

Outra nomenclatura surge em abrigos filantrópicos, não governamentais, que funcionam em outro formato, como já apresentado: “mães-sociais”, por vezes com “pais sociais”, cuidam das crianças acolhidas a semana inteira, dormindo na casa-lar e tendo uma folga semanal. Este modelo não é o foco aqui, mas há mais estudos sobre ele do que sobre o modelo do abrigo, sendo pesquisas importantes para refletir sobre a função dos educadores, que chegam a ser chamados de mães e pais por serem os únicos responsáveis diretos pelas crianças. Fato que gera confusão quando se pensa que muitas das crianças possuem suas mães e pais e precisam compreender de alguma forma o que os levou a não cuidar deles, seus filhos, da forma que deveriam. Quer dizer, chamar de mãe e pai facilita a construção da ideia de que esta infância precisa de nova família para ser “alguém” (OLIVEIRA; UZIEL, 2016).

Nogueira e Costa (2005), ao discutirem o desafio das “mães-sociais” em trabalho intitulado “Mãe-social: Profissão? Função materna?”, questionam a “possibilidade do abrigo exercer a função reparadora” à qual se presta. As autoras criticam a falta de formação e orientação destas mulheres que, se fazem um bom trabalho é por sua experiência pessoal com seus filhos, mas sua ação também se distancia da maternidade, pois não são e não se colocam como mães dos acolhidos²⁵. As autoras observam em sua experiência que estas mulheres

²⁴ Dados obtidos pela pesquisadora na época da coordenação do Projeto Fazendo Minha História.

²⁵ Em atividade com mães sociais em João Pessoa, a pesquisadora teve contato com mulheres que se colocam como mãe. Por um lado há o investimento afetivo importante, mas também contraditório com o trabalho.

atuam como empregadas da instituição e questionam se é possível uma orientação que busque aproximar as dimensões do cuidado materno e a noção de atividade profissional.

Dirce França (2011a) também encontra uma exigência sobre as “mães-sociais” além do que elas podem corresponder pela falta de orientação e apoio. Cita Lóczy: “a mãe cuida por que ama; a profissional ama porque cuida” (FRANÇA, 2011a, p. 7). Um raciocínio interessante (com a ressalva de que cuidado e afetividade se constroem concomitantemente) para pensar que, mesmo que nem toda mãe ame ou nem toda mãe cuide, há um início de relação por conta de um vínculo, a partir de uma convivência a priori, na gestação. Já as profissionais precisam criar o vínculo com cada criança a partir do trabalho. Esta autora visualiza na relação de cuidado e na realidade da organização do trabalho favoráveis, a construção deste afeto que vê como fundamental para a função. Não existe amor a priori, como tão bem demonstra Badinter (1985), mas pode ser construído. E o amor não garante apenas carinho. Também implica brigas, problemas e esforço de convivência em alguns momentos, afinal envolve dois sujeitos diferentes, que nem sempre concordam ou precisam da mesma coisa.

Oliveira e Uziel (2016) discutem a nomenclatura e a legislação sobre a função de mãe-social e mostram como a vinculação com as crianças acolhidas chegava a impedir adoções. Podemos pensar como a história deste lugar de cuidado com crianças, no qual estas se encontram afastadas de suas famílias, toda a organização institucional as coloca no lugar das mães, e, muitas vezes, elas assumem como tal²⁶. E então, há uma grande confusão, já que elas entendem que esta é a necessidade das crianças e acabam querendo assumir este lugar – o que se faz caricaturalmente, na destituição das mães enquanto mães, na desocupação delas das responsabilidades que ainda assim deveriam ter em relação aos filhos. Quer dizer mesmo que uma criança seja institucionalizada, os pais podem manter suas responsabilidades em relação aos filhos, desde as visitas, até levar ao médico, ir a reuniões da escola, etc. O que não acontece com frequência. E na dificuldade deste encontro com a família dos acolhidos fica clara a dificuldade de reconhecimento e assunção da peculiaridade da função de educadora. Parece que muitas vezes, a dor mobilizada pela ideia de falta de amor materno as leva a querer assumir o lugar de mães destas crianças.

Especialmente após a Lei 12010, a discussão sobre cuidar do vínculo com a família de origem é trazida e estas mulheres ficam bastante confusas e mesmo perdidas sobre que papel devem exercer.

²⁶ A mãe-social atua nas casas lares: modelo já apresentado, em que a profissional atua, onde mora com as crianças e cuida delas, tendo apenas uma folga semanal.

Figueiredo (2006) problematiza o lugar que as mães-sociais ocupam nas casas lares, e as nomeia como mães-profissionais²⁷, entendendo que este lugar depende de como cada uma se coloca diante da “própria privação”. Numa análise lacaniana, a autora insere este contexto na desigualdade e utilitarismo provenientes da sociedade capitalista e percebe variação na forma das mulheres ocuparem este lugar profissional. Primeiro fala das que estão ali assim como em qualquer emprego, se colocando como objeto de uma política que visa apaziguar as tensões sociais. Por outro lado, existem as que se vinculam à função materna efetivamente, ao desejo de serem mães. Dentre estas haveria variações: aquelas que se colocam impotentes, não capazes de ser mãe; ou aquelas que entendem que podem ser o que falta ao outro, mas marcando a falta dos pais; ou aquelas que se colocam como as próprias mães, chegando a tomar os acolhidos como filhos e dificultando a necessidade de separação, diferenciação. Num segundo grupo há aquelas que escolhem se doar ao outro, quase misticamente, sem conseguir se conectar com as crianças, mas se remetendo sempre ao abandono, ao desamparo. A autora encerra entendendo que a seleção destas mulheres deve ser criteriosa, levando em conta esse desejo que permite inserção na linguagem, numa cultura, numa lei, na vida. Ou seja, um desejo que se traduz no reconhecimento de um lugar para o infante, ou o acolhimento não acontece.

Esta análise mostra algumas possibilidades de trama afetiva das educadoras com os acolhidos, mais especificamente educadoras que ficam 24h por dia com as crianças (moram efetivamente com elas), sem turnos e sem demais membros de uma equipe, o que intensifica a vinculação, como já apontado. Não estabelece a trama pelo encontro das histórias de vida, mas nos mostra como algumas sobreposições de marcas das histórias se costuram e do quanto é complexo ocupar uma função profissional que transpassa o papel social da mulher e da mãe.

Além disso, a pesquisa de Figueiredo (2006) demonstra como o investimento para uma função de acolhimento passa pelas necessidades afetivas do educador e do quanto há necessidade de levar em consideração este outro nome para a função. Não são simples babás, ou apenas cuidadoras. Há função de formação cidadã, reconhecidora de um lugar de sujeito de sua própria história, que configura o acolhimento do outro que chega. A relação mãe-bebê também deve ser acolhedora, incluir este reconhecimento da origem e alteridade do infante, porém, esta relação se costura dentro de uma família. Para a educadora, este reconhecimento é

²⁷ Figueiredo (2006) trabalha com esta complexa escolha de trabalhar como mãe profissional, a partir de pesquisa com as mães-sociais de casas lares, que são estruturadas de forma distinta dos abrigos institucionais, como já apontado.

algo que exige maior reflexão, especialmente porque as crianças são vistas como abandonadas, como veremos adiante. Quer dizer, para acolher, para colocar a criança num lugar de sujeito, com sua história a ser vivida, é importante fazer esta reflexão sobre a função do acolhimento, que não é apenas cuidado, mas também não apenas instrutiva ou pedagógica. O educador social reconhece o sujeito como parte de um contexto sócio-político mais amplo e o auxilia a ocupar seu lugar e construir seu caminho (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2014). Mas talvez pela pouca formação dos profissionais, eles acabam se vendo mais como cuidadores, ou “olhadores” do que educadores sociais.

A falta de formação e suporte cotidiano desta prática dos educadores nos abrigos abandona-os às relações com os acolhidos, sem refletir sobre a confusão com a função materna ou mesmo sobre a mobilização afetiva que trabalhar com crianças e com separação de família acarreta.

Outra pesquisa em abrigo para crianças e adolescentes de São Paulo (CARETA, 2006, p. 222) pôde observar “clivagens, angústias de abandono e separação, além de intensas identificações projetivas, tanto da coordenadora quanto das monitoras cuidadoras” em relação às crianças. Em dois anos de trabalho a partir de expressão gráfica destas profissionais (CARETA, 2011) acompanhou-se a apropriação de sentimentos e a possibilidade de abertura para o encontro com o outro. A narrativa dos desenhos colocou em circulação discursos e idéias que precisavam de atenção, mostrando a importância do acompanhamento desta função de acolher que se faz nesta trama afetiva, entre ser mãe, não ser, abandono, idealização da família, separação, retorno à família, adoção, acolhimento, precariedade, criatividade, etc.

Percebemos, assim, que o envolvimento, a dedicação ao cuidado das crianças, cria tramas que muitas vezes não encontram acolhimento. As educadoras não devem ser mães, mas a convivência com os acolhidos mobiliza sentimentos que precisam de suporte para ganhar lugar. Inclusive há mobilização nas crianças também, que precisam de referência e farão parte do processo do acolhimento. Como administrar um olhar daquela criança que coloca a educadora no lugar de mãe? Será que este reconhecimento por parte da criança não indica um reconhecimento recíproco da profissional, ou seja, será que ela vê o acolhido como filho? Muitos vetores tensionando a trama, que diferente de uma relação parental, é profissional e têm objetivos a serem garantidos – mas que talvez também não sejam claros.

Careta (2006) ainda analisa o lugar que mães-sociais se colocam em relação à instituição de acolhimento e entende que muitas vão procurar cuidado para si mesmas no

cuidado que oferecem ao outro, uma vez que sofreram violências ou se sentem infelizes. Portanto, se as histórias das educadoras carrega precariedades que identificam nas histórias das crianças, podem ter dificuldade em reconhecer a necessidade da criança de quem cuidam, que fica com a carga negativa projetada. As crianças são as que carregam as tristezas e as educadoras as que têm o que oferecer.

Quando falamos na relação mãe-bebê pode ser mais simples pensar num acolhimento recíproco, em que ambos sintam-se alimentados pelo encontro, a partir do quanto uma mãe se sente satisfeita amando e alimentando seu bebê que lhe retribui narcisicamente, com sorrisos, com seu crescimento, etc., e na construção do reconhecimento de parentesco. Há muito mais envolvido nesta trama afetiva maternal, mas pensar que uma mulher, paga para acolher um bebê, possa se sentir retribuída por ele, pode ser um raciocínio menos automático. Aliás, é neste cuidado e na construção de um lugar que cada um ocupa na relação que a confusão entre ser mãe e cuidadora pode ser mais aprofundada. Até porque, se dedicar a uma vida, vê-la desabrochar, é um sentimento que muitas educadoras já experimentaram com seus filhos. E não saber para onde ou quando a criança vai embora, quem vai continuar cuidando, etc, pode ser bastante angustiante.

Portanto, percebemos que um importante diferencial para o acolhimento é este lugar que a criança é colocada, como mostrou Figueiredo (2006), o que depende da trama que se forma entre educadora e criança dentro da instituição, num contexto sócio-cultural específico, e da possibilidade ou não de refletir sobre ela. Uma trama que é fundamental para o acolhimento, mas também pode dificultá-lo. Sendo assim, seguiremos tentando visualizar possibilidades de diferenciação do investimento da educadora com o acolhido em relação à mãe com seu filho.

3.3. Delimitando o lugar de educadora

Não é a mãe, mas deve desenvolver uma função muito próxima da materna.

Quer dizer, falamos sim de uma função fronteira, de difícil delimitação, que mobiliza os envolvidos e, portanto, precisa ser refletida. Entendemos que para esta reflexão seja interessante sustentar o paradoxo é e não é mãe, para, a partir daí, traçar linhas diferenciadoras dos lugares de mãe e de educadora.

Luvizaro e Galheigo (2011, p. 195) refletem sobre a necessidade de atenção ao outro na realidade do acolhimento: “(...) a importância de ações para além da oferta de um espaço

de proteção e moradia nos programas de acolhimento institucional, os quais também devem contemplar a atenção e escuta às crianças e adolescentes envolvidos, bem como promover a compreensão de seus percursos singulares”. Doar este tempo, atenção e envolvimento, exige uma predisposição a se dedicar ao outro e deixar que mude o planejado, o esperado, o familiar, que não é simples. Muitas vezes apenas se oferece esta dedicação a partir de uma vinculação amorosa.

Toca-se, então, na importância do vínculo, de abertura à afetação causada pelo outro, para o encontro humano em reconhecimento recíproco, ou seja, para o acolhimento. Berenstein (2011) discute a noção de vínculo como uma relação duradoura, que persiste com o tempo e acontecimentos e implica na percepção de dois protagonistas. Dois que se mesclam a partir deste vínculo, mas não deixam de ser dois. A capacidade de manter esta percepção é possibilidade de sustentação do vínculo, o que varia de acordo com a história passada de cada um. Num encontro, cada indivíduo carrega certa história de vinculação que marca a forma que poderá entrar em nova relação e estabelecer novo vínculo: “O passado faz borda com o presente” (BERENSTEIN, 2011, p. 154). Segundo Berenstein (ibid.) o vínculo produz traços simbólicos que se tornam parte dos protagonistas e são multiplicados e modificados no decorrer das vinculações de cada um, entrelaçando muitos outros. Assim, tramas se entrelaçam e produzem uma nova.

Percebe-se a importância da rede de relações interpessoais, e também do espaço e tempo que as envolvem, na constituição do vínculo (BERENSTEIN, 2011). Na visão deste autor, o cenário, o contexto, ganha maior relevância por deixar de ser visto como externo. Há uma coexistência e coprodução do um e do todo, dentro e fora, do eu e do outro, ou melhor, do eu como outro. Berenstein (2011) chama atenção justamente para este movimento de tirar os holofotes do eu e perceber que ele é um dentre muitos.

Dar atenção a uma criança que sofre com sua história precária, triste, que envolve miséria social e humana, exige que o adulto possa dar um lugar a tudo isso em sua compreensão de mundo e possa seguir em frente. Exige que o adulto possa dar colo à sua criança e à criança pela qual é responsável, sem achar que tem que dar alguma solução ou acabar com o sofrimento dela. Aceitar o entrelaçamento de marcas vividas com aqueles vistos como carregando muita dor não é simples. Afinal, sustentar o sofrimento do outro é muito angustiante, pois para isso é necessário sustentar o próprio. Movimentos que delimitam o eu e o outro, que permitem o reconhecimento da alteridade. Um grande desafio, uma vez que faz parte da capacidade de concernimento, que, como apresentado, é decorrente de longo

processo anterior para a capacidade de reparação, em direção à integração ([1988]1990; [1958]2000).

Portanto, a função do educador precisa de linhas delimitadoras em relação à materna para conseguir atingir o objetivo do acolhimento. Ou ficam todos imersos em cuidados que retomam a relação mãe e filho, na qual a separação entre um e outro, a noção de alteridade, é dificultada pela intensidade da ligação, como aponta Spitz (2000). Ao tentar compreender as tensões na relação mãe-bebê, o autor verifica ligação muito intensa pela frequência de contato e pela provocação constante de resposta entre um e outro. O autor coloca: “(...) são relações nas quais operam forças, no sentido de ambos se completarem, de maneira a se proporcionarem satisfação, mas também de modo que um deles, ao obter a satisfação, possa proporcioná-la ao outro” (SPITZ, 2000, p. 208). Ou seja, há um compromisso, numa relação de convivência entre mãe e filho, um certo contrato ou tensionamento de forças, em que as satisfações precisam se alternar para que, mesmo com mudanças, o funcionamento da máquina não pare. Há um enlace de desejos e demandas, que pode dificultar a diferenciação entre um e outro.

Marin (2010) pensa estar neste reconhecimento da demanda das crianças a possibilidade de acolher. Vê que esta demanda se configura na percepção da criança de ter “um lugar a partir do desejo do outro” (MARIN, 2010, p. 116), criado a partir de um investimento narcísico em sua “criatura”. Ou seja, há um envolvimento com o compromisso de ver cada criança como um sujeito, como alguém com um futuro, com capacidades que precisam ser alimentadas, em nome a se inserir e contribuir com a construção da sociedade que compõem.

Aragão (2011) trata do período de gestação como a preparação de espaço psíquico para receber um outro e o relaciona com o narcisismo materno, com as experiências infantis desta mulher. A autora considera que o bebê seja, inicialmente, um estranho²⁸, um estrangeiro no corpo da mãe, que pode ser encarado como aquele que supre sua falta, ou algo que precisa ser eliminado por invadir demasiadamente. Posições que oscilam no processo de aceitação deste outro: “narcisismo englobante” e “narcisismo excludente”, respectivamente. A

²⁸ O estranho é traduzido por o inquietante na edição da Companhia das Letras das Obras Completas de Freud. Refere-se ao que “é terrível, ao que desperta angústia e horror, e também está claro que o termo não é usado sempre num sentido bem determinado, de modo que geralmente equivale ao angustiante” (FREUD, 2010, p. 329). Um terrível e angustiante que não está fora do eu, mas justamente é estranho, ou inquietante, por ser algo muito familiar e que incomoda e assusta. Freud entende que os complexos infantis reprimidos são avivados em algumas situações específicas, gerando a sensação inquietante.

psicanalista explica que o funcionamento psíquico materno opera num grau reduzido de recalçamento, permitindo a reelaboração de experiências infantis, que são acessadas nos sonhos, mais comumente. Esta possibilidade ajuda a criar espaço psíquico para este outro, que fica por um tempo sob investimento narcísico, especialmente enquanto “existe sem existir” (ARAGÃO, 2011, p. 43).

Como Aragão (2011) aponta, há mulheres que não conseguem conceber o embrião como filho, o que pode gerar uma série consecutiva de abortos, por exemplo. Entende que deva haver uma “adaptação imunológica²⁹” entre o organismo da mãe e as “informações genéticas do pai”, afinal, se o bebê é encarado como corpo estranho pode ser expulso pelo organismo. As defesas precisam baixar para que haja vinculação em direção ao acolhimento do filho que chega.

As educadoras não gestam essas crianças, mas pode ser interessante pensar como possibilidade a criação deste espaço psíquico que dê lugar de sujeito para os acolhidos. Seria necessário refletir sobre como fazer este investimento narcísico sem uma gestação, numa contínua reflexão sobre sua função. Mulheres começam a lidar mais diretamente com este outro quando ele surge dentro delas, mas poderiam, e talvez isso aconteça muitas vezes, pensar no acolhimento do estrangeiro ao estarem com outros com diferenças mais marcantes: na convivência com pessoas com deficiência, com transtornos mentais, ou mesmo no dia-a-dia com aqueles que invadem as fantasias onipotentes ou narcísicas de cada uma. Quando este diferente está dentro do corpo, a reflexão e reelaboração de sua forma de lidar com ele é insistente. Quando ele está fora, a projeção, colocar para fora de si, é um mecanismo mais imediato, de evitação do incômodo, uma vez que encarar suas limitações e dificuldades em aceitar a alteridade pode ser dolorido.

Poderiam, então, as educadoras, ter espaço institucional para pensar sobre sua prática e sobre este estranho que chega, com uma história de separação que precisa ser reconhecida e que com os cuidados delas vai ganhar novos capítulos? Um espaço institucional como uma barriga gestante de espaço psíquico para os acolhidos? As educadoras não estão em modo de funcionamento gestacional, com recalçamento reduzido (ARAGÃO, 2011), mas supervisões poderiam criar ambiente para estas reflexões sobre o estranho e a precariedade. Uma barriga gestante que ajudará a criar lugar para os que chegam não como filhos da instituição, muito

²⁹ Termo criado por Manoel Tosta Berlinck (Apud ARAGÃO, 2011), discutindo a maior ou menor suscetibilidade a ataques de outros e de si mesmo, que a psicanálise entende como referente aos cuidados e vínculos iniciais.

menos de alguma educadora, mas como filhos de um certo casal e como responsabilidade social de todos ali. Uma barriga gestante de espaço de acolhimento, reconhecendo um lugar para aquele de quem vão cuidar.

Uma ideia bastante complexa, pois exige muito envolvimento e disposição dos profissionais a entrar em contato com suas próprias dores e amores. Com a estrutura desinvestida dos serviços de acolhimento, encontrar profissionais com este grau de dedicação ao trabalho não parece simples. Afinal, são muitas as variáveis que compõe o cenário do acolhimento. Não é simples lidar com todas elas: deixar o filho na escola ou em casa e cuidar de outras crianças, se vincular a uma criança de quem se pode separar a qualquer momento pois ela deve retornar à família, se dedicar a um trabalho tão intenso, que exige exposição de suas emoções, em um contexto de trabalho precarizado.

E uma discussão muito pertinente neste sentido é a desenvolvida por Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014), falando sobre a atuação de educadoras nas creches. Está claro que a educadora da creche tem um papel diferente na vida das crianças que voltam a suas casas e famílias diariamente. Porém, as crianças acabam passando grande parte de seu tempo na creche e estas educadoras têm um papel subjetivante, como defendem as autoras. Bebês que passam de oito a dez horas numa instituição precisam de investimento dos adultos para serem inseridos na cultura, para serem convidados a participar do mundo humano, serem olhados como sujeitos e inseridos no desejo do outro.

Ao mesmo tempo, as educadoras não devem tomar o lugar das mães – estas muitas vezes julgadas inadequadas por aquelas (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014). Como se vincular, afeiçoar, se dedicar a este outro, ao seu desenvolvimento, criar a possibilidade de uma relação intersubjetiva, sem ser tomada pela tendência que Guerra (2009) aponta de identificação com o bebê e “criminalização” da mãe, que não está ali acolhendo o filho? Além disso, as autoras ressaltam que a remuneração do trabalho, o dinheiro, marca a relação de cuidado na creche, e também no abrigo. Então, apontam a diferença de inclinação, de envolvimento, que deve acontecer pelo “investimento de tipo narcísico”.

Á educadora cabe o envolvimento narcísico com sua função: ela é uma profissional que pode buscar desenvolver seu trabalho da melhor forma possível, que envolve olhar para aquele bebê ou criança como resultado deste investimento, por exemplo, um cidadão que ela ajudou a formar. O investimento pulsional, que envolve sexualidade e uma trama inconsciente de afetos, seria prioridade materna.

Kupfer, Bernardino, Mariotto (2014) nomeiam a função por “maternante”, pois ela não envolve substituição do Outro primordial, já que o desejo implicado deve ser único – ligado aos Ideais de Eu, ao modelo que elas constroem para seguir. O cuidado não deve passar pelo desejo de ter um filho, mas na compreensão do “universo simbólico” (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014 p. 19) que configura o lugar do Outro para o bebê em processo de subjetivação, que se faz não só da mãe, mas do pai, família extensa e ainda outros próximos. O universo simbólico é a sociedade, a comunidade, incluindo a família da criança; não apenas a instituição, que, além de tudo é entendida como protetora da criança em relação à sociedade e da sociedade em relação à criança (BAPTISTA, 2006). Ou seja, acolher as crianças para além da instituição, seja a de acolhimento ou da família, mas pensando em sua localização num coletivo maior, que pode gerar outras sustentações. Esta forma mais ampla de compreender o desafio do acolhimento exige desconstruções e deslocamentos trabalhosos, sobre lugar da família, sobre quem é esta criança, sobre o contexto social e a desigualdade, mas que talvez encarasse com mais dignidade e respeito a todos os envolvidos.

Entendemos que a separação entre tipos de investimento apresentada (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014) seja didática, no sentido de compreender o foco do olhar das educadoras, uma vez que qualquer cuidador libidiniza. Quer dizer, o toque, o embalar, o acalanto, passam pelo investimento libidinal. Mas há uma discussão importante sobre o lugar que se ocupa no acolhimento do bebê. Se houver uma impessoalidade nos cuidados, com este outro sendo encarado sempre como estranho, a libidinização pode ser prejudicada. Mas o extremo oposto, que é se incumbir de ser a mãe de crianças vítimas de outros cruéis, apenas confunde crianças e profissionais, dificultando o estabelecimento de vínculos reconhecedores das origens das crianças, ou seja, delas como sujeitos.

Uma outra forma de pensar este encontro com os acolhidos é a ideia da privação de relações éticas tratada por Eid (2016), que parte de Bleichmar na compreensão de que a ética é algo que se constrói na relação da criança com o adulto, a partir da percepção daquele ser em desenvolvimento como um sujeito, por quem se é responsável. Quer dizer, a ética se estabelece quando o adulto cuida, quando percebe o bebê como alguém que precisa de seu cuidado e por isso posterga algumas de suas satisfações. A autora chama atenção para a concepção de algo que não é implantado pelo adulto, não vem de fora, mas se faz no encontro e acredita que muitas crianças abrigadas não puderam ter esta experiência. Não adianta, então, a equipe do abrigo querer impor uma relação ética, mas é necessário pensar o tempo de relação que a criança vai precisar para perceber isto como possível.

Quer dizer, a implicação com a função não seria por amor às crianças, mas pensando cotidianamente na importância da dedicação a elas, do que necessitam e podem usufruir na vida. Então, pode ser interessante a proposta de se fixar no investimento narcísico, num exercício de bom trabalho profissional, criando um lugar que não leva à necessidade de adoção, como apontado por Oliveira e Uziel (2016). Um investimento narcísico que não tome o outro como posse, como alvo de ação onipotente de uma educadora heroína, mas que possa se ver como significativa no processo de amadurecimento daquele acolhido. Que o bebê também não seja visto apenas como um estranho que carrega todo sofrimento que ela não quer para si.

O deslocamento do foco no investimento narcísico de realização de um bom trabalho e do vínculo entrelaçando um coletivo parece importante, uma vez que a pouca clareza da função, esta mistura entre ser mãe, não ser mãe, a dificuldade de assimilação disso, pouca ou nenhuma formação que auxilie nestas compreensões, cria dificuldades em delimitar a especificidade da função. Até porque, como Aragão (2011) aponta, criar este espaço psíquico para um estrangeiro que chega, exige reelaboração de suas experiências de infância. Cabe pensar sobre a possibilidade deste movimento acontecer na instituição.

Desta forma entendemos que as narrativas das educadoras podem indicar os caminhos que estas tramas de experiências, de histórias, de afetos, devem seguir em benefício da equipe e das próprias crianças.

A questão demanda atenção para estes enlaces de histórias e marcas psíquicas que vão se costurando. Marin (2010) levanta uma possibilidade de interpretação interessante: talvez o fato de os profissionais não conseguirem lidar com as histórias de violação de direitos das crianças, querendo substituir pai e mãe, pode impedir a vivência do que realmente demandam as crianças. Algo também visto por Silva e Neto (2012), que apontam como esta tentativa de substituição acaba por gerar sofrimentos e sobrecarga que não são compreendidos pelas educadoras. E uma reflexão importante é a de que as crianças não precisam exatamente de pai e mãe, mas de pessoas que se importem, que dêem atenção e um lugar para elas.

Poder ampliar o olhar para o Acolhimento Institucional, demanda discutir que qualquer mãe, qualquer família, qualquer instituição, carregam idiossincrasias e precisam se organizar para receber um novo integrante, acolhê-lo e auxiliá-lo a seguir seu caminho (MORAES, 2013). Nenhum contexto ou ambiente pode garantir bons processos de

amadurecimento. É sempre fundamental muito trabalho e reflexão sobre os percursos que se fazem e se almejam.

3.4. Continuidade e descontinuidade do acolhimento

Todo este desafio de delimitação de um lugar para ser educadora e a partir daí poder reconhecer um lugar para os acolhidos, ainda se soma à problemática de que um bebê precisa de cuidados de um adulto de referência, buscando variações pequenas no ambiente para o bebê administrar – numa apresentação cuidadosa do mundo já que tudo é novo. Como desenvolvido no capítulo anterior, esta constância de estímulos a partir da dedicação do outro é importante para desenvolver segurança para o bebê se lançar ao mundo, à vida. Sair do útero já é uma grande mudança, assim, as demais devem ser gradativas. A imagem que carrega esta função é da mãe, como discutido.

E este ponto chama atenção de estudiosos da área do acolhimento infantil, pois se os bebês são institucionalizados e os educadores variam de acordo com os plantões, haverá chance de constância e coerência no holding dos cuidadores?³⁰ O Instituto Fazendo História aponta que “um bebê pode ser cuidado por muitos adultos e mesmo assim conseguir desenvolver confiança e segurança no mundo” (IFH, s/data, p. 59).

É importante pensar sobre a melhor forma para isto ser possível, já que estes serviços são necessários em vista de uma realidade que não consegue proteger suas crianças de violências, maus tratos, negligência, violações de direitos fundamentais, etc. Seria interessante que houvesse um entrosamento dentro da equipe e que ela funcionasse de maneira coerente, que pensasse a criança de forma semelhante, que entendesse os cuidados de forma semelhante, que respeitasse as referências de cada bebê (IFH, s/data). Ou seja, depende de muito trabalho e clareza de todos sobre o que querem construir ali, como aponta material sobre a experiência Lóczy de acolhimento³¹, mostrando ser possível a construção de uma equipe coesa e que trabalhe em conjunto, um dando suporte ao outro, não sem enfatizar a

³⁰ Poder-se-ia pensar que o modelo de casa-lar, com cuidadora fixa, seria mais adequado. Porém, além das críticas e problemas já apresentados sobre esse modelo, podemos acrescentar que as cuidadoras responsáveis por cerca de oito a dez crianças e pelos cuidados com a casa, terão pouca chance de cuidarem de si e se satisfazerem minimamente para poderem se dedicar ao outro. São mulheres que praticamente abdicam de sua vida pessoal em função do trabalho. Ponto que indica tramas afetivas bastante carregadas, como mostrou Figueiredo (2006).

³¹ Instituição já referida anteriormente e que vem se tornando referência na área. Acessível em <http://pikler.org/AboutUs.html>.

enorme dedicação à formação e suporte para a prática cotidiana. Uma articulação que vai reconhecer um cuidador de referência, que estará sempre a par do que acontece com aquele bebê, e, além disso, considerando cuidados com o mínimo de mudanças possível. Neste caso, o ambiente facilitador se configura a partir desta rede articulada de vários envolvidos para os cuidados daquele bebê.

Esta postura é defendida também por Myrian David e Geneviève Appell (Apud França, 2011a) ao comentarem sobre a forma de atuação no Instituto Lóczy, enfatizando a importância de “suporte técnico” para que a cuidadora não se guie por seus impulsos maternos, mas sim pelos princípios institucionais:

Para se ter uma idéia, ao final de cada turno de trabalho, a cuidadora registra minuciosamente como esteve cada uma das crianças. Neste diário, deverá prestar informações relativas às diversas dimensões do desenvolvimento (alimentação, sono, brincar, aprendizagem de novas posições ou vocabulário, interação com as demais crianças, etc). Garante-se assim que a cuidadora não apenas dê a devida atenção a cada criança, por meio do olhar singularizado, como também, marca-se, por essa via, que a relação ali existente não é da mesma ordem que a mãe tem com seu filho (Apud FRANÇA, 2011a, p. 4).

Estratégia importante, que fica subutilizada no Antenor Navarro, quando não encontram tempo, importância ou mesmo vontade para isso.

Peiter (2011, p. 51) aponta: “Diferentes braços acolheram, ou não acolheram, a criança que pode ter experimentado sucessivas vezes a árdua tarefa de ligar-se e desligar-se de pessoas a sua volta”. A autora trata de crianças adotadas mas poderia estar falando de crianças institucionalizadas, até porque, muitas adoções exigem um período de acolhimento institucional. Por outro lado, Nascimento (2010) fala da possibilidade de ver este vai e vem como a constância possível àquela criança e do quanto ela pode aprender a responder a esta realidade. Sua pesquisa indica esta chance a partir da observação de um bebê abrigado e sua capacidade de vinculação.

Neste sentido, temos uma colocação de Winnicott ([1988]1990, p. 150) que abre margem a esta reflexão:

(...) a partir de um certo momento anterior ao nascimento, o bebê passa a se habituar às interrupções da continuidade e se torna capaz de admiti-las, desde que elas não sejam intensas demais, nem excessivamente prolongadas. Em termos somáticos, isto quer dizer que o bebê não apenas teve experiências de mudança de pressão, temperatura e outros fatores ambientais simples, mas também que foi capaz de reconhecê-las e começou a organizar um modo de lidar com elas.

Sendo assim, poderia-se pensar que mesmo que o melhor seja um início de vida com menos mudanças, o bebê já iniciou seu exercício de plasticidade antes de nascer. Portanto, poderia lidar com elas se tiver atenção de seu entorno para isso.

Compreender esta condição exige muitas pesquisas na área, mas atualmente crianças são cuidadas pela mãe, pelos vizinhos, pelas avós, pelas babás, pelos pais, pelas educadoras na creche, na natação, na musicalização, etc. Rodízio de cuidadores, que inclui variação de ambientes. E a problemática da constituição subjetiva é ter ou não uma referência. Em meio às trocas de turno, haver um que será o responsável direto por aquela criança, que deve se preocupar em procurá-la e interagir com ela, procurar saber como ela ficou e não deixar de trocar com os outros cuidadores o que vem observando do desenvolvimento desta criança. Esta amarração a uma referência permite cuidados com suporte em um discurso de continuidade – continuidade de olhar e investimento sobre o infante e suas necessidades, além de reconhecimento dele como sujeito inserido num certo grupo. Algo já executado e possível dentro de uma instituição como apontado, mas que demanda esforço e estratégias de trabalho.

Segundo Amorim e Moura (2013), há muito pouca produção sobre o acolhimento de bebês e pouco investimento em refletir sobre a possibilidade dos serviços garantirem o necessário ou sobre alternativas mais adequadas. Segundo as autoras, temos um alto número de acolhimentos no Brasil e por isso é necessário ampliar a rede alternativa, como com o Programa Famílias Acolhedoras³². Porém, achar que alternativas serão necessariamente melhores que a instituição, poderão exigir menos trabalho e dedicação, sem oferecer grandes desafios, seria ignorar o contexto social e a precariedade humana, a necessidade de vínculo e reconhecimento do sujeito em nome de um processo de amadurecimento saudável, em meio à visão histórico-social destas crianças. Qualquer família que se ocupe de uma criança precisa ter espaço de reflexão sobre o que ela necessita, e de gestação do espaço psíquico que ela vai ocupar.

Sonhar com um mundo em que famílias tenham todos os seus direitos garantidos e que crianças não fiquem mais sozinhas parece fora dos parâmetros possíveis mesmo a longo prazo, haja vista a paradoxalidade e ambivalência características do ser humano. Como lembra Marin (2010, p. 19):

³² Este programa famílias acolhedoras é uma alternativa aos abrigos, que em nossa sociedade é visto indiscriminadamente como mais positivo do que a instituição. São casais ou famílias que passam por processo de seleção e orientação para acolherem por até dois anos uma criança, em alternativa à institucionalização. Programa que está em início de implementação e buscando aprimoramentos.

O homem se diferencia do animal por e graças à sua vulnerabilidade, seu desamparo fundamental: precisa do Outro humano adulto para se tornar gente, sobreviver e se sentir importante, amado com um lugar no mundo. Subjetividade e vulnerabilidade se confundem inexoravelmente; entendo assim a angústia (horror estruturante) que todos temos frente ao desamparo, sendo, ao mesmo tempo, o encontro com essa condição que nos torna únicos, sujeitos de nossa história (...).

São mulheres, mães, educadoras, marcadas pela dependência do outro, pela precariedade e por suas histórias de vida, assim como qualquer mãe, que devem cuidar dos acolhidos na instituição. Sendo assim, queremos retomar ou reforçar a ideia do Instituto Fazendo História de que é possível garantir o atendimento das necessidades de bebês e crianças acolhidas. Para isso vale pensar que uma mãe que cuide “bem” de seu filho, ou a *mãe suficientemente-boa*³³, não é alguém perfeito que não carregue falhas, conflitos e vai apenas amar seu bebê. Discussão que pode ser válida nos serviços de acolhimento, para que as educadoras também não cobrem mães perfeitas, nem para os acolhidos, nem para seus filhos e nem para si mesmas, podendo, talvez, diminuïrem as defesas em relação às histórias das crianças.

Qualquer mãe humana possui suas questões inconscientes que perpassam o cuidado de seus bebês e precisa de suporte de outras pessoas para poder se dedicar ao pequeno. A permanência e continuidade do cuidado de uma mãe se desenha na dedicação que ela oferece a seu bebê, na sua entrega a compreendê-lo, em seu desejo de que ele esteja bem e cresça “forte e valente” (ELAGE, 2008). Todo este espaço psíquico pode ser construído cotidianamente com uma rede de apoio a esta mãe: pelo pai, pelos avós, pelos amigos, pela comunidade, pelas leis. E uma mãe pode ser acolhedora e adotar seu filho ou não (QUEIROZ, 2012).

Portanto, uma mãe não garante por si só a permanência e continuidade nos cuidados. Mas sim uma equipe trabalhando intensamente em rede para que este cuidado possa ser modelado diariamente e atenda às necessidades daquela criança. Uma mulher que não suporte encarar o estranho em si mesma, que não possa enfrentar sua precariedade, terá grandes dificuldades em sustentar o cuidado permanente de seu bebê, que lhe intensificará esta condição com sua dependência absoluta (MARIN, 2010).

³³ O conceito winnicottiano de mãe suficientemente-boa pensa a possibilidade da mãe, ou cuidador de referência, reconhecer a necessidade do bebê e atendê-la no momento adequado. Nos primeiros dias de vida, a mãe totalmente dedicada ao bebê o atenderá quase instantaneamente e aos poucos o ensina a esperar e a perceber que há um outro com suas próprias necessidades ao seu lado. Ver mais em Winnicott (1971, 1990, 2000).

Uma mulher se torna mãe num certo contexto e com todas suas características emocionais, sociais, culturais, orgânicas, etc. e continua com todos os outros fenômenos de sua vida caminhando, assim como o pai, os avós, irmãos, etc. A forma de cada família ou comunidade inserir um novo integrante em seu cotidiano faz parte de suas estratégias de vida. Além de fazer toda diferença ser o primogênito ou terceiro filho, menino ou menina, ou pelo momento de maior tensão na casa por fatores como desemprego, doença grave, etc. Hinde coloca de maneira bastante clara esta questão:

Não existe melhor estilo de maternidade (ou apego), pois estilos diferentes são melhores em circunstâncias diferentes e a seleção natural funcionaria a favor de indivíduos com uma variedade de pessoas com estilos potenciais, (...) comportamento de maternidade (e apego) ótimo variará de acordo com o status social da mãe, contribuições do cuidado por parte de outros membros da família (ou figura substituta – grifo nosso), o estado de recursos físicos, e assim por diante... (Apud SILVA; NETO, 2012).

O autor parte da teoria de Bowlby, apontando que não há modelo de cuidados, que situações, contextos, momentos diferentes exigem modos diferentes de se colocar e se relacionar, que cada mãe, com sua bagagem psíquica, vai ter respostas mais ou menos interessantes a cada cenário. Ter criatividade, jogo de cintura, flexibilidade, são características facilitadoras, mas não critério de seleção. Qualquer cuidador precisa de suporte maior ou menor para cuidar de acordo com o momento e circunstância, como apontado por Winnicott ([1984]2002).

Neste sentido, é interessante a discussão de Vaisberg (2006) sobre a condição ética desta rede se organizar em nome do amadurecimento do bebê que chega. A autora, em sua experiência com a clínica da loucura na maternidade, pode pensar que esta compreensão mais ampla nos faz deslizar um pouco na concepção de identificação da mãe com o bebê. Ao pensar em sua prática, a psicanalista percebe que a mãe precisa reconhecer a alteridade e não se identificar. Ponto interessante no sentido que a autora traz de solidariedade, de ética. Quer dizer, apenas a pessoa capaz de se diferenciar é que pode cuidar do outro, que pode ser solidária e ética, pois não pensará apenas a partir de seu ponto de vista, ou de seus objetos subjetivos.

Como ressalta Vaisberg (2006), Winnicott ([1988]1990) trata da importância da identificação e ao mesmo tempo da necessidade de romper com ela, de se colocar como alteridade para poder atender à demanda, então reconhecida. Algo que entendemos se construir dentro do paradoxo da alteridade, como ocorre para a capacidade de *concernimento*. Esta só é possível quando há esta diferenciação eu-outro clara, mas parte da ilusão de serem

um só. Como já trabalhado, este momento de fusão entre bebê e cuidador é fundamental para a experiência de ser, de se sentir vivo. Mas dela faz parte esta capacidade do cuidador de atender à necessidade do bebê – que produz a ilusão. E ele só consegue oferecer o que o bebê precisa quando se separa dele, quando se vê como responsável. Portanto, a experiência de ser se dá neste paradoxo que deve ser sustentado pelo adulto, de identificação e desidentificação, de inclinação ao outro com responsabilidade por si e pelo outro, com preocupação e desejo de cuidar da vida.

O que queremos dizer é que identificação e reconhecimento da alteridade são lados da mesma moeda. A identificação é considerada pela psicanálise o laço mais primitivo entre pessoas. Ao estabelecer uma identificação a pessoa entra numa certa fantasia em relação ao identificado: “tudo como se” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001) fossem a mesma pessoa, vivessem a mesma vida, mas a partir de apenas um elemento que inconscientemente se faz familiar. Aquele ponto semelhante remete a uma identidade entre os dois, como se fossem iguais. Esta capacidade é constitutiva, no sentido de ser apoio para reconhecimento de quem se é. O que é importante pois permite, em última instância, reconhecer a humanidade de cada um, mas pode dificultar o encontro com a alteridade quando o “como se” fica preso na ilusão da completude. Como se fossem iguais, sem precisar de mais nada e sem espaço para a diferença. Ou seja, sem se enxergarem efetivamente.

Gostariamos de valorizar a compreensão de que apenas a partir de certa identificação é que se constrói a alteridade pois a segunda não é uma simples diferença, mas é o outro que tem algo com o que me identifico, outro humano, que somente posso reconhecer e dar atenção por me importar e percebê-lo como semelhante e mesmo como parte de meu mundo. Ou seja, é outro mas nem tanto. É outro sujeito, mas não é a despeito do eu. Ambos co-existem, co-habitam e co-constrem o mundo. Percurso que acompanhamos no raciocínio apresentado sobre vínculo (BERENSTEIN, 2011).

Por conseguinte, parece bastante pertinente pensar que o passo em relação à alteridade seja fundamental, pois seria necessário ver o bebê como sujeito em potencial, para que ele tenha lugar para si, de onde possa falar de si, onde se encontre no desejo do outro e aos poucos se constitua. Se Golse (Apud ZORNIG, 2010) aponta a identificação como primordial para a “sintonia afetiva” necessária para decodificação das necessidades do bebê, esta poderia não levar a lugar algum se não ocorrer o movimento seguinte em direção à alteridade. Ambos poderiam ficar na necessidade sem ter quem atendessem aos pedidos. O que pode acontecer por

vezes nos abrigos, já que os educadores podem apresentar dificuldades em se colocar no lugar do adulto, que precisa enfrentar sua função de dar suporte para a dor e a alegria do outro.

Desta forma, haja vista as idiossincrasias e descontinuidades de qualquer ambiente, se pode imaginar que o abrigo se estruture e organize em nome a atender as necessidades dos infantes, a partir de trabalhosas estratégias.

Capítulo quatro.

O encontro com as crianças acolhidas: aprofundando a trama

Cada criança tem necessidades específicas para crescer, de acordo com seus pais, família, cultura. Mas também há uma base de cuidados gerais que todas precisam para se constituírem sujeitos e poderem se relacionar com o mundo. As condições de garantia destas necessidades, segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988), são responsabilidade da sociedade, do Estado e dos responsáveis diretos pela criança. Porém, a realidade que se apresenta à infância, especialmente pobre e institucionalizada, não encontra um panorama em acordo com a legislação. Garantir acolhimento a crianças afastadas de suas famílias é um grande desafio de enfrentamento ao histórico de preconceitos e misérias.

Já falamos do contexto social que estão as educadoras e as crianças e da complexidade da função que as primeiras devem exercer pela responsabilidade de acolher vidas em constituição. Agora passaremos então a falar mais sobre o encontro com estas crianças e a carga histórico-social que carregam, como mais um elemento para o desafio do acolhimento, no sentido de poder oferecer o que a criança necessita dentro de uma instituição que carrega um histórico de desvalorização e que atende crianças vistas “pelos profissionais como ‘menores abandonados’, ‘coitadinhos’, que não tiveram a ‘sorte’ de receber um amor maternal (segundo os padrões idealizados de nossa sociedade)” (ELAGE; GÓES; FIKS; GENTILE, 2014).

4.1. A infância acolhida

Falamos então, de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos, que foram judicialmente afastadas de suas famílias em diferentes momentos de vida e que vivem na Casa de Acolhimento Antenor Navarro: alguns logo ao nascer, outros após muitos maus tratos, outros pela dependência química dos pais inviabilizar cuidados julgados adequados socialmente, ou por morarem na rua com os pais, entre outros. Alguns bebês chegam bastante doentes e precisam constantemente de hospitalização, alguns chegam com grupo de irmãos, outros se adaptam bastante rápido ao novo ambiente, outros esperam ansiosos a visita dos pais.

Os bebês muito pequenos não ficam longos períodos no abrigo, uma vez que a família extensa costuma se organizar para ficar com a guarda da criança, ou logo são adotados. Já que ficam pouco tempo e há grande dificuldade em conseguir vagas em creches não se busca vaga para os mais novos, apenas depois dos 3 (três) anos. Eles recebem visitas dos familiares –

adotivos ou biológicos - o que sempre mobiliza os demais: duas crianças pequenas comparavam o quanto as mães traziam de doces nas visitas. Uma adolescente³⁴ comenta como os demais se tornaram invisíveis depois da chegada de um bebê que todos acham lindo e bonzinho. Talvez fale até mesmo do olhar de sua mãe, que nas visitas pode ter se encantado com o bebê e não mais com ela. E os que não recebem visitas são os “coitados”, como falam de uma garotinha que todos acham linda e boazinha e não tem ninguém. Em poucas observações num abrigo já se notam diversas pontas que levam a nós complicados, que passam pelas relações familiares, institucionais, sociais.

Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) seja embasado na concepção de que toda criança é sujeito de direitos e em situação peculiar de desenvolvimento, tentando desconstruir um olhar preconceituoso ou de vitimização em relação às institucionalizadas, esta disparidade de lugares persiste. A visão que se tem de infância institucionalizada não parece ter conseguido transpor barreiras do processo histórico de atendimento a ela.

Palombini e Ceccim (2009, p. 303), lembram que até o séc. XVIII alcançar “a humanidade e a cidadania” exigia exterminar tudo de infantil que se pudesse ter. “A infância não se confundia com ingenuidade; identificava-se com animalidade e com incapacidade” (op. cit.). Portanto, não havia grande preocupação com ela, ou melhor, havia preocupação em eliminá-la, aquietá-la.

O trabalho com a infância brasileira se inicia com a chegada dos portugueses (na segunda metade do século XVI) que vão catequizar os curumins, filhos dos índios, inclusive separando-os de seus pais para interná-los em colégios, usando-os como intérpretes. Baptista (2006) mostra que o “hábito” do abandono de filhos é algo importado da Europa, a partir da experiência de filhos bastardos que não deveriam existir. A colonização trouxe “miséria, exploração e marginalização” além do modelo de família monogâmica, difícil de ser mantida para a cultura que existia no Brasil, e as crianças começaram a ser abandonadas (BAPTISTA, 2006, p. 26).

Segundo a mesma autora, não havia real interesse nessa infância. E, se ela era de responsabilidade das Câmaras Municipais, era a contragosto, pois pouco investiam em seus

³⁴ Mesmo numa casa que tem se restringido a atender bebês e crianças pequenas, há alguns maiores, adolescentes, por formarem grupos de irmãos. Inclusive estes, por vezes, são separados na prática deste serviço, mas apenas quando há decisão judicial. Sendo assim, esta adolescente citada é irmã de outros pequenos.

cuidados (BAPTISTA, 2006). Inicialmente acolhidas por famílias que muitas vezes as utilizavam como mão-de-obra gratuita ao crescerem, com um grande aumento do número de bebês abandonados no período colonial foram abertas três Rodas dos Expostos (em 1828). Não apenas as que pediam esmolas e roubavam eram levadas às Santas Casas para não darem trabalho à sociedade, como os bebês eram deixados em mecanismos que permitiam alguém colocá-los pela abertura da roda virada para o lado externo, fazê-la girar e assim, sem ser visto, entregar a criança aos cuidados das instituições que chegavam a mais de duzentos internos.

As instituições religiosas iniciaram o trabalho com crianças abandonadas para diminuir a mortalidade de bebês que eram abandonados no mato, em latas de lixo, etc., e criaram a roda dos enjeitados para que ali se deixasse a criança, sem risco de vida e sem necessidade de identificação de quem o deixava. Há registros de que várias mães que deixavam os filhos na roda vinham cuidar deles como voluntárias sem se identificar (SETTON L. SOUZA e cols., 2016). Era melhor enfrentar a dor de cuidar do próprio filho sem se identificar para ele mesmo, do que enfrentar a repreensão social por não arcar sozinha com as responsabilidades. Pedir ajuda também seria se identificar com o que era visto como fracasso (ser mãe solteira), tanto para si mesmo quanto para a sociedade, além de assumir, até perigosamente, que muitas vezes eram filhos bastardos de nobres e políticos.

Portanto, é importante e interessante o raciocínio de Caniato (2008) sobre a cumplicidade de todos, mesmo os excluídos, em relação à realidade. Uma cumplicidade que vem de uma interiorização de um discurso social.

Aquilo que não é belo e bom, que não segue a moralidade da família e do bom cidadão deve ser afastado, quando não eliminado. Algo que fica claro na maneira de serem orientadas as instituições criadas após a Lei Áurea e com o Movimento Higienista (final séc. XIX, início século XX): “(...)para a correção preventiva de meninos viciosos pelo abandono ou pela má educação familiar, seriam necessárias instituições especiais, além das de pura caridade” (MARCÍLIO apud BAPTISTA, 2006, p. 28). A associação entre pobreza e periculosidade já está posta e não seria apenas com boas intenções que se poderia cuidar dos miseráveis. A primeira lei referente à infância no Brasil (BRASIL, 1927) apenas trata dos “abandonados” e “delinquentes”, uma vez que os demais seriam futuros cidadãos e força de trabalho. Estes não eram uma preocupação social, pois tinham suas mães burguesas para educá-los.

Outro ponto de segregação da infância pobre do início de século XX se refere ao atendimento em instituições totais (GOFFMAN, 1961), que acolhiam mais de 200 crianças e adolescentes que dali não saíam para nada. Tinham vínculo cortado com a sociedade, sendo considerados perigosos e desajustados: “Nenhum mora em casa. Nenhum mora na rua. Estão escondidos em orfanatos espalhados por todo o país. Ninguém os conhece porque não incomodam. Não fazem rebeliões nem suplicam esmolas. São personagens invisíveis de uma história jamais contada” (CORREIO BRAZILIENSE, 2003, apud BAPTISTA, 2006, p. 39). Sempre foram instituições cujo objetivo era tirar de circulação os fora da ordem. Aqueles que apresentam diferenças individuais ou culturais que ameaçam um *status quo* (CANIATO, 2008). Sem registro de origem, sem cidadania, que futuro poderiam ter? Esta forma segregacionista só poderia produzir semi-escravos para a nobreza (BAPTISTA, 2006).

Até hoje, a infância institucionalizada, “classe perigosa” (COIMBRA, 2000), “infância perdida” (ALTOÉ, 2008), é vista com muito preconceito por conta de seu histórico como aponta Arpini (2003). Assim como Nascimento, Lacaz e Alvarenga Filho (2010, p. 62) argumentam que desde o Século XVIII até o XXI entende-se que: “Existências fora da ideia de família nuclear só podem ser fracassadas. E, assim, o fato de habitar os abrigos funciona como uma reafirmação da exclusão a que já estão expostos por estarem fora das formas hegemônicas de viver. São os tristes, os coitados, os que não serão nada na vida, os que sofrem, os que vivem uma vida sem afeto, sem risos”.

Saraiva (2016) discute este processo que chama de “familiarização”, que (re)insere as crianças nas famílias, em nome de garantir o direito de crescer no seio familiar, controlar a mortalidade infantil e a criminalidade. O autor descreve que a família se torna uma preocupação do Estado, encontrando-se como protegida pelo mesmo na Constituição de 1934 (BRASIL, 1934). Badinter (1985) explicita o processo histórico-social que leva à construção da família moderna, intensificada a partir de meados do séc. XIX, como responsável pela formação de “cidadãos de bem”. A autora mostra os interesses sociais e políticos por traz desta noção que leva à criação do mito do amor materno, ou seja, de que toda mulher deve ser mãe e se dedicar e se sacrificar pelo filho. Algo até então não existente, uma vez que a maioria das crianças era criada por amas de leite para suas mães trabalharem ou exercerem seu papel social da elite.

As vidas de bebês e crianças não eram valorizadas e havia grande número de mortes. Depois disto, com a valorização exacerbada de um “amor materno” natural e social (ignorando todo o processo histórico), consegue-se diminuir a mortalidade infantil e garantir

número de civis para ocupar as fábricas e defender o Estado. Porém, após cerca de dois séculos esta construção da mãe amorosa que cuida de seus bebês angelicais começa a ser desconstruída e desnaturalizada, especialmente a partir de Freud e a noção da sexualidade infantil³⁵. O livro de Badinter é de 1980, lançado na França. Portanto, é muito recente a possibilidade de pensar a criança e a mãe de forma mais crítica, como sujeitos, com suas especificidades, etc. Nem anjo, nem demônio. Nem ideal, nem indiferença.

Saraiva (2016) critica esta noção de supervalorização da família, mostrando o quanto ela também está atrelada a interesses políticos até hoje, sendo-lhe atribuída a origem dos problemas sociais. Também Castel (1998) e Neves (2002) apontam a culpabilização e responsabilização do indivíduo pela desigualdade, levando a uma identidade de fracassados aos que não conseguem se inserir socialmente. Como desenha Saraiva (2016), após detalhada análise de documentos e políticas públicas, mesmo a assistência social atua em nome da manutenção do lugar de exclusão e fracasso das famílias que atendem. Aponta como a construção das políticas se baseia na responsabilização apenas da família pelos próprios problemas e uma idealização do núcleo familiar, que poderia garantir sozinho a formação de cidadãos de bem. Este paradigma alimenta o individualismo e pode ser dificultador de mudanças necessárias para garantir dignidade à população e que a assistência social de fato construa cidadania.

Em estudo anterior pudemos perceber a necessidade de rede comunitária e pública para ser mãe em camadas populares da sociedade (STUCCHI, 2009; VIEIRA; ZORNIG, 2015). O boom de blogs e sites sobre maternidade, neste início de século XXI, é uma mostra desta necessidade para qualquer nível de renda. Não há como se responsabilizar sozinho por bebês, crianças ou adolescentes, como já apontado. A psicanálise nos indica a necessidade do olhar do cuidador e dos cuidados dedicados para subjetivar o bebê, e que este esteja no desejo deste outro que dele se ocupa. Será a família a única forma de garantir isso, especialmente ao nos depararmos com um contexto de desagregação social pelo individualismo exacerbado, além do exagerado adoecimento pela responsabilização do indivíduo unicamente?

O estudo de culturas diferentes, em que o núcleo familiar não é a base da sociedade, poderia mostrar flexibilidade na constituição de cidadãos e assim maior potencialidade dos abrigos, que como instituições coletivas primordialmente, podem contribuir para a formação de sujeitos menos individualistas e mais responsáveis pela sociedade que compõe. Neste

³⁵ Nos capítulos XX e XXI das Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, de 1915.

sentido, poderíamos questionar o lugar de “atendido”³⁶ (BRASIL, 2009; BRASÍLIA, 2009), afinal, o mesmo material que assim identifica as crianças sugere a desconstrução do olhar de pobres, incapazes, submissos, mostrando a dificuldade em poder olhar para a relação como uma troca. O cuidado e a aprendizagem não são apenas das crianças, mas dos educadores também. Esta ideia de troca desconstrói a hierarquia que “menoriza”, que diminui, que incapacita o outro. Sairíamos do paradigma de atendimento sócio-assistencial, para o de que todos estão ali construindo e sendo construídos pela sociedade, como já discutido anteriormente.

Mas, são, então, ainda os “pobres e coitados” que são acolhidos nas instituições, mesmo que mudanças neste olhar venham sendo pensadas e multiplicadas.

4.2. Os marcadores sociais em relação aos acolhidos

Numa analogia ao que Maia (2009) discute sobre como o risco presente em momentos de guerra impede o planejamento do futuro, por não haver ambiente seguro e estável o suficiente, podemos pensar que este seja o sentimento de uma criança quando chega ao abrigo até que se possa ambientá-la. Quer dizer, por mais que tenha sofrido na família e/ou comunidade, ali estavam suas referências, seu ambiente conhecido. Ela só pode continuar seu processo de amadurecimento, em direção à integração e independência, e fazer suas escolhas e seu caminho, quando pode se apropriar de sua história e ser acolhida num ambiente que lhe passe minimamente segurança e continuidade.

Para as educadoras, receber crianças sem saber nada delas, nem o que foi, nem o que será, pode ser muito difícil. Que expressão fazer, o que dizer, como interagir, tocar, não tocar, etc., podem ser dúvidas, ampliadas pelo que a feição e condições físicas de cada criança que chega podem causar em cada educadora. Como receber uma criança no abrigo já é tema de discussão dos que trabalham na área, pelo desamparo que atravessa este momento. Desamparo da criança que chega e daquele que a recebe, que precisa acolher o desconhecido.

E viriam as crianças da guerra? Não de uma guerra propriamente dita, mas de uma guerra pela sobrevivência, se não de todos na família, ao menos dela mesma – já que tinha seus direitos básicos violados. Não podemos deixar de frisar que há muitas famílias com

³⁶ Dentro das Políticas Públicas, atualmente usa-se o termo “usuário” para falar da pessoa que usufrui dos serviços disponíveis, usufrui de seus direitos.

dificuldade, ou sem condições materiais e/ou psicológicas para cuidar de seus filhos. E Leão (2012) chama atenção para o termo que Winnicott ([1984]2002) usa para falar das crianças que precisam ser afastadas dos pais por conta da guerra: “evacuadas”. O termo assim traduzido apresenta, para a autora, associação com fezes. O ato de defecar é também chamado de evacuação. As crianças evacuadas poderiam ser pensadas como defecadas. Associação bastante próxima da construída pelo histórico desta infância. E Leão reflete sobre o quanto essas crianças podem assim se sentir: fezes, resto, lixo. Estão como dejetos, sem quem as cuide em meio à guerra. Rosa (2002) inclusive aponta como este lugar de resto dificulta um posicionamento na trama social, marcando o discurso, muitas vezes, pelo silêncio. Como: “Não sou alguém, não tenho o que dizer, o que pensar, o que desejar”. Será que assim também podem ser vistas pelos educadores? Ou mesmo, será que os educadores podem se ver assim também? E então que trama se forma nesta relação?

4.2.1 Encarando o abandono

É frequente a associação feita entre as crianças acolhidas e a situação de abandono. Há um senso comum de que se existem crianças vivendo longe de suas famílias é porque foram abandonadas, porque não têm família ou esta não se importa. Abre-se uma discussão muito importante que envolve o olhar jurídico. Há uma preocupação institucional em desconstruir a visão de que os institucionalizados são órfãos, uma vez que a grande maioria tem família (19% das crianças são acolhidas por abandono, segundo Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento, (ASSIS; FARIAS, 2013)) e os laços com esta devem ser investidos. Esta forma de pensar nasce da tentativa de desestigmatizar as crianças como órfãs, ou como se não houvesse vínculo nenhum com a família de origem, para tentar diminuir a institucionalização e o tempo de permanência nas casas (RIZZINI, 2006).

Esta discussão passa novamente pelo ideal da família como locus melhor de desenvolvimento e de que as famílias dos acolhidos não sejam desejosas ou merecedoras do amor dos mesmos. Afinal, como já apontado, há no senso comum o entendimento de que se não estão unidos, então não são “família”, ou acabam sendo encarados como uma família “desestruturada”³⁷. Se não segue o padrão é equivocada e “fracassada”, pois não dão conta de

³⁷ Esta forma de compreensão sobre famílias de composição diversa da heteronormativa e nuclear, e que apresenta dificuldades econômicas sérias, além de dificuldade na inserção social, tem sido discutida em seu viés preconceituoso. Não há uma desestruturação, mas uma forma de vida diferente, como discute Ausloos (2011). É

suas responsabilidades (SOUZA e cols., 2016a). Souza e cols. (2016a) apontam como a história de cuidado com o abandono (das instituições de atenção a esta infância dita abandonada) marginaliza a instituição e suas profissionais e ainda sustenta um lugar que é passageiro, que precisa ser esquecido, que não é bom, e que a melhor saída é uma família substituta – a adoção (2016a, p. 40).

Vale apresentar a visão crítica de que esta ideia da adoção como real assistência à criança “pode representar apenas uma transferência de responsabilidade do Estado para a instituição familiar” (PAIVA apud PEITER, 2011, p. 47). Um movimento reforçado pelas Políticas Públicas, a partir da concepção de que o melhor para a criança é viver numa família “estruturada” (SARAIVA, 2016), a adoção passa a ser idealizada em detrimento de maior investimento nos serviços de acolhimento, assim como nas famílias de origem das crianças. Como reitera Figueiredo (2006, p. 93), falando das casas lares: “(...) transpira por toda a instituição, que o melhor lugar para se viver, seria no seio de uma relação familiar – coisa que foi extirpada delas”. Na configuração toda da instituição tenta-se aproximar a experiência das crianças àquela de vida em família, que eles perderam, e não há espaço para falar disso.

Esta valorização justamente do que falta aos acolhidos parece ser reiterado pela leitura equivocada da provisoriedade da medida de abrigamento, muitas vezes realizada. Quer dizer, para evitar danos por uma institucionalização prolongada (WINNICOTT, [1984]2002; SPITZ, 1979), trata-se de medida de proteção excepcional e provisória (BRASIL, 1990), o que, ao lado da idealização da família, muitas vezes é compreendido como desqualificação dos serviços. A provisoriedade aumenta a desvalorização do serviço e de seus profissionais, que estariam ali para uma emergência momentânea, não para investirem no vínculo com as crianças, já que a instituição abrigo não seria uma família: “Reconhecer, portanto, a família como lugar privilegiado de desenvolvimento dessas crianças tem produzido, muito frequentemente, uma correlativa desvalorização do acolhimento institucional” (SOUZA e cols., 2016a, p. 40). Souza e cols. (2016a) falam que esta leitura leva a desabrigamentos precoces, sem o devido estudo do caso. E Siqueira, Tubino, Schwarz, Dell'Aglio (2009) discutem como esta idealização dificulta a relação com as famílias reais, apontando o despreparo e falta de formação crítica dos profissionais da área.

diferente olhar para uma família comparando com um modelo ao qual ela não se encaixa ou olhá-la por sua condição de criar formas, ou estratégias, para lidar com sua realidade, por mais precárias que sejam.

Segundo Arpini (2003) há muitos “preconceitos instituídos” em relação a este tipo de lar institucional, criando a idéia de que são ruins e fazem mal aos acolhidos, apenas repetindo as violências que as crianças sofreram em casa. Porém, a autora apresenta que “o discurso dos adolescentes revela justamente o oposto, evidenciando que estes guardam lembranças do período vivido em instituições que muitas vezes são menos traumáticas e dolorosas do que aquelas relativas à vivência familiar” e que muitas vezes retornam às casas de acolhimento em busca deste vínculo positivo (ARPINI, 2003, p. 71). Coutinho e Sani (2010) encontram esta construção em crianças de 6 a 15 anos, que muitas vezes são vítimas de violência desde o nascimento. Portanto, se há um movimento de desvalorização pela gestão e pelos educadores, os acolhidos não necessariamente participam dele. Ou seja, é possível ver a instituição de acolhimento por sua potência, especialmente em relação a famílias que apresentam maior precariedade.

Por isso, há preocupação hoje com a diferenciação dos motivos de institucionalização, tentando evitar generalizações e mostrar que a maioria das crianças ali não são órfãs e não foram necessariamente abandonadas, segundo os termos jurídicos (casos em que a família não se identificou e/ou não demonstrou qualquer interesse pelos filhos). Elas têm familiares com quem podem reatar vínculos ou não, exigindo avaliação cuidadosa. Muitas famílias precisam de ajuda do governo para conseguirem cuidar de sua prole, outros precisam de tratamentos de saúde, alguns precisam apenas de ajuda jurídica para acionar familiares distantes. Este diagnóstico da situação é fundamental e mostra como muitas vezes as famílias estão abandonadas pelo Estado e têm pouca condição de discernimento e/ou alternativas para ficarem com os filhos. E as instituições de acolhimento muitas vezes acabam abandonadas também, sem conseguir proteger as crianças, por não serem prioridade e terem tantos problemas de infra-estrutura e financeiros, como apontado por Lima (2015).

É importante reconhecer a noção de abandono que atravessa a visão que se tem dessas crianças, bem como das famílias e das instituições. Na verdade, podemos pensar que estamos todos vivendo certo abandono, como defende Caniato (2008), pois mesmo quem não faz parte deste grupo excluído, se sente abandonado pela segurança pública que não aplaca sua vulnerabilidade criada pela violência que a desigualdade impõe, por exemplo. Um mal estar que espera do outro uma solução.

Muitas crianças que vivem na casa de seus pais podem ter experiência de abandono, como em situações em que se abandona aos cuidados de babás, ou aos televisores, etc. Não significa que usufruir do serviço de babá seja abandono em qualquer caso, mas há situações

em que mães não se vinculam, mesmo que não deixem seus filhos para adoção ou sejam separadas deles.

Situações que poderíamos aproximar da concepção de “abandono afetivo”, iniciada pela jurisprudência de 2003, no Rio Grande do Sul (SANTOS, 2008). Toda a discussão que se tem feito sobre o tema permeia a polêmica sobre o que os pais devem aos filhos e o quanto se pode obrigar alguém a nutrir sentimentos por outro. Qual é a responsabilidade civil dos pais? Investir seu sentimento ou garantir que o filho tenha os cuidados necessários a se constituir um sujeito com saúde e capaz de conviver em coletividade? O fato de alguns juízes darem ganho de causa a filhos que exigem indenização por falta de afeto dos pais causa certa confusão sobre quais são os laços e responsabilidades obrigatórios entre genitor e filhos.

Rosenvald (2015) aponta a impossibilidade de se mensurar o afeto e do quanto esta decisão jurídica se apóia na Constituição (BRASIL, 1988) que carrega o modelo de família moderna: “artigo 229, assume que ‘Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade’”. Portanto a questão do abandono está diretamente ligada a esta expectativa moral. Mas o autor entende que esta é a legislação e que é apenas necessário mudar o foco: não é amor que se mede, mas cuidado. Porém defende sua posição apenas discutindo que o fracasso do par conjugal não deve se refletir em fracasso parental. Não discute que há muitas crianças que não são criadas pelos pais por diferentes motivos, como trabalho, problemas em assumir a responsabilidade de ser pai/mãe, desconhecimento da paternidade, etc.

As tramas afetivas são inúmeras e acreditar que forçar a convivência entre pai e filho só pode ser benéfica é simplificador e redutor. Mas o ponto fundamental de interesse para nós aqui é o sentimento de abandono daqueles que solicitam estas ações jurídicas. Um sentimento que pode ser decorrente da forma que o assunto foi tratado na família que criou a criança, ou que poderia existir mesmo se houvesse convivência (QUEIROZ; PASSOS, 2012).

É interessante pensar que a experiência de uma pessoa se sentir abandonada, não significa necessariamente ter sido de fato. As construções afetivas de nossas experiências dependem de uma série de fatores e estão sob ação das associações inconscientes, como nos ensina a Psicanálise. Freud deixa claro na Carta 52 ([1896]1990), ao falar que suas históricas o enganaram, que há uma fantasia construída a posteriori. O abuso sexual dos pais relatado pelas pacientes não era real, mas os cuidados das figuras parentais eram ressignificados quando a sexualidade genital se organizava. Ao sentirem prazer em situações já da adolescência, havia associação com o prazer do bebê ao ser acalentado e tocado, identificado

neste momento a uma sensação representada pelo sexo. Portanto, há uma construção baseada em experiências afetivas e na representação que elas ganham na história daquela pessoa, e não em fatos.

Como aponta Peiter (2011, p. 49):

Muito embora as condições de separação não se revelem factualmente como abandonos deliberados ou intencionais, psiquicamente, separações precoces de seus objetos primordiais trazem consequências importantes e, com frequência podem ser de fato vividas no plano fantasmático como abandono psíquico. Refiro-me não a um abandono real, mas agora ao representante psíquico correspondente às experiências de separação ou afastamento das pessoas que dela cuidam.

Assim como experiências de abandono apontam uma trama afetiva que implica muitas variáveis, expectativas, personalidades, contexto histórico-cultural, etc., denotam muitas vezes uma ressignificação das relações quando se constroem alguns valores, quando se ouve histórias ou vivem-se situações diferentes. Marin (2016, p. 198), apresenta a discussão de que o abrigo “retorna com a angústia mais primordial que nos funda: o horror ao abandono, a sensação catastrófica de perder a continuidade de ser – ferida narcísica que jamais cicatriza e que encontra no abrigo a tentação de ser acalmada quando o abandonado é o outro”.

Tal reflexão nos leva a perceber a dimensão do desafio de oferecer um melhor ambiente para as crianças e mesmo para os profissionais. O medo do abandono se refere à sensação de aniquilação, à solidão essencial (WINNICOTT, [1988]1990) em que nascemos, pois dependemos do outro para ser, então não ter ninguém aterroriza. Medo que fica à flor da pele quando nos deparamos com as crianças separadas de suas famílias, mas ao mesmo tempo permite a projeção no outro, movimento não difícil de observar no abrigo e apontado por Marin (op. cit.): todo o horror fica depositado naquele que abandona e que é abandonado. Elas, as educadoras, se blindam e podem ser as não abandonadas e as que não abandonam.

Esta forma de compreender é importante para pensar este endereçamento do abandono a crianças que possuem famílias, que são, então, culpabilizadas e demonizadas, e o quanto isso gera dificuldade de trabalho com todos os envolvidos. A defesa em relação à angústia do abandono, da separação, da aniquilação, pode inviabilizar a empatia e acolhimento das famílias, assim como pode criar um distanciamento em relação às crianças, já que suas origens são consideradas ruins. Como apresentado, é comum não se trabalhar com as histórias das crianças.

Relacionamos, então, o abandono à ideia de rompimento de um vínculo, seja como uma experiência fantasiada ou de fato, de ressignificação de vínculos ou de distanciamento

efetivo, seja por um momento de desamparo ou experiência continuada de falta de uma referência. Quer dizer, duas pessoas podem morar juntas e não ter vínculo ou viverem em países diferentes e não se falarem, mas manterem um laço muito forte. Esta questão é exemplificada nos casos em que mães entregam o filho para adoção, como mostra Motta (2008) em pesquisa que aponta que a separação não é indicativa de falta de vínculo.

A autora (Motta, 2008) escuta mulheres que entregam seus filhos para adoção. Ela critica o uso do termo abandono e justifica uma mudança para o termo entrega considerando-se o sentimento desta mãe que faz esta escolha. Em sua pesquisa, a autora mostra as repercussões desta separação para muitas mulheres que optam por não permanecer ao lado de seus filhos em nome do amor que sentem por eles, para que tenham boas condições de se desenvolver em família mais abonada. Outras sofrem para o resto da vida com um luto que não sabem como elaborar e que não encontra espaço social de elaboração. O preconceito em relação à mulher que não enfrenta o “sacrifício” de criar o filho (ideia de boa mãe criada no séc. XVIII, como aponta Badinter (1985)) é tão arraigado nelas mesmas que não conseguem falar sobre o assunto, muitas vezes não se vendo no direito de sofrer pelo filho. Segundo Motta (ibid.), algumas repetem gravidezes e entregas por não conseguirem se separar psiquicamente do filho, como querendo recuperar a presença dele.

Não há como negar que existem vínculos bastante tênues, como o que apresenta Leão (2012) em encontro com uma mulher que vivia na rua com cinco filhos ainda pequenos e mais um na barriga. Ao questionar a moça pelo número de filhos em situação tão miserável, recebe a resposta de que “quanto mais filho ela tem, mais ajuda ganha”. Em seguida essa mulher pergunta: “A senhora quer um?”. Desconcertada pela possibilidade de estar sendo oferecido um filho, a autora apenas diz não e vai embora. Leão (2012) chama atenção para o grau de desamparo de pessoas, como essa mulher, que vêem os filhos como possibilidade de cuidado próprio, pois ganha ajuda. Sem filhos, ela estaria abandonada. Conta que catadores muitas vezes se identificam como lixo por estarem sempre imersos nele: “Eu sou lixo”. Se sentir lixo é motivo de muita discussão, mas aqui nos cabe apenas relacionar tal identidade com esta precariedade em que todos ali são “lixo”. Não há necessidade de valorizar o afeto, só de não ceder à morte, ou apenas não deixar de existir.

Portanto, não se sabe qual a experiência de vinculação anterior das mães com seus filhos. Além disso, a representação que cada um faz de sua história é única e precisa ser respeitada esta possibilidade, até porque pode ser ressignificada a partir de novas experiências.

Tal discussão é primordial dentro de uma instituição de acolhimento para se pensar o que pode estar envolvido no contexto da institucionalização e qual a necessidade de cada criança. O olhar que se tem para as famílias precisa ser inserido na conjuntura histórico-político-social, assim como o olhar que se tem da própria instituição, que se refletem diretamente nas relações e expectativas de todos. Se uma criança é vista como abandonada, que reconhecimento oferece-se a ela, onde ela poderá calçar suas origens e sentir-se aceita?

4.2.2 A violência como ponto de partida

Outro elemento de identificação das crianças institucionalizadas que interfere diretamente no acolhimento é a violência, pois se entende que ela atrapalhe o desenvolvimento, que produza crianças problemáticas, menos inteligentes, etc., como apontam as educadoras na pesquisa de Gouveia (2007). Segundo Assis e Farias (2013), cerca de 12% das crianças acolhidas sofrem violência doméstica, além dos três principais motivos de institucionalização (abandono, negligência ou abuso e dependência química dos pais) serem indicadores de violência no ambiente da criança.

Cabe-nos pensar se um ambiente violento necessariamente determina problemas permanentes no processo de amadurecimento. A visão de Winnicott ([1984]2002) é de que não há determinações, mas que um ambiente inicial violento dificulta a possibilidade de contato com um ambiente facilitador posteriormente, que retomaria o processo em direção à saúde do indivíduo, à capacidade de criatividade, como já apresentado. Discutiremos, então, a partir desta noção de que passar por situação violenta exige atenção, mas não impossibilita estar em convivência com os outros.

Leão (2012) aponta a dificuldade de vínculo mãe-bebê em contexto de extrema precariedade, o que seria um grave problema para a constituição psíquica das crianças. Na experiência da autora, um atendimento de atenção a este vínculo pode significar uma importante diferença neste cenário, ampliando a possibilidade de se garantirem as condições mínimas de subjetivação. Se um pai e/ou mãe não conseguem ser suporte para o desenvolvimento dos filhos por estarem inseridos na mesma realidade violenta, a rede comunitária se fortalece para sustentá-los, como apresentam Vieira e Zornig (2015).

Estas autoras (VIEIRA; ZORNIG, 2015) apresentam uma pesquisa que discute a interferência da violência do ambiente (o estudo focou favelas no Rio de Janeiro, atendidas por ONG) para a constituição subjetiva das crianças. Percebem como há uma tentativa de

equilíbrio na contribuição comunitária: quanto mais todos estão sob tensão, mais se solidarizam para conseguirem assimilar a atmosfera e os fatos. Nas palavras das autoras: “A hospitalidade da comunidade parece se presentificar na contramão da hostilidade do ambiente” (VIEIRA; ZORNIG, 2015, p. 92). Tal relação não é necessariamente a primeira imaginada quando se coloca esta questão, afinal se poderia pensar que quanto mais violento e estressante, menos as pessoas se conectam, como no caso da mãe e seus cinco filhos, no exemplo de Leão (2012). Mas, em algumas favelas, onde a possibilidade de evitar o outro é pequena³⁸, e um conta com o outro para os problemas cotidianos, a relação é inversa. As pesquisadoras (VIEIRA; ZORNIG, 2015) percebem uma organização comunitária que busca proteger as crianças que ali vivem, na medida do possível.

Com certeza não serão todas as comunidades que terão esta possibilidade, mas ela existe, e poder refletir sobre esse respaldo comunitário parece importante no sentido de como encarar as crianças que chegam ao acolhimento. Elas não estavam apenas abandonadas e violentadas. Por mais dor que possa haver, há também que se reconhecer os cuidados que puderam receber, talvez não dos pais, mas de uma comunidade, que permite a constituição destes sujeitos.

Conforme resultados da mesma pesquisa, uma vez que os adultos também estão inseridos neste tempo e espaço, têm dificuldade, individualmente, em amparar e auxiliar a elaboração da violência pelas crianças. Há, por conseguinte, a necessidade de que esta infância amadureça antecipadamente: um cuidado de si para dar conta do excesso. Este excesso é a tensão constante, que exige defesas e que mostram vida e capacidade de adaptação das crianças. Portanto, as autoras (VIEIRA; ZORNIG, 2015) vêem esta possibilidade de maturação precoce como positiva, sem deixar de entender que todos ali precisam de suporte para assimilar esta realidade e se apropriar da própria história.

Sendo assim, entendem que a estratégia de suporte comunitário permite sustentação suficiente para que, em sua maior parte, as crianças possam se constituir, sem abandoná-las a uma desorganização psíquica grave, como psicoses ou tendências anti-sociais, por exemplo.

A violência não pode ser vista apenas como destruição, uma vez que é parte da humanidade, das relações de poder que dificultam a consideração e respeito pelo outro

³⁸ Vias apertadas, casas pequenas e muito coladas, das quais as portas muitas vezes ficam abertas, dificultam a circulação e permanência sem a convivência com o outro, ou, em outras palavras, facilitam a convivência, a troca de favores, etc. (GONÇALVES, 1995).

(SOUZA; RISTUM, 2005)³⁹. E Toubiane a define como: “irrupção de uma força intensa que deixa o sujeito submisso aos efeitos dessa força sem que ele possa se livrar dela” (Apud MARIN, 2002, p. 22). Quer dizer, entendemos a violência como socialmente produzida, sofrendo variâncias de acordo com o momento histórico e espaço cultural. Como é o caso da violência contra a mulher e contra a criança. Em muitos casos, o opressor, aquele que impõe violência, entende ser este ato seu direito e em alguns momentos aquele que sofre violência pode aceitar. Seja pela construção do discurso social do homem ser proprietário da mulher, o chefe da família, somado à diminuição do valor da mulher e a construções mais pessoais de inferioridade, culpa, etc. Além da prática antiga de castigos físicos para educação dos filhos, que ainda persiste para muitas pessoas.

É um tema que desperta grande incômodo, afinal fala da capacidade de fazer mal ao outro, da crueldade (MARIN, 2002). Marin (2002) faz o levantamento de algumas conceituações de violência, mostrando que há um duplo olhar para esta noção: um mais imediato, relacionado à crueldade, ao ódio, à injustiça, à irracionalidade, e outro que a aproxima da ideia psicanalítica de pulsão, como força vital, potência, imponderável e de excesso. E, a autora, passa a entender a violência como “situação na qual o outro é destituído por não poder existir de modo algum, em que não se constitui alteridade e impera o princípio absoluto do Um” (MARIN, 2002, p. 77). Nestas situações, a única preocupação é preservar a própria integridade e o outro deixa de ser algo relevante. Momento extremo, que ocorre quando este “Um” – o eu - se sente “absolutamente ameaçado”, ou invadido de forma insuportável, ou quando considera o outro apenas seu objeto de satisfação, e elimina-o enquanto sujeito.

Marin (2002) apresenta o quanto as instituições de acolhimento de meninos que cometeram atos-infracionais acabam reproduzindo as violências que aqueles cometeram e foram vítimas ao tentar eliminar a violência social que os traz ali. A partir daí mostra como este movimento de negação da violência, projetando e limitando ao outro a capacidade de crueldade, está presente em nossa sociedade narcisista e hedonista. Negar a própria violência e produzir imagens representativas desta, como os meninos privados de liberdade, eliminam o outro, eliminam o contato com o sujeito que ali está. Marin (2002) entende que o encontro com o outro gera sofrimento pois exige esforço de reconhecimento da própria violência para

³⁹ As autoras discutem como a literatura sobre o tema é polêmica e mesmo controversa, com dificuldade de definição do objeto, que, inclusive, pode ser relacionado a diferentes situações: doméstica, contra mulher, contra criança, sexual, simbólica, etc.

sustentar a alteridade – não manter apenas a projeção do mal. Ou seja, há uma trama de marcas afetivas que se cruzam, em relação ao que se mobiliza a partir da violência em cada educador e acolhido, que podem facilitar ou dificultar a função do acolhimento. Algo que buscaremos refletir a partir da análise no Abrigo Antenor Navarro.

Marin (2002, p. 177) pontua: “(...) a sociedade contemporânea, apesar de abolir no discurso oficial a violência, ao expor tantas imagens violentas, siderando o olhar de todos, contribui para ativar mecanismos de cisão do Eu que, ao mesmo tempo em que vê, critica e goza com a violência, nega-a”. Assistir à violência permite deixá-la fora de si e ter prazer com a destruição que não gera culpa. O outro é que destrói e o eu se vê sem responsabilidade por isso, numa certa catarse. Podemos pensar num processo de desumanização do outro (portanto de ambos) e uma desvinculação, já que, como apresentamos, o vínculo passa por esta concepção de que todos compõem a realidade e, portanto, somos responsáveis por ela. Não apenas nas relações pessoais, mas também nas sociais. Somos responsáveis e os olhares que damos aos acontecimentos e como nos colocaram em relação a eles faz parte da composição desta realidade e de que discurso ajudamos a proliferar.

E a autora propõe que apenas com a assunção da “violência fundamental”, invasão que o outro imprime por ser outro e exige resposta do eu em configuração, “pode-se permitir ao sujeito o acesso à ordem do humano e a garantia de participação na ordem social de forma ativa e criativa” (MARIN, 2002, p. 165). Apenas com a elaboração dos fenômenos internos maus, da capacidade de integração e de concernimento, é possível viver criativamente, usando de sua agressividade, podendo transformar, sem achar que isso seja apenas destruir.

Estamos discutindo um ambiente longe de ser perfeito, necessitando de muito trabalho para desconstruir este olhar cindido para as crianças para poder oferecer espaço de cuidado suficientemente bom a cada um ali, de acordo com cada história. Uma perspectiva que dialoga com Butler (2009), que nos oferece suporte para pensarmos na precariedade como condição inerente ao ser humano, que se depara com suas limitações, impotências, contradições no encontro com o outro e através da identificação dessas qualidades é que podem se reconhecer como humanos e conviver. A autora trabalha com esta noção a partir do campo da violência extrema que nos desumaniza e dificulta a identificação com o terror do outro. Apenas queremos nos defender, não encontrar o humano ali e nem o terror em nós.

Quer dizer, falar na condição humana que nos depara com a limitação, a impotência, a falta de amparo, é se aproximar da noção de desamparo, diretamente relacionada ao bebê

recém-nascido, já trabalhada por Freud ([1915]2010). O diferencial da precariedade está na compreensão de que ela ganha potência no encontro com o outro. Neste, é possível assumir a dependência, assumir a precariedade da vida e assim reconhecer a possibilidade de mútuo amparo (BUTLER, 2009). Mas pode-se negar esta precariedade projetando o mal no outro.

Desta feita, se vivemos hoje numa intensa reprodução midiática de violências que deixam a todos assustados, quando não apavorados a partir da mobilização deste potencial destrutivo interno, será possível cuidar? Será possível se preocupar com o outro, se sentir responsável pelo outro, se ele nos depara com nossos desamparos, nossas angústias de aniquilação?

Este é o grande desafio destas crianças. Poderem ser vistas não a partir de todo seu sofrimento, mas de tudo que desejam. Parece óbvio que os sofrimentos que cada indivíduo experiencia são de magnitudes diferentes, inclusive pelo arcabouço psíquico que cada um carrega e com o qual vai responder a ele. Porém, dar lugar e reconhecimento ao sofrimento não significa colocá-lo como bandeira identificatória. Mesmo que uma criança tenha sofrido abuso sexual dentro de sua casa, ela precisa poder falar sobre isso, e ser enxergada com todas as brincadeiras que já pôde fazer e as que ainda espera.

Um exemplo de trabalho que usa esta postura é do Projeto Quixote Refugiados Urbanos, numa atuação de contato cotidiano com garotos e garotas da cracolândia paulista:

Fazemos acompanhamento longitudinal, tecendo junto com a criança sua biografia, sua história presente e os seus desejos futuros. Direcionamos nosso trabalho também no cuidado às famílias, acompanhando-os na (re)construção de uma rede de cuidados em sua “mátria”, nas áreas de saúde, social, educação, lazer, cultura. Os jovens da terra do crack não são toxicômanos precoces, mas pessoas que buscam no exílio a afirmação de suas vidas. Por isso merecem o estatuto humanitário de Refugiados Urbanos e com isso as múltiplas abordagens que estimulem e facilitem um retorno à “mátria”, em toda sua complexidade. (LESCHER; CARVALHO, 2013)

Trata-se de uma postura crítica e de respeito ao sujeito, que busca formas de vida alternativas, estratégias de sobrevivência. Se exilar, se encontrar separado da família, pode não ser bom, mas apontar desejos. Há um sujeito ali a falar de si. Os preconceitos, as formulações a priori do que eles precisariam não os permite falarem de si, olharem para si. Movimento importante de se provocar até mesmo no bebê, que mesmo sem falar já se comunica. Os laços sociais e os sonhos vinculam à vida e permitem esta mobilização de construção de um caminho próprio.

Lescher e Carvalho (2013) falam de uma atuação que fuja dos modelos sociais, não entendendo que necessariamente a criança queira sua família, mas que há laços positivos a serem recuperados ou que já foram desejados e podem ser construídos. Não apenas com pessoas, mas com espaços, com atividades, com recordações, etc. Meninos de onze anos, sujos e rasgados, pedindo dinheiro para comprar pedra, também têm momentos em que podem se alegrar ao empinar pipa, jogar bola, tomar banho de mangueira, etc. Momentos que levam a lembranças, associações, sensações, vinculações que podem reconstruir desejo para uma caminhada⁴⁰ que não aquela baseada na destruição de vínculos.

Outro exemplo que discute a limitação de olhar para a violência é trazido por Setton L. Souza e cols. (2016b) em que uma educadora de um abrigo vê um acolhido de sete anos com o pênis na boca de um bebê. A cena é tão violenta que a equipe não consegue sair disso, não consegue olhar o garotinho de outra forma que não o abusador, deixando-o neste lugar, que o leva a repetir as reações violentas que não encontram acolhimento. A supervisão pôde fazer circular os discursos sobre o que pensavam todos os integrantes da equipe e olhá-lo como uma criança que deve ter sido abusada e busca entender o significado disso, busca interdição, busca ser tratado não apenas como violento ou apenas como vítima, mas como ser humano, com questões complexas em constituição:

Uma vez que é inerente ao humano desestabilizar-se diante de violentos desamparos, entende-se ser praticamente inevitável que se cometam abusos no momento mesmo em que se intente combatê-los. (...) Ou seja, a atenção a essa população oportuniza que as paixões sejam violentamente colocadas tanto sob a forma de amor quanto de ódio (SETTON L. SOUZA e cols., 2016, p. 191).

Portanto, não adianta negá-las. Em termos do pensamento de Winnicott, é preciso dar tempo e espaço, para que aos poucos todos possam confiar no ambiente e falar dessas questões.

E para sustentar este tempo e espaço, os adultos responsáveis precisam de suporte, precisam também de *holding, handling e apresentação dos objetos*. Zornig (2010) fala da importância da supervisão como possibilidade de reflexão da equipe a partir das impressões e associações de experiências infantis do supervisor. Este se empresta para sonhar e pensar pelos educadores, saindo de suas cristalizações e interdições. A autora entende que há inclusão da narrativa no silêncio, impotência e resignação, que se constrói na instituição, a partir do sofrimento das histórias das crianças. Assim como o cuidador vai colocando em

⁴⁰ Experiência da atuação da pesquisadora neste Projeto de 2006 a 2007.

palavras o choro do bebê, o supervisor busca capturar associações para retomar uma circulação de discursos que desconstrua a impotência e conformismo dos profissionais.

Segundo Rosa e Vicentin (2010, p. 115):

a psicanálise mostra que não há apenas um organismo doente, mas que o sintoma é uma modalidade de expressão do sofrimento na relação com o outro, é mensagem da conflitiva pessoal, familiar e sociopolítica-libidinal (...). O sujeito é produto e produtor da rede simbólica que caracteriza o que chamamos de social.

Ou seja, esta infância é produto e produtora da relação que a sociedade estabelece consigo mesma, de sua dificuldade em lidar com a violência inerente à condição humana, da limitação, dependência e incompletude da mesma e da trama dos registros inconscientes que se tece em meio a todas estas esferas: relações com a tradição, com as mensagens midiáticas, com relações pessoais, com as instituições que a pessoa frequenta, relações pessoais mais próximas, relações consigo mesmo. Querer limitar o sofrimento e dificuldade de inserção social de alguns a problemas apenas pessoais é ignorar esta complexidade.

Aulagnier (Apud ROSA; VICENTIN, 2010, p. 118) “afirma que o discurso social projeta sobre o infans a mesma antecipação que é própria do discurso parental; o grupo pré-investirá o lugar que o sujeito ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sociocultural”. Algo que nos remete ao olhar que se dirige a crianças abrigadas, por exemplo, inclusive pelos adultos que delas se ocupam nas instituições, haja vista o histórico destas. Toda esta bagagem histórico-social exige grande esforço de desconstrução para que a infância possa ser acolhida, para que se perceba a importância da responsabilidade social com cada uma. Sabendo que sempre haverá ruídos, pois não podemos deixar de ser atravessados por mensagens que não acessamos, por marcas inconscientes que apenas podem ser refletidas, não alcançadas, a partir das ações e materiais manifestos no cotidiano.

Podemos então perceber que a constituição do sujeito acontece no coletivo, na comunidade de acolhida, seja familiar ou ampliada. Não preterindo de forma alguma a figura de referência, constante e coerente em sua prática do cuidado e do entrelaçamento afetivo com aquele que nasce, como preconiza Winnicott ([1958]2000). De qualquer forma, o acolhimento e a constituição subjetiva estão diretamente atrelados ao olhar e lugar que se dá a este um que chega.

4.2.3 A separação das referências iniciais

A separação das figuras parentais é um fato, muitas vezes, considerado pelos efeitos negativos que por si só faria à criança, sendo vista também como violência ao romper a convivência familiar. Distanciar membros de uma família pode ser de extrema violência, desde o modo como se faz e mesmo pelos motivos, tendo que se considerar também as capacidades da criança em lidar com frustrações, como já apontado. Até porque, como discutido, mesmo em situações de grande precariedade, que levam mães a entregar os filhos para adoção, o vínculo entre o responsável e a criança pode ser grande. Mesmo na situação em que a mãe oferece seu filho a uma mulher que passa (LEÃO, 2012), há de se ter cuidado para compreender o lugar que cada um ocupa nesta relação parental. Por mais que ela o ofereça em troca de dinheiro para sobreviver, como se não houvesse vínculo, não dá para saber, por exemplo, como essa criança representa a mãe, para o quê conta com ela. Quer dizer, com toda dificuldade desta mulher, será que ela não se constituiu uma referência para os filhos? Uma referência que precisaria ser reconhecida. Portanto, a separação pode ser encarada como violência e também como abandono, mas não necessariamente ganha estes sentidos.

Segundo Hamad (2009), o vínculo entre pais e filhos abrigados é de grande complexidade, pois apesar de toda precariedade, as crianças cultivam os aspectos nutridores da relação, mantendo o vínculo e intenso sofrimento de todos. O autor obteve resultados que demonstraram que a maioria das crianças abrigadas gostaria de voltar para sua casa, amigos, escola, etc. Para seu ambiente de referência. Assim, por mais que a separação seja, muitas vezes, fundamental para proteger a criança de violências exercidas pela família, não pode ser encarada como ação apenas positiva. E esta vinculação com a mãe, ou as referências que as crianças construíram, precisa ser considerada para serem compreendidas as necessidades da criança depois da separação e efetivamente acolhê-la.

Falar da dor e perceber a importância das relações que provocam dor, das separações, é ponto crucial do acolhimento, ou os vínculos ficam sem valor. E aí sim, se configuraria um abandono. Não pelas separações, mas pela não validação das relações que foram rompidas e a consequência de dificuldade ou impossibilidade em estabelecer vínculos. Vale a pena pensar no que Jerusalinsky (2016) fala⁴¹ sobre a construção de relações que façam as crianças se vincularem. A psicanalista chama atenção para a importância da elaboração do luto para as

⁴¹Em participação no programa Café Filosófico, da TV cultura, acessível em <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2016/08/30/melancolia-na-infancia-com-julieta-jerusalinsky-versao-completa/>, em 30/08/2016. Cf. bibliografia.

separações não se tornarem problemáticas. Se não passamos pelo luto, se não há um ritual de separação, as relações subseqüentes podem não ganhar importância, serem deixadas para trás, já que assim aconteceu com a anterior. Ou seja, é importante que mesmo sob a necessidade de separação as relações sejam valorizadas, que os vínculos possam ser pontuados com o que eles ensinaram e deixaram de herança, como raiva, medo, saudades, tristeza, amor. Afetos que poderão se ligar a novos vínculos, conforme outros se abram a isso.

O que podemos aproximar da diferenciação que Winnicott ([1984]2002) constrói entre deprivação e privação. Como apresentado anteriormente, se não houve um primeiro momento de vinculação, de uma relação de constância que pode gerar segurança, não há constituição de um eu que possa se vincular. Se houve primeira relação de referência vinculada, a criança vai testar bastante a nova sustentação, mas em busca de novo vínculo. Se as relações se perdem sem isto ser ponderado a criança não aprenderá a importância do outro. A tendência antissocial pode tomar lugar e cabe aos adultos responsáveis suportar os ataques e buscar suporte para auxiliar a criança na construção desta ponte de afeto com o outro e a sequência da vida a partir dela.

É importante salientar que Winnicott ([1984]2002) chama atenção para a maturidade necessária à experiência de luto. O movimento de introjeção do objeto que fica submetido ao ódio pelo fracasso do objeto, precisa de tempo e saúde para libertar esse sentimento. O psicanalista britânico ([1984]2002) entende que um bebê muitas vezes não apresenta maturidade para enfrentar processo tão complexo, assim como um adulto precisa de certas condições para prosseguir-lo. Portanto, trabalhar esta separação é fundamental e ao mesmo tempo em alguns casos demandará ajuda técnica especializada. O que exige muita atenção de toda equipe do abrigo.

Sequeira (2009) usa o conceito de resiliência, criado em 1966 e muito usado desde o final do século XX, para pensar este potencial do sujeito em enfrentar situações de crise, de trauma, de transformação. A própria autora, assim como Caniato (2008), criticam o uso do termo no sentido de sobrecarregar o indivíduo em relação às possibilidades que a realidade apresenta, produzindo um discurso como: se aquele não conseguiu enfrentar o problema é pouco resiliente, menos valorizado, menos valioso numa sociedade tão violenta, de tanta desigualdade, em crise e com tantas guerras. Mas Sequeira (2009) entende como interessante o uso desta noção para pensar a infância institucionalizada, entendendo-o como a possibilidade de recriar-se após situação desorganizadora.

Quando eventos de intensidade forte, como violências, ou a separação das figuras de referência, acontecem ainda na infância, o trabalho posterior para ajudá-las a compreender o que se passou é maior, uma vez que os pequenos ainda não compartilham de uma linguagem verbal extensa. Quer dizer, se a separação ou violência em si, não são necessariamente um problema, não deixam de ser experiências a serem elaboradas e que podem dar trabalho, de acordo com as circunstâncias em que ocorrem, com o suporte que a criança encontra após a separação e de sua própria capacidade em lidar com a dor (WINNICOT, 2002). Apenas ressaltamos que estes eventos não são impeditivos da vida, se houver suporte para elaboração, se houver acolhimento que reconheça a dor e caminhos para além dela.

Esta reflexão parece autorizada por Cramer (Apud ARAGÃO, 2011), ao apontar que o luto das figuras parentais na infância poderia trazer elementos para uma teoria da resiliência e Aragão (2011) ao chamar atenção para inúmeras perdas que as crianças precisam elaborar, como, por exemplo, o de não serem único objeto de desejo da mãe. Algo que a criatividade permitiria, não sem o suporte dos cuidados dedicados daquele que fornece suporte para o ego incipiente do bebê, percebendo-o como ser intencional, pensante (FONAGY apud ARAGÃO, 2011). Ou seja, o desafio é intenso, mas mais uma vez queremos reiterar que há como visualizar caminhos de resistência. Tinoco e Franco (2011) falam da importância da vivência do luto da separação com a forma de vida e figuras de referência anteriores ao abrigamento. Reforçam que o maior problema da perda das referências está nos vínculos anteriores e posteriores. Ou seja, o foco do trabalho do acolhimento seria ajudar as crianças a falar e elaborar o luto, dando sentido a seus atos violentos, descontroles, etc., muitas vezes ligados às mudanças intensas.

Sequeira (2009) coloca a importância do ambiente, da instituição, dos adultos que se ocupam da criança, neste momento. Não apenas um cuidador específico, mas uma organização coletiva para dar suporte aos lutos e ao luto mais significativo da separação da convivência com as figuras de referência. O que vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Tinoco e Franco (2011), verificando que o oferecimento de espaço de fala para as crianças, sobre a separação e necessidade de adaptação às mudanças trazidas pelo abrigo, foi significativa para a criação dos vínculos com a equipe do mesmo. O grande desafio, então, é oferecer o espaço e tempo necessários para recriação, para a criatividade poder ser acionada sem cristalizações, para que a criança consiga se expressar e encontrar sua forma de ser. Quer dizer, a resiliência, para Sequeira (2009), não fala de adaptação, fala de vida, de criatividade.

A noção de criatividade é muito cara a Winnicott ([1971]1975), pois fala da capacidade de equilibrar subjetividade e objetividade na abordagem da realidade – não alucinar e apenas responder a seu mundo interno, nem ficar preso apenas na racionalidade. Algo que se constrói na relação com o cuidador inicial, a partir da provisão de um ambiente facilitador, capaz de criar um espaço transicional entre si e o objeto de cuidado⁴².

Mizrahi (2010) chama atenção para o deslocamento que o psicanalista britânico provoca, da falta para a presença. Quer dizer, a autora entende que há uma vertente de pensamento moderno, na qual alguns psicanalistas compreendem que é a possibilidade de se deparar com a própria falta que permite equilíbrio psíquico. Haveria chance de exercitar uma convivência de menos conflito consigo quando se toma consciência do desamparo inerente ao humano, que nos defronta com a dependência ao outro, com a própria impotência. A falta como geradora de movimento. Enquanto Winnicott chamaria atenção para a possibilidade de criatividade em contato com o mundo que faz encontrar nele aquilo de que se precisa. A resposta é criada a partir da relação com o outro, na compreensão da dependência não como uma falta, mas como a potencialidade da coletividade, da alteridade, da diversidade.

Tal compreensão está em acordo com o que encontram Vieira e Zornig (2015), no sentido de perceberem que mesmo com a violência do ambiente, a relação com o outro pode permitir espaços e tempos de proteção que levem ao despertar da criatividade e amadurecimento. Algo que é extremamente delicado num ambiente institucional com o histórico de desvalorização e preconceito com as famílias dos acolhidos, cujo quadro de profissionais tem tão pouco preparo para o pensamento crítico sobre os modelos que a sociedade midiática impõem, etc. Os valores dos educadores e seu sofrimento em relação à história das crianças e suas próprias podem inviabilizar este espaço que garanta a possibilidade de resiliência e criatividade, que precisa de “ambiente estável e possibilidade de construção de sentido” à situação potencialmente traumática (SEQUEIRA, 2009, p. 72).

Segundo Sequeira (2009), o abrigo pode deixar a situação traumática se for espaço de isolamento afetivo e rotina massificadora. Portanto, para que haja acolhimento é fundamental um olhar crítico às institucionalizações: discussão constante sobre as relações e práticas dentro do abrigo, permitindo que a criatividade encontre espaço e tempo, que possa ser pensada como inerente à constituição humana, que se faz no tripé indivíduo, ambiente

⁴² A criatividade é uma capacidade inerente à vida, mas que necessita de ambiente favorecedor de seu desenvolvimento (WINNICOTT, 1975).

facilitador (figuras de referência) e sociedade. O fundamental é ter o suporte do olhar de um adulto que veja as potencialidades da criança e não apenas seus cortes.

Se o educador ignora suas dores, ou a relação destas com as das crianças, e se posiciona como inatingível em relação às violências das histórias de vida, não poderá acolher as crianças como sujeitos em desenvolvimento, mas apenas como vítimas (MARIN, 2002). Há responsabilidade em arcar com as conseqüências e em amparar, cuidar, acolher esta violência para ela poder ganhar narrativa, ganhar voz, palavras, e permitir espaço para a vida ao lado da violência, ou mesmo, por causa dela. Não vamos viver a despeito da violência, mas criar alternativas a partir dela, a partir do encontro com o outro, seja ele quem for.

É importante a compreensão de que a criança não deve ser identificada apenas com esta violência ou pobreza do ambiente – como se fazia no séc. XVI (BAPTISTA, 2006), segregando-as para limpar a cidade. É primordial esta possibilidade de leitura para além da violência, ou a partir dela, como fizeram Vieira e Zornig (2015) e Marin (2002), encontrando a riqueza da plasticidade e criatividade humanas para a sobrevivência nestes ambientes. Porém, estamos todos inseridos neste contexto que desvaloriza e menospreza a pobreza, e que tenta negar a própria violência, o que dificulta este olhar e o acolhimento.

Sendo assim, o deslizamento que queremos enfatizar é o oposto. Sair da concepção das crianças vitimizadas, abandonadas, sem família responsável, sem amor, fadadas ao fracasso. Passar a olhá-las como crianças com histórias reconhecidas como experiências que podem ser elaboradas, como sujeitos que podem amadurecer, que têm muito a ensinar, amar e receber amor, ao poderem construir seus caminhos de vida, no reconhecimento de uma comunidade de acolhida por eles responsável e deles responsabilidade.

Passemos então a pensar na problemática deste encontro de olhares e reconhecimentos, que depois será recheada pelo material da pesquisa de campo.

4.3. Outros deslocamentos e desconstruções para o lugar do educador no acolhimento

Mulheres esforçadas e sobrecarregadas, determinadas socialmente a serem as responsáveis por suas casas e pelos filhos, vão se colocar como cuidadoras de crianças separadas de suas famílias. Sendo uma instituição marcada pela precariedade daqueles a quem atende e da própria gestão, sempre há pouca verba para material, para salários, e até mesmo para alimentação dos bebês e crianças. A boa coordenação, ao olhar da gestão, é aquela que não reclama por “compreender” a realidade em que está inserida, se desdobra em todas as

funções que a equipe deve realizar, e capta cada vez mais voluntários e doadores para suprir o máximo possível das necessidades materiais e mesmo afetivas das crianças, característica que não se restringe à Paraíba (ABRINQ; CAMARGO CORREA, 2005, p. 17).

Atuar na Proteção Social Especial de Alta Complexidade, atendendo usuários com direitos violados, se refere justamente ao contato com esta ponta extrema das dificuldades sociais, que diz respeito a todos ali. As crianças fazem parte de uma realidade de violação de direitos de suas famílias, chegam a instituições em que o trabalho é precarizado e onde os profissionais se vêem impotentes em relação a tudo isso, idealizando a adoção, como já apontado (SOUZA e cols, 2016a).

As limitações dos abrigos com certeza são grandes como já começamos a apresentar, tanto pelo histórico, quanto pelo descaso com a função da instituição e formação de seus profissionais, além da grande rotatividade e desvalorização dos mesmos. Porém, como apresentamos, muitas reflexões têm sido feitas com vistas a entender como eles podem ser ambientes sensíveis e criar uma rede de cuidados que possam atender às necessidades de subjetivação de cada um ali. E mais do que isso, iniciam-se propostas de pensar como a trama afetiva constituída na relação com a criança pode ser estudada em nome a facilitar o acolhimento (OLIVEIRA; UZIEL, 2016; FIGUEIREDO, 2006; CARETA, 2011).

Neste contexto é importante considerar as necessidades dos bebês e crianças – reconhecimento, cuidados, ausência e presença do cuidador, investimento e respeito à alteridade – mas há que se chamar a atenção para as necessidades do educador, que muitas vezes precisam das mesmas coisas.

O lugar que a instituição parece ocupar é do cuidado com crianças sofridas. E quem são estas ali? Diríamos que todos. Todos tiveram suas experiências de sofrimento, de abandono, de violência, de violação de direitos. Tanto acolhidos quanto educadores. Como coloca Peiter (2011, p. 50) ao falar que todos “conhecem” o abandono, a vivência de solidão essencial: “crianças ‘abandonadas’ somos todos!”.

O quanto de proteção um educador quer dar, o quanto suporta o choro, o quanto se preocupa com os riscos, está diretamente ligado às suas necessidades. Necessidades advindas de sua relação de bebê com seus cuidadores, que agora é revivida, mas que precisam dar espaço para o reconhecimento da necessidade do outro naquele momento. E todos ali compartilham, co-habitam, co-constroem o contexto do qual fazem parte. Todos ali precisam de cuidados, querem atenção, têm necessidades e por vezes tiveram histórias semelhantes.

Desde Marin (2010) e Guirado (1987), que em fins da década de 80 já buscavam compreender a importância e benefícios das instituições de abrigo, às várias formas de atuação do Instituto Fazendo História e da Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente⁴³, entre outras, os serviços de acolhimento são estudados porque são necessários e um instrumento de formação de cidadãos em potencial.

Porém, o que se verifica é mais um movimento de manutenção da segregação social, do que de inserção cidadã, no sentido de participação ativa na sociedade. Como nos exemplos da pesquisa de Gouveia (2007) que apontam como o acolhimento é uma medida legal de grande peso que leva os profissionais a desvalorizarem as famílias, por conta do deslocamento de responsabilidade. Ao terem que se haver com função tão desafiante, de cuidar e educar crianças, o mais fácil é denegrir quem delas não se ocupou, tentando diminuir seu encargo. Além disso, a pesquisadora aponta que 71,4% dos educadores entendem que o abrigo não colabora positivamente para a identidade daqueles de quem cuida (GOUVEIA, 2007). Gouveia (2007) mostra como vêm as crianças de maneira enviesada, como problemáticas, e como as crianças representam a instituição como coercitiva e controladora. Mesmo com tais impressões, 90,9% dos educadores acreditam que o abrigo colabora com os direitos humanos, na medida do possível.

A autora chama atenção para este dado e discute como as práticas acontecem pelo senso comum e não por compromisso social do profissional, numa reflexão crítica sobre o lugar que ocupam e sobre os objetivos da instituição, carregando uma confusão entre o mundo particular e o público. Tal confusão está, a todo momento, esbarrando no julgamento das famílias, que geram crianças problemáticas, no sentido de inábeis e incapazes, de quem eles devem se ocupar na instituição, segundo a pesquisadora (GOUVEIA, 2007). Podemos pensar como esses 90,9% falam da possibilidade do abrigo “salvar” as crianças dessas famílias e suas péssimas condições de vida, mas não entendem que a instituição possa fazer algo por elas, sonhando com a adoção de todas. Gouveia (2007, p. 123) acredita, a partir dos resultados de sua pesquisa, que o “contexto de abrigo acarreta comprometimento emocional, atraso da autonomia e dificuldade na construção da identidade”, e questiona se o abrigo teria por objetivo construir uma sociedade baseada no respeito ao ser humano.

Com certeza este seria um ideal, que como a própria autora (ibid.) coloca, depende de um debate ainda restrito a poucos grupos e que mantém o olhar segregacionista, como um

⁴³ (<http://www.neca.org.br/>)

serviço emergencial, que atua no sentido de salvaguardar a sociedade daqueles que podem causar problemas. Ver o serviço de acolhimento como parte do esforço em construir uma sociedade baseada no respeito à dignidade do ser humano é algo que ganha pequeno investimento apenas após 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, com novo fôlego em 2009, com a nova Lei 12.010 (BRASIL, 2009).

Esta reflexão se faz ao encontro do que trabalha Elias (1994), buscando compreender a diferença entre as sociedades no que se refere à articulação entre as noções de indivíduo e sociedade, entre eu e nós. Fala que há aquelas em que o “nós” deixa de ser parte, ou tem menor parte em sua auto-definição: seus integrantes entendem-se como um aglomerado de indivíduos e não há consideração sobre o nós, o coletivo. Segundo o autor, a relação entre indivíduo e sociedade é mutante de acordo com a história de cada agrupamento e de suas condições específicas. Em meados do século XX, o autor entende que há uma integração maior da sociedade, pela globalização, circulação de pessoas e informações, etc., e o indivíduo se sente impotente em relação ao que acontece neste âmbito global.

Sentimo-nos cada vez mais impotentes, mas, segundo o autor (ELIAS, 1994), há um movimento, mesmo que tímido (até por enfrentar um grande desafio), em retomar a noção de nós. Quer dizer, discutimos um panorama bastante árido, com carga histórico-social pesada, mas ao qual podemos começar a iluminar, a esclarecer, a buscar alternativas.

Esta compreensão pode ser pensada a partir das três perguntas de Braunstein (2012) para discutir a postura do cuidador: De quem quero cuidar? De quem devo cuidar? Quem merece cuidado? Isso porque essas questões apontam para o lugar em que os educadores se colocam no abrigo. Elas levam à reflexão que se deveria fazer sobre qual o desejo que há em cuidar – de crianças, de velhos, de pobres, de ricos, de bichos, de ninguém, de seres perfeitos, de pessoas idealizadas ou de pessoas comuns, ou de si próprio; sobre o que pensam daqueles de quem devem cuidar: aqueles que são os acolhidos, que possuem histórias tristes e violentas; além de sobre o que pensam das pessoas e das coisas, sobre o merecimento de ter ajuda ou não, sobre a culpa ser de um ou de outro, ou sobre a responsabilidade de todos. Portanto, estas questões apontam reflexões que abarcam a visão de mundo, valores, preconceitos, ideais, capacidade crítica e ética, daquele que deve cuidar.

Pontos que sempre estarão atrelados ao arcabouço histórico-cultural de nossa sociedade. Esta bagagem nos remete a valores e preconceitos muito arraigados, que demandam intermináveis discussões e lutas, assim como as necessárias às mudanças de

legislação no país (como para a formulação da Constituição (BRASIL, 1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990)). Mas conseguir mudar a lei, não significa mudar a concepção de mundo e de cidadão de todos. Inclusive porque, como aponta Passarini, Fromer e Ferreira (2012, p. 82), as ações para atender crianças e adolescentes nasceram com uma visão assistencialista, vendo-os como “necessitados”, “carentes”, “desprovidos de recursos” e mesmo hoje as políticas públicas são construídas pela visão do adulto, marcando “a história de atendimento a eles no Brasil e revela o prejuízo quanto à possibilidade de reconhecimento desses jovens em sua condição de alteridade”. Ou seja, a infância e juventude são consideradas pelos interesses dos outros, não por sua pertença à sociedade.

Romper com o assistencialismo caritativo das ações com os pobres e minorias é de fundamental importância para começar a caminhar em relação ao acolhimento da diversidade, que parece ser o primeiro passo para realmente incluí-los no grupo social e na política dos direitos: “(...) o assistencialismo social aliena esses sujeitos e produz a ilusão de que seus direitos estão sendo contemplados quando, na realidade, não estão” (PASSARINI; FROMER; FERREIRA, 2012). Compreender que se é responsável pelos próprios atos e responsável pelo cotidiano do grupo do qual se faz parte é a base para esta mudança de paradigma em relação aos direitos e à convivência. Movimento importante num contexto de precariedade como o do acolhimento.

A compreensão de que a assistência social pode ser de má qualidade por atender a pobres, constrói um olhar excludente sobre os beneficiários das políticas públicas (PASSARINI; FROMER; FERREIRA, 2012). Um olhar de pena e desigualdade que impede a percepção da troca afetiva e de aprendizagem nas ocasiões de contato. As autoras (ibid.) falam que o importante é resgatar o sujeito e sua capacidade de construir vínculos com o outro, com a cidadania e, portanto, com a sociedade. Este processo permite aos voluntários envolvidos deixar o lugar dos que tem algo a dar, para construir uma relação de troca, de experiência, de aprendizagem e mais que tudo, afetividade. Uma transformação que não é simples, uma vez que estão todos inseridos neste contexto de desigualdades.

Passarini, Fromer, Ferreira (2012) discutem o quanto a desigualdade social atinge a forma de contato entre as pessoas e de como a sociedade passa a não esperar nada de crianças e adolescentes pobres. Ou mesmo, passam a esperar o pior deles. E as autoras apontam a necessidade de haver um investimento da sociedade neste grupo específico para que ele possa depois investir na sociedade. Falam de investimento afetivo, na escuta à criança, dando a ela reconhecimento e um lugar social. Movimento importante em relação aos educadores de

quem talvez se espere nada ou muito pouco, já que atendem a este público. Ou talvez o que se espere é que não reclamem.

Pineda (2012: 11) discute em sua dissertação⁴⁴ o olhar que os educadores têm sobre os acolhidos como carregando certos preconceitos e indisponibilidade em reconhecer a necessidade deles. Falavam em “surtos” e responsabilizavam as famílias ou os próprios meninos pelos problemas diários. Este dado aponta uma impossibilidade de compreensão sobre esta desorganização chamada de “surto”, apontando certa defesa dos educadores: não querem acolher o lado violento. Assim como Barros (2015) fala como é apenas pela violência que adolescentes com vivência de rua conseguem endereçar demandas à instituição de acolhimento, a qual nem sempre consegue decodificá-los.

Portanto, esta dificuldade de comunicação é cotidiana, como por exemplo, para pensar a rotina. É complicado sair com os acolhidos para uma praça ou para a praia? Há riscos. Mas se não puderem passear, se divertir, olhar pessoas diferentes, é provável que haja cansaço e tédio nas casas, gerando agressões e outros problemas. E é aí que entra a necessidade de educadores com disposição, dedicação, preocupação para pensar o que é mais interessante para os acolhidos, reconhecê-los em suas necessidades, e não o mais fácil para quem também fica cansado em seu dia-a-dia, para quem ganha pouco e precisa daquele dinheiro, para quem nem gosta tanto de criança, quem deixou seu filho na escola e só o verá amanhã pois seu plantão é o noturno... Um educador de abrigo de São Paulo relata sua formação neste sentido:

Para proporcionar o desenvolvimento das crianças e sua felicidade, temos de mudar; temos de assumir alguns riscos, abrir os olhos para a realidade. Na verdade, temos medo de assumir riscos para não nos envolvermos em processos judiciais. Mas, para mudar, temos de ter compromisso e coragem, porque nossas ações provocam reações e a crítica é difícil de aceitar. As pessoas não querem se envolver e, para ouvir a verdade, é preciso estar aberto à crítica do outro. No fundo, o que precisamos é aprender a nos respeitar... (BAPTISTA, 2006, p. 50).

Quer dizer, falamos de pessoas que também carregam seus conflitos e que muitas vezes não tiveram as oportunidades que as crianças e adolescentes têm no abrigo. Não é raro ouvir qualquer um da equipe dizendo que os acolhidos têm todas as oportunidades e não sabem aproveitar. Como ouvir esta reclamação, percebendo que ela não abre espaço de escuta ao acolhido e que fala da necessidade do educador? Os educadores também queriam poder fazer cursos profissionalizantes, ter casa e comida garantidos, etc. Quem poderá discutir com

⁴⁴ Pineda foca a compreensão do acolhimento para os acolhidos e o olhar dos educadores foi uma observação sobressalente, não foco do estudo.

eles essas necessidades para abrir espaço para às dos acolhidos? Necessidades, muitas vezes, anteriores à formação profissional e intelectual. O que cada um ali solicita para se sentir acolhido? Tanto crianças, quanto profissionais?

É digno de nota que a relação com as crianças, especialmente bebês, mobiliza no adulto cuidador sensações primitivas, num movimento importante de identificação com as necessidades do infante, mas também, num retorno à sua experiência de cuidado quando bebê: “sentimentos de desamparo e impotência; nossas agonias impensáveis primitivas, frente à fragilidade e medo do abandono, e o medo de não ser capaz de dar conta das demandas incessantes e muitas vezes enigmáticas do bebê” (MARIN, 2016, p. 207). Ferreira (2016) também descreve o que o infante reativa no adulto: desde sensações primitivas, de desamparo, de estranho e familiar ao mesmo tempo, a reações “imprevistas e desorganizadoras”.

Ou seja, as infâncias de cada um deixam rastros que se reeditam e exigem momentos de maior cuidado por toda a vida, mas que também podem mobilizar defesas para evitar a desorganização, própria e do outro. Poderíamos pensar em tramas afetivas variadas, podendo facilitar ou dificultar o acolhimento, mas em qualquer caso, seria interessante abrir espaço a elas e tentar tornar mais profissional o uso que se faz das mesmas, caso sejam reconhecidas, ou seja, poder perceber que lugares estão sendo ocupados na instituição.

Um reconhecimento de lugares que parte de reflexão sobre a afiliação a uma instituição que carrega a pecha do abandono – afinal, não apenas historicamente as crianças institucionalizadas são vistas como abandonadas, mas também se verifica falta de investimento nos serviços e falta de suporte à equipe. Afiliação é, segundo Passos (2011), a capacidade de constituir diferentes lugares nas diferentes instituições que percorremos. Sendo assim, uma instituição marcada pelo abandono corre o risco de deixar a todos no vazio pois, as crianças não têm lugar na família, e para as educadoras pode ser difícil conseguir ocupar um lugar onde apenas se vê abandono e separação.

Com trabalho tão precarizado e desvalorizado, lidando com a sombra do abandono, pode ser que as educadoras tenham dificuldade em encontrar reconhecimento. Quem é quem, filho de quem, nascido onde, são nortes de um lugar a ocupar no mundo e no olhar de cada um, que podem ganhar maior relevância nesta instituição, em nome de poder reforçar a inserção social de cada um. Porém para o educador, se afiliar a uma instituição que atende ao “abandono”, pode ser perturbador, pois precisam reelaborar suas vivências de abandono e suportar carregá-las, ou negá-las. Portanto, nos parece que mais do que qualquer instituição

esta exige muita amarração, para que seus integrantes não deixem de saber quem são e que lugar ocupam.

Quer dizer, a recriação de um lugar para si, a reconfiguração do reconhecimento de cada um dentro da família, exigida para ser pai e mãe, se faz intrapsiquicamente, numa retomada das experiências primeiras de sua filiação, de seu lugar de filho, para poder deslocar seus investimentos para o lugar de pai ou mãe (DARCHIS apud PASSOS, 2011, p. 127). Já os educadores não precisam se deslocar em seu grupo familiar ou revisitar suas experiências dentro de sua cadeia familiar, mas se deparam com seu eu bebê, com o *infans* que todos carregam. Falar dos abandonos que vêm nas crianças talvez os encorajasse a falar disso com elas. Os pais inserem seu bebê numa cadeia simbólica, numa trama afetiva familiar. Os educadores poderiam reconhecer a existência desta trama, mas da qual não fazem parte, e então, poderiam inserir seus acolhidos numa trama afetiva que é coletiva, que é da vida em sociedade, que vem da possibilidade de garantir os cuidados que eles precisam naquele momento de seu desenvolvimento.

Este deslocamento tira o foco da separação dos pais e passa-se a inseri-los em algo maior e mais sustentado que é um coletivo mais amplo – a sociedade. Seria a construção de um olhar que parte do reconhecimento da história de vida, da filiação do acolhido, mas saindo do modelo de família que gira em torno de si mesma, para reconhecê-los como inseridos numa certa comunidade, em certa cultura, sendo reconhecidos como parte de um plano mais amplo, do qual fazem parte e devem cuidar.

Poder ocupar um lugar numa instituição de acolhimento, tão marcada pelo abandono, parece exigir acolhimento de todos os seus integrantes, como mostra sistematização da oficina do Instituto Fazendo História, sobre como os educadores se sentem cuidados:

são escutados, tem o suporte técnico para o acolhimento adequado, acolhidos e amparados pela equipe técnica e coordenação em seus desafios (suporte), informação e conhecimento, quando são respeitados, possuem apoio, direcionamento, amor, olhar, segurança, formação continuada, capacitação e escuta (IFH, 2016).

Muitos trabalhos são desenvolvidos em relação ao cuidado do cuidador, como os de França (2011; 2011a; 2011b) e do Instituto Fazendo História (2014; 2016), inclusive dentro do contexto do abrigo. Esta ideia de que a criança precisa de alguém disponível e em contato com o que ela necessita vem mostrando que os responsáveis devem estar cuidados para poder oferecer este ambiente favorável. Mas é interessante pensar no quanto uma relação de cuidado envolve uma alimentação recíproca. Os envolvidos numa relação em que há um vínculo, e

preocupação com o outro, mesmo entre adulto e criança, podem se cuidar mutuamente. Talvez esta seja uma alternativa para o acolhimento. Ajudar os educadores a perceberem o quanto são cuidados pelas crianças. Ambos ensinam e aprendem no encontro da diversidade.

Esta reflexão não deixa de levar em conta toda a realidade social e política já mencionada e que dificulta o aprimoramento dos serviços. Mas este movimento nos auxiliou a pensar alguns vetores de forças envolvidos nesta instituição, assim como, a aprofundar a compreensão do que é a desafiante função do acolhimento e também as possibilidades de compreendê-la como uma potencialidade e não apenas negatividade. Esta perspectiva mais ampla iluminará a pesquisa empírica sobre a trama afetiva, e sua análise, feitas a seguir.

Capítulo cinco.

Histórias de vida entrecruzadas: acolhimento ou pedido de socorro?

Neste capítulo apresentaremos a análise das narrativas de sete educadoras do abrigo municipal Antenor Navarro, da cidade de João Pessoa. Material que, associado a outros instrumentos, tem o objetivo de nos ajudar a verificar a composição da trama afetiva entre as educadoras do abrigo e os acolhidos a partir do entrelaçamento das histórias de vida, ou seja, como ela se dá e quais seus efeitos para o exercício da função destas profissionais.

Apesar de toda dificuldade que enfrentam, do desafio que carregam e da precariedade do contexto, as educadoras do Antenor Navarro, e a equipe em geral, criam, na maior parte do tempo, um bom clima na casa. Pode-se pensar que isto se deva à intenção delas em impressionar à pesquisadora, mas a despeito disso, se mostram pessoas preocupadas com as crianças e em fazer o que entendem que precisam. Ao menos a maioria delas. Sendo assim, se não é possível reconhecer um acolhimento profissionalizado de qualidade, que responda satisfatoriamente às necessidades das crianças, há um esforço pessoal de muitos da equipe em fazer o que acham certo. Esta casa está longe de ser um simples depósito de crianças.

Conforme apontado, a análise foi feita a partir de alguns marcadores: pontos nodais das narrativas, pela extensão ou intensidade que ganhavam no relato. São pontos que aparecem nas entrevistas das sete educadoras, de uma forma ou de outra: Entre nós um abrigo: educadoras se diferenciando dos acolhidos; Ser educadora no abrigo: as bases da trama; Tecendo a trama nos limites da instituição; e Enfim, a trama: à guisa de conclusão. Algumas possibilidades de interpretação são levantadas no decorrer das análises no sentido de problematizar o discurso e ressaltar a necessidade de atenção e escuta ao que essas profissionais carregam de bagagem de vida. Não há intenção de realmente interpretar as histórias, muito menos as educadoras, haja vista a limitação de setting e contexto para isso.

Seguem breves apresentações de cada uma das narradoras, com nomes fictícios, para uma leitura das análises baseada num perfil e em seguida um diálogo entre essas maneiras de cada uma apresentar os pilares da trama que observamos.

Clara – Em busca da educadora

Clara é uma jovem de trinta e cinco anos. Logo aceita participar da pesquisa e escolhe narrar sua história num cantinho do pátio, mostrando que não quer ser ouvida por outras pessoas. Filha de casal trabalhador, pobre, de oito filhos. Desenvolve sua função com certa

tranquilidade, sendo considerada uma boa educadora pelos colegas. Diz que vem baseando seu papel profissional em sua experiência como mãe, na qual se sente autodidata. Tem uma filha já maior de idade, de quem não trata, e um filho que frequenta o Antenor Navarro, que ela conta estar dando muito trabalho. Está se separando do marido e pai dos filhos e se sente fragilizada, cansada, sozinha. As histórias das crianças e o contato com elas parecem exigir que a educadora se veja como uma pessoa feliz. E Clara mostra sua dedicação em tentar compreender o que deve fazer, buscando sua identidade de educadora.

Rita – A educadora sem lugar: entre acolher e ser acolhida

Rita é uma moça jovem, de 23 anos, que casou muito cedo, já tem um filho de sete anos e sente ter 30, de tantas experiências que já viveu. Quis gravar a entrevista no sofá da sala, que fica logo em frente à porta de entrada da casa, ou seja, havia movimento e em alguns momentos fomos interrompidas. Quando narra sua história, está num momento turbulento com o marido e acredita que, assim como a mãe e a irmã, vai acabar se separando.

Rita saiu cedo do colo da mãe (que se separou do pai) e foi morar com uma tia, esposa do “tio de sangue”. A avó conta que antes da separação ajudava muito com as netas, pois a mãe delas nunca queria aprender as coisas: “Era avoadada”. Muito diferente de Rita, que é cheia de responsabilidades e cumpre com elas. A tia é vista como pessoa boa, mas a forçava a comer, o que a faz acreditar que viveria melhor com a mãe, para a casa de quem voltou quando ela e a irmã já estavam maiores e já poderiam ficar sozinhas em casa, uma vez que a mãe trabalhava o dia todo. O filho é tudo que tem na vida, mas se acha muito nova para tantas responsabilidades como tem. Gostaria de ser criança por mais tempo e atribui isso ao fato de ter casado e se tornado mãe cedo.

Frida – Vítima da vida como os acolhidos

Frida é uma moça de 35 anos com feição de 18. Mãe de quatro filhos, diz que aprendeu a ser mãe dos outros, mas não de seus próprios. Quando convido as educadoras a participar da pesquisa ela é das primeiras a se voluntariar e a segunda a ser entrevistada. A primeira foi a auxiliar de serviços gerais, sua mãe, que ela mesma indicou para ser a primeira por não ficar tão ocupada com as crianças, mas também por ser uma introdução à sua história. Uma história bastante difícil, que Frida conta com dor. A educadora aceita narrar sobre si numa passagem do andar de cima para o andar de baixo da casa, num intermediário entre

movimentado e quieto, e em alguns momentos precisamos pedir licença a uma ou outra criança.

Cresceu com pai carinhoso e mãe “fria”, e quando eles se separam fica muito dividida, além de com muita raiva da mãe por vê-la como culpada da separação da “única pessoa boa para ela”. Frida gosta muito de criança, pois com elas se entende. Sente que tem amor e compreensão para oferecer no abrigo, que entende ser o que os acolhidos precisam, então gosta muito quando precisa sair para trabalhar, mesmo que com a equipe não fique à vontade. Então sente raiva de si mesma por não conseguir mudar e se sentir mais forte.

Olga – Cuidadora solitária

Olga tem 57 anos e se apóia no cuidado com os bebês acolhidos. Esta é a educadora que convida a pesquisadora a ir a sua casa para poder conversar mais tranquilamente e ela acaba sem narrar sobre si, suas experiências de infância. Ela relata apenas sobre o trabalho no acolhimento e a pesquisadora não solicitou novamente a narrativa da Olga criança. Foi no momento da leitura da transcrição que a educadora contou muito pouco de sua infância: *“Ah, mas não tem nada de horroroso na minha infância.”* Apenas apresenta alguns dados e conta da perda de um filho de 18 anos – de quem cuidou até a morte – concluindo que precisava continuar a vida.

Ela se dedica aos bebês do abrigo, pensando mais nas tarefas de higiene, sono, alimentação e medicação, deixa bastante os bebês nos berços, mas também acolhe quando estão doentes e mostra que fica mais à vontade quando está sozinha com eles. Separada do marido, morando com a irmã mais velha com quem sempre contou, comemora a chegada de um neto, filho de sua filha. Olga se defende, sempre achando que está sendo julgada, especialmente sobre seu gosto pelo trabalho.

Maria – Guiada por Deus

Esta educadora tem 50 anos, seus dois filhos já são jovens e cuidam de si. Aceita participar da pesquisa no berçário, enquanto ficava com um bebê. Um local tranquilo, que não a tirou muito do foco. Começou a trabalhar aos 17 anos por conta das necessidades da família “humilde”. Tem orgulho de ter trabalhado num jornal por anos e não gostou do desemprego por 18. Precisou suportar o período sem trabalhar e em seguida teve que aprender a atuar nos

abrigos, achando inicialmente que daria aulas como educadora. Atua sob orientação divina e se diferenciando bastante dos acolhidos, com histórias muito difíceis e diferentes da dela, conforme indica. Sua hesitação em narrar mais sobre si e mesmo sobre as crianças é notória e nos parece indício do distanciamento que estabelece das mesmas, assim como de sua função, da qual não tem clareza e atribui a um amor a Deus. Diz que não quer atuar com adultos ou adolescentes, mas que deve aceitar o que vier.

Amélia – Responsável por sua família de sucesso

Amélia é uma educadora de meia idade, 45 anos, de família de doze irmãos, que já tem seus filhos crescidos, formados, pais de família. Todos seguiram o modelo familiar esperado e ela se satisfaz muito com isso:

“(...) graças a Deus tudo são pai de família, responsável, tem sua moradia, trabalha, ta entendendo? E essa mesma educação vão passando pros filhos... de cada um.”

Entende que isso indica seu sucesso com as crianças e tenta reproduzir com estas outras que vê como abandonadas e doentes, embora diga que a diferença entre eles e seus filhos seja apenas a doença e a revolta. Ponto importante, que denota um certo ressentimento com a mãe: teve que crescer sozinha e ajudar a criar os irmãos mais novos.

Amélia não quer entrar em julgamentos sobre famílias e colegas de trabalho, mas acaba mostrando que se vê com um diferencial: maior responsabilidade que a torna mais preocupada com os adoentados. Uma educadora sorridente, que não demonstra seu desconforto e não alimenta conflitos, além de parecer preocupada em mostrar-se uma boa educadora, uma boa profissional. Aceita participar da pesquisa no pátio de entrada da casa, mais perto da rua, enquanto olha uma garotinha de um ano, que brinca, num dia com poucos acolhidos na casa.

Branca – Peixe fora d'água

Branca é uma educadora jovem, com ensino superior e sem filhos. Muito diferente do perfil das demais. Diferencia-se também das crianças ao definir sua infância como “*maravilhosa*”, embora relate fatos que não explicitam isso.

Branca tem 30 anos e depois de viver dez anos com um rapaz não se tornou mãe “pela vontade de Deus”. Tanto sua formação em serviço social, quanto o fato de não ter filhos,

parecem interferir em sua visão sobre o trabalho precarizado nos abrigos, sobre o abandono da instituição e dos educadores, além do olhar diferente sobre as famílias dos acolhidos, que percebe como necessitando de cuidados e não de castigos e julgamentos.

Porém, não deixa de demonstrar um ideal de família “*estruturada*”, que está longe de ser a realidade daquelas com que tem contato ali, que julga ser o melhor ambiente para crescimento das crianças. Claramente não quer estar ali como educadora, quer ser assistente social. E aceita participar da pesquisa, se identificando com a pesquisadora, com o trabalho acadêmico, dizendo sempre conhecer os procedimentos. Narra um pouco sobre si no pátio de entrada da casa, próximo da rua, podendo observar quem chega e quem sai.

5.1. Entre nós um abrigo: educadoras se diferenciando dos acolhidos

O serviço de acolhimento institucional carrega estigmas, como apresentado, por ser relacionado indiscriminadamente à violência das histórias de vida das crianças e suas famílias, assim como à falta de amor, ao abandono. Desta forma, ele é o símbolo para a diferenciação que as educadoras fazem entre elas e os acolhidos. Nas infâncias das educadoras encontramos problemas no cuidado nos momentos de negligência, de violência no castigo, além de efetiva separação das educadoras de seus pais, quando são criadas por tias ou avós. Se nas histórias destas mulheres existem fissuras no cuidado dos pais, fissuras no sentido de problemas em manter a segurança e confiabilidade do ambiente – não necessariamente produzindo experiência de privação ou deprivação⁴⁵ – elas são encaradas como formas naturais de cuidado, como esforço dos pais em educar ou cuidar da família em geral, marcando a diferença em relação às famílias das crianças, que chegaram à institucionalização. A necessidade de intervenção para o acolhimento é encarada no Antenor Navarro como algo muito ruim, estimulando a generalização e imaginação de violências na vida de quem mora no abrigo.

Há muita angústia mobilizada pelas histórias, tanto pela identificação, quanto por um distanciamento que se produz pelo medo de identificação, já que as experiências de vida das educadoras não chegam aos extremos de violência, mas também não são tão diferentes daquelas das crianças. Entendemos que este distanciamento barra a identificação e não permite a evolução para a diferenciação, de se colocar como adulto, para que possam acolher o outro em sua alteridade e precariedade, podendo trocar amparo: a educadora mostrando que

⁴⁵ Cf. Winnicott (2002). Conceitos trabalhados no item 2.3 desta tese.

é possível suportar a história e seguir em frente, e a criança mostrando que há muito mais nela do que apenas aquilo que salta aos olhos e ouvidos num primeiro momento – a violência e o abandono.

5.1.1. Narrativas de infância não institucionalizada: as educadoras

Em acordo com o que apontamos sobre o contexto social das educadoras, todas tiveram família pobre ou, nos seus termos, “humilde”. Há sempre uma tensão entre a pobreza e o esforço em sustentar a família, marcando a continuidade de referência que imprime diferença em relação às famílias que foram separadas. Ao narrar sobre suas infâncias contam sobre suas famílias: os pais, irmãos – algumas chegam a ter onze -, avós, e poucas relatam sobre lembranças de brincadeiras.

As figuras maternas e paternas ganham, em quase todos os relatos, um lugar de destaque, como símbolos do ambiente que lhes era proporcionado. Olga, Amélia e Maria aparentemente se satisfazem com os pais que tiveram, vendo estas funções como cumpridas mesmo que com ressalvas. As demais educadoras não, mesmo relatando experiências de acolhimento pelo pai, uma vez que com o passar dos anos este acaba ressignificado.

Winnicott ([1958]2000) afirma que a função do pai é fornecer ambiente de segurança à mãe, para que ela possa se dedicar ao bebê sem grandes perturbações externas a esta relação. O pai pode garantir esse ambiente de duas formas: tanto por ser o terceiro que apresenta alteridade à dupla fusionada, numa contribuição mais exterior, como provedor, mas também por poder oferecer espaço psíquico, ambiente facilitador, cuidado devotado (FERREIRA; VAISBERG, 2006), ou seja, acolhendo o filho.

Como discutido no terceiro capítulo, a figura da mulher é associada ao cuidado com a casa e com as crianças. Ainda encontramos em muitos o ideal de mãe como “bonita, recatada e do lar”. A teoria de Winnicott ([1971]1975, [1958]2000, [1986]2005) pode levar à visão da mãe como mais adequada aos cuidados do filho⁴⁶, mas sempre considerando vários outros atores e mesmo as idiossincrasias maternas para uma organização ambiental. A vida cotidiana

⁴⁶ Tocamos nesta questão ao discutir continuidade e descontinuidade dos cuidados, quer dizer, mesmo a mãe que gesta o bebê tenha um diferencial em relação a outros cuidadores, não quer dizer que este contato gestacional seja apenas positivo. Winnicott (op. cit.) fala de uma potência materna, mas numa leitura mais superficial da teoria a potência pode ser entendida como regra: como se mães biológicas fossem as melhores cuidadoras e como se não houvesse esse vínculo já se partiria de uma falha.

aponta uma diversidade de possibilidades de ser mãe, que as educadoras mostram muitas vezes compreender quando crescem.

As mães de Rita, Frida, Clara, vão sendo ressignificadas com o tempo. Assim como as das outras educadoras encontram um lugar de virtude. Mas estas três educadoras tiveram mães que se separaram dos pais. Mesmo que no caso de Clara essa separação tenha sido após ela ser mãe, este fato a marcou bastante, como se transformasse em mentira todo o carinho que o pai havia lhe dado na vida. Já Rita e Frida ficavam entre buscar um carinho que não mais encontravam no pai e a desconstrução daquela imagem inicial de homem da vida delas. As mães das demais não ganham tanto destaque, como apresentaremos a seguir.

Nas entrevistas de Olga e Branca, a infância teve durezas que elas parecem dar o status de necessárias. Olga apresenta:

“Ah, mas não tem nada de horroroso na minha infância, foi tudo bem.”

O uso da palavra horroroso se destaca. Ela não explica o que entende por horroroso, embora questionada. Diz apenas que é isso mesmo, que apenas o pai era muito rigoroso. Numa espécie de defesa, o movimento parece de diferenciação em relação à realidade que acompanha no abrigo. Não foi abandonada ou violentada.

O pai que *“brigava muito”* produzia bebidas em casa e exigia que as filhas brincassem apenas dentro de casa. A educadora reconhece nisso um grande valor, pois acredita que falte muito desta autoridade no mundo de hoje, em que crianças e adolescentes chegam a matar os próprios pais. Mas acredita que o pai exagerava um pouco, já que as filhas não eram *“traquinas”*. Ou seja, era carrasco, mas com razão de ser. E a mãe, tecelã, que passava pouco tempo com os filhos é apresentada como *“maravilhosa, não tenho o que dizer”*. Uma família que não a levou a ser institucionalizada e que, como dá a entender, a ajudou a chegar onde está hoje: mostrando seu apartamento bom, sua vida equilibrada, seu ponto de vista sobre o abrigo.

Olga entende que a Prefeitura quer pessoas mais jovens para o trabalho e ela já passou da meia idade. Tem medo de ser mandada embora e se defende dizendo que não há nada de horroroso, que ela faz muito bem seu trabalho e gosta dele. Ela não faz parte do circo de horror que pode imaginar que a pesquisadora busca no abrigo. Por outro lado, segundo a educadora, seu filho faleceu por depressão, após um acidente que o deixou paraplégico. Esta mãe cuidou do filho em momento de crise profunda e não conseguiu fazê-lo desejar a vida novamente.

Branca deixa certa contradição na narrativa e entende que as crianças tenham traumas, inclusive de separação dos pais, mas como a sua separação era necessária, pode dizer que sua infância foi maravilhosa:

“Minha infância, eu acredito que eu tive uma infância maravilhosa. (...) minha irmã, anterior, no caso a terceira filha, era muito doentinha, aí eu fui ser criada pela minha tia.”

Mas também se lembra:

“Eu lembro quando criança passei dificuldades em casa, pq meu pai ele era viciado em álcool e em jogo. E teve muitas perdas.”

Mais a frente ela apresenta sua visão:

“ (...) as crianças já vem com um trauma de casa. (...) além do motivo que fez eles trazer pra cá, aí vem a separação da mãe, do pai... que independente de qualquer motivo as crianças têm esta ligação, esse afeto com sua mãe, seu pai. Aí já vem o outro trauma em cima. Então a gente como educadora a gente tem que procurar entender essa criança, ter paciência, tratar bem. Ah, por mais que seja difícil, pq são crianças carentes, amorosas, mas também são muito rebeldes.”

Dados que exemplifiquem a maravilha de sua infância não são trazidos e sim a explicação racionalizada de que foi criada pela tia por conta da irmã precisar de muito mais cuidado, assim como pelas dificuldades por conta do vício do pai. Mas como uma criança pequena pode elaborar esta recusa dos pais em criá-la? Conforme Aragão (2011) pontua, as separações dos pais, mesmo as simbólicas, exigem trabalho de luto. Por este viés, o trabalho de Branca em lidar com sua história não é simples e pode haver ambivalência sobre ela, especialmente por deixar claro que entende a separação dos pais como trauma complementar a qualquer um: *“aí já vem o outro trauma em cima”*. Não foi a irmã encaminhada a algum serviço de cuidados especiais. Ela foi afastada. Mas só nos outros pode reconhecer isso como um problema, afinal para estes levou à institucionalização e ela teve duas mães, segundo ela.

Mesmo assim, conta que suas recordações são muitas da escola, espaço no qual se preparava para ter uma vida diferente da dos pais:

“não, eu quero ter uma vida diferente. Meu pai não estudou, minha mãe não estudou, mas eu quero estudar.”

Colocaram-na para fora e assim ela se esforça para continuar: na escola para ser diferente deles.

Clara enfatiza a diferença em relação a quem está separado dos pais:

“Em relação a coisas que marcava muito assim, que marcou a minha infância, é que... eu vejo assim, que mesmo apesar de pobre, mesmo apesar da gente faltar muita coisa, mas a gente sempre tinha o amor e o carinho.”

Um carinho que sentia mais na figura do pai, por se sentir a preferida e ser reconhecida por todos como muito semelhante a ele. Ela não se sentiu abandonada afetivamente, como vê aos acolhidos:

“É uma experiência que vc vive a sua história e vive... e vc sabe... o quanto vc tem em relação àquelas crianças. Pq assim... a gente chega aqui com uma visão: não, os bichinho foram abandonados...”

Entende que sua história é muito diferente da deles, pois sempre esteve com os pais, além de ter lembranças ricas das férias na casa dos avós:

“De... de vc olhar assim e ver que tinha ali o suporte, o pai e a mãe, lhe apoiando e lhe... fazendo o possível pra pelo menos melhorar a situação.”

Sua colocação enfatiza o esforço dos pais, que Clara entende como amor e preocupação, que ela não acredita haver nas famílias que têm filhos morando em instituições, como apresentaremos. Depois de grande precisa reorganizar estes registros ao descobrir que o pai consumia o dinheiro da família no vício com o jogo:

“(...) não sei se marcou ou se ficou uma mágoa, assim, por ele ter deixado isso acontecer na nossa vida. Porque ele era o cabeça, responsável por tudo, né? rs.”

Este luto do pai idealizado, que todos precisamos percorrer para amadurecer (PASSOS, 2012) acaba sendo mobilizado por uma decepção grande, ao lado da separação dos pais, que a faz repensar os vínculos amorosos, a dedicação. Mas repensar não a ponto de poder compreender a complexidade deles, os sofrimentos e intempéries da vida que levam a algumas escolhas e caminhos. Percurso que talvez a ajudasse a olhar para o pai e para as famílias dos acolhidos de outra forma. Inclusive é possível que a mágoa com o pai torne mais difícil compreender a precariedade das famílias, ao se identificar com as crianças considerando a dor de ter um pai diferente do que gostaria, ou mesmo do que imaginava ter.

E isso modifica a visão que a educadora tinha de sua mãe:

E mainha supersofredora, ela ia agüentando, pq... (...) mainha , assim, devido muito... muita tristeza que ela passava por causa de painho, ela sempre foi... hoje ela tá bem... ela é outra pessoa! Mas ela sempre tava mal humorada, sempre ficava com raiva, daí olhava aquele monte de menino dentro de casa sem saber o que fazer. Já chegava estressada do trabalho, trabalhava também... e nunca... não sentava assim pra conversar, pra contar, ... mas... hoje, eu como criança... eu como adulta eu entendo...”

Parece quase pedir desculpas à mãe por achá-la chata, destemperada, quando era pequena. E agora se identifica com ela na fragilidade e também responsabilidade. Hoje pode compreender a mãe em sua aflição de cuidar dos filhos e a vê como muito lutadora por não ter abandonado a todos culpando o pai. Vê no abrigo crianças sendo abrigadas por falta de

condições materiais dos pais em criá-los e percebe que seus pais passaram por isso com seus oito filhos. A educadora sente que ser mãe não é fácil e que os problemas da vida adulta alteraram sua forma de ver a vida. E também tem sua criança abandonada dentro de si, querendo sua mãe mais perto, dizendo que teve que aprender a ser mãe sozinha. Parece querer ter compreendido a mãe antes para ser mais próxima, dar mais apoio e conseguir mais apoio para si mesma.

Como exemplo de outro educador⁴⁷ do Antenor Navarro, de mãe muito pouco carinhosa, que reconhece uma “pisa⁴⁸”, diante da escola como cuidado importante da mãe, em marcar para ele o que era importante: estudar. A precariedade dos pais pode ser olhada como virtude.

Maria também não vê nada de horrível em sua história, apenas nas das crianças. E como Clara, reforça o amor que recebeu:

“Fui muito amada, muito amada. A família inteira. Que eu sou a caçula, de doze, eu sou a caçula das mulheres. Então, assim, eu fui muito amada por todos. Eu cresci aqui mesmo. Eu cresci... então eu cresci sendo muito amada.”

Teve de tudo que precisava, especialmente amor. Não apenas os pais, mas os onze irmãos garantiam o afeto na casa. Como Amélia ressalta, qualquer família tem problemas, ainda mais uma com doze crianças. Mas Maria não aponta as idiossincrasias, apenas o amor transbordante, que ela transfere a Deus. Apenas diz que tinha o que precisava e que a infância foi feliz.

Como veremos a seguir, Maria deixa bastante explícita a mobilização no encontro com os abrigos, com instituições de crianças “*sem família*”, o que pode indicar o quanto ela se sentiria agradecida por ter tido tanto amor e não vivenciado as violências que vê nas crianças: diz se sentir muito gratificada pelo trabalho ali, mesmo com o salário baixo, pois pode dar amor a quem não tem nada. Voltaremos a este ponto à frente. E a educadora se horroriza com um lugar que cuida de crianças separadas de suas famílias. Um choque demasiado para alguém tão sensível, segundo ela:

“Pronto, aí quando eu cheguei lá, meu primeiro dia foi, assim, horrível. Foi horrível. Porque eu cheguei lá e me deparei com uma coisa que eu não era

⁴⁷ Conforme apontado na metodologia, mesmo que tenhamos feito o recorte de educadoras mulheres para a pesquisa, ouvimos diferentes profissionais da casa, inclusive com assinatura do TCLE. Utilizamos nas análises pontos destas outras narrativas que nos parecem esclarecedores.

⁴⁸ “Pisa” é um termo paraibano para se referir a agressão física.

acostumada a ver. Então eu fiquei lá e cada plantão que passava, eu queria desistir. Eu não queria continuar ali. Pq eu dizia assim: meu deus, como é que isso aqui existe. Será que eu to vivendo uma realidade ou eu to sonhando? Pq o sofrimento é uma coisa que toca muito a gente, principalmente quem tem sensibilidade. Quem tem sensibilidade sente muito.”

Então, é uma pessoa muito sensível, que não aprendeu a lidar com o sofrimento, por talvez não ter tido continência⁴⁹ apropriada para seus choros, suas dores ou por não ter tido que enfrentar grandes frustrações. E apenas Deus pode ajudá-la, já que não sabe com quem contar, especialmente por sua história ter sido tão diferente:

“Não, não... tive uma infância muito, uma infância feliz. Pq minhas irmãs, duas delas, moravam no Rio. Então, os melhores brinquedos, quem tinha, na rua, quem tinha era eu. Elas traziam. (...) então, aquilo ali, na minha rua, quando chegava pra mim, aquilo ali, as crianças ficavam tudo louca pelo aquilo ali, mas só quem tinha era eu. Ta entendendo? Então, eu sempre brinquei muito. Agora, quando eu cheguei na minha adolescência aí eu..., aí fui estudar né, aí fui estudar. Aí eu me divertia como adolescente. Eu passei as minhas três fases, eu, eu, cumpri as minhas três fases: de criança, adolescente e jovem. Foi muito bom. Eu não tenho o que dizer.”

Os brinquedos eram aquilo que só ela tinha e a diferenciava das crianças da rua, além de representarem a lembrança que as irmãs tinham dela mesmo morando longe. São indicadores de sua felicidade. Na adolescência deixou de brincar e foi estudar. Esforçou-se desde cedo. Assim como Olga parece imaginar que a pesquisadora apenas quer ouvir sofrimento, pois diz que não tem o que dizer uma vez que foi feliz. Fez sua tarefa de crescer e não sofrer e não consegue entender como a vida de outras pessoas pode ser tão diferente. Apenas valoriza o seu esforço, de trabalhar desde cedo, suportar 18 anos sem trabalho e ainda seguir as orientações divinas para aprender a lidar com o sofrimento no abrigo. Esforço que a enobrece e a torna responsável, diferente de famílias separadas de seus filhos.

Já Amélia não vê tanta diferença assim. Das únicas, ao lado de Frida, que não tenta se diferenciar tanto das crianças, mas também mostra em sua breve narrativa que houve muito esforço dos pais e dos filhos para conseguirem se sustentar:

“A família de 12 irmãos. É são sete homens e cinco mulheres. É uma família... meu pai, não, pq faleceu faz 3 anos. É, meu pai faleceu, mas é um guerreiro. Educou da maneira que podia, pq a gente também trabalhou... morava no sitio, e... a dificuldade é grande, principalmente quando tem algum inverno que fica na seca. Mas... nós vivíamos de agricultura. Aí... tinha ano que era mais difícil, mas a gente conseguiu, ele conseguiu criar tudinho.”

⁴⁹ Este termo é usado por Winnicott (1975) ao falar sobre holding, sobre a capacidade do cuidador em oferecer sustentação, amparo, continência, para a angústia de aniquilação não tomar conta.

Deixa claro que ela também participou do esforço. Se Clara viveu a infância de forma mais alheia aos problemas, Amélia parece sempre ter precisado enfrentá-los: seu pai era bravo e mantinha a todos na linha, levando a filha a amadurecer cedo para reconhecer suas necessidades e responsabilidades. Sobre a genitora, Amélia diz:

“Minha mãe foi uma guerreira”.

Esta frase vem seguida do relato dela ter tido doze partos em casa. Uma mãe forte, que batalhava para manter a família unida. Mas Amélia chama atenção para a ajuda que a mãe sempre teve do marido e dos filhos para cuidar de tudo. Além de dizer que hoje a violência é maior e antes a liberdade e independência para aproveitar festas, passear, etc., era maior. Quer dizer, hoje é mais difícil deixar as crianças se cuidarem sozinhas, como cresceu. E mostra que esta independência tinha um preço, já que chama tanta atenção para o fato das crianças acolhidas terem sempre companhia:

“Eles têm tudo. E eles não vão só”.

Não ir só aos lugares é um grande diferencial. Sentia-se sozinha em alguns momentos, contando que ela e os irmãos tinham que trabalhar e mesmo passear sozinhos, já que a mãe ficava por conta do novo bebê que chegava. Amélia talvez indique que gostaria de ter tido esta companhia.

E a maior diferença que vê entre as histórias, dela e das crianças e mesmo entre os pequenos, é quando há problemas de doença ou de revolta. Vê que sua família teve dificuldade e problemas, *“mas conseguiu criar tudinho”*, cada um seguindo seu rumo sem *“cair no mundo”*. Ver que o rumo de uma criança pode ser atrapalhado por sua doença ou revolta é que a sensibiliza e é das poucas a refletir sobre a realidade social das cidades, que hoje expõe mais as crianças e adolescentes à violência. Pois, afinal, se ela e a família tiveram tão pouco e deu tudo *“certo”* porque não daria com as crianças abrigadas? E nisso ela acredita.

E Frida nem chega a mencionar a história das crianças, pois se vê mais vítima que elas. Diz que não soube ser boa mãe de seus filhos e acha que sua mãe a criou pior:

“Pq assim, as coisas que eu não lembro o povo falava. Dizia que ela era uma mãe que não tinha muito amor pra dar. O negócio dela era dar comida, dar banho e joga vc lá. Nunca deu atenção como era pra dar.(...) Não. A única coisa assim que eu sei... ela gostava muito de beber e... ela não foi assim aquela mãe carinhosa, eu lembro que ela sempre dizia que era a vida dela também, ne. Que ela não teve uma boa vida também. E a mulher de pai sempre dizia que eu chegava suja, com fome na casa dele, ela dava banho, dava comida... quando eu era pequena, esse meu irmão mais velho que tomava conta de mim.”

A mãe não pôde cuidar. Dava banho e comida quando não faltava com isso também. Ela foi criada um pouco pela avó paterna, um pouco pelo pai e um pouco por esse irmão (por parte de pai), mas nenhum deles parece ter garantido muita segurança.

“Ela era aquela que dizia assim: to ajuntando o que vc ta fazendo. To ajuntando. To ajuntando. E quando me pegava trancava no banheiro e dava, dava, dava tanto, que se alguém não viesse em cima ela não parava de bater.”

E Frida tenta encontrar no pai uma boa referência da infância:

“(...) já meu pai já me dava mais atenção. Meu pai não me levava pro colégio não, mas quando ele chegava ele me perguntava, sempre quando ele comprava alguma coisa ele lembrava de mim, sempre ele contava história, a gente sentava no lado da calçada, no quintal, ele contava história,(...)”

Depois de moça percebe que ele a agride com uma visão machista e opressiva. Acaba preferindo ficar ao lado da mãe, com quem se identifica na dor, no sofrimento que a vida impôs. Muito vitimizada, quer proteger as crianças do abrigo como não foi protegida nem por este pai, mas que foi alguma referência de aconchego e continência para ela.

Frida precisa de esforço para encontrar algum cuidado em sua história. Sua mãe “maravilhosa” precisa ser a da fantasia, da idealização. Sua mãe não se encaixava nesse modelo e ela se ressentia com isso. A educadora entende que o contato com a igreja é que permitiu que compreendesse o lugar da mãe, que também havia sofrido muito na vida. Sua história difícil, de negligências e violências, a leva a fantasiar uma mãe idealizada que não teve e se vitima:

“Assim, que eu vejo como assim, mães que faz, leva pro colégio, conversa com vc, brinca, é... passeia com vc... quando às vezes vc ta triste tem mãe que já sabe quando vc ta triste ou não. Pergunta como que vc está: e aí, como é que tá? E aí, isso não tinha.”

A partir do conceito de mãe *suficientemente-bona* (WINNICOTT, [1958]2000), entendemos que Frida sintia falta da justa medida (mas não única) dos cuidados de uma mãe devota, com limites, com falhas, porque humana. A identificação primária com este primeiro cuidador e sua dedicação é que permitem o estabelecimento da base para o eu e para a confiança no mundo. Porém, pelo que Frida conta, sua mãe não demonstrava devoção e o que marcou foram os maus-tratos. Esta extrema limitação a leva à idealização na tentativa de suportar a sensação de falta que carrega. Poderíamos pensar que o contato com o abrigo a levasse a desejar ter sido protegida numa instituição quando pequena, mas isso não encontra espaço, tamanha é a ideia de que há uma família ideal.

Tinha banho e comida, tanto na casa que cresceu como na casa em que o pai foi morar depois de se separar de sua mãe, onde ela tentou ficar um tempo, mas não se adaptou às regras mais rígidas. Escolheu ficar ao lado da mãe que permitia mais liberdade, ficar na rua até tarde. Oscilava entre o desejo de segurança e o de aventuras, que podemos pensar que eram as formas que ela tinha de buscar por uma relação de confiança. Ainda vive ao lado da mãe, trabalhando no mesmo plantão que ela, buscando acolhimento das crianças na instituição marcada pelo abandono. Vê ali como seu lugar:

“Eu gosto, eu me sinto bem, entendeu? Aqui já, de vez em quando muda meu semblante... quando lá pra casa. Mas quanto a isso eu gosto de vim, eu gosto de estar com eles, me sinto bem. Muda totalmente, se eu acordar: hoje eu vou trabalhar! É uma alegria pra mim, pro meu coração.”

Vemos que Amélia e Frida não vêm o abrigo apenas em sua negatividade, o que discutiremos mais adiante, mas vale ressaltar que ele aparece como possibilidade de enfrentar suas próprias histórias e sofrimentos, embora as educadoras não deixem de pensar que as crianças precisam mesmo é do amor de uma família.

Rita conta de sua solidão, mas busca reconhecer o esforço dos pais. Sua mãe, além de trabalhar o dia todo e sem muito horário, por trabalhar em salão de beleza, saía à noite aos finais de semana:

“Então além da gente ficar só a semana, a gente ficava só sábado e domingo a noite. Tudo fechado. Então a gente era acostumada a ficar só mesmo. Não fazia diferença. A gente trancava tudo e ficava eu e minha irmã.”

Depois de ter a mãe taxada de “avoada” nos cuidados dela quando bebê, ter ficado um tempo na casa da avó paterna, um tempo na casa de uma tia, aproximadamente aos seis anos voltou para a casa da mãe onde se sentia só e buscava companhia fora. Mesmo assim, conta que sempre acreditou que viver com a mãe teria sido melhor. Então, ficar só “não fazia diferença”, pois estava “com a mãe”. Mas para as crianças distantes da mãe faz, mostrando em sua narrativa (que será apresentada mais adiante) que não aceita que sejam deixados de lado pelas famílias. Justifica com a rápida passagem do tempo seu não lembrar ou não trazer muito sobre si quando menina, assim como não gosta de tratar sobre as histórias dos acolhidos. A dela passou rápido, mas a deles é uma marca muito pesada:

“É a histó... faz parte da história deles. Vai fazer pro resto da vida, ne? Então é, é muito triste escutar eles, às vezes, dando um relato que vc olha e diz: meu deus, essa criança passou por isso, senhor? É muito pesado mesmo. Muito triste.(e a sua história, como foi?)A minha... eu tenho 24 anos, mas parece que eu já vivi mais que 30.(...) Minha infância, foi tudo tão rápido... Minha irmã fala que eu só gostava de ficar na casa dos outros, que

não gostava de assistir então ia pra casa das colegas... e se resumia nisso. Tem muito mais coisa, não.”

Já viveu mais que 30 anos em 24, mas não tem muito a contar. Marca sua experiência como amadurecimento, como se tivesse vivido mais tempo, e a deles como muito peso e tristeza. Pensar mais sobre todos esses anos que sente ter vivido seria muito difícil, pois precisaria dizer que a solidão doeu e trouxe consequências. Tanto que sempre a evitou buscando companhia.

A capacidade de estar só é a base para experimentar a solidão sem se sentir só ou desamparado, algo que, segundo o autor, “é quase sinônimo de maturidade emocional” (WINNICOTT, [1958]1983, p. 33). Se inicialmente o bebê não possui ego para administrar seus impulsos, ficar só pode ser angustiante. A presença do outro como que empresta esta tranquilidade, pelo cheiro, pelo som, pelo ritmo, pela melodia, que mostram constância, familiaridade, etc. E é somente quando está só, amparada pelo ego do adulto de referência, que a criança pode descobrir sua vida interna própria, suas fantasias, sua criatividade (WINNICOTT, [1958]1983). Pode ser que a figura da irmã tenha tido um papel importante nesse sentido. Quer dizer, mesmo que a irmã não tenha sustentado sua presença em casa, ela sobrevivia à mesma história, mostrando esta possibilidade a Rita. Assim como a companhia das amigas, posteriormente, ajudavam-na a manter-se minimamente segura. Mas a possível falta deste amparo maior pode dificultar o acolhimento das crianças, por Rita se identificar com os acolhidos na distância da mãe.

Ela se lembra de querer muito encontrar o pai e a avó paterna dizer que ele era apenas bom dono de casa, por ser provedor, mas não bom pai ou bom marido. E então, formula:

“Meu pai foi muito ausente. Eu conheço ele, vou até na casa dele, ele vai na minha... mas ele foi... assim, eu posso dizer que eu não tive pai. Porque eu fui criada só pela minha mãe.”

Esta frase aponta a ausência de alguém por quem ela era “louca”. A dor é dupla: pela falta do pai e por saber que era louca por alguém que não fazia bem para a família. Apenas garantia a comida de todos no começo. Seu abandono é colocado de lado, afinal hoje ela convive com este pai que ela nem teve. Paradoxo que pode fazer parte do peso da responsabilidade que sente:

“Então, eu vejo hoje que é um peso muito grande em cima de mim... eu às vezes quero ser criança e não posso mais... e até brinco com os meninos daqui, tudo, mas é muita responsabilidade pra eu querer ser criança agora...”

Ela também tem um “peso” grande como identifica nos acolhidos. Sua história também não foi fácil e ela tem vontade de reescrevê-la, mas não pode. Já é adulta e é cuidadora, educadora, mãe, é responsável por muitos meninos.

Para Rita a mãe vira guerreira, pois teve que ocupar o lugar do pai:

“e minha mãe se separou muito cedo, criou a gente só, numa comunidade e ela trabalhava. Ou ela cuidava da gente ou ela ia trabalhar. Pra botar comida na mesa. E ela ia trabalhar.”

Hoje reformula a visão da mãe, mostrando o esforço em compreendê-la como provedora, já que sente o peso da responsabilidade e gostaria de não ter se tornado mãe tão cedo. Embora ache importante se diferenciar:

“Eu e minha irmã, graças a Deus... a gente sai. Mas como minha mãe não. E minha mãe bebe... eu não bebo...”

Graças a Deus ela e a irmã são diferentes da mãe e ela pode estar em casa para cuidar do filho.

Não fiquem pela rua nem serem institucionalizadas, não correrem riscos e não sofrerem violências é o que qualifica a família como boa, como de sucesso, oferecendo infâncias maravilhosas. Muito diferente das famílias dos acolhidos que “permitem” que as crianças sejam afastadas de seu convívio. Como já foi dito, outros educadores também contaram de pais rigorosos ou mesmo que chegaram a deixar sob cuidado de outros familiares.

Outra educadora (não incluída⁵⁰ entre as sete narrativas) traz um ponto importante. Odete foi deixada pela mãe aos nove meses e soube que o pai teria responsabilidade nisso. Esforça-se em compreender que a vida da mãe não era fácil, vai até ela depois de grande e mantém contato, mas chama de mãe àquela que a criou, sua avó. Em seu relato mostra identificar-se com as crianças e se aproximar do sentimento delas de saudade da família – assim interpreta uma garota que tem crises no abrigo e inquieta a todos, mas que ela sente compreender. Mesmo assim se diferencia, afinal, além de ter uma avó que não permitiu sua institucionalização, podemos pensar que ela, assim como todas as outras educadoras, estão lutando, trabalhando, criando os filhos, não se entregando a um mundo de violência e abandono. Este mundo não apenas é aquele do qual entenderem que vieram os acolhidos, mas para o qual elas podem imaginar que eles vão voltar, por não conviverem em família, como

⁵⁰ Não foi incluída por não ter tido a narrativa gravada.

aponta Gouveia (2007) sobre visão de educadoras de abrigo na cidade. Como o “cair no mundo” que Amélia aponta como movimento contrário ao de sua família de sucesso.

Sendo assim, as narrativas vão mostrando que há tramas diferentes sendo tecidas em relação ao encontro dessas histórias, muitas vezes numa tentativa de tentar se distanciar da precariedade, mas também com bases para identificação. Como discutimos no primeiro capítulo o acolhimento precisa dessa base para poder reconhecer o outro e oferecer atenção. A tentativa de algumas educadoras evitar a identificação dizendo que as histórias seriam muito diferentes dificulta o reconhecimento de um lugar para as crianças que não seja o de vítimas e de fadadas ao fracasso. Por outro lado, entender que são iguais a eles, ou até mais sacrificadas, também não permite a diferenciação para atenção às necessidades deles. Nesse caso, em alguns momentos as educadoras podem buscar as mesmas coisas que as crianças e não oferecer continência.

Talvez vejam como um problema sofrerem por si, já que suas histórias podem não ser tão violentas quanto as de algumas crianças. A comparação acaba afastando a possibilidade de encontro e acolhimento. Mas é importante frisar, que a educadora com história de maior abandono e violência, Frida, não se distancia, não vê necessidade de diferenciação.

É interessante marcar esta necessidade da maioria das educadoras de diferenciar suas histórias das histórias das crianças, que vai mostrando um caminho da trama afetiva, pois, por mais que as primeiras tenham experiências tristes, ainda assim, não foram deixadas num abrigo. Esta diferenciação traz, também, a resistência em ver um abrigo como bom espaço, mesmo que seja para casos extremos. Amélia e Frida dão sentido positivo à instituição, mas não deixam de reconhecer abandono. Podiam se sentir sem amparo de adultos quando pequenas, mas reiteram que as crianças abrigadas também não têm companhia dos próprios pais. A valorização destas figuras é bastante intensa, não por quem são em cada história, mas pelo sentido de amor e proteção que carregam. O olhar sobre a instituição e ainda esta dificuldade na relação com a mesma serão retomados adiante, quando outros elementos indicarem esta depreciação.

5.1.2. O contato com a infância institucionalizada

A visão de criança em geral aparece em algumas narrativas, mas as educadoras apresentam mais a infância institucionalizada, ou violentada – uma associação já discutida. Por isso, este item está bastante relacionado ao anterior, afinal contam da criança que vêm

como abandonada, que, umas mais outras menos, parecem colocar no fundo do poço pelo peso das histórias. No marcador seguinte vamos ver como elas vêm sua função como possibilidade pessoal de fazer algum gesto em relação a eles, mas não como potência institucional de formação cidadã.

Clara reflete sobre a infância:

“Pq na verdade é o tempo que vc é feliz, enquanto é criança. Pq vc, não entende... vc, chegou a hora de dormir tem uma cama, chegou a hora de comer tem ... isso aí pra vc já é o suficiente. Ali é a sua felicidade. Mas quando vc vira adulto, aí tudo complica, parece q vira tudo de cabeça abaixo”.

A educadora encara as crianças como a si mesma quando criança: tão inocente que não percebe a gravidade dos problemas, não percebem como a vida é difícil e deixam pra lá. Porque criança não tem responsabilidades como os adultos e ficam protegidos da realidade por não compreenderem todos os problemas, como ela não conhecia os problemas do pai e julgava a mãe mal-humorada:

“aí vc começa a conhecer a história de cada um, pq cada um tem uma história diferente. E vc começa a ver que, é tão, é tão, criança é tão transparente, tão, tão, assim, tão verdadeiro, que mesmo eles sabendo da história deles, mas aquela alegria deles não acaba. Em momento nenhum eles nos passam aquela tristeza.”

Não mostram a tristeza como ela sentiu e ainda sente ao saber a verdade de sua história e mesmo das deles. Como se a verdade fosse triste e apenas os adultos pudessem ver. A alegria Clara não encontra mais, mas se incomoda de se sentir triste ao lado de crianças alegres, com histórias que ela entende serem tristes.

Interessante que Rita também tem esta opinião, de que as crianças não demonstram a tristeza que carregam:

“Uma coisa assim... umas coisas tão fortes que eu digo a vc: Essa criança já passou por isso? E ... a casca né? Por fora nem aparenta que passou, mas eles sabem o que eles sentem, o que aconteceu com eles, como aconteceu... aí é tão pesado pra eles...”

E Rita vive com um sorriso grande no rosto. Clara e Rita se identificam com as crianças na dor e tem dificuldade em vê-los para além disso. Como talvez vejam a si mesmas no momento das entrevistas. Mas se ficam presas na dor, não há reconhecimento de um lugar possível para as crianças.

Em outro momento, porém, Clara apresenta de outra forma:

“Então, ela vem de um trauma, aí ela chega aqui, já traumatizada com aquilo, e encontra uma pessoa que vai cuidar de vc, encontra a mesma, a mesma coisa que deixou pra traz... então, ela tem medo de se chegar. Então, enquanto criança eles se mostram não tão rebeldes, mas eles se mostram mais quietos, mais calados.”

Mostram-se mais calados. E ela entende que isso é advindo de um trauma que dificulta a confiança, porque como diz neste trecho: espera cuidado mas encontra a mesma coisa. Parece dizer que o que passou foi ruim e gera receio. Como a traição que sentiu quando o pai se separa da mãe e ela descobre que ele gastava o dinheiro da família com jogo. Portanto é uma frase que mostra bastante dela ao querer exemplificar as crianças com dificuldade de confiar no acolhimento do abrigo.

É importante ressaltar que este olhar denota pouco conhecimento sobre o que é a criança, seu desenvolvimento, suas necessidades, etc. Para qualquer um chegar num lugar novo pode ser inquietante e gerar receio, mas não necessariamente porque o que passou era ruim, mas sim porque foi mudado o ambiente familiar, já conhecido. Falta reflexão sobre o que marcou a história de cada um antes de se encontrarem ali (crianças e educadores), se foi algo que gera receio ou não. O choro, por exemplo, é entendido apenas como demonstração de tristeza e não encontra possibilidade de pensá-lo como força para pedir ajuda. E o que é aquela alegria que Clara vê? Muito importante pensar como as crianças se comunicam e que a brincadeira é uma necessidade para, inclusive, elaborar experiências traumáticas. Como mostra reportagem sobre crianças refugiadas da Sérvia, que viajam sem os pais, e fazem amigos, jogam críquete e futebol, inclusive com crianças de grupos “inimigos”. Tudo que se evita é a solidão, segundo Chade (2017). A brincadeira e a amizade permitem suportar a extrema violência.

Além disso, pensar a criança como anjo mostra dificuldade de compreensão, ou uma grande vitimização das mesmas, sem poder vê-las como sujeitos em processo de diferenciação e amadurecimento, com suas vontades e impulsividades. Uma forma de olhá-los que paralisa na violência vivida. O olhar sobre a criança angelical denuncia também o quanto ficam sozinhas para desenvolver o acolhimento como educadoras e acabam não sabendo muito bem que lugar ocupar. Quanto horror vêm nessas histórias, e quanto querem proteger a todos delas.

Clara relata sobre uma das acolhidas que vê realmente como abandonada, que depois de muitas tentativas de reinserção familiar ainda não sabe o que vai acontecer:

“Porque eu vejo nela que todas as crianças, querendo ou não, aqui tem um pai que vem buscar. Tem uma mãe que vem buscar, uma tia. E ela não. Ela

não tem. Ela tem uma mãe que é proibida a visita, tem um pai que é falecido, então como que funciona isso na cabeça dela? E ela ter que viver cada dia esperando uma decisão que vai ser tomada futuramente e ninguém sabe qual.”

A educadora “vê” na menina a falta de pais, de referência, falta de tudo. E esta mesma menina propõe a ela deixar seus problemas pra lá. Esta é uma acolhida citada por vários educadores em suas narrativas por sua generosidade, bom comportamento, bom relacionamento com todos ali. Mas não a questionam, não parecem realmente interessados em saber como ela está. Se não dá trabalho é porque está bem, parece ser a compreensão. E para não mexer com o que está supostamente bem Clara guarda a dúvida para si: *“como que funciona isso na cabeça dela?”*

O silêncio, o não dito, como apontado por Rosa (2002) marca um não lugar de sujeito, movimento que parece bastante presente não apenas neste caso. Clara não consegue ver a acolhida como sujeito, para acolhê-la, para pensá-la além do abandono que vê nela. Ela gosta muito da menina, mas não consegue perceber a potência que pode estar por traz desta infante. E é assim que age a maior parte da equipe.

Mesmo Frida que não se refere à história das crianças, aponta:

“(...) todo mundo sonha de ter uma família, de ter a mãe, de ter seu quarto, de ter uma pessoa que lhe ama”.

Seu sonho parece ser autorizado pela instituição e mesmo pelo discurso social, então ela reproduz com tranqüilidade. Mas quem disse a ela que ao menos algumas crianças ali, se não todas, não tem alguém que as ame? Novamente a falta de amor aparece e mostra como Frida fala consigo mesma neste sonho. E conta a quem se apegou:

“Esses sete irmãos. Que são umas bênçãos.”

São sete irmãos com a mesma inicial: “F”, a mesma de Frida. Será que esta aproximação maior não aponta seu desejo de família, ser mais uma irmã da “Família dos F” como eram chamados? Tanto quanto ela quer uma família, acha que eles querem também. E lembra de si:

“É. Minha mãe dizia, que eu não era muito trabalhosa, não, mas, assim, quando ela dava em mim brigava, eu ficava sem falar com ela, entendeu, eu ficava de mal, ela falava e eu não respondia. Eu sei que também, se eu me lembrar também de algumas coisas, eu sei que também que eu não fui aquelas coisas pra ela bater não. Mas assim, ela era exagerada. E eu aprendi também ser isso com meus filhos.”

Recorda de “pisa” que deu no filho e depois chorou muito. Se culpa demais pela forma que cuidou dos filhos e parece cuidar de si e deles ao cuidar de outras crianças, vendo-as como amigas:

“Muito amor, tentar ser amiga delas, e sempre estar presente no momento delas, importante ou não sendo importante.”

Esta postura é interessante uma vez que a amizade é uma relação de carinho e dedicação ao outro, de presença, de companhia, como ela define. Barreto (2003) discute a função do acompanhante terapêutico, que poderia ser aproximado ao educador social, como uma relação de confiança, na qual a pessoa fragilizada possa se apoiar para voltar a confiar no mundo e se relacionar com ele. Uma postura que vem de “comer pão, comer o mesmo pão”, ou seja, compartilhar a vida, que para o autor poderia ser relacionado à idéia de amizade (BARRETO, 2003, p. 188).

Rocha (2010) pondera que: “para o ser humano viver é conviver” (2010: 75). Explica que para Aristóteles, “o amigo desdobra-se em um outro si mesmo”, aquele para quem o si mesmo se dedica e de quem recebe dedicação, como no cuidado preocupado. E o autor defende que reciprocidade e alteridade garantem, na amizade, o não fechamento no egoísmo (Rocha, 2010, p. 75). Ou seja, há um acolhimento recíproco, porém sem deixar de ver a alteridade, que torna este tipo de vínculo uma possibilidade de cuidado que não se fecha em si, que se abre ao outro e aos outros, por não ser uma relação dual, exclusiva.

Esta possibilidade de Frida ver as crianças como amigas pode ser vista como uma postura valiosa tanto no sentido que Barreto (2003) aponta, quanto que Rocha (2010) descreve. Porém, a educadora relata sua dificuldade com isso também:

“Eu acabo me doando pra ela. Eu acabo me doando demais. E às vezes parece que sufoca as pessoas isso, de eu me doar muito. Eu sempre ligar, dar bom dia, boa noite, boa tarde. É perguntar como é que ta, se comeu, se não comeu, se ta bem,...”

Parece que se doa como nunca sentiu alguém se doar a ela. E Frida ainda ressalta que neste tipo de dedicação não consegue ter mais de uma amiga, pois não há como se dedicar tanto a várias pessoas. Então, se quer ser amiga das crianças e se dedica muito a elas, ao menos por serem várias evita tanto sufocamento, que viria numa tentativa de reprodução da exclusividade de relação dual, de identificação primária, em dedicação extrema e dependência total, que ficou falha em sua história: crescendo em ambiente de pouca confiabilidade, pouca segurança. Quer dizer, ela está ali de igual pra igual com os acolhidos.

Rita não vê as crianças a partir de um lugar diferente, que ela possa investir desejo, refletir expectativas e curiosidade pela potência que chega. Mas, assim como Frida, ela parece ter dificuldade de diferenciação em relação às crianças e fica presa à identificação, o que parece dificultar sua função continente. Ao mesmo tempo são como tradutoras das necessidades deles. Mas precisam ser escutadas, acolhidas e deslocadas aos seus lugares de adultos, de educadoras, refletindo sobre sua função.

Rita se incomoda tanto com as histórias de vida que chega a desconfiar das mesmas e acha que os acolhidos não deviam contar para os educadores:

“É. Às vezes eles, eles chegam, eles chegam se abrindo. Que até nem pode. Mas... assim, as crianças... eles, eles, tem que conversar com a equipe, mais com a equipe técnica porque tem uma psicóloga, tem a coordenação. Mas às vezes eles chegam: A tia aconteceu isso e isso e isso e isso e isso e isso comigo. E eles contam a todos os educadores. E a gente vai na coordenação pra saber se foi verdade, porque às vezes eles... criam também... e às vezes aconteceu... É triste.”

A educadora deixa claro que não gosta do contato com as histórias deles e talvez não goste da sua também. Talvez sua angústia com as histórias advenha dela achar que deveria poder resolver o sofrimento, mas quem pode isso, segundo ela, é a psicóloga. Ela não, pois é apenas uma educadora, em sua visão. E que carrega suas próprias dores. Um ponto importante da tentativa de Rita fugir da história ruim, de achar que não é verdade, é a dificuldade dela em acolher a criança com o que ela tem a dizer, seja fato ou não. Afinal, quais serão suas experiências de acolhimento para poder acolher? Como pontuado, as frequentes mudanças de cuidador responsável pode resultar em poucas oportunidades de reparar e ser aceita pelo que é e pelo que fez.

A questão é que ela trabalha num serviço de acolhimento institucional. As histórias são as mais variadas e difíceis de serem compreendidas pela precariedade que explicitam. As crianças vão tentar lidar com estas experiências e buscar por maternagem, por colo, das mais diferentes formas. Então, quando há uma história sendo contada, há uma comunicação sendo feita. A escuta, a abertura para entender o que a criança demanda com aquela narrativa, seria fundamental para mostrar à menina ou menino que estão amparados, que podem confiar e que são aceitos como são. Perceber, em discussão com a equipe, se a criança precisa de colo, de limites, de elaboração do luto da separação, de melhor compreensão sobre o lugar que está, etc. Ou seja, o que as crianças contam precisa ser escutado.

Então, Rita tenta oferecer distração, como buscava na casa das colegas:

“comprava as coisas pra ela, dava... vira e mexe comprava uma lembrancinha, dava trocado pra ela comprar um filme, um DVD pra assistir. Todo mundo aqui da seu jeitinho... (...) tudo isso ajuda eles se divertirem mais, ne?”

Isto os educadores podem fazer. Inclusive a casa tem muitos voluntários que fazem festas e doam coisas pras crianças. Portanto eles têm coisas ali. Como ela teve comida na infância. Mas como diz a música: “a gente não quer só comida...” e é muito difícil dar mais que isso quando não se teve.

Amélia não toca com tanta ênfase na violência das histórias, ou talvez não generalize tanto quanto as outras. Apesar de que quando a casa está cheia de bebês ela se ressent: “*Como pode tanto abandono?*”, mostrando que há algo que a mobiliza. Amélia acompanhou um garotinho que tinha maiores complicações de saúde e lamenta mais ainda por ele não ter visita:

“Porque além de ele ter o problema de saúde, não tem a visita nem do pai, nem da mãe. Da família, no caso. Então, a gente vê ele assim, uma criança muito carente. É tanto que ele passa a mão na gente. Tá entendendo. Ele não é aquela criança que vc botar ele no colo ele se satisfaz, ele quer pegar, apesar dele ter oito meses. Pequeninho né. Mas ele já procura isso na gente.”

A falta de uma referência a deixa muito sensibilizada e ela não consegue parar de pensar no menino, que a convoca a trocar calor humano. Tal convocação a inquieta e a faz vê-lo como carente, não como carinhoso, por exemplo, e também se sente importante ao achar que pode suprir a carência. É a falta que aparece, assim como para Clara. E também uma característica talvez dos bebês da Casa de Acolhimento, porque com oito meses o bebê já demonstra carinho e ela estranha. Mas segundo Spitz (2000), é o momento em que o bebê começa a estranhar. É o momento de construção de uma vinculação mais clara com o outro de referência, que talvez seja posterior nos acolhidos, que precisam de um tempo para se adaptarem ao novo ambiente e prosseguirem em seu amadurecimento. Amélia não apresenta claramente sua visão das famílias, mas acredita que as crianças tenham suporte no abrigo para ficarem bem:

“A família visita... e os educadores, tanto educadores quanto aquelas que formam, as equipes, são pessoas capacitadas, que não vão, que jamais vão deixar eles, se eles têm, mas tem como tirar aquilo deles. Assim, tem um acompanhamento.”

A educadora problematiza: se tiver algo difícil que eles carregam, a equipe técnica pode ajudar a elaborar. Não vê o problema como a priori e ainda acredita que haja solução. Tem uma vertente muito positiva de potencialização das crianças, de um olhar que não

vitimiza necessariamente. Mas a solução é “tirar aquilo deles”. Apagar a história ruim. Por este lado, Amélia pode entender a violência, por exemplo, como algo que pode limitar o desenvolvimento, como vê na revolta, que precisaria ser tirada deles. Além disso, a relevância que dá ao papel dos técnicos aponta também a falta de suporte que teve morando num sítio, com onze irmãos. Mais uma vez aponta a falta de companhia e mesmo de suporte técnico na história de sua família. Ponto que discutiremos quando tratarmos do olhar das educadoras para seu trabalho.

Amélia traz esta visão um pouco mais complexa, que desvenda outros pontos de vista. As críticas, as reflexões, são fundamentais, mas reconhecer as potências também. É o que permite um olhar de reconhecimento para os acolhidos como sujeitos de suas histórias e com um lugar na vida, no mundo. Num reconhecimento de um lugar para ela também, sentindo-se valorizada e não mais um dejetivo, mais um abandonado no abrigo.

Branca, como já apresentado, entende que todos são traumatizados pela separação dos pais, mas tem mais tranquilidade em permitir espaço para que cada um se mostre como é e do que precisa. Mostra atenção e sensibilidade a isso:

“Porque é, eu acho que eles precisam sentir um pouco de confiança. As crianças são muito observadoras. Elas sabem quem pode confiar e quem não pode confiar. A D. é muito calada. No meu terceiro plantão, eu não cheguei a conversar com ela mas eu percebi que ela era muito na dela. Aí no meu terceiro plantão ela chegou pra mim e disse que gostava de mim, sem a gente conversar. Aí eu disse: ta vendo, as crianças observam a maneira que o educador trata qualquer um. Né? Hoje, o que, nos meus dois plantões pra cá... os maiorzinhos já conversam comigo. Inclusive, os maiorzinhos eu digo dos cinco irmãos. Já conversam comigo, tudinho.”

Branca conta que vai com calma e respeita cada um, mas também fica sozinha para lidar com a aproximação deles. Então ela entende que a menina que diz que gosta dela a observa enquanto lida com os outros, mas não pode ter respaldo para pensar o que leva uma menina tão calada se aproximar dizendo que gosta dela. Uma menina que está ali numa instituição para crianças separadas de suas referências. Que peso esta demanda pode ter para a educadora, agravado pelo fato dela não encontrar espaço para discutir isso? Um peso que se traduz na necessidade dela de contar isto se diferenciando dos outros educadores, como ganhando um lugar do qual necessita refletir, pois realmente precisa de ajuda para ocupá-lo.

“A gente ta aqui conversando, a criança ta ali brincando, mas ó... percebe. Outra, ela per... soltou: “Quem é que vai querer adotar uma pessoa já grande?” Aí foi quando eu disse: Não diga isso não, porque existem pessoas que querem adotar pessoas já grandes feito você. De uma certa forma ela pensa. O q vai ser dela?”

Responde à menina que se aflige a partir da mobilização em si mesma da angústia de incertezas e de não ser desejada, sem poder refletir sobre como lidar com estas questões: O que vai ser de cada um? Como ajudá-los a pensar sobre isso? E fica com o que pensa:

“É. Eu acho que a gente tem que mostrar a realidade mas de uma forma mais suave. Né, quer queira, quer não, essas crianças, infelizmente, tem que crescer sabendo disso.”

Precisam saber de suas histórias. Sim. Ponto fundamental que ela defende, embora para si mesma tenha dito ter sido bom não saber dos problemas dos pais, ao contar que sua mãe nunca brigava com o pai na frente dos filhos. Uma contradição que não a afasta de encarar, responder e entender que seja o papel da instituição trabalhar com isso. É importante pensar que ela se vê muito diferente das crianças, e talvez no caso dela, não saber sobre o vício do pai, fosse um detalhe omitido para tornar a verdade mais suave. Sua leitura de sua história permite que ela se aproxime, que esteja atenta às crianças, embora ainda possa precisar de suporte para acolhê-los.

Podemos valorizar o fato de Branca pensar que devem tratar sobre as histórias de uma forma eufemística: “Quando uma realidade difícil de admitir como a do abandono, não é transformada em uma história suportável para a criança, ela trata como um traumatismo para seu psiquismo” (LÉVY-SOUSSAN, 2011, p. 67). Não temos material para avaliar isso em relação às educadoras, mas pensar que existe este jogo de tensões é interessante, uma vez que elas se vêem com tanta dificuldade em ouvir e conversar sobre as histórias de vida das crianças. Como fazer isso? Afinal, no serviço de acolhimento são elas que estão ali para “segurar a mão” das crianças. Para ajudá-las a compreender, representar, simbolizar, o que aconteceu. A visão de Branca sobre a necessidade de discussão sobre as histórias, o que elas provocam e como lidar com cada uma se soma à de poucas na equipe.

Assim como narra muito pouco de si, Maria se refere pouco às crianças. Percebemos sua dificuldade em entrar em contato com elas ao relatar sua chegada no primeiro abrigo em que atuou, em que se perguntava como ia lidar “*com essas crianças*” e ao contar que hoje acha muito bom ter tido contato com:

“(...) o outro lado, um lado que pra mim não existia. Eu, pra mim, isso aqui só existia em novela. Aonde que passava pela minha cabeça que uma mãe abandonaria um filho? Aonde passava pela minha cabeça que uma mãe maltratava um filho? Né?”

Uma cisão com a realidade de desigualdade social e violação de direitos que pode ser mais um indicativo de sua dificuldade em lidar com o sofrimento.

A educadora entende que as crianças precisam ouvir histórias de sucesso para seguirem um modelo, para terem alguma orientação já que não têm mãe para fazê-lo:

“ (...)que até então elas não tinham uma família. Né. Uma família assim, entre aspas, né. Elas não tinham o convívio da família. E elas tinham toda oportunidade do mundo de construir uma família. E uma família feliz. Dentro dos padrões que realmente elas... tavam... ali... vivendo.”

Sua família humilde pôde oferecer a ela uma infância feliz. Com as famílias das acolhidas, que ela dá a entender que é o mesmo que sem famílias, as acolhidas não conseguiriam nada, mas com boas orientações podem construir famílias felizes. Não trabalha com o passado das crianças, ou melhor, entende que ele era um buraco negro, e que agora devem ser salvas pelo Senhor e pelo amor, aproveitando a oportunidade que está sendo oferecida. Pinsky e Eluf (2012, p. 62) apontam: “A pessoa a quem a verdade se ‘revelou’ acaba assumindo a atitude de pregar a *sua* verdade como universal, ou mesmo impô-la (...)”. Uma ilusão baseada na baixa capacidade de contato com a alteridade: o que é bom para mim é bom para todos:

“Porque eu to dando um pouquinho pra alguém que não tem quase nada. Eu to dando um pouquinho de amor, um pouquinho de atenção. A crianças que não tem quase nada. Então isso, pra mim, é muito gratificante. Muito. Então, assim, é isso.”

Sua compreensão mostra dificuldade de reconhecimento do sujeito, do outro, da diversidade e complexidade da vida e da individualidade de cada um. Maria não quer ouvir as histórias das meninas, mas contar a sua como modelo a seguir. Foi esta forma que ela encontrou de suportar a dor que aquele lado sombrio da realidade lhe causava – aquele que ela “nem imaginava existir”. Uma forma que estabelece uma enorme distância e dificulta o acolhimento das crianças por ela e dela pela instituição. Quer dizer, estes profissionais estão se deparando com precariedades que podem não ter estrutura para suportar. É papel da instituição acolher esta dor, dar circulação a ela, ou o encontro de educadoras e acolhidos pode ficar minado, considerando esta forma defensiva e evasiva que Maria encontrou dentro das suas possibilidades.

Este investimento não vê o outro como sujeito e não se abre, como deseja Branca, a ver o outro e suas necessidades. Impõe um modelo externo, assim como instituições religiosas.

Olga não se abre nem mesmo aos colegas. Vê as crianças maiores de três anos como problemas e não concorda com a forma de trabalho do abrigo:

“Eles tem maus costumes, os maiores, tem maus costumes, aí chama palavrão, aí briga muito, não tem limites, aí quando são adotados, aí não querem ter limites. Quer viver como vivia lá no abrigo, aí, eu acho que as famílias não concordam e às vezes devolvem.”

E então quer se trancar no berçário e dar “resguardo” aos bebês, protegê-los desta má educação, além de protegê-la da convivência com outras pessoas:

“Elas acham que você quer ficar excluída dos colegas. Não entendem a privacidade do bebê. Aí pensa que você quer se excluir dos colegas de trabalho, mas não é. É porque você quer a privacidade do bebê.”

Ao final do período da pesquisa, quando ela estava para ganhar o neto e uma nova cozinheira chegou à casa (pareciam amigas) a pesquisadora a encontrava circulando, conversando com a colega nova. Antes disso, era difícil vê-la fora do berçário. Quer dizer, ela queria resguardo também, de um agito que ela foi educada a achar fora da ordem correta. E se não são bem educados, com a rigidez necessária, ela acredita que podem acabar facilmente como os agressores e mesmo assassinos daqueles que lhes cuidaram. Olga teme este ambiente de histórias de horror. Como se agradecesse a presença dos bebês com os quais se ocupar. Mas podemos nos perguntar que reconhecimento ela poderá oferecer aos mesmos, dado seu olhar.

Então, as histórias dos acolhidos são vistas como problemas e as crianças sempre revelando faltas. Por menos que as educadoras tenham, têm mais que elas. Podem oferecer algo bom, mas nem todas reconhecem que pode haver reciprocidade.

Frida aponta alguma possibilidade de troca, até porque os vê como amigos:

“Mas eu sempre gostei de cuidar de criança, não sei se é porque assim eu me sentia muito carente, aí, assim, eu me doava pros pirralhos.”

Na verdade, talvez ela perceba que recebe mais do que oferece, mas algo ela oferece como acolhimento, já que conta que as crianças também gostam bastante dela, o que confere com as observações realizadas. Nas observações de Frida no berçário era das educadoras que mais interagia com os bebês. Mas seu reconhecimento sobre o gosto por criança é advindo de sua carência, que identifica com a “dos pirralhos”. A questão é pensar onde esta carência pode levar e como cuidar disso, para não aprisionar como ela se percebia fazendo com as amigas.

Assim como Frida, Amélia gosta de estar ali:

“Gosto, muito. Eu acho que eu me realizo em tudo, com criança. Não me canso. Tem gente que diz que se cansa com criança. Eu não. Muito pelo contrário. Eu acho que eu me abasteço. Ri.”

Amélia descreve que há tempos de muita correria, quando a casa está muito cheia. Mal conseguem tempo de almoçar. Mas há momentos em que a casa fica mais vazia e então ela gosta de arrumar as coisas, limpar a casa, cuidar também do espaço de acolhimento de todos ali. Uma educadora com alto grau de responsabilidade e capacidade de troca com as crianças. Em observações na casa foi possível verificar o quanto ela se relaciona, brinca, observa, se diverte. Investe em algo que acredita, como apontado.

Uma das cozinheiras também reconhece o conforto que as crianças oferecem, mostrando sua compreensão do cuidado como uma troca:

“Se vc maltrata, aquela criança não vai querer saber de vc. Ai se vc trata aquela criança bem vai ter o retorno, de um jeito ou de outro. Tem uns momentos que a gente chega aqui triste por qualquer coisa da vida, do nada chega uma criança e dá um abraço em vc, do nada. Trabalho com adulto vc já não tem esse retorno.”

Frida e Amélia, especialmente, podem ver as crianças desta forma sensível, como quem pode acolher. Este reconhecimento potencializa e subjetiva, como já discutido.

Mesmo assim, para a própria Amélia pode haver algo de ruim na história deles que pode ser retirado pela psicóloga, assim como as demais entendem que há muita dificuldade. Gostariam que a história deles fosse diferente, além das suas. Muitas vezes isso pode fazer com que não os vejam como sujeitos e como inseridos num contexto sócio-histórico. E com isso a função de acolhimento deixa de trabalhar tanto o processo de luto necessário aos cuidados com as relações, apontado anteriormente, quanto a filiação, que discutimos ser fundamental para a construção de referências que permitem dignidade ao sujeito e pertencimento a um coletivo. Zornig e Levy (2006) discutem a importância do processo de luto para a criança sair do lugar de “vítima passiva de um destino funesto para ocupar o lugar de co-autor de uma nova história”. Este movimento exige trabalhar esta trama afetiva que embaralha histórias e por vezes encobre a possibilidade de acolhimento.

5.2. Ser educadora do abrigo: as bases para a trama

5.2.1. Como as profissionais vivem o lugar de educadoras

Chamamos atenção no quarto capítulo para o sofrimento que atuar com abandono e violência desperta nos profissionais (SETTON L. SOUZA e cols, 2016, p. 186). Estar neste contexto também dificulta o delineamento da função de educadora, uma vez que as profissionais devem acolher crianças afastadas de seus cuidadores primordiais. Tal função

muitas vezes as faz pensar que devem ocupar o lugar daqueles ou mesmo ser os primeiros cuidadores que realmente oferecem acolhimento, o que fazem a partir de sua prática como mães, ou tias, ou irmãs, sem formação ou suporte adequado para a profissão que desempenham.

Clara teve uma infância mais acolhedora, se sentia segura pela presença dos pais e pelas férias fartas no sítio dos avós que ela descreve com muito deleite. Em relação a isso, o sofrimento das crianças a faz viver muitos impasses. Quando um menino chora por querer ir ficar com os irmãos e o outro pede uma família de natal, Clara se esvai em lágrimas:

“Pq eu me senti indefesa em não poder ajudar. E me senti até tão fraca que eu não tinha palavras não. Eu só fazia chorar.”

Parece se identificar com os meninos, afinal conta ter sempre aproveitado a companhia dos irmãos:

“somos irmãos em oito e sempre nos demos superbem”.

E questiona como estar preparada psicologicamente para este trabalho.

Interessante como Clara usa *“indefesa”* indicando sua possível identificação com os garotos. Indefeso é o que não tem defesa, que poderíamos associar a um abandonado. Ela poderia dizer que se sentiu impotente ou algo assim para descrever sua incapacidade em ajudá-lo. Mas se sente sem defesa para lidar com a situação. E a angústia dela em saber como protegê-los é importante. Algo que poderia ser trabalhado e construído pela equipe, não focando a vitimização do menino, mas dando espaço para sua potência em poder dizer o que quer e o direito dele de saber por que as decisões estão sendo tomadas desta ou daquela forma. Sem este exercício coletivo, Clara parece se sentir tão abandonada quanto os meninos que, além de separados dos pais, ficam separados dos irmãos.

“mas... hoje, eu como criança... eu como adulta eu entendo que quando a gente é criança a gente acha que tudo é fácil, né. Mas só que não é não. É difícil. É muita coisa pra gente superar, pra gente enfrentar da realidade. É difícil.”

Confunde-se entre ser criança e adulta. Hoje ela é adulta, mas se sente cansada, frágil, *“indefesa”*. A educadora tenta ser forte e se responsabilizar por suas funções, mas muitas vezes se sente desafiada: *“é difícil”*.

Clara quer mais orientação, entender melhor o que deve fazer nas diferentes situações, algo que não estaria num manual, mas sim numa discussão constante da prática baseada nele. Conta que norteia sua atuação pela experiência cotidiana ali e como mãe, mas ainda espera que alguém explique melhor sua função. Ao perguntar como estar preparado

psicologicamente para este trabalho indica que não gostou de chorar ao lado dos acolhidos sem saber o que fazer. Mas se qualquer profissional não sofrer com a desumanidade de muitas relações no mundo hoje, ele não poderá acolher, afinal precisa poder se identificar, como Clara. Quem pode acolher sofre. Mas num segundo momento também pode se diferenciar, reconhecer o que o outro necessita e buscar formas de atendê-lo, perceber as alternativas, mostrar que há possibilidades, que seja a de sobreviver ao tempo, pois não ficou sufocado na identificação, que pode gerar grande sofrimento, angústia de não saber como atuar.

Então, como é que a equipe pode se cuidar cotidianamente para encarar os sofrimentos das crianças a partir de um outro lugar, daquele com mais experiência de vida, de dor, de alegria? Oferecer esta diferença é poder se colocar no lugar do adulto. Poder dar o passo seguinte à identificação, que Clara parece não conseguir neste momento de maior fragilidade da criança e talvez dela mesma.

Da mesma forma que Clara quer entender melhor sua função, Branca conta que foi atrás de conhecer a forma de atuação do educador social, que percebeu estar distante da que conheceu no Antenor Navarro:

“E eles falam que a gente deve fazer uma atividade voltada, uma atividade pedagógica voltada a eles, a tarefa assim, leitura, ensinando a criança, o que realmente deve ensinar pra ela. (...) Aí, exatamente. É por isso que eu acho errado. Se as pessoas que trabalham com criança nessa situação deveriam ser pessoas com um certo tipo de capacitação.(...) O que eu acho é o seguinte, esse negócio de trabalho precarizado, serviço prestado... esse negócio de serviço prestado é o que faz com que os funcionários que trabalham com essas crianças vão largando mão. (...) Porque eu tenho certeza, eles tão aqui, bem, todo mundo precisa, não tem pra todos aí não tem como.”

Leu que deveriam propor atividades diferenciadas, mas entende que quem aceita um cargo tão precarizado está ali por necessidade, o que atrapalha o envolvimento com a função. A educadora traz questionamento inclusive sobre o papel da equipe técnica em relação aos educadores. Sua formação em serviço social e seu desejo de ocupar a vaga de assistente social a faz indagar o quanto os educadores não deveriam participar da discussão dos casos, que é padrão de qualquer trabalho em equipe e realmente considerado dentro das Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento (CONANDA, 2009), mas não é a prática no Antenor Navarro.

“Mas a gente passa a maior parte do dia sem elas estando presente, porque elas sempre têm uma atividade fora pra fazer, da casa. Da uma passadinha aqui, mas uma passagem rápida. Boa parte de suas atividades são fora da casa. E a gente fica assim, o dia todo só nessa correria mesmo com as crianças.”

Descrever esta solidão das educadoras é também reconhecer o quanto ela está fora do lugar que gostaria, mas não deixa de mostrar a falta de respaldo e troca entre equipe. Até porque, todo este questionamento e desejo de diferenciação acaba afastando-a das colegas e vice-versa. Quer dizer, ela não concorda com a forma que as coisas caminham ali e não tem espaço para discutir. Branca não concorda em ser “babá”, como algumas educadoras disseram a ela que é o que são mesmo:

“essa história de educador social é só prá enfeitar.”

Ela alerta que nestas condições não há como exigir maior profissionalismo, maior dedicação. Em visita à instituição, em dezembro de 2016, a pesquisadora encontra a casa vazia. Apenas Olga e sua colega cozinheira estavam na sala e as crianças estavam numa festa externa. Os bebês estavam no quarto e logo Olga teve que ir atendê-los. Neste encontro apresentaram que trabalhar na Prefeitura é se “enterrar” pois não há chance de melhorar a vida, já que não há direitos trabalhistas, nem possibilidade de promoção com salário muito baixo. Por outro lado, a auxiliar de serviços gerais relata que ali no serviço de acolhimento se sente à vontade, mesmo que haja problemas com pagamento e direitos trabalhistas. Esta funcionária já trabalhou como doméstica e sua experiência foi de muita humilhação.

Então, por piores condições que encontrem, podem “naturalizar”, “deixar por isso mesmo”, conforme Branca aponta, pois nesta instituição e nesta equipe a cobrança diminui. Talvez um movimento de proteção à descabida exigência sobre a “tenacidade” (LIMA, 2015) dos profissionais, enquanto os deixam “abandonados”. Dinâmica que desvaloriza a todos e deixa crianças e educadores à própria sorte, sem acreditar em sua capacidade, sem ver potencialidade nos encontros que ocorrem ali.

Quando Branca se refere à família estruturada e ao quanto sua mãe não brigava com seu pai na frente dos filhos, a pesquisadora pediu que ela dissesse como tal postura poderia interferir nos filhos, e ela responde:

“E eu acredito que sim, que isso influencia bastante, porque, é, quando criança a gente vai criando a nossa personalidade, né? Então, eu acho que sim... eu não consigo dizer... eu particularmente acredito que sim, que isso influencia bastante, mas possa ser também que não, que às vezes, já existe caso de criança, não teve vida fácil, veio de uma família desestruturada e hoje é uma pessoa... existe casos, mas isso aí é uma raridade e isso vai depender da personalidade da pessoa mesmo. De como enxergar o mundo, de como querer aquela mudança. Eu acho que a gente deve trabalhar as crianças nisso, que independente da situação que vc vive hoje, vc não deve deixar aquilo... perder as esperanças. Acreditar que vc é capaz. Eu acho assim. Eu acho, né. Aí as crianças daqui... eu não sei, eu sozinha... tem que se conversar, porque eu só... não adianta eu querer mudar o mundo sozinha,

né. O trabalho tem que ser em equipe. Independente que quando eu sair daqui, não seja continuado, mas pelo menos eu queria sentir a satisfação de que eu fiz a minha parte. Quem sabe daquele tempo que ele viveu comigo ele possa levar algo, que possa fazer as diferença lá na frente. Com a equipe com... com as meninas que eu dou plantão aqui, tá sendo tranqüilo.”

Branca mostra sua capacidade de reflexão e pode dizer que há pessoas, raras, que como ela tem força e crença em si “*de como enxergar o mundo, do modo de querer aquela mudança*”, afinal, como já apresentado, ela foi a filha que lutou para se formar e ser diferente dos pais. E assim formula sua postura de trabalho: permitir que as crianças possam sustentar sua esperança de conquistarem o que querem, de se sentirem capazes. Quer fazer a diferença por menos tempo que passe com os meninos ali. Mas também chama a atenção para a importância do trabalho em equipe. Quer dizer, também indica o abandono institucional em que todos se encontram.

Sua esperança em poder pensar algo de bom para as crianças e realizar algo de bom para elas pode existir, ao menos naquele momento. Uma esperança que também é possível porque ela não pretende ficar muito tempo como educadora. Tem seus sonhos para realizar, tem sua carreira de assistente social para encaminhar. Precisa acreditar que é capaz e construir seus caminhos e com uma equipe. Compartilhar esta forma de encarar as situações parece fundamental. Se estão ali apenas esperando o tempo passar e ver o que vai ser da vontade do Prefeito ou do juiz, o que estão fazendo? Movimento que indicaria o que chamamos de afiliação ao abandono, sem reconhecer lugares na instituição, quase uma instituição fantasma. Sem sujeitos. Mas tanto educadores quanto acolhidos poderiam se beneficiar de reflexão sobre sua existência, sobre sua condição, sobre suas possibilidades e desejos. Esta reflexão pode trazer angústias, mas ela subjetiva, permite que se manifestem como sujeitos de direitos, como cidadãos que ocupam um lugar no mundo, que vivem suas vidas.

Com o passar do tempo, Branca foi ficando mais quieta, se misturando menos com a equipe, talvez se diferenciando e sendo diferenciada, já que começa a ser vista como menos ativa. Outra educadora que entrara na casa junto com ela, que atuava pelo senso comum e vinha de outro trabalho com adolescentes em situação de risco, era considerada mais esperta. Esta outra educadora ofereceu alguns momentos de atividades para as crianças: desenho, recorta e cola, etc.

Numa ocasião em que propôs que as crianças desenhassem, um casal de irmãos começou a discutir sobre o pai. Quer dizer, a atividade expressiva e lúdica, a brincadeira, seja qual for sua natureza, mobiliza associações e lembranças nas crianças e é possível que não

apenas pela precariedade do trabalho, mas pela necessidade de trabalhar com estas associações e expressões é que as educadoras hesitem em propor atividades diferentes na casa. Esta educadora, que se apresenta sensível e compreensiva em relação ao comportamento dos acolhidos, ficou muda e aflita e logo os mandou tomar banho para ir à escola. Pode-se pensar que alguns profissionais se vêem em território minado, como Rita deixa claro ao não querer ouvir as histórias das crianças, afinal a qualquer momento podem referir sobre sua dor.

Num outro momento de observação, um garotinho acordou chorando. Ninguém se remetia a ele. Apenas Frida explicou para a pesquisadora que ele estava triste porque o irmão que fora visitá-lo foi embora enquanto ele dormia. Ninguém chegou para tranquilizar o garotinho. Dar atenção à dor parece temeroso, assustador, ou não sabem o que dizer. Talvez tentem se afastar, evitar este encontro, ao pensarem que não são responsáveis por esta dor, afinal não foram eles que abandonaram, não são eles que exigiram a separação, não foram eles que levaram o irmão embora. Ações que envolvem os gestores, o poder público, o judiciário e as famílias. Eles estão fora. Cumprem ordens. Podemos pensar que não haver discussão sobre os casos também oferece possibilidade de omissão dos educadores, por não se implicarem nas decisões e não acharem que precisam lidar com as conseqüências delas. Produz-se um interdito de comunicação, de responsabilidade, de apego, ou seja, do próprio acolhimento.

Abrir espaço para tratar das histórias dos meninos é importante, como pontuado. Não é fácil, especialmente para pessoas sem formação específica, ficarem à vontade para ajudar os acolhidos a pensar sobre o que viveram, sobre suas lembranças. Na verdade, poder escutar seria o principal, mas mesmo para isso é fundamental haver espaço de discussão em que possam colocar o que sentiram e o que pensam sobre o que escutam. Nos termos de Bosi (1999, p. 83): “(...) pesada hipoteca de opressão a que é submetido todo ser humano quando impossibilitado de pensar a sua ação no mundo”. Afinal, por mais que se esquivem das conseqüências das decisões em relação às crianças, os educadores ficam submetidos a elas, assim como às reações das crianças a elas. E submetidos criam uma dívida consigo mesmos em relação à participação e criação de seus próprios caminhos, de se sentirem produtores de sua forma de atuação, de sua força de trabalho, que interfere na visão de sociedade que carregam.

A forma de Rita ver seu trabalho parece se confundir com o uso que seu filho faz da instituição e marca sua forma de contato com o mundo:

“Aqui é o parque de diversão dele. Adora. Final de semana, eu tando aqui, ta no céu. E eu gosto de trabalhar aqui. Gosto das pessoas, gosto da coordenadora, gosto da casa em si.”

Parece ser um parque de diversão para os dois. Um lugar onde encontra companhia e agitação. E a educadora ainda conta que gosta muito da agitação, como montanha russa, deixando pouco tempo para pensar, para sofrer, para se envolver.

“Eu sou bem misturada”, ela nomeia sua forma de atuar em muitas frentes no trabalho, mas que também indica a identificação com as crianças. Uma mistura de muitas coisas, afetos, entendimentos, de cuidar de um e de outro, de ajudar, aqui, ali e acolá, mas não se fixando em um posto, se tornando referência para um ou outro. Mistura sua casa e a casa de acolhimento. Mesmo o marido acabou se misturando com a equipe do abrigo.

Como já apresentado, Rita quis ser mãe muito cedo e por vezes gostaria de ter feito diferente. Mas acha difícil se referir a isso, o que se torna ainda mais delicado quando se trabalha num ambiente em que há muitas mães separadas de seus filhos. Ama o filho mas pensa que teria sido melhor para os dois se tivesse esperado. Estão fazendo da melhor forma possível: ela leva o filho para o trabalho e diz que ali é o parque de diversões do menino, e não o força a comer como a tia a forçava, criando outras estratégias para que ele tenha os nutrientes necessários. Portanto, Rita faz diferente do que fizeram com ela. Cuida do filho como gostaria de ter sido cuidada, quem sabe tentando cuidar um pouco de si mesma, assim como quando cuida dos acolhidos.

Rita relata que quando chegou ao Antenor Navarro era exclusiva do berçário. Deveria cuidar dos bebês. Aos poucos essa logística de cuidadores e espaços se desfez e Rita pôde se encontrar num modo de atuar mais distanciado das crianças:

“Agora eu gosto mais de ficar fora do que ficar no berçário. Rs. Porque, assim, como se diz, no berçário é tudo muito cuidadinho, tudo muito fala baixo, tudo muito... tudo muito cuidadozinho, tudo muito no inho. Aqui fora não. A gente já manda menino tomar banho, já... se tiver que reclamar já reclama, já bota de castigo (...) se precisar, já manda ir tomar um banho, enquanto uma maiorzinha ta tomando banho vc já ta penteando cabelo de uma menor... Já é mais... No berçário é tudo ajeitadinho, tudo falar baixinho, tudo no inho. Aí já me acostumei aqui fora.”

Este trecho da descrição de sua atuação no abrigo traz questões importantes: certo sufocamento em relação a toda dedicação aos bebês, que a avó conta que sua mãe não fez; e também de seu movimento em direção ao agito que estressa mas ela prefere, já que a tira deste detalhamento de cuidados que podem apontar sua falta. Não sustentou ficar neste lugar sem apoio para refletir sobre o que a mobilizava esta atuação tão próxima dos bebês. Assim

como relata que sua infância passou muito rápido, seu agito no trabalho faz as infâncias que ali encontra passarem rápido.

Frida também mostra bastante mistura, tentando oferecer para as crianças, ou receber delas, aquilo que não teve e que não pôde oferecer aos filhos. Entende que já passou a chance de dar ao filho uma infância diferente da sua:

“eu gosto da senhora e painho, mas eu sei que fui criado só... é, como assim que vc... podia até querer voltar atrás mas não tem como vc voltar e o que vc faz agora não compensa o que vc já fez...”

Em relação ao filho não tem como voltar atrás, mas ela parece buscar certa segurança e aceitação (WINNICOTT, [1988]1990) no contato com crianças, que ela tanto gosta. Inclusive, sua narrativa é confusa e se refere a um acolhido como a ela também:

“E assim, como a gente já veio assim, o G. já veio parar aqui, não tem mãe, (...) às vezes a gente acaba deixando fazer tudo. Né, que às vezes tem um momento que vc tem que dar uma repreensão. Mas às vezes a repreensão, chega, ali, vem cá, a gente começa a rir, brincar e acaba conversando do assunto, mas... não tá ali dando grito, bronca. Se bem que às vezes não resolve. Resolve varias vezes, tem pessoas que grita e resolve mais. Mas eu não consigo, assim, ser ignorante. Não consigo. Com meus filhos eu consigo. Mas quando chega assim, de fora.... não. Não consigo não.”

Não consegue repreender, dizer não, por temer perder o controle e exagerar como fazia com seus filhos? A bronca, o que poderia ser agressão, vira brincadeira, risada, vira prazer. Como o abuso que sofreu do irmão. Era quem cuidava dela, quando os cuidados, os toques viravam outra coisa. A educadora mostra dúvidas sobre como seria a melhor forma de dizer não, dizer que está errado, de frustrar a criança. Ela gosta da forma que faz, evitando a frustração de ambos, dela e do acolhido, e diz que muitas vezes funciona, sem precisar dar grito, como alguns colegas fazem. Realmente cada educador tem seu perfil, o que pode mostrar a diversidade humana para as crianças, embora devam haver combinados, princípios que todos seguissem. E é significativo o fato de Frida fazer esta cisão entre mundo interno mau, sendo agressiva em casa, e mundo externo bom, construindo seu conto de fadas com as crianças de fora.

E a educadora acha que sua postura incomoda:

“Aqui tem pessoas que às vezes não gosta porque às vezes eu fico muito na minha, calada, aí... às vezes eu não bato de boca com ninguém nem me defendo das coisas. E assim, levo natural, que vc fala coisas que eu não gosto, mas eu trato vc do mesmo jeito. Eu só lógico que não vou ser aquela amigona que eu queria ser, mas também não vou maltratar vc. Fico na minha. E tem pessoas que as vezes não gosta do meu jeito.”

Se Clara e Rita são respeitadas e se dão bem com todos, há Frida e Olga que encontram mais dificuldade em se entrosar. O que será que produz esta dissociação? Poder pensar sobre isso com a equipe seria uma forma de acolhimento de todos ali. O que acaba acontecendo é esta solidão que algumas vão mostrando, pouca discussão sobre diferentes formas de pensar e agir, ou seja, pouco cuidado e pouco acolhimento.

Para Amélia o trabalho no abrigo é mais coletivo, com maior possibilidade de troca sobre como atuar, já que ela passa vários plantões no hospital. Como já apontado, os bebês pequenos não ficam muito tempo no abrigo, mas neste período as hospitalizações não são raras. Conforme apontam Winnicott ([1988]1990) e Spitz (2000) a falta de confiança ambiental ou de referência de cuidados personalizados pode levar bebês a adoecerem. Esta não é uma característica apenas do Antenor Navarro, segundo Amorim e Moura (2013), indicando a dificuldade de atenção mais dedicada aos recém nascidos, especialmente se em maior número. Quer dizer, se há poucos bebês, entende-se que seria mais fácil dar atenção personalizada.

Vale apontar que praticamente não vemos no Antenor Navarro crianças com maiores problemas de desenvolvimento, como atrasos na fala, no sentar, caminhar, etc⁵¹. Inclusive as educadoras estão sempre atentas a isso. Um exemplo desta atenção foi um garoto que tinha um ano e ainda não caminhava. Elas se incomodavam com isto, entendendo que ele devia andar com esta idade, mesmo que muitas crianças iniciem a marcha com mais do que isso, e entendiam que deviam estimular mais. Especialmente uma das cozinheiras da época se sensibilizava e foi quem mais comemorou seus primeiros passos um pouco depois. É significativo, porém, que a estimulação mecânica não era muito freqüente, uma vez que acreditavam que ele era muito magro e comia pouco e por isso não andava. Esta cozinheira contou à pesquisadora, em tom de segredo, que uma das educadoras colocara algum tipo de enriquecedor no mingau deste garoto e isso o tornara mais forte.

Vemos um olhar que enfraquece, que drena a potência da criança, vendo-a como sofrida, magra e fraca, sem amor, e então se reverte à potência da educadora que faz o mingau

⁵¹ Em revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento psíquico de crianças acolhidas institucionalmente, Hecht e Silva (2009) apontam que mesmo com todos os percalços que as histórias de vida e a institucionalização possam trazer, as crianças apresentam recursos internos preservados para novas vinculações. Ou seja, as instituições conseguem minimamente garantir o necessário, embora seja necessário melhorar os serviços para garantir qualidade e não apenas o mínimo.

e salva o garotinho. Talvez as educadoras precisem se salvar do lugar que não encontram ali, por não compreenderem sua função e o contexto em que estão inseridas.

Amélia é a mais escalada para acompanhar as crianças com necessidade de tratamento diferenciado para a saúde. Ela não explica o porquê disso, mas conta da dinâmica da casa, na qual sempre comentam umas com as outras sobre decisões e problemas a resolver. E é a educadora selecionada para tomar decisões sozinha, como descreve:

“Assim, devido a ter muitos, com muitas côo... educadoras também, né. E a gente, graças a deus, tem uma equipe muito controlada, né. E, assim, muito... competente, ajuda a outra... lá não, vc tem que se virar sozinha. Tomar decisão. Como assim, por exemplo, vai fazer um exame, aí a criança não passa bem... aí vc que está ali, vc que tem que agir, não tem opinião nenhuma... aqui não, se tem essa bebe doente, já tem: como é que ta, venha cá. Um ajuda o outro né? É por isso que eu digo que aqui é mais livre.”

A educadora descreve coletividade sobre a opinião de como agir em alguma emergência na casa. Onde seria mais livre, então? Na casa de acolhimento há mais opiniões sobre como atuar e mais olhos para avaliar. Mas no hospital a responsabilidade é muito grande, pois a decisão é sozinha. Algo que a vincula demais ao garotinho que acompanhou por muito tempo no hospital e que teve complicações. Conta sentir falta dele mesmo quando estava em sua casa e que nem queria ir embora, pois ficava preocupada:

“C. mesmo, na época que ele não tava bem, se eu pudesse eu levava. (Ri.) Não é porque os outros não cuidam, é porque eu quero ver como é que ele passou a noite. Pq todos, graças a deus, né, todos cuidam direitinho. Vc tem sua responsabilidade com cada um. Graças a Deus, isso é bom.”

Talvez a liberdade no abrigo tenha a ver com uma menor vinculação e menor responsabilidade, uma vez que se dividem para cuidar de todos. No Antenor Navarro não há a prática de estabelecer uma educadora de referência para cada criança. Mas quando a saúde vai mal, Amélia que quer se incumbir de acompanhar e garantir que tudo será feito. Então, todos cuidam direito, mas ela talvez se sinta mais dedicada, mais preocupada, e por isso vai para o hospital.

Olga busca proteger os bebês da carência, da rejeição, do abandono. E conseqüentemente, busca se proteger do trabalhoso processo de convivência com a diferença. Uma questão que surge é se sua “superproteção” em relação aos bebês pode ter a ver com a perda do filho. Ela perdeu o filho e os pequenos ali estão longe dos pais. Relata que o coordenador dos Serviços de Acolhimento de João Pessoa diz que ela protege demais:

“É uma proteção muito grande, não pode haver isso não. Aí eu disse: Oxi, e a gente ta aqui prá que? Não é? Não é pra proteger?”

Proteger do que? Da dor, da bagunça, da falta de referência para uma boa educação, que ela não vê nos acolhidos mais velhos?

Quer ser responsável pelos bebês e dizer quando eles podem ou não podem ser visitados, quer ter total controle, ou em suas palavras “autoridade”, como conta ter tido no abrigo quando era vinculado ao Estado:

“Ela... quer dizer que ela dava total autoridade para mim. E aí não. Aí vc não tem autoridade. Aí vc só tem que tratar bem as crianças, mas autoridade em si vc não tem. Eu trabalho porque eu gosto.”

A autoridade que o pai passava com sua rigidez, que ela diz admirar. Então ela acredita que o que lhe resta é tratar bem as crianças e isso ela tira de letra em sua visão:

“Não, mas tu sabia que eu cuidava de seis bebês, lá. Lá, lá no outro abrigo era mais bebê assim novinho, recém nascido. Dava banho. É porque assim, olha: lá não era muito, acarretava muito a gente, porque, a refeição das crianças quem fazia era a cozinheira e ela trazia. A gente só fazia dar banho e trocar. E cuidar. E vinha refeições e vinha a técnica de enfermagem, que medicava as crianças. E agora não, agora vc tem que fazer tudo (acelerando a fala), vc tem que ser psicóloga, vc tem que ser mãe, vc tem que ser cuidadora, vc quem leva pra médico, vc quem faz a comida da criança, vc quem da a medicação, é tudo vc. É corrido.”

No abrigo da Prefeitura ela é responsável pelos bebês. O suporte da equipe do Estado era maior, no sentido dela ter tempo para estar com os pequenos. Agora é muito corrido, pois precisa se preocupar com cada passo do que deve ser feito e não é possível ter controle sobre tudo. Gosta mais da divisão de tarefas que a deixasse sozinha com os bebês.

Olga diz que trabalha porque gosta, mas num ambiente que não concorda com a postura dos colegas, que quer mais autoridade e mais privacidade:

“Às vezes tem assim, visita que é inoportuna. Aí chega e quer ficar o tempo todinho no berçário, às vezes a gente quer dar uma medicação, às vezes a gente quer trocar a criança, e fica no pé, no pé, como se tivesse desconfiando da educadora. Ai eu digo, não! Da pra mim não.”

Se sente logo avaliada e talvez a privacidade a proteja mais do que às crianças. Parece que o que não dá é o ambiente institucional, dividido com tantas pessoas. O que ela quer é estar só cuidando dos bebês. Preservar os bebês de invasões ambientais está de acordo com o pensamento winnicottiano ([1958]2000), porém a ênfase em manter um espaço restrito, com apenas ela como responsável, pode indicar uma necessidade de privacidade mais da educadora.

O controle passa pela necessidade de criar racionalizações ou circuitos associativos que encubram os afetos. Segundo Freud ([1915]2010) esta seria a base da repressão: a

necessidade de dissociar a ideia do afeto que ela mobiliza, deixando o afeto inconsciente. Cuidar de bebês pode remeter ao filho que ela perdeu, mas a dor da perda precisa ser dissociada para ela suportar se ocupar deles sem maior apoio. Ao focar no cuidado ocupação, ou nas tarefas objetivas, ela se distancia do envolvimento com os bebês.

Este controle sobre o cuidado é diferente do cuidado preocupado, quanto mais do acolhimento, que as crianças precisam. Seria um cuidado sempre ocupação (ROCHA, 2011), como o que ela podia executar antes, com “autoridade” sobre quem entra e sai, se ocupando com os horários de banho, alimentação e higiene. A preocupação com o outro, investimento de desejo, vendo-o como sujeito, depende de envolvimento para reconhecer um lugar para eles num coletivo maior, numa realidade compartilhada. Quer dizer, o cuidado que pode ser oferecido não será nunca um ideal que Olga possa imaginar, mas sim com suas falhas e idiossincrasias, que humanizam o bebê. Falhas que ela pode associar à perda do filho, que precisariam, portanto, ficar camufladas.

Então, Olga acredita que tenha “autocontrole” para não perder a paciência com o choro de tantos bebês:

“Mas... a agressividade está na pessoa. Às vezes a criança chora demais e tem gente que não agüenta. Pq tem criança que chora, né. Tem bebês e bebês. (...) Mas aí vc tem que manter o autocontrole, não é verdade?”

Retomando a ideia de agressividade winnicottiana ([1988]1990), esta está em qualquer pessoa e compõe o sentimento de estar vivo. Como não perder a paciência em nenhum momento? A necessidade de controle também passa por evitar estes sentimentos de discordância. Mas a pesquisadora presenciou situação não rotineira em que uma bebê de poucos meses estava com diarreia e todos na casa se afligiram e preocuparam em como resolver o problema. A própria Olga trocava incansavelmente a menininha que chorava bastante e, num certo momento, falou à bebê: “*que que foi, que que foi, que coisa feia.*” A menina doente a faz perder a paciência.

Perder a paciência não é agredir, mas parece que discutir esta ambivalência dos cuidados e dos vínculos não é possível. Então o cansaço de ouvir choro, estar suja, aflita com a diarreia da bebê, acaba culpando e responsabilizando a garotinha, sem poder acolhê-la num momento de sensibilidade e incômodos não usuais. Não é feia por chorar ou por ter dor de barriga, mas sim por tirá-la do sério e ela não poder sair dali ou fazer a menina parar de chorar.

Parece uma educadora implicada no que entende por cuidado, mas preocupada em se mostrar ótima educadora. Não encontra espaço para refletir que tudo bem se cansar e pedir ajuda, que isso não significa que ela não gosta de cuidar de criança, que ela é ruim ou errada.

Como já apontado, Maria também carrega esta ideia de proteção que Olga mencionou, ou mais ainda, em seu caso, de salvação. Não vai proteger, mas salvar de tudo de ruim que já estão marcados:

“E Deus começou a me orientar como lidar com elas. Aí eu comecei de uma forma educadora mesmo, eu entrava no quarto das meninas e começava a conversar com elas. E eu começava a contar pra elas a minha história”.

Além de achar que sua história pode ser inspiradora e livrar as meninas do mal, a educadora mostra a falta de orientação técnica e discussão sobre o trabalho em equipe, podendo pensar, por exemplo, que o quarto das meninas é um espaço em que podem preferir ter privacidade e convidar aqueles com quem querem conversar, no momento em que quiserem conversar. Ela trabalha com Deus, então como poderia estar errada?

A forma desta educadora atuar, assim como a de Olga, retoma a discussão de Passarini, Fromer e Ferreira (2012) sobre um olhar de desigualdade, como se as crianças fossem coitadas e o educador apenas pudesse oferecer tudo de bom e nada pudesse receber. Movimento em acordo com a colocação de Rosa e Vicentin (2010, p. 116): “Outras (ações), pretensamente referidas a ideais nobres também encobrem aspectos destrutivos”. A gratificação que Maria sente com este trabalho, de achar que está se doando ao outro e fazendo o bem, não é rara, especialmente pelo histórico assistencialista de tratamento ao pobre e à infância no Brasil e carrega preconceito sobre quem são essas crianças, sobre o que precisam e o que podem oferecer.

É interessante que Maria, quando vai dar um exemplo para os maus-tratos de crianças, direciona o desamor para aquela que não é a mãe, para a babá, a cuidadora, que é seu lugar na instituição:

“Pq as pessoas filmam, os recursos hoje são maiores, né? Pq eles filmam. Já tem aquelas mães que a situação financeira é melhor e elas botam aquelas filmadoras em casa pra ver como que a babá funciona, pra ver... tudo isso. Então, hoje, é muito mais fácil vc saber que existe do que na minha época de jovem. Pra mim não existia isso..”

Para ela não existia mães que maltratavam e por isso eram separadas dos filhos. Mas em seu exemplo é a babá que maltrata. Então ela reconhece pessoas que maltratam crianças, não apenas mães. Mostra uma tensão entre estes lugares de cuidadoras e daqueles por quem

são responsáveis. Questões que apontam a necessidade de discussão sobre o assunto na equipe.

5.2.2. De responsabilidade das famílias para responsabilidade das educadoras: uma transferência sem reconhecimento do contexto social.

A questão da responsabilidade é um ponto importante de discussão em relação à função do acolhimento. Se sentir responsável está relacionado ao reconhecimento de ser parte de um coletivo percebendo a interdependência de seus integrantes, assim como a necessidade de sustentação das ambivalências, paradoxos, ou seja, da necessidade de integração (WINNICOTT, [1986]2005). Além disso, é o que diferencia as educadoras das mães das crianças abrigadas, uma vez que as segundas são vistas pelas primeiras como abandonando a responsabilidade de cuidar do filho, assim como Gouveia (2007) levanta. E Badinter (2011, p. 174) discute o quanto o recente aumento da decisão de não ter filhos traz “como nunca anteriormente a questão da responsabilidade materna, já que a maternidade provinha da necessidade natural”. Quer dizer, muitas pessoas hoje entendem que se não se pode arcar com a responsabilidade, não tenha filhos. Ponto importante, que tende a se aliar à culpabilidade das mulheres que resolvem entregar os filhos à adoção, ou às que são afastadas judicialmente dos filhos. Mais do que nunca são demonizadas.

Poderíamos ter tratado deste ponto ao trabalhar sobre o olhar das educadoras para as crianças, porém achamos importante localizá-lo dentro da visão da educadora sobre sua função, pois é a partir de seu lugar institucional que entendem esta transferência de responsabilidade. Culpabilizam as famílias que deixam os filhos e se sobrecarregam com as dores que acreditam terem que esconder – tanto as suas quanto as das crianças – sem localizar o acolhimento como um serviço de atenção à infância, inserida numa realidade social ampla e com milhares de responsáveis. Quer dizer, a falta de profissionalização do educador sobrecarrega os mesmos ao não esclarecer sua função. Obviamente eles são responsáveis, mas não o são apenas pessoalmente, embora seja essa a forma que aparece nas entrevistas, como discutiremos adiante.

Amélia parece se aproximar de Olga ao gostar de ser a única responsável nos momentos de problemas com a saúde dos pequenos. Frida aponta necessidade de proteção, assim como Olga, mas num discurso confuso sobre quem é o protetor e quem é o agressor. Maria quer salvar. Branca se sente responsável, inicialmente enquanto equipe, pois sabe que

sozinha há pouco a fazer em relação ao tanto de trabalho que precisa ser feito. Depois percebe que a equipe pouco avança. Rita acredita que tenha responsabilidades demais e vê isso mais como peso pessoal do que localizado no trabalho. Pode ser que o fato de ser um trabalho em equipe tire um pouco o peso desta responsabilidade profissional⁵², e a pessoal é que se destaca. Clara mostra que a responsabilidade é grande:

“Então, o papel da gente aqui não é só chegar de sete horas da manhã e levar numa creche e levar numa escola... e achar de sete horas da noite vai se embora... passei o plantão acabou-se. Não. A gente também tem que se preocupar com a criança. (...) Vc saber que todos eles ali precisam de vc. E todos querem um pouquinho de atenção sua.”

Cada uma à sua forma aponta a dificuldade em lidar com a responsabilidade de sua função, que não é discutida entre a equipe. Cada uma fica com seu peso e seus questionamentos. O peso de Clara é entender que precisa dar atenção a todos.

Conforme apresentamos sobre a capacidade de concernimento, Winnicott ([1958]2000) confere a ela a possibilidade de sentir culpa pelo gesto agressivo e ter desejo de reparar. Ou seja, há o acolhimento da própria agressividade e não a projeção sobre um outro que se torna o culpado, aquele que gera o sofrimento. Mas a culpa é parte da capacidade, que se soma à integração do bom e mal em si e no outro, sendo capaz de torná-la responsabilidade e não apenas culpa por todos os problemas do mundo. O educador poderia perceber seu ódio pelas famílias e pela situação social, assim como se sensibilizar com as fraquezas de cada envolvido, inclusive ele próprio. A partir daí o educador pode se responsabilizar pelas crianças e não achar que o sofrimento é demasiado, que os outros que fazem errado. Integrar o sofrimento das famílias e o seu próprio, poderia ajudar a perceber o que as crianças realmente necessitam: alguém ali para olhá-las e ouvi-las.

Portanto, a noção de responsabilidade está diretamente relacionada à formação de cidadãos, que ao caminharem em direção ao concernimento podem integrar sua existência ao coletivo e à necessidade de sustentação do mesmo. Um processo que não é simples e demanda elaboração das próprias dores, de sair do lugar de vítima, assim como tirar o outro do lugar de algoz. Um encontro humano reconhecendo as crianças como sujeitos, com histórias de filiação e vinculação a uma cultura e comunidade. Ou seja, abrindo espaço para pensar suas famílias, em suas falhas e possibilidades. E como vivemos em sociedade que culpabiliza o

⁵² Como aparece, tanto na fala de Amélia sobre a maior liberdade no abrigo que no hospital, assim como no relato da auxiliar de assuntos gerais sobre se sentir mais à vontade na instituição, como quando discutimos que a falta de discussão de casos pode permitir ao educador se manter distante.

indivíduo pelas dificuldades de inserção social, o espaço para pensar as famílias é pelos corredores e focando as falhas, os problemas.

Clara e Branca são as únicas que abordam diretamente sobre suas visões das famílias. As demais mostram sua concepção pela forma de citarem as histórias de vida, a situação do acolhimento, a falta de amor e idealização de família. Clara se refere às famílias de forma bastante dura e competitiva, dizendo não compreender as mulheres que deixam seus filhos, e Branca buscando a desestruturação social que leva a isto. Há um mecanismo de distanciamento em relação às crianças, pela não institucionalização das educadoras, e em relação às famílias, por conta da transferência de responsabilidade, que Branca vê de forma destoante da equipe. Esta educadora relata um dos casos de acolhimento de irmãos em que conversou um pouco com a mãe:

“Não. Aí, aí disseram... teve uma audiência e não foi decidido nada. No início desse mês teve audiência. Aí a tia quer a guarda só desses dois. E os outros três? E essa mãe, depois que foi cortado o auxílio aluguel e o bolsa família porque o conselho tutelar tomou as crianças? Uma vez que ela não ta com as crianças não tem direito de receber o benefício. Mas se pensa na mãe...”

Branca não entende a morosidade do processo ou mesmo as medidas tomadas desconsiderando a mãe. Especialmente uma mulher analfabeta, que demonstra dificuldade de compreensão e expressão, que visita os filhos e não quer que os separem, segundo a escuta da educadora, a qual provavelmente não gostaria de ter sido separada dos pais, como já apontamos.

Já Clara, explica que finge compreender as famílias para não entrar em embate com elas e relata situação de confronto com uma mãe (diz ter sido vivida por outra educadora, mas parece ser uma questão para ela também):

“E sem falar que a gente trabalha aqui e de repente chega uma mãe e olha pra sua cara e diz: vc não ta cuidando bem do meu filho. Aí eu olho assim: e vc também não cuidou, pq se vc tivesse cuidado ele não estaria aqui dentro. Aí depois eu me pergunto, será que eu respondi certo? A quem que eu vou perguntar? Quem vai me dar a resposta? Rs. Daí eu pergunto à coordenadora e ela diz, não, é isso mesmo, tem que botar ela no lugar dela. Aí eu digo, graças a deus, deu certo. É.”

Não parece que Clara esteja satisfeita com isso, afinal traz a situação repetidamente e questiona sobre ela. Mas ao mesmo tempo existe esta raiva em relação às famílias geradoras de tanto sofrimento que elas, educadoras, precisam “sanar”. A frase “também não cuidou” pode ser vista como concordância à acusação da mãe, como se não cuidassem bem do filho dela. Como um desvio de responsabilidade que não necessariamente aceitam. Mas se pensam

que a mãe não cuidou, será que acham que não podem cuidar melhor por não serem a mãe, que a instituição não tem como cuidar melhor? Mais uma vez esta desvalorização da instituição parece sinalizada.

Uma das cozinheiras do Antenor Navarro comenta com certo estranhamento sobre o desejo de um garotinho de voltar para a casa da mãe, mesmo que a cada retorno de visita a ela venha sujo e mais magro. Parece concordar com depoimento citado por Barros (2011, p. 175): “Embora aqui seja melhor em todos os sentidos que a família, eles preferem a família. Vai entender!” Nesta segunda inquietação, o desejo é generalizado para todos. Estes estranhamentos indicam a indisposição em relação às famílias dos acolhidos, assim como, da falta de discussão sobre o que está envolvido na construção de vínculos e no trabalho do abrigo, além de sobre as necessidades das crianças. Estas querem se sentir seguras, aceitas e se divertir. Os parâmetros das crianças e daqueles que a elas devem educar são diferentes e para acolher é fundamental levar isso em consideração, especialmente percebendo que muitas vezes famílias que não tem a higiene como capacidade ou prioridade, por exemplo, podem oferecer referência e afeto.

É trabalhoso e delicado, mas possível, não defender as famílias, contudo buscar compreender o que as leva a ações vistas como desumanas. E mais do que isso, poderíamos indagar ao que é que as crianças querem voltar: o que reconhecem como família, a convivência dentro de uma casa ou de uma comunidade, ou estão numa tentativa de fugir do estigma da instituição - que leva a todos a pensar na família como melhor lugar. Quer dizer, ao mesmo tempo em que há um estranhamento pelo laço com algo que parece violento aos educadores, podemos pensar numa valorização indiscriminada da família, ao não questionarem efetivamente o que pode significar querer ir embora dali. A instituição não faz este movimento, nem as educadoras. Afinal, podemos pensar que isso as levaria a arcar com uma angústia muito grande ao não culparem as famílias, não denegrirem o abrigo, e perceberem a pequena diferença entre suas trajetórias e as das crianças.

A maioria dos funcionários do Antenor Navarro trabalha em mais de um emprego, deixam os filhos o dia todo com outras pessoas, e alguns reconhecem os ciúmes que estes demonstram em relação aos acolhidos que passam o dia todo com seus familiares. Há muita dificuldade em compreender a separação da família, ou o que eles vêem como falta de esforço em criar os filhos. Uma cozinheira que já criou os filhos conta de sua história de garra e superação e se orgulha da forma como educou os filhos: “*com suor de meu trabalho*”, não

percebendo ser um desafio que nem todos suportam ou mesmo encontram oportunidades para enfrentar. Fica a concepção de que se ela conseguiu, todos com esforço também podem.

Esta diferenciação entre os esforços para criar os filhos e a impossibilidade de outros em manter suas crianças em casa aparece como falta de amor, de afeto, como Clara mostrou e como Amélia para reiterar com sua família de sucesso. Como apresentado, a educadora entende que as crianças ali tenham chance de futuro já que sua família, que teve tão pouco, conseguiu. Além disso, num dia em que a casa estava cheia de bebês, Amélia em meio aos cuidados de todos eles diz: “*Cadê o amor das famílias? Que não tá com Deus!*” A angústia de ver bebês separados de suas mães indica não apenas um ideal de família como aquela que estará sempre em unidade não importe o que, mas também a indignação das educadoras que se deparam com histórias de abuso sexual de crianças, mães que não visitam os filhos, que continuam engravidando mesmo depois de outros terem sido tirados delas. É uma angústia em relação à precariedade humana. Como aparece na narrativa de Maria sobre uma garotinha de dez anos que ela vê como moça de 20 pelo tanto que sofrera. Para estas mulheres que se esforçam tanto a cuidar dos filhos e dos filhos dos outros e não possuem espaço para discutir os vínculos e a realidade social, acaba sendo muito complicado compreender os motivos da existência da instituição de acolhimento. E a contradição desta existência com a história precária de muitos educadores, de sustentação da luta diária sob grande esforço, é ignorada. Porque alguns sustentam e outros não? Fica parecendo fácil dizer que as famílias dos acolhidos são fracassadas, diferente das delas: só pode ser falta de amor.

Não é simples, para a equipe do abrigo, entender o peso das construções histórico-sociais e a precariedade da saúde ao olhar para uma mãe dependente química, por exemplo, que foi judicialmente afastada de seus filhos. A precariedade neste tipo de situação é demasiada para os educadores administrarem sem devido suporte. Exige defesa e distância por virem de contexto e histórias semelhantes, buscando evitar reconhecer suas atitudes não maternas, não cuidadosas - as precariedades de suas histórias e de si mesmas. Podem se sentirem ameaçadas por estas características não aceitáveis ao ideal social, afinal elas se relacionam a sua atividade profissional. Podem temer aceitar suas precariedades e não serem aceitas pela gestão. Ou podem se sentirem incapazes de ocupar este cargo. Além de não poderem culpar as famílias pelo sofrimento que vêm ali.

Esta colocação levanta a necessidade da reflexão e problematização dos sentimentos envolvidos no acolhimento, mostrando a dificuldade em lidar com esta trama de afetos que se tece no cotidiano do abrigo. Como o exemplo da educadora que não aceitou participar da

pesquisa, explicando ser muito “problemática”⁵³. É provável que se sinta problemática e não queira se aproximar disso por temer ser avaliada, ou mesmo por se avaliar com dificuldades para o acolhimento. Uma reflexão sobre a prática pode gerar muitos questionamentos e inseguranças para uma equipe tão pouco investida. Necessidade, então, que demanda muito cuidado e consciência dos entraves para o desenvolvimento da função de acolher, que inclui experiências das educadoras e das crianças.

E Clara é a que mais se questiona sobre como agir, como acolher e chega a dizer que: *“pq o nosso papel de educador aqui acaba sendo o de mãe, não somos, mas acaba sendo...”*. Além de Olga que expõe: *“Porque se vc quer cuidar de criança vc tem que ter amor, ter paciência e tem que cuidar como se tivesse cuidando de um filho.”*

A discussão teórica sobre a confusão da função de cuidadora com a função da mãe está claramente presente na literatura como já apresentado e aparece nas narrativas, mas não tão diretamente como em Clara e Olga. Quer dizer, para Clara há um questionamento, uma inquietação em relação ao trabalho. Nas demais narrativas esta relação aparece para aquelas que, em alguns casos marcantes, se colocam como mãe. Branca é a única que não associa uma função à outra. O material não permite avaliar o processo de parentalização⁵⁴ (PASSOS, 2012) de cada uma, mas mostra a maior ou menor dificuldade em ocupar o lugar de cuidadora, e em compreender esta função profissional.

Algumas contam que já foram chamadas de mãe, como Olga e Frida, se orgulhando disso, sem questionar o lugar da mãe biológica. Maria, por exemplo, já quis adotar um bebezinho. Outras querem levar os acolhidos para casa ou efetivamente levam⁵⁵. Algumas buscam mães para eles e para si mesmas. Branca é a única a reconhecer a mãe dos meninos. É a única que não é mãe. Por não ter vivido esta relação maternal pode não ser capturada por este lugar com tanta facilidade. Quer dizer, no momento dos cuidados o olhar demandante do

⁵³ Vale dizer que um dia na cozinha, enquanto estávamos conversando informalmente com outras educadoras, esta que não quis participar falou bastante sobre a história de vida de um acolhido com deficiência de quem ninguém falava e com quem ninguém buscava contato. Talvez por se achar tão problemática ela fosse a educadora que mais conseguisse entrar em contato com ele. Infelizmente não saberemos como toda essa trama se organizava com ela.

⁵⁴ Dimensão psíquica da parentalidade exige deslocamento do lugar de filho para o de mãe ou pai. O processo permite a reelaboração de laços e experiências, levando à emergência de novo lugar para o sujeito na dinâmica dos vínculos. Cf. Passos (2012).

⁵⁵ Estes dois pontos serão discutidos adiante.

bebê não é identificado, ou mesmo misturado, com o do filho olhando a mãe, o que para as outras pode ser mais difícil de separar, como indica Rita:

“É triste. Acho que cada ser humano se sente de uma forma, mas acho que pra quem é mãe... eu acho que se sente mais triste de ouvir a criança dizendo esses relatos que eles... que acontece com eles, que aconteceu, que eles viram acontecendo... é triste. É triste. Vc para e pensa: meu deus, eu não quero que meu filho passe por isso nunca.”

Branca parece poder escutar as demandas de outra forma que não esta ameaça que Rita parece ouvir, como se tivesse que proteger ainda mais o filho. Além disso, o fato de Branca ter sido criada pela tia pode favorecer uma concepção de que há vínculos afetivos intensos além deste mãe-bebê e que mesmo este não é desfeito na criação de outros. Mesmo que ela diga ter duas mães, não chama a tia de mãe diretamente. Mas foi a tia que a criou. Um novelo de afetos que pode ampliar a forma de encarar os vínculos e a responsabilidade.

A maioria das educadoras se sente responsável pessoalmente em fazer um bom trabalho. Algo que se reflete num ideal do papel do educador. Se há precarização do trabalho, que dificulta maior dedicação profissional, as educadoras parecem se envolver mais pessoalmente com algumas crianças. Envolvem-se com os acolhidos, e se é difícil saber o que fazer ali e como, todas vão tentando ser especiais a essas crianças de alguma forma. Olga quer tratar bem e controlar:

“Dava banho, trocava, dava medicação, que elas tomavam medicação na hora certa.”

Maria quer salvar através de Deus:

“Pq era muito sofrimento que eu via e que eu não podia fazer nada, a não ser orar por aquelas crianças e dar um pouco de amor, que era o que elas precisavam.”

Cada uma das outras mostra sua necessidade de se tornar inesquecível.

Clara:

“ lá na frente essa criança dizer: eu tive um medo e tive uma tia, um tio que me segurou a mão naquele momento.”

Branca:

“Quem sabe daquele tempo que ele viveu comigo ele possa levar algo, que possa fazer a diferença lá na frente.”

Rita:

“Porque assim, a gente... N., no tempo de N., a gente levava ela pra casa. Eu levava ela muito pra casa, eu ajeitava cabelo dela, comprava creme

alisante, hidratante do meu pra ajeitar cabelo dela. Então, isso aí, como era adolescente, eu conseguia contornar. Já de B. eu não consegui.”

Frida:

“Muito amor, tentar ser amiga delas, e sempre estar presente no momento delas, importante ou não sendo importante.”

E Amélia:

“Desde que esteja com saúde, né. Mas é um trabalho muito gratificante, eu queria muito.”

Pode-se pensar que este mecanismo de querer ser especial diga do abandono da instituição. Quer dizer, aquelas “crianças que não têm quase nada”, têm alguém ali que de alguma forma vai tentar ser importante para eles, num abraço, num olhar, numa oração, numa reflexão. Algo que fazem pelo coração e por si mesmas, não por terem muita ideia do que podem proporcionar. Portanto, é um movimento que nos parece também um pedido de socorro, por deixarem claro a pouca orientação e trabalho em equipe.

Talvez nem todas necessariamente se importem com aquela criança, mas com o bem que podem oferecer. Um direcionamento indicado pela dificuldade de olhar para as crianças como sujeitos de suas histórias, com potências e possibilidades, com caminho próprio a trilhar. E também pela ideia das educadoras de poderem ser tão especiais, tão marcantes, tão salvadoras. Não há noção de trabalho em conjunto e de necessidade de transformações e pertencimento social.

Em meio a tanta dificuldade as educadoras parecem investir em si mesmas, em olhar para o trabalho pessoal como uma chance de se destacarem. Como defende Bento (1999, p. 6): “O narcisismo aqui pode ser pensado como uma defesa ao caos”. Movimento que se não orientado as distancia da alteridade, das necessidades das crianças. Embora, como já discutido, o investimento narcísico com bom suporte pode ser um ótimo norte para a atuação das profissionais – atuando em nome de fazer trabalho profissional bem feito. Isto é, neste caso, parece haver um investimento das educadoras em si mesmas e pessoalmente, para serem importantes para as crianças, não pensando em sua função profissional.

Branca tem posicionamento mais crítico e profissional, mas quando questionada sobre como se colocar ali naquele momento, dadas as condições, ela chega nesta mesma ideia de contribuir de alguma forma para a vida da criança, não com a formação de cidadãos. Portanto, se há pouco refletimos sobre a não implicação dos educadores em relação à discussão dos casos, podemos pensar o mesmo em relação ao futuro dos acolhidos, que está diretamente vinculado à responsabilidade que sentem sobre a sociedade, não apenas sobre aquela criança

abrigada. O que seria decorrente da construção de uma visão de mundo que passa pela capacidade de concernimento: poder reparar, sustentar os sofrimentos, na compreensão da dependência coletiva e responsabilidade na produção da realidade.

Como já discutido, a maior parte da literatura sobre o tema do acolhimento aponta a institucionalização como um ônus, um problema do qual decorrem déficits de diversas ordens para as crianças. Apenas poucos estudos apontam um olhar “(...) de deslocamento, em que os autores não seguem a lógica determinista do estigma, revela as linhas flexíveis, possibilitadas por pensamentos desprovidos de modelos e ideais, ao considerarem os atravessamentos e produções históricas acerca de instituições (...)” (AYRES; COUTINHO; AMARAL DE SÁ; ALBERNAZ, 2010, p. 430). Infelizmente na equipe do Antenor Navarro parece prevalecer o estigma e não se aprofunda o trabalho como acolhimento de cidadãos em situação peculiar de desenvolvimento (BRASIL, 1990).

Se o abandono é tão generalizado, afinal fabricado por um estigma produzido historicamente que abarca meninos, famílias, instituição e seus profissionais, chega a parecer um vazio, em que as educadoras podem aparecer pessoalmente, não profissionalmente, como uma luz que dê algum direcionamento, pois estão ali desejando o bem, na crença pessoal delas de serem boas pessoas. Difícil encontrar alguém que trabalhe por longo tempo no acolhimento apenas pela necessidade financeira, como as próprias profissionais entendem: “para trabalhar ali é preciso muito amor e a maioria não agüenta”. Talvez as que não desejaram ser entrevistadas tenham mais dúvidas sobre sua dedicação, mas dentre as sete que deram sua narrativa, de uma forma ou de outra se implicam em seu fazer. Acabam todos do serviço de acolhimento como alvo e produtores desta marginalização do “abandono”.

5.3. Tecendo a trama nos limites da instituição

Neste marcador pretendemos apontar algumas normas ou dinâmicas institucionais que contribuem para a dificuldade de delimitação da função da educadora, especialmente por não encontrarem espaço de discussão. As regras apontam uma necessidade de distanciamento afetivo, mas as dinâmicas indicam a impossibilidade de cumprir tal regra. Portanto, a trama afetiva entre as histórias de vida não obedece às leis institucionais, embora as próprias educadoras tentem reconhecer as normas e segui-las na maioria dos casos, entendendo que o que sentem é inadequado ou irrelevante.

5.3.1. A interdição do apego.

Os educadores contam como o coordenador geral da Proteção Social Especial de Alta Complexidade de João Pessoa orienta uma norma de não apego, ao compreender que a interdição dos afetos facilitaria lidar com as idas e vindas de crianças na casa, sem sofrimento pela separação das educadoras e sem criação de novas barreiras para retorno à família ou adoção – como apontamos anteriormente. Para a narrativa desta pesquisa as educadoras foram solicitadas a relatar sua experiência no Acolhimento Institucional, fatos marcantes, crianças que marcaram sua passagem neste serviço. Todas apresentaram vínculo forte, especialmente com um ou outro (o que mostraremos no último marcador), mesmo que a regra que todas indicam seja não se vincular, não se apegar.

Um educador deixa a regra clara:

“Pq quando eu entrei aqui o coordenador geral falou assim, a gente tem que se apegar bem pouco. Pq a gente não é funcionário do Antenor Navarro. E sim da alta complexidade, então a gente pode ser realocado pra qualquer casa e ver fatos totalmente diferentes. Entende? A cada plantão, né. Ai por isso que eu não me apegava.”

O educador mostra duas regras na verdade: a de não apegar aos acolhidos e de não ser funcionário fixo do Antenor Navarro. Dois pontos bastante problematizáveis dada a função do acolhimento. Avancemos no primeiro por hora.

Para estar sensível e aberto a este envolvimento que é quase como de mãe e pai, oferecendo sustentação, cuidados, encontrando ritmos, apresentando o mundo, há esta regra institucional que Clara nomeia e mostra a contradição gerada pelo sofrimento de não saber direito o que se está fazendo:

“É aquela coisa. Pegue e não se apegue. Pq quanto mais vc se apega àquela criança mais vc sofre.”

A regra é não se apegar embora seja lançada sem qualquer reflexão sobre o que signifique, além de exigir movimento contrário ao que as teorias e discussões mostram sobre a necessidade das crianças, que precisam de investimento genuíno, quer dizer, de devoção que exige algum afeto. Não é preciso amor materno ou paterno, mas algum afeto que se reverte em preocupação e interesse em reconhecer aquela criança e cuidar para que se desenvolva. E esta educadora sabe disso e se inquieta por não poder levar todos para casa. Acha que precisa ser como mãe de todos eles e percebe a contradição com a regra.

O incômodo da educadora com a regra mostra que ela está envolvida e tem pouco respaldo institucional para lidar com sua capacidade de acolher, que está diretamente

relacionada à sua sensação de responsabilidade. Discutimos anteriormente o quanto as educadoras se sentem responsáveis pelas crianças, umas mais outras menos, umas mais pelas crianças outras mais por si mesmas. Ou seja, a sensação de apego, afeição, também é variável, e depende de quem são os envolvidos. Mesmo porque, se as educadoras sentem que há transferência de responsabilidade da família, umas aceitam isso, podendo se apegar mais facilmente, outras não aceitam e podem se distanciar das crianças cumprindo seu dever mecanicamente. Como discutido, este mecanismo pode acontecer em variados momentos com todas as educadoras, ou dependendo de qual criança cuidam, etc., mas que tipo de acolhimento podem oferecer se acostumam-se a manter um distanciamento? Que interesse demonstram às crianças? Como podem vibrar com as conquistas e amparar os fracassos delas no cotidiano? Porém, podemos refletir sobre o que estão chamando de apego, que pode estar muito mais relacionado a este amor que acreditam faltar para estas crianças. Então, uma afeição menos intensa, num interesse e preocupação com o outro pode acontecer, até porque, mesmo a mais intensa fica visível, em alguns casos, como abordaremos no último marcador.

Canini (2013) mostra que as Assistentes Sociais dos serviços de acolhimento de João Pessoa entendem que o maior valor da família é o amor, que a convivência familiar como direito se refere aos cuidados que deve oferecer à criança. São técnicas que não refletem para além deste vínculo afetivo. Há um senso comum sobre o que é a família que deixa de lado toda experiência prática que qualquer um vive. Além disso, a compreensão do papel político da família, de formação de cidadãos, fica escamoteado e Canini (2013, p. 168) reitera que: “O discurso de convivência familiar legitima a intervenção do Estado por meio da Política de Assistência, que garante mínimos sociais, ações paliativas e focais que não permitem mudanças substanciais no cotidiano das famílias”.

Em trabalho clínico com crianças e familiares em serviço de acolhimento, Leoncio (2009) mostra que a atenção e interesse de técnicos externos pelos acolhidos era motivo para aproximação e desejo de comunicação dos segundos. Quer dizer, um educador, ou qualquer profissional que se ocupe dos acolhidos, não precisa amar pessoalmente aquela criança, mas podemos pensar que esta atenção e inclinação ao outro se deva a um apreço pelo humano, pela sociedade, a uma preocupação genuína em se aproximar da alteridade e não se proteger dela.

Mas assim como as técnicas, as educadoras mantêm esta compreensão sobre a necessidade de amor e de amor familiar. E as dúvidas prosseguem. Segundo a narrativa de

Clara, as crianças devem amar para respeitar⁵⁶ mas as educadoras não devem amar para não sofrer demais? A educadora se preocupa, é responsável e deve barrar o amor? No relato de Clara existe uma tensão marcada pela hesitação:

“Pq vc quer... não é uma só criança... não é um filho seu que vc sabe que ta ali e vc vai... tem ele”

Como se a regra barrasse o desejo maternal. Porque se elas amarem sofrem demais com a institucionalização; sofrem ao irem embora sabendo que as crianças ficam e ficam querendo sua atenção; e ainda sofrem de saudade quando a criança é desinstitucionalizada. Então, por onde passa a profissionalização? Há uma função maternante que precisa ser construída cotidianamente, discutindo e acolhendo os afetos, e focando a responsabilidade em desenvolver um bom trabalho, em atender às necessidades das crianças, que passam pelo apego a uma referência (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014).

A pedagoga de outra Casa de Acolhimento da cidade diz: “Se a gente se envolve eles querem ir com mala para nossa casa!” Esta leitura passa a visão de carência afetiva que só pode ser suprida por uma casa de família, generaliza o desejo dos acolhidos, e mostra a angústia desta profissional em perceber que o trabalho é muito difícil, pois mexe com todos ali. Quer dizer, ao se envolver ela precisa lidar com a angústia de definir melhor seu lugar e de lidar com o afeto do acolhido. Construir um Serviço de Acolhimento parece exigir profissionais dispostos a discutir esta angústia.

É significativo dizer que institucionalmente criou-se este discurso de não se apegar e a maioria das educadoras parece repetir a noção de que as crianças estarão melhor fora do abrigo, como é o caso de Olga, Frida, Rita, que tratam mais expressamente disso. Mas Rita explicou que quando dói a despedida eles choram juntos entre equipe. A pesquisadora, embora não tenha visto exemplo deste choro, pôde vivenciar a sensação de incômodo quando um bebê sai da casa. Era um bebê, grande e simpático, que alguns apelidaram de “gordo”. Ele parecia muito à vontade. E foi bastante estranho, um vazio, não tê-lo mais ali. A equipe não faz uma despedida já que muitos casos decide-se em cima da hora, mas talvez seja necessário pensar uma forma de evitar o preenchimento da casa com um vazio de cada um que sai. O educador há pouco citado diz:

“É triste, né? Já estou acostumado. Depois de um ano e meio aqui, acho que já me acostumei de entrar e sair criança, entrar e sair criança... vc não se

⁵⁶ A seguir discutiremos a questão dos limites na instituição e mostraremos a fala de Clara sobre a necessidade de ser querida pelas crianças para que seja respeitada em sua autoridade.

apega tanto mais... no começo eu ficava bem triste, ficava pra baixo... mas depois a gente acaba acostumando. Com o passar do tempo. Eu chego lá no berçário dou cheiro em tudinho. Pensa que não, vai embora. Termina se acostumando. É..."

Se acostumar é a dica. Mas este relato mostra o quanto a proximidade com as crianças gera um carinho que eles evitam, olhando a cada uma como mais um, ou menos um. Um movimento de institucionalização do vazio, do abandono dos vínculos. Afiliação ao abandono, conforme apresentamos. Será que se vêem como num hospital, que entra e sai gente toda hora? Será que assim se vêem salvando vidas? Pela discussão feita, podemos pensar que sim. Mas um poder pessoal, não institucional. É no amor e na dedicação pessoal, na presença abandonada profissionalmente, que elas fantasiam poder iluminar, salvar, guiar. Mas como não dá para salvar a todos, como aponta Clara, cada uma se vincula mais a um ou outro, àquele com quem se identificam.

A coordenação guarda fotos, assim como muitas educadoras sempre chegam com os celulares abarrotados de fotos dos meninos. Mas como tornar essa marca, esse lugar de cada um, mais coletivo, institucional, profissional? O que não quer dizer menos amoroso ou sensível, mas discutido e realizado a partir de estratégias que considerem os pontos nodais de uma relação tão desafiante. Por exemplo, um ritual ou mural de fotos, que não abandone a todos que saem e cada um que fica à sua dor. Pode ser doído e pode não ser, mas marcar a experiência vivida é dar lugar a ela e seguir em frente. O abrigo, em sua estrutura de funcionamento, parece manter o lugar de instituição do abandono, que nasce visto como denunciador do fracasso e da falta de amor das famílias, já que ninguém questiona as crianças, o que sentem, se amam ou não, questão que retomamos à frente ao discutir o abrigo como um lugar que se baseia no amor familiar, ou seja, na falta dele.

5.3.1.1. A circulação dos profissionais.

A segunda regra mencionada pelo educador, que se refere a um rodízio dos profissionais, indica mais uma forma de manter o distanciamento, ou tentar evitar maior vinculação entre educador e acolhido. Conforme apresentado, o coordenador geral explica que os funcionários não são vinculados aos abrigos, mas à Política de Alta Complexidade, portanto, podem ser remanejados a qualquer momento por necessidade dos diferentes serviços. A coordenadora do Antenor Navarro explica que há educadores que não se ambientam, ou se cansam demais, especialmente os que ficam na casa para pessoas com deficiência, e solicitam, constantemente, por remanejamento. Maria entende que:

“Pq assim realmente tem funcionários que se apega tanto a casa que não quer sair da casa.”

Para ela o problema do apego é que justifica a circulação de profissionais.

Além de não conseguirem oferecer mesma justificativa, demonstrando falta de diálogo sobre o assunto, tal prática deixa de considerar a necessidade de constância de cuidados para as crianças. Ou seja, a própria instituição é gerenciada de maneira omissa, se transformando em fantasma, uma vez que não pode ser significativa para a criança seguindo estas regras. Mesmo que dentro de alguma circulação de pessoas seja possível pensar em continuidade e numa figura de referência, ao não se preocupar com isso, ou mesmo promover a constante mudança, dificulta em muito a construção de um trabalho em equipe, em nome de atender às necessidades dos acolhidos.

É importante salientar que ao lado deste rodízio institucional, há circulação de profissionais por mais dois motivos: a precarização do trabalho e a dificuldade da função, exemplificada no reconhecimento de que nem todos agüentam o cargo.

Os desafios são enormes. Não estamos querendo dizer que não reconhecemos os problemas gerenciais em relação a pessoal, que por vezes exige estratégias, especialmente por se tratarem de serviços sucateados, não priorizados e desacreditados. Como dialogar e construir equipes competentes neste panorama? Mas as regras institucionais parecem olhar apenas este lado gerencial e não para a função que devem cumprir. E então, além de piorar as condições de trabalho, abandonam a todos num espaço que deveria ser de acolhimento.

5.3.1.2. Criança de abrigo não tem colo suficiente

Outra regra que aparece, embora não nas narrativas, mas que leva à discussão sobre aproximação ou distanciamento é outra negação: as educadoras não devem dar colo. Ação de afago, apoio. Na verdade as educadoras que manifestam esta questão são Clara e Branca. A primeira no momento de leitura da transcrição de sua narrativa, e a segunda num momento de observação da casa, ou seja, não é um tema discutido, pode não inquietar tanto as educadoras ou ser ignorada por elas. Mas Clara traz como uma determinação institucional de não dar colo aos bebês. E a postura combina com a visão de Olga, de poder cuidar sozinha de seis bebês, como relata. Neste caso, não haveria muito tempo para acalentar cada um. Mas ali não estão sozinhas e esta é uma orientação da coordenação, especialmente quando há muitos bebês na casa.

Pelas observações realizadas na pesquisa, esta determinação não era praticada, já que o berçário era um espaço bastante frequentado, inclusive por visitantes e por todos os membros da equipe. Todos falando e segurando os bebês. Além disso, as educadoras do berçário estavam, muito frequentemente, com algum no colo. Inclusive Amélia aponta que há diferentes maneiras de encarar o trabalho, que cada educadora tem sua forma e faz da sua forma. Relata de uma educadora que chegava a dormir na maca hospitalar com bebê internado, pois percebia que isso o tranquilizava. Mais um indicador da necessidade de discussão sobre o que é interessante ser feito ou não e quem teria tranquilidade em fazê-lo ou não.

Branca, logo que chegou à casa já apresentava o discurso de que não pode ficar pegando bebês no colo ou não fariam mais nada. Parece necessidade de afastar, uma vez que nenhuma criança quer ficar no colo o dia todo. Mas nesta frase já aparece, de certa forma, que talvez as educadoras queiram ficar o dia todo com bebê no colo e não podem uma vez que precisam cumprir algumas tarefas. O que combina com o grande incômodo de Clara, que toca no assunto logo depois de lembrar o quanto ela gostava de carregar bebês no colo. E, segundo a educadora, não há colo para todos ali. Ela diz à colega do berçário que não deve pegar muito os bebês no colo pois não terão como dar colo para todos o tempo inteiro. Que todos irão chorar e elas não têm como evitar. Eles precisam se acostumar. Quase nenhum bebê fica no colo o tempo inteiro pois a mãe ou cuidador têm outras coisas a fazer. Após os primeiros momentos de vida, nem mesmo os bebês querem colo o tempo todo. E esta falta da mãe em alguns momentos, porque ela é um outro e tem sua vida para cuidar, é o que constrói a subjetividade, é o que permite ao bebê ter base para ser (um eu).

Quando se trabalha com a necessidade de constância de cuidados considera-se presença e ausência. Winnicott ([1958]2000) aponta a necessidade das falhas maternas (por isso suficientemente boa e não perfeitamente). Assim como Guerra (2009) apresenta a ideia de ritmo entre continuidade e descontinuidade para haver a separação, para que o bebê possa se perceber como outro e como não onipotente. Mas no abrigo as faltas são sempre evitadas e encaradas como negativas. Falta família, material de trabalho e alimentação, além de suporte para as educadoras. Os bebês não podem aprender a esperar e ter colo quando for possível talvez porque a sensação de falta que as educadoras trazem também é referente a elas mesmas: uma falta de cuidados com elas na instituição.

Então o afastamento tem a função de barrar vínculo, mas também de não permitir que alguém fique se deliciando com o aconchego dos bebês e os demais executando tarefas. A

institucionalização desta medida de afastamento acaba gerando expressões que culpabilizam as crianças, como sobre uma bebê: “Essa daí só quer colo, se deixar”. A educadora formula isso para explicar o choro incessante da garotinha naquele momento. A pesquisadora estava ao lado, pegou a bebê no colo e se sentou no sofá. No mesmo instante a menina desceu e começou a brincar.

Portanto pode-se observar um discurso institucionalizado que não se refere à necessidade das crianças, mas talvez de uma necessidade de colo generalizada da equipe, inclusive. O choro de um bebê no abrigo pode ser ouvido como solicitação de mãe, de suprimento de uma falta que elas não podem atender, e se tentam acaba gerando problemas, como discutido. Em relação às crianças, não há necessidade de colo constante, mas de atenção para o reconhecimento das necessidades de cada um, que eles deixam de dar ao logo endereçarem a falta de colo ao choro. Um olhar, um toque, que faça a criança perceber que está ali, que existe, talvez fosse suficiente, como no exemplo acima. Reproduzem, então, este discurso, se distanciando de momento afetuoso, de reconhecimento e dedicação.

Amorim, Costa, Rodrigues, Moura e Ferreira (2012) indicam que esta negação de colo não é exclusividade de Clara ou do Antenor Navarro. Os autores apontam abrigo do interior paulista cuja coordenadora reitera que a regra é não acostumar “mal” os bebês e crianças, deixando-os chorar um pouco e não pegá-los tanto no colo para evitar fortes vinculações.

Winnicott ([1988]1990) discute que para o processo de integração o bebê precisa das experiências tanto de dormir no colo quanto no berço e problematiza a segurança que um colo pode passar. Algumas pessoas podem carregar o bebê com ansiedade ou angústia, de deixá-lo cair ou dificuldade de encarar o infante, e assim o pequeno não consegue relaxar, dormindo apenas após a exaustão. Portanto, quando se trata de colo, refere-se também a uma variedade de registros, mas um colo tranquilo enriquece a possibilidade de integração pela experiência de segurança que promove.

Negar colo é negar uma experiência importante ao bebê, especialmente recém-nascido, de ser segurado, sustentado, libidinizado, tocado, olhado, para que seja possível seu desenvolvimento psicossomático. Experiência que se atualiza nesta segurança do colo e no olhar de espelho que o adulto pode oferecer, ou não (WINNICOTT, [1971]1975). Um cuidador que acolhe o bebê empaticamente, que deseja encontrar-se com ele, pensar sobre ele naquele momento, mesmo falar sobre ele, pode fazer este papel de espelho. O bebê precisa ver a si mesmo no olhar do outro no início de sua vida para poder existir, para poder apostar

que há algo vivo, acontecendo. Experiência que fica potencializada quando o infante está no colo.

Como apontado, as educadoras do Antenor Navarro carregam bebês desta forma envolvida. Olhando e falando para eles. A regra parece decorrer do entendimento de que aí deve haver um interdito, pois neste mergulho pode criar-se um vínculo, um laço de amor, que quer ser evitado institucionalmente. Acontece que este *holding*, na sustentação do corpo, no olhar, na fala com o bebê, é fundamental para este ser vitalizado, portanto, ainda bem que a maioria delas ignora a regra. Mas seria importante uma discussão sobre o tema.

5.3.1.3. O castigo: buscando limite para a criança e para o educador.

Outro ponto relativo aos afetos é aquele que se refere a momentos de descontrole e necessidade de limites, tanto dos acolhidos quanto dos educadores.

Da mesma forma que Olga mostra dificuldade em pensar sobre a ambivalência dos sentimentos, quando afirma ter autocontrole, Maria também parece não avançar, ao repetir que sua infância foi feliz e só sofreu quando ficou sem trabalhar. Os sentimentos em relação às pessoas e à vida e afazeres costuma ter diferentes lados, mas para elas não há tensão. Este é um tema delicado, uma vez que a maioria delas foi educada apanhando. Reconhecer a raiva, o cansaço, se aproxima de reconhecer a perda do controle que talvez muitas vissem em seus pais. Abordar a raiva ou a ambivalência dos sentimentos acaba sendo interdito, afinal se não podem falar em amor, o que sentem parece desvalorizado ou mesmo errado. Ainda mais se tiverem raiva daquele de quem devem cuidar, quando acham que deviam amar. Quer dizer, pode haver confusão em relação ao que pode ser sentido. Os afetos permeiam o cotidiano, mas não há espaço para pensar sobre eles.

O pouco material do livro de ocorrência aponta para a dificuldade deste tema: “Recebi sem alteração, passo sem alteração”. Esta é a transcrição de um dos registros do livro. O peso institucional deste instrumento é grande, já que quando se escreve o controle deve ser maior, pois fica registrado. Ninguém se alterou. Nada se alterou. Isto poderia ser visto como ruim, afinal, numa instituição seria muito bom ver alterações, aprendizagens, trocas, movimento que denotasse vida. Mas esta frase é inclusive emblemática dos relatos deste instrumento. O que parece mais mobilizar os registros é mostrar que não perderam nenhuma criança, nem nenhum adulto, e que tudo está em ordem. Muitos educadores não escrevem nunca no livro e outros sempre escrevem. Estes são sucintos, usando diferentes formas para apresentar o

trabalho como bem feito: “repassamos o plantão em perfeitas condições de trabalho”, “entregamos as crianças higienizadas e alimentadas”.

Portanto, aparece grande controle na comunicação e expressão, somado ao que entendemos como peso da responsabilidade que carregam, uma vez que precisam dizer o tempo todo que está tudo certo, em perfeitas condições, todas as crianças, etc. Mas os instrumentos metodológicos de observação sistemática, assim como as narrativas, puderam trazer o outro lado. O lado que sai do controle institucional e mostra as pessoas em relação.

E tratar do descontrole, da raiva que às vezes as educadoras sentem dos acolhidos é um exemplo da possibilidade de se abrirem. Uma das cozinheiras trouxe de forma direta que sua educação foi apanhando, mas ali não pode, então não sabem bem como agir. Branca também aponta isso claramente:

“Não é fácil. Perde a paciência mesmo, né. Com os nossos, os nossos, de nossa família a gente perde a paciência, imagina com os dos outros. Com os nossos a gente dá aquelas tapinhas pra ver se alivia, mas aqui a gente não pode dar. Como é que faz. Tem isso também. A prática que eles usam aqui é colocar de castigo. Tem a cadeira pra ficar de castigo. Ainda obedece. Por mais que fique chorando lá o dia inteiro, mas fica quietinho ali.”

É interessante que a educadora aponta “tapinhas para ver se alivia”, ou seja, mostrando que seria uma válvula de escape para a perda de paciência. O castigo não alivia tanto pois o menino pode ficar “chorando o dia todo”. Rita se refere a pôr as crianças de castigo em meio à sua descrição da rotina, com naturalidade, como se fosse botar no banho, cumprindo função e tranquilizando, então, as educadoras.

Amélia traz de sua história uma lembrança que torna o castigo uma mediação de bronca: “Lá não tem negócio de castigo. Lá era penha mesmo.” Todos os filhos apanhavam até por brigarem ou brincarem com a plantação de milho. O castigo, para ela, seria uma medida mais branda, que ela considera um benefício para as crianças.

Clara é a que mais questiona e explica que gostaria muito de ter maiores orientações:

“Tem. Não. Tem momentos que a gente fica com raiva mesmo deles, que dá vontade de pegar e dar umas palmadas mesmo e dizer, não é desse jeito e acabou-se. Pq eles querem contrariar, né. Sempre, criança. Sempre quer contrariar. Então, se vc não mostrar naquele momento ali, que é daquela forma que funciona, vai ter outros momentos que vai continuar, vai ser sempre freqüente. Então tem esses momentos de raiva, que a gente tá com raiva, q vc tá fazendo errado, pega e bota ali de castigo por uns minutos...”

Quem está com raiva, quem está fazendo errado, a criança ou a educadora? Mais uma vez aparece a identificação com a criança e as dúvidas, quando ela se sente sem controle da situação. Então explica:

“(...) a forma que eu vejo, que eu mostro é, quando eles vem a mim, eu tentar resolver o que eles querem no momento, né. Ou falar com jeito pra que, mesmo que eu va dizer não, agora não depois eu vejo, ou não vou lhe dar por isso e por isso, pra poder eles não terem aquela ideia, não, tia Clara nunca faz nada. Mas também na hora de dizer: não, vc ta errado, vc vai ficar de castigo, eu vou lhe colocar agora e acabou-se. Então quando a gente coloca eles obedecem. E fica lá e depois diz: tia, eu posso sair? Eu digo: vc já pensou? O q vc fez? É certo? É não. Então, depois... vc né? Só vc botar no castigo e depois... a criança sabe pq ta ali, mas vc tem q orientar e mostrar a ela o motivo pq q ele ta ali. (...) Então é complicado, não é sempre que a gente consegue fazer as duas coisas. Ter o controle e mostrar a eles que é o melhor pra eles. (...) Então tem esses momentos de raiva, que a gente ta com raiva, q vc ta fazendo errado, pega e bota ali de castigo por uns minutos... pq eu não sei se é a forma legal, porque até então, eu como educadora, até hoje eu não sei...”

A educadora mostra sua reflexão solitária sobre o que significa o castigo, como ela o entende dentro da dinâmica da relação, que envolve educar, se controlar, refletir, dar limites e ser respeitada, além de ser querida, ao dar atenção, ajudá-los a conseguir o que querem, etc. Mesmo com toda esta ponderação, Clara ainda fica na dúvida, explicando que nem sempre consegue se controlar e nem ajudar as crianças a refletir sobre o que fizeram. Ou seja, há uma discussão fundamental sobre a dinâmica institucional. Se o castigo vai ser usado e requer alguns passos e cuidados para ser eficaz, seria útil que a equipe criasse estratégias para que isso acontecesse, ou a medida educativa perde seu valor. Torna-se apenas limite para a raiva das educadoras.

O trecho ressaltado também indica que há educadores “que não fazem nada”. Clara não quer ser vista assim, pois entende que é importante que as crianças gostem dela para a respeitarem, não refletindo que seja importante para a constituição daquele sujeito, cidadão, ser respeitado e ter atenção quando demanda ajuda. Vale chamar atenção para esta capacidade de Clara de se identificar e poder, ao menos na maior parte das vezes, se diferenciar para atender à necessidade da criança. Talvez esta acusação que parece vir das crianças, sobre educadores “que não fazem nada”, seja também indicador de uma identificação que é importante para a aproximação, mas que não deve se encerrar aí, ou o adulto não consegue mostrar seu diferencial atendendo à necessidade do infante. Ou seja, o “não fazer nada” pode ser descaso de alguns educadores, e pode ser uma identificação que não avança, que não permite ao adulto reconhecer-se com possibilidade de ação.

E Frida, que diz ter dificuldade em dar bronca, fica muito preocupada com os descontroles, entendendo que precisa proteger as crianças:

“Pq aqui é bom pq tem a gente pra tomar conta, mas vc sabe que é como aqueles irmãos, que tem hora que vc ta bem, tem hora que vc arenga, vc

machuca um, né, e vc não é seu filho pra pegar e: vc fez isso é! Vou dar uma pisa em vc! Não pode. Então a gente só briga ou bota de castigo. Mas aí vc não vai estar o tempo todo ali pra proteger ele dessa outra pessoa novamente. E... mas aí o que vc puder fazer ali naquele momento vc vai e faz, nem toda hora vc vai poder estar protegendo ele.”

A construção de Frida deixa confuso quem é o envolvido na oscilação de humor, se são as crianças brigando, se são os educadores em geral, ou ela. Há três envolvidos, um que machuca, um que apanha, um que protege. Mas o que protege não está presente sempre, então ela se angustia. Ao lado do que já havia sido apresentado sobre sua forma de repreender as crianças e sua compreensão de como atuar, com este trecho fica claro que Frida apresenta uma questão em relação a como resolver os conflitos e precisa de ajuda da equipe para isso. Sua experiência não foi como as das demais que apanharam e acharam bom depois de crescerem pois se sentem responsáveis e bem educadas. Ela era agredida e por pior que ache isso, foi assim que aprendeu e parece nos contar o quanto é difícil controlar tal impulso nos maus momentos.

Um educador que aceitou narrar sua história entende que teve uma ótima escola, com um outro colega e com Clara, que a seu ver são educadores diferenciados. Uma das coisas que dizem é que ali eles têm que dar o que as crianças não tiveram em casa: “conversa, apoio, bronca...” Então, é amor, suporte, e é limite, bronca. Mais uma vez a desvalorização das famílias vem à tona, mas queremos enfatizar neste recorte esta trama de sentimentos e atitudes que uma relação ética aborda (EID, 2006), construindo um vínculo baseado na atenção, respeito, consideração. Algo muito nobre, difícil, que exige muito trabalho e dedicação. Confiar no processo educacional não é simples, ou seja, acreditar que repetidas broncas vão educar pode não parecer suficiente. Especialmente quando se acredita que a primeira experiência educacional dos meninos foi ruim, violenta ou mesmo inexistente.

As educadoras foram criadas na base da “penha”, da palmada, que hoje é contra a lei⁵⁷ e numa instituição, portanto, inadmissível. Mas os limites são fundamentais para a constituição psicossomática (WINNICOTT, [1958]2000), ou seja, é o que oferece contorno tanto para a noção corporal quanto para o reconhecimento de um lugar que o sujeito ocupa dentro de uma cultura, a partir de uma visão de mundo.

Sem amparo, sem reflexão, os educadores vão fazer o que conhecem, ou vão ficar muito angustiados nas situações em que precisarem impor autoridade, controlar alguma

⁵⁷ Há Projeto de Lei ainda tramitando no Congresso Nacional sobre esta medida, mas já aprovado na Câmara dos Deputados. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente já aponta a “a inviolabilidade da integridade física” (MORAES, 2013).

situação, etc. Uma angústia pelo abandono em resolver o problema sozinhos, que, com certeza é perceptível pelas crianças, normalmente tão sensíveis aos humores à sua volta. É interessante pensar que esta questão da disciplina, levou a gestão a achar importante colocar educadores homens nas casas – selecionados pelo bom contato com as crianças enquanto seguranças das casas⁵⁸. Em conversa com um educador noturno, ele explicou que por ser grande e falar grosso os meninos logo obedecem. Então, entramos também numa questão de gênero, sua simbologia e do que se objetiva quando se pensa em acolhimento, em educação, em formação de cidadãos. Discussão extensa que não cabe neste trabalho.

Estes fatores apontam um grande desafio: não ter respostas ou soluções, não ter manual. Ter que suportar o sofrimento do outro, junto ao que ele mobiliza do seu próprio e enfrentar junto. Não é ter uma família substituta que vai resolver o sofrimento de um e de outro, ou evitar o descontrole. Os sofrimentos existem, vão continuar existindo e precisam de acolhimento para não se repetirem indiscriminadamente. O que é extremamente exigente e complexo, uma vez que os educadores ali não estão preparados para fazê-lo, como reiteram Maria, Branca, Clara. Problemática e função que precisa do apoio de uma equipe, pensando juntos quais as necessidades que aquela criança mostra ter, como acolhê-la, como cada um se sente fazendo isso, o que é possível o serviço de acolhimento realizar e o que não é, etc.

Um ponto que chama atenção na compreensão das educadoras em relação à contenção, aos limites, é a questão da revolta. Amélia expõe diretamente como ela acredita que este é o maior diferencial para a vida de uma pessoa. Olga entende que os acolhidos maiores têm maus costumes. Rita parece carregar um peso enorme de responsabilidade para não se revoltar. Frida acredita que foi um pouco revoltada, assim como entende que seus filhos ficaram com ela, mas teve ajuda. Branca apresenta:

“São crianças carentes, amorosas, mas também são muito rebeldes”.

Queremos pontuar como o controle é fundamental para elas. Não se revoltar contra as injustiças e ser responsável são o caminho para se adequar à sociedade, e, na concepção delas evitar maiores sofrimentos. Portanto, parece que as educadoras esperam que as crianças sejam obedientes e caso se revoltem podem ter o futuro perdido. Ou seja, há uma regra de submissão para a vida da maioria delas, que também as sustenta como educadoras do Antenor Navarro.

⁵⁸ Uma empresa de segurança da cidade, “GADI”, é contratada para fazer segurança das casas – o que seria contrário à legislação por identificar e até estigmatizar as crianças. Uma casa de qualquer família não costuma ter segurança, chamando atenção diferente a estas. Mesmo assim, estes seguranças foram sendo contratados como educadores conforme se observava um bom relacionamento dos mesmos com as crianças.

5.3.2. Instituição do abandono – as contradições na interdição do apego

O movimento e regra de afastamento afetivo, além de dificultar a reflexão sobre a função, carrega a compreensão do abrigo como um lugar ruim que deve passar muito brevemente pela vida das crianças por não poder oferecer muito. Uma contradição em relação à dedicação pessoal de cada uma a ser lembrada e mesmo amada, ao menos em alguns casos. E ficam todos sozinhos nesta contradição, sem partilha da tensão.

Como já apontado, Clara parece ter a compreensão de família como amorosa e espaço garantido de proteção. Gostaria de poder levar todos para casa, mas não dá, são “17 crianças, imagina aí!” Mas é interessante que não entra na discussão o que as crianças sentem quando estão ali e quando saem dali. Paira a ideia de que nenhuma criança gosta do abrigo e não sofre ao ter que ir embora mesmo amando um ou todos os educadores (preocupam-se tanto com amor dos educadores pelas crianças mas não o reverso), além dos outros acolhidos.

Uma das cozinheiras falou da adoção como sonho e disse que certa menina sabe que o melhor para ela é viver numa família, que com certeza ela vai querer algo melhor do que ficar num abrigo já que é inteligente. Esta mocinha é a mesma que inquieta Clara por não ter ninguém. Uma menina que pode estar bastante vinculada ao abrigo, já que todos de lá citam ela com carinho. Este vínculo não é pensado. A mesma ideia vem de Frida:

“Aqui... é porque assim, aqui a gente sabe que... é o melhor pra eles voltar pra família ou a, ou a, chegar a adoção de uma pessoa que tem condição. Então vc tem que tratar tudo do mesmo jeito.”

E quando questionada sobre como evitar esta vinculação maior ela diz:

“É verdade. (Rs). Mas aí quando eles vão embora, a gente chora um pouquinho mas aí a gente sabe que eles vão ta, vão ta bem. Do que aqui.”

Podemos ouvir este relato a partir do ponto de vista de uma gestão que não quer que exista apego para não tornar o abrigo um lugar desejado. A regra é o interdito de um afeto, de partida algo não controlável, e que ao não encontrar espaço para reflexão mantém a instituição como indesejada, pouco investida, em direção ao abandono da mesma. Pensar que uma criança pode gostar do abrigo seria achar que ela não iria gostar de voltar para a família ou de ser adotada? Uma possibilidade exclui a outra? Então o abrigo pode ser maravilhoso a ponto de prescindir desta outra instituição tão idealizada? Ou então as educadoras teriam que se tornar as adotantes e levar todos para casa? Há uma contradição nesta ordem que parece

passar por esta dificuldade em enfrentar a complexidade dos temas envolvidos, como afetos, cuidado, pobreza, precariedade, família, criança, etc.

Trabalhar a separação, desde a original que trouxe os acolhidos, até a da saída deles da instituição não é uma questão que a equipe se coloque. Mais uma vez a imagem da instituição fantasma: já que é provisória e só existe por causa de sofrimento, melhor não investir muito.

Olga apresenta uma visão ruim do abrigo como sendo de fora:

“Sei lá, eu acho assim... desde muitos tempos que o povo tem um mau conceito de abrigo, não tem? Tem que a gente vê reportagem... tem sim, muitas pessoas tem mau conceito de abrigo.”

E traz a possibilidade dos meninos gostarem do abrigo, mas apenas pelo que vê de ruim, que é a falta de limites. Diz que crianças adotadas voltam para morar no abrigo por não obedecerem aos pais adotivos e preferirem a falta de controle da instituição. A dificuldade desta interpretação parece decorrente, entre outras coisas, da valorização que ela faz da educação que recebeu do pai, muito rigoroso, e da falta de discussão sobre o assunto. O que interfere no trabalho de todos ali, assim como a regra de não apego.

E um caso apenas citado por Clara (embora Rita o reconheça como “extraordinário”, apenas falou sobre ele por solicitação da pesquisadora) demonstra ser difícil identificar as conquistas do serviço:

“É. G., não, G. chegou não falava né? Como ela tem essa dependência, não sei como se fala, que ela faz cocô na roupa, não tem a sensibilidade, então ela tá fazendo fisioterapia pra ver se melhora. Ela chegou... ela tinha medo de falar que tava cocô, se a gente falava: G., tá cocô? G. vc fez cocô? Tá suja? Ela tinha medo. Ela, né? Hoje em dia, ela arenga com os meninos. A gente vê ela arengando. Eu digo: G. eu to vendo, viu! Não sou eu não, tia. Não sou eu não. Vai pro colo de todo mundo, dá carinho a todo mundo. Super carinhosa... um caso extraordinário.”

As narrativas sobre as crianças e sobre o trabalho mostram a pouca reflexão sobre o que se passa com cada uma, sobre o desenvolvimento infantil, sobre quais seriam as necessidades de cada um e o que poderia significar cada resposta das crianças e dos educadores. Mostra também esta tensão em como se colocar ali, o que é possível fazer pelos acolhidos, como encontrar lugar para as histórias e para os sofrimentos, etc. Questionamentos iniciados por Branca e Clara, que apresentam mais dúvidas.

Amélia vê o abrigo como um espaço de muito suporte:

“Tem gente que achava que eles não iam pro colégio, q eles não tinham quem acompanhasse eles pra uma saúde que tivesse... eu disse, não gente,

não é assim. Eles tem tudo. E eles não vão só. Pra cada lugar que eles forem eles vão acompanhados. Até pra qualquer passeio que tenha.”

Está na contramão do que os textos mais discutem sobre a visão de abrigo, mas aponta uma questão pouco tratada que nos parece importante ser pontuada, que é a falta de suporte que os educadores tiveram para lidar com a precariedade de suas histórias. Como colocado, alguns profissionais do acolhimento vêem tantas oportunidades que os acolhidos têm, diferente deles e de seus filhos, como Maria:

“Pq elas tinham curso, elas tinham aula de inglês, elas tinham aulas de computação, elas estudavam, elas tinham passeio, elas tinham presente, a, a, a, o carro ia levar, ia buscar, e eu dizia pra elas que tinha alguns privilégios que elas tinham que meus filhos não tinham. Né. Então elas deviam agarrar isso com muita força pra que elas tivessem um futuro melhor.”

Essa visão indica um Estado bem-feitor que garante às crianças e aos adolescentes o que muitas famílias não institucionalizadas não conseguem garantir a seus filhos. As educadoras precisaram lidar com a desigualdade, sob esforço por vezes desumano de seus pais e familiares, para não serem colocadas num abrigo. Um lugar que tem tanto a oferecer! Mas se esse lugar for tão bom assim, se se torna uma alternativa realmente positiva, talvez tenhamos que fazer abrigos para todas as crianças? Talvez elas ou seus filhos preferissem crescer na instituição, com tantas oportunidades, com suporte e afeto. Quer dizer, parece haver necessidade geral, de gestão, da sociedade e mesmo das equipes, de manter o abrigo como um lugar ruim para não criar desconforto com as tantas famílias que se desdobram para se manterem? Será que iriam querer se separar dos familiares para serem institucionalizadas? Com certeza não todas, mas talvez esta reflexão possa se referir ao sofrimento de algumas educadoras por não terem tido o suporte que a lei diz ser de direito de todas as crianças.

E um apontamento da coordenadora chama atenção por denotar fartura, folga, em relação aos cuidados com as crianças, que pode ser sua visão e poderia ser mais discutida na equipe: se refere a como eles não aprendem a cuidar de seus brinquedos pois sabem que há mais no depósito. Diz que “nossos filhos” aprendem porque sabem que aqueles são tudo que tem. Interessante pensar que ela pode estar mostrando que a necessidade ali não é de objetos. Seria importante pensar como os adultos ensinam o cuidado com as coisas e oferecem acolhimento para que a capacidade de concernimento pudesse levar a este zelo, pois aprender a cuidar não é fácil.

Há uma certa fartura, mas que aponta o grande esforço desta coordenadora em administrar a casa valorizando a participação de diversas formas de voluntariado. E se Clara

interdita o colo, na hora de pensar as questões materiais, que faltaram em sua vida, consegue ser bastante crítica:

“E outra coisa que eu vejo, tem gente que acha que chegar, dar um brinquedo, não: Eu trouxe um brinquedo pra vc. As vezes da assim: eu trouxe um brinquedo pra vc. Pra ele, naquele momento, aquele brinquedo foi bom, mas não foi tão importante quanto chega uma pessoa que chega, abraça, da atenção, pergunta, quer saber sobre aquela criança. Pq tem pessoas que chega, se interessa, a história daquela criança, como que aquela criança ta ali, tem outras não, que acha que trazer um brinquedo, trazer uma roupa, é suficiente, mas não é.”

A educadora percebe que trazerem coisas é bom. É bom para as crianças e para quem traz, mas não é suficiente. Ela sabe que fartura é bom pois se lembra com prazer das férias na casa dos avós. Mas também sabe que é muito importante o acolhimento, quando “*chega uma pessoa que chega...*”. Uma pessoa que realmente esteja ali, que se envolva com eles, que divida com as educadoras sua função, de dar atenção, importância a cada um ali, de querer saber as histórias. Quando a discussão passa pela fartura ela pode se contrapor e encarar a falta. Mas discutir o colo que nunca será farto dói. Melhor não ponderar, melhor não oferecer. Parece mais fácil vincular ao abandono, deixar os bebês sem colo, sem perceber que o custo pode ser maior para todos.

Uma reflexão importante, que também passa pelas discussões sobre o que é carência, o que é pobreza, inclusive exigindo dos responsáveis (Prefeitura) arcarem com a estrutura mínima de acolhimento. Há artigos básicos que não podem depender de “bondade” alheia. Além disso, por maiores necessidades que uma pessoa esteja passando ela não vai precisar ou querer qualquer coisa. Há necessidades de um ser humano, que precisa ser olhado, reconhecido, indagado. Mas a cultura do assistencialismo é grande e muitas pessoas acham que farão o bem ao oferecer uma festa numa casa de criança “abandonada”. E como diz Amélia: “não é assim, não”, ressaltando como ela percebe que as crianças estão sempre com companhia.

Ou seja, não é apenas positivo. A mesma educadora entende que a presença de pessoas de fora, que não acompanham a dinâmica da casa e não discutem a realidade dos serviços de acolhimento, agita os educadores que ficam sofrendo avaliações e comparações. Outro educador, num dia em que haveria uma festa organizada por uma senhora da comunidade como pagamento de promessa que fizera, comenta a desconexão do propósito da festa e as necessidades das crianças ali. Todo final de ano e semana da criança o Antenor Navarro conta

com festas e mais festas. As crianças gostam, comem gostosuras e se divertem. Mas até que ponto elas são o real objetivo destas festas?

Não quer dizer que ter festa seja ruim. Muito bom haver diversão, fartura, quebra da rotina, pessoas diferentes se aproximando desta realidade. Porém seria interessante a equipe discutir estes eventos até para poderem conversar com quem chega. Em dias de festa a pessoa que oferece arruma tudo e os educadores ficam olhando. É perceptível um estranhamento e alguns educadores reclamam das diferentes posturas destes voluntários, uns mais invasivos, ou que ignoram a rotina da casa, etc. Mais uma vez os profissionais se sentem desvalorizados.

Devem acolher, mas não podem discutir sobre isso, ou sobre abandono, sobre a dor da separação, ou sobre pessoas querendo ajudar, sobre oferecer alternativas às crianças. O que entendem por acolhimento? “*A gente só faz cuidar mesmo*”, são as palavras de um educador. Cuidar de criança. E de qualquer criança. O problema é que não vêm essas crianças como qualquer criança. Então como se preparar para cuidar de crianças afastadas de suas famílias e num contexto institucional? Só com muito trabalho, que não é todo mundo que está disposto a ter, até por poderem se ver como prejudicados em relação àquela infância de direitos garantidos pela instituição.

O relato de Rita sobre sua atuação no momento que uma criança está para sair da casa mostra a ambivalência em relação ao serviço: Será que o abrigo pode ser um lugar bom, que a criança quer levar consigo e lembrar?

“Lá vou eu pro almoxarifado pegar um brinquedo, pegar um negócio pra ele levar,... se os pais adotivos quiserem guardar, ne? Eles tão, tão, tão com eles, vão saber que veio daqui, que tava aqui, ne? Mas é difícil... É complicado (Rs) eles saírem assim. Mas a gente lembra demais deles. Eu lembro muito deles.”

A despedida é marcada por objeto que possa ser carregado. Quase um objeto transicional às avessas, para os educadores, para que a criança não seja levada sem ter absolutamente nada, para que não se separem de alguém vazio, sem vínculos, pois nunca refletem sobre o quanto contribuíram para cada acolhido. Dizemos isso porque não é um objeto que a criança goste e use. A educadora vai naquela hora ao depósito pegar coisas para que a criança não vá sem nada. E ao mesmo tempo tal objeto é marca de algo difícil, da instituição que a criança morou, de um passado de separação, que talvez deva ser esquecido, podem querer jogar fora. Mas podem aceitar guardar, assim como ela guarda a todos na lembrança. Um grande novelo de vazios, abandonos, impotências, medos, saudades, é o lugar

que ela vê para si como profissional ali. Um redemoinho de sentimentos que também a habitam por sua história pessoal.

Assim como a partida das crianças não é pensada, a chegada também não. E o acolhimento na abertura das portas é muito importante para o prosseguimento do trabalho, ou o novo ambiente terá de provar que é bom a partir de primeira experiência negativa. Só mobiliza mais defesas da criança.

Em observação no último dia do ano de 2015, a pesquisadora acompanha Clara e mais uma de suas dúvidas ao ver seu riso amarelo quando uma menina recém chegada na casa diz que não quer dormir naquela cama. A educadora se angustia, ri e responde secamente que é aquela cama que ela tem hoje, que durma. Quando Clara era pequena achava que era sua felicidade ter cama e comida quando precisasse. Mas a menina pedia por acolhimento, por localização. Acabara de chegar à casa e não fora apresentada a ninguém, nem ao local. Não explicaram porque estava ali e nem o que iria acontecer. Muitas vezes não se sabe o que vai acontecer, mas uma criança que chega a um lugar novo costuma estranhar e procurar por segurança. Localizá-la e dizer que estarão ali com ela enquanto não definirem o que acontecerá já seria uma forma de dar a pouca segurança possível. Dormir é um ato de relaxamento que exige muita confiança no ambiente. Como a estrangeira poderia dormir em local que acabara de chegar, sem conhecer ninguém e nem saber quanto tempo estaria ali ou por quê? Mas isto também não é trabalhado com a equipe. Não há construção das formas de acolhimento na chegada das crianças na casa, pois não há tempo, segundo a coordenação. Ficam novamente “indefesas” ali: educadora e acolhida.

5.3.2.1. Sem apego mas na casa das educadoras.

Mais uma questão perpassa a instituição, ou na verdade a falta de marcação desta, retomando a ideia de instituição fantasma: se Clara não leva acolhidos para casa porque não pode levar a todos, as demais levam crianças nos finais de semana ou mesmo férias. Chama a atenção o quanto levar as crianças para casa mistura os espaços pessoais e profissionais e do quanto dificulta o discernimento da função de educador. Além de parecer ir na contra mão do distanciamento exigido entre educador e acolhido.

Quem é o educador? O que ele deve fazer? Como ele participa e contribui para os processos de acolhimento e desacolhimento? Afinal qual o objetivo de levar um acolhido para casa? Por que isso não pode ser feito de outra forma? Se há um vínculo diferenciado sendo

criado, como cuidar dele institucionalmente e não atenuando fronteiras que podem dificultar não apenas o trabalho do educador, mas o desligamento do acolhido e sua relação com a família com quem for viver? São questões que não parecem estar presentes para estes profissionais. Ninguém pareceu questionar esta forma de atuação, que se mantém assistencialista, não profissionalizada.

Uma cozinheira contou ter deixado de levar um menino para casa pois via que o vínculo estava ficando forte demais e todo dia ele pedia para ir com ela para casa, chorava quando ela ia embora, etc. E o menino de repente não podia mais usufruir de algo de que gostava tanto, sem que isso fosse cuidado institucionalmente. Explicar a ele que a interdição se devia ao apego em relação à profissional ainda penalizaria a capacidade de vinculação do menino, indicadora de saúde (WINNICOTT, [1984]2002). A auxiliar de assuntos gerais conta que levava uma garotinha mesmo que não fosse ficar em casa, já que ela gostava muito de seu marido. Maria relata que levou um dos bebês para casa e o marido queria adotá-lo. Os objetivos são confusos e parecem mostrar que todos acham que ninguém gosta de ficar ali.

Não é uma temática discutida embora envolva grande responsabilidade. Ao que os relatos indicam, esta prática nasceu nos finais de ano. Para que os profissionais não precisassem trabalhar nas noites de festa levariam os acolhidos para suas casas. Quem pode não gostar de ficar ali são os educadores. Portanto, haveria uma “divisão” dos meninos entre os educadores. Se não houvesse acordo, todos precisavam trabalhar.

Se já há uma grande confusão sobre o ideal de família, de adoção, como única possibilidade de felicidade, o caminho para estruturação dos serviços como semelhantes a casas de famílias e a prática de levar meninos para casa só assinam embaixo todas estas mensagens. Parece apenas confundir mais a todos.

5.4. Enfim, a trama... à guisa de conclusão

E o que aparece nas narrativas é a intensidade da trama que se tece, mesmo com uma norma de “não se apegue”. São entrelaçamentos de histórias que indicam pessoas com capacidade de envolvimento, de identificação com as crianças. Ponto fundamental para o acolhimento, mas não único ou suficiente. Afinal, trabalhamos com a concepção de um acolhimento profissional que exige reconhecimento de alteridade e de um lugar para os sujeitos envolvidos. Elas tentam maternar, mas não encontram suporte técnico para se colocarem como profissionais.

Clara acha a função difícil e questiona a orientação para o educador não misturar seus sentimentos pessoais com os profissionais:

“o profissional lidar com aquela situação ali... sem se magoar... sem deixar transparecer o que ele realmente está sentindo. Sem interferir. Né, muitas perguntas que vem.”

A educadora sabe que as crianças percebem quem se importa e se implica, questionando se o abrigo pode suprir as necessidades das crianças, haja vista sua angústia em não poder dar a atenção que gostaria para todos eles. Ou seja, mostra como esta mistura de sentimentos é parte do instrumento de trabalho e precisa ter suporte para ser aprimorado.

E Clara conta sobre a criança que mais a marcou:

“Tem uma criança aqui que quando ele tava aqui, quando ele saiu ele foi a única criança que eu chorei quando foi embora. Pq eu me apeguei tanto a ele, com o jeitinho dele de chegar assim, mesmo quando ele tava fazendo coisa errada q ele dizia assim: tia, me desculpe. Ô tia Clara, me desculpe. Ele... aqueles gatinhos que chegam se esfregando assim em vc. Que era E. Então, no dia que ele disse assim, que separou ele dos irmãos, que ficou só 3 aqui e foram os outros pra outra casa. Ele chegou assim pra mim: Tia Clara, eu quero meus irmãos. Eu chorei tanto! Eu só fazia chorar. Eu disse, não aí, depois, que eu me acalmei eu disse: Calma E., tudo vai se resolver. Vc vai voltar pra ficar com seus irmãos. E ele chorando e eu, não. A única coisa que eu fiz, foi abraçar, pq eu continuava chorando pior do que ele!”

Este é um exemplo dos abandonos ali: abandono das crianças a suas emoções, assim como das mães, das educadoras e da instituição. Dizer para não se apegarem não vai fazer com que isso não aconteça, portanto é fundamental que se discuta a respeito. Mesmo assim, quando se chega ao abrigo não é apenas abandono que se vê, porque essas educadoras são humanas e se envolvem com um e com outro ou com todos ali, tanto que Clara precisa dizer ao menino:

“Vc vai voltar pra ficar com seus irmãos.”

Ela não sabe se isso vai acontecer e precisa dizê-lo por ser o que gostaria que acontecesse. Ela gostaria que aquele garotinho de quem tanto gosta não sofresse. E esquece que ocupa um lugar profissional e este seu digno, humano e sensível desejo, fundamental para um bom trabalho, precisa ser manejado em acordo com a necessidade da criança. Postura e estratégia que precisa ser construída pela equipe, mas que sem isso, fica à mercê da trama afetiva entre uma educadora que sempre se apoiou no bom contato com os irmãos e o menino que pede pelos seus. E como estas tramas se desenvolvem e se expressam fica totalmente a cargo das educadoras e dos acolhidos, sem qualquer intervenção técnica para pensar a importância daquelas e em como se configuram.

Amélia marca sua responsabilidade. Gosta de cuidar dos pequenos e também do espaço de trabalho. A educadora incomoda-se quando a casa está muito cheia, pois a correria é demasiada e os bebês não têm tanta atenção ou mesmo espaço – já teve momentos em que os bebês precisavam dividir berço. Mas o que mais a mobiliza é a falta de saúde:

“Mas às vezes eu acho um pouco mais difícil que às vezes eu ... quando ta doente, eu não quero ir pra casa, eu quero ficar cuidando. (Ri). Tando bonzinho não, né, que aí vc sabe que... C. mesmo, na época que ele não tava bem, se eu pudesse eu levava. (Ri). Não é porque os outros não cuidam, é porque eu quero ver como é que ele passou a noite. Pq todos, graças a deus, né, todos cuidam direitinho. Vc tem sua responsabilidade com cada um. Graças a deus, isso é bom.”

Ela acredita na responsabilidade dos outros mas nem tanto. Preferia cuidar e garantir que vai ficar tudo bem. Também queria levar para casa. Entende que cada educadora cuida de uma forma e que isso é bom, porque tem umas que se envolvem mais, como ela, que acha certo dormir com o bebê, por exemplo.

É muito interessante ver que Branca, a única educadora que não era mãe ainda e que foi criada pela tia, se vincula com a mãe de um grupo de irmãos que está na casa:

“Ela vem visitar, ela fica feliz quando vê os filhos, eles ficam felizes de ver a mãe, e ela me disse que os filhos dela pra ela é tudo!”

Nossa amostragem não é tão grande para chegarmos a uma definição, mas, como já salientado, pode ser que ela não se coloque como mãe dos meninos por não ter filhos. E então consegue se identificar com a mãe e pensar que ela poderia se instrumentalizar para estar novamente com suas crianças. Outro fator de diferença em relação às outras educadoras é que Branca é nova na casa e no Acolhimento Institucional e ainda não viu muitas das tentativas de reinserção familiar fracassadas que as demais já acompanharam – embora sempre se possa questionar a qualidade do trabalho para estes retornos. De qualquer forma, a educadora mostra que rapidamente se inquieta com a realidade de separação das crianças e suas mães, que foi condição de seu crescimento. Acredita que precisam de esforço coletivo para deixar a guarda com a mãe.

Olga mantém sua necessidade de controle:

“Não, a gente fica assim, porque a gente pega amor, né. A gente fica... mas eu fiquei feliz ao mesmo tempo pq ela ia pra um lar que eu sabia que a pessoa ia cuidar dela direito. Pq a gente sente, né, que é uma pessoa que vai adotar, quando é uma pessoa que vai cuidar, vai amar... a gente sente. Pq às vezes tem são adotadas e depois vem os resultados, né.”

Fica “assim”. O que é assim? Emenda com feliz e depois já está brava porque tem aqueles que fazem tudo errado. E ela se refere desta forma a uma história que conta que a mobilizou muito:

“E teve uma criança que me marcou muito: Foi L. e E. Duas crianças lá. O coordenador dizia que eu queria proteger a criança demais. (...) Não, eu, assim... cuidava... não queria que ele se misturasse com os meninos, porque às vezes os meninos batem... aí, eu não queria que ninguém batesse nele. (...) Não, com L. era mais assim, aconchego, amor de mãe. Porque ela me chamava de mamãe. (Risada.)”

Olga tinha amor de mãe pela menina, e ficou “assim” quando ela foi adotada. Podemos pensar que seu mecanismo de controle, como apresentado, é bastante forte inibindo sua manifestação de carinho. A intensidade da relação viria do fato de ser amada? Olga ficou marcada pelo amor que recebeu de L.? E conta do processo de vinculação:

“Foi, ela me adotou. Aí, assim, também ninguém queria L. Porque às vezes, a... lá... os educadores só quer pegar na criança quando ela é bonita... e quando ela é feinha ninguém quer. L. quando chegou era feinha. Aí eu disse: Eu vou cuidar de L. Quando L. ficar bonita ninguém pega em L. Aí L. ficou bonita e todo mundo queria L.”

É interessante esta questão da beleza, pois Olga a relaciona ao desejo de algumas pessoas estarem com crianças. Conta de uma moça que estava sempre no berçário querendo adotar uma menina e que ficou “sem chão” quando a garotinha saiu do abrigo. Note-se que a outra pessoa fica “sem chão”, enquanto ela fica “assim”. Mas o interessante é a teoria que Olga cria, de que há pessoas, como esta moça do exemplo em questão, que “só gostava de ver as crianças porque se achava feia.” Diz que uma mulher que se acha feia não consegue se aproximar de homem, então se aproxima das crianças. E conclui o exemplo dizendo que após realizar uma cirurgia bariátrica a moça deixou de visitar o abrigo, entendendo que então a moça se sentiu bonita e não quis mais as crianças. Será que se sente feia e por isso trabalha com crianças, para se tornar bonita ao se dedicar a elas e torná-las belas?

Afinal, ela parece também associar beleza ao amor de mãe, já que ela “torna” a menina bonita e é chamada de mãe por ela. Também diz que investiu amor de mãe. Então quem tem amor de mãe se torna belo? E ela escolhe aqueles de quem se tornará mãe?

Freud ([1914]2010) entende que a busca pela beleza física, ou sua idealização, é entendida como meta encobridora de faltas que não se deseja enfrentar, como negação da própria castração, da sustentação da idealização própria. Afinal, se encontramos esta vinculação da beleza com o desejo do outro, denota-se um desejo em manter a cisão entre belo e feio. Ou entre o belo e o horror, afastando de si o segundo. Olga pode desejar fazer um

investimento que encubra as faltas das crianças, ou daquela criança. Seu controle em ser boa educadora também indica a tentativa de mostrar a si mesma que pode ser mãe, pode cuidar e deixar os outros belos, felizes e desejáveis. Encobrendo a dor da perda do filho.

E se a educadora se abria pouco, o que a envolve na narrativa é se referir ao amor de L. por ela:

“(Rs). Ai ela me chamava de mamãe, até que quando ela foi pra adoção... que a senhora foi adotar ela, eu tava trazendo ela aqui pra casa, pra passar o natal, aí... O coordenador ligou: Olga! Dava pra vc entregar L.? Ai eu disse: Da... o que que eu posso fazer! Ai eu disse: Eu to aqui próximo do shopping Manaíra, mande a pessoa vir que eu to aqui. Ai eu desci cheia de bagagem com L. pra esperar a senhora pra entregar L. (...) Quando eu fui entregar L., L. não queria. Ai ela teve que vir até aqui (casa da educadora) pra gente... assim, convencer L. pra ... L. ir com ela.”

Sentia amor por este nome “mamãe”. Que falta ela pode querer negar, a das crianças ou a dela própria? Provavelmente ambas e por isso seria tão invasivo outros quererem compartilhar os cuidados com ela. Ela não poderia se sentir tão bem ao tornar as crianças bonitas, ao achar que supriu todas as suas necessidades, pois o crédito seria coletivo. Um lugar realmente perigoso de desejar ocupar, afinal, impossível. Por isso a interdição do Coordenador Geral à superproteção, mas que a mantém em sofrimento.

Acontece que não é apenas em Olga que a beleza parece fazer efeito, como ela mesma aponta. No período da pesquisa chegaram dois loirinhos de dois anos na casa. Um era o anjinho, educado e lindo. O outro era o “azougue”, que só dava trabalho, machucava todo mundo. Todos comentavam como uma mãe deixara o primeiro, mas do outro não havia esta indagação. Uma adolescente comenta que desde que o primeiro chegara ninguém olhava para os demais. Quer dizer, há uma busca pela beleza e ainda, incompreensão dela ali, naquele espaço. Então, ser bonito é não ser abandonado? “Tornar” alguém bonito é tornar alguém adotável? Ou seja, neste contexto, seria salvar o futuro da criança? Como se o destino de pessoas bonitas não pudesse ser a institucionalização. Como se pessoas bonitas fossem necessariamente amadas e isso as assegurasse de serem abandonadas, por não carregarem e apontarem a “feiúra”, a precariedade humana.

Queremos chamar atenção para a importância de refletirem sobre os temas que subjazem aos discursos, fazendo circular as opiniões, buscando facilitar processos de amadurecimento, que não serão sempre facilitados e nem serão mais simples por isso. Afinal, num ambiente com tantas pessoas não há como evitar ruídos de comunicação, mal entendidos, disputas, etc. Mas ajudar a circular as formulações cotidianas amplia as possibilidades de lidar com elas e aprimorar o acolhimento.

Assim como Olga, Maria fez relato afetuosos sobre uma criança com quem se vinculou fortemente.

“Eu, eu, quando essa criança chegou aqui, ela chegou bebezinha. Assim, com dias de nascida. Era um menino. Que eu batizei ele por príncipe. Eu dizia que ele era meu príncipe. Então eu sofri muito... pq, eu, eu, eu peguei um amor tão grande por ele que eu tinha ele como se fosse filho meu, parecia que ele tinha saído de dentro de mim. Então ele me marcou muito, muito, muito aqui no Antenor Navarro. Ele ficou aqui mais ou menos uns dois meses. Dois meses só. Só dois meses. Aí quando ele foi adotado, né, ele foi adotado. Mas todos os dias, todos os meus plantões, que eu chegava aqui eu me sentava nessa cadeira, colocava ele no colo e começava a orar por ele.”

A educadora se vê como mãe. Tanto que o batiza, salvando sua alma e ora por ele como para nenhum outro ali, embalando-o nos braços cotidianamente. Maria relata que se apaixonou pelo trabalho do Antenor Navarro por conta dos bebês, e é a este quase sem história, por ter apenas dias, que ela se apega demais. Este ela podia proteger, pois não vinha carregado de experiências ruins como a outra menina que a marcou:

“(...) que assim, me marcou muito, porque eu chorava com o caso dessa menina. Eu conversava muito com ela, ela tinha 10 anos, mas era como se ela tivesse 20 anos. Pelo tanto de sofrimento que ela passou, com 10 anos, era como se ela tivesse 20. E ela falava, assim, é... relatava assim, a vida dela, com uma naturalidade tão grande, que eu dizia assim, meu deus, essa menina é um desafio. Ela foi um desafio pra mim. Então, ela passou por processos muito difíceis, né. Uma criança com 10 anos, vc possa imaginar o tipo de vida que ela levava. Então, assim, são coisas que eu também não posso nem relatar. Mas, foi uma menina que me marcou muito.”

Esta marcou pelo oposto: pela história violenta com apenas dez anos. Maria se assusta com esta enorme diferença de mundos e fica completamente só, conta apenas com Deus para orientá-la.

As ambivalências são evitadas por Maria, mas conta que o período em que criou o filho, que estava em casa sem trabalho, foi difícil:

“Mas sempre com aquela esperança de um dia voltar a trabalhar, pq geralmente quem é acostumado a trabalhar que fica sem... é, existe assim muito desgaste, é desgaste mental, é, é... todo tipo de desgaste existe, porque vc vivia naquela correria e de repente vc para. Mas eu sempre orava ao senhor pra ele abrir uma porta de trabalho pra mim.”

Ela diz que sempre gostou de cuidar dos filhos, mas descreve este momento desta forma. Não problematiza as relações, os vínculos pessoais. Estes são de amor, como ela diz. O que a faz mal, unicamente, é ficar sem trabalhar. O sofrimento do abrigo ela aprende a lidar. Vale apontar que o único relato mais extenso do livro de ocorrência da casa, que realmente descreve uma situação conflituosa, é escrito por esta educadora, contando que sua intervenção

acabou com a tensão. Ela relata um fato que seria muito interessante de ser trabalhado pela equipe, contando a dificuldade da mesma em dar suporte ao sofrimento (crise nervosa) de uma acolhida adolescente. Ela conta que depois de um tempo assumiu a situação e tudo se acalmou. Não imaginava mães maltratarem os filhos, mas parece saber o que é perder o controle, afinal consegue lidar com isso.

Rita, ao contar da adolescente que a marcou na casa, que ela levava para casa para tranquilizar, aponta sua angústia com as separações e rejeições. Sentia-se boa profissional conseguindo suprir necessidades de uma garota que se mostrava mais nervosa e inquieta com sua história. O contato físico, o carinho, o mexer no cabelo, ou seja, uma aproximação efetiva é que a fazia sentir-se realizando o que entende por sua função: tranquilizar a menina, fazê-la sentir-se melhor. E nos momentos de turbulência, entra na guerra ao lado da mocinha:

“N. se deu super bem com essa suposta irmã e de repente essa mulher disse que não queria. Porque N. sabia... sabia, falava da mãe, falava do pai e não era isso que ela queria. Então, eu fui a pessoa que recebi N. no dia que ela falou essas coisas. N. chegou super abalada, chorando bastante. Que até foi passar o final de semana na minha casa. Que eu levei pra ela se acalmar que ela tava muito nervosa. E aí eu tava com muita raiva dessa mulher, por ter feito isso. Ter levado a menina mais de dois finais de semana e de uma hora pra outra dizer que não era isso que ela queria?! Pra uma criança?! E foi uma das histórias que eu acho que mais me marcou.”

Sensibiliza-se demais com a desistência do processo de adoção por uma mulher que julgava louca e que se incomodava por a menina querer saber do pai, perguntar e comentar sobre sua história. Mas a leva para casa para protegê-la de sua vida, de sua história, ao achar que no abrigo a menina não poderia se acalmar. A própria educadora dizia que era tão importante a história ser levada em conta e respeitada, mas não pensa que a história presente, que é viver no abrigo, precise ser respeitada? A identificação com aquela que quer saber do pai e que vai de um para o outro a faz também querer companhia. Juntas se entenderiam. E defende a adolescente com unhas e dentes, assim como a outra garotinha com quem se envolveu bastante. Nas duas histórias se refere às mães como “loucas”, “nojentas”. Mães que não aceitam a história da criança ou que permitem que ela sofra.

Este superenvolvimento dela com as meninas, numa identificação intensa com elas, pode ter dificultado o olhar para essas mulheres e, ao mesmo tempo, permitido que ela xingasse a própria mãe, que a manteve longe. Pelo que ela conta todos ficaram incomodados, e ela que mais se estressou. Podemos pensar que suas marcas de abandono estão sendo expostas, afinal ela se sensibiliza com um vai e vem e desistências que ela viveu de certa

forma. O pai sumiu, a mãe só via de final de semana e olhe lá, a tia que criou foi morar em São Paulo:

“E aí eu tava com muita raiva dessa mulher, por ter feito isso. (...) Pra uma criança?! E foi uma das histórias que eu acho que mais me marcou.”

Repeti este trecho para pensar que a menina envolvida era adolescente e ela frisa isso em outros momentos, mas aqui ela chama de criança, talvez se identificando. Afinal, na vida de Rita quem é que queria ficar com ela e a irmã? Rita não questiona o vai e vem que ela sofreu quando pequena e o compreende racionalmente. Mas como estas separações e idas e vindas se registraram nela quando criança? Parece atualizar sua experiência na vivência da acolhida.

E ao relatar sobre a outra garotinha, cujo caso também a tirou do sério, acha que é unicamente uma família que pode ajudar:

“Já de B. eu não consegui. Só João e Maria mesmo. Acho que nem a equipe daqui tava conseguindo. A coordenadora brincava com ela, dizia: Rita, da brinquedo a ela e eu dava. E nada disso...”

Para a educadora foi apenas quando um casal começou a visitá-la, a ligar para ela, que se via “brilho no olhar” da menina. Chama muita atenção a este brilho e gostou muito deste casal. Ela relata dar brinquedo, mas não mostra haver reflexão da equipe para pensar qual seria a necessidade da menina. Rita também não consegue perceber o que poderia haver de tão diferente neste casal que tenha despertado o desejo de vínculo, tanto na menina quanto nela mesma. E a educadora enfrenta a situação acreditando que apenas uma família, novos pais, poderia diminuir o sofrimento.

Pelas análises de Winnicott ([1984]2002), poderíamos pensar que B. tivera um bom vínculo anterior e estava difícil confiar num novo. Além de ressaltar a efetiva contribuição da instituição num acolhimento que manteve a capacidade da garotinha em se vincular, em desejar e confiar num novo ambiente, que se apresentou com o casal. Uma compreensão do caso que poderia ajudar Rita a se tranquilizar em estar ao lado da menina, que para ela fica como aquela que não tem como ser feliz sem aqueles pais. O que ela pode relacionar com sua idéia de que sua vida teria sido melhor se tivesse tido os pais por perto. Então o peso da separação é que fica marcado, um luto não elaborado.

Assim, a educadora forma uma concepção bastante ambivalente do trabalho ali. Tem dificuldade em ouvir os relatos das histórias das crianças e fica fora de si quando a adolescente é rejeitada por sua história. Faz de tudo para que não sofram: leva para casa, dá

cremes, DVD, etc, mas têm muita dificuldade em acolher o passado das crianças. Então, por mais que veja um papel para si ali, não consegue acreditar que possam ajudar tanto.

Se Rita se mistura tanto, Frida parece uma acolhida. Esta educadora acredita que suas dores a levaram a ser rebelde, mas depois de poder contar com ajuda de patroas, do marido, da igreja, entende que elas permitem-na se colocar no lugar do outro, não julgar tanto e ter paciência. Porém se sente injustiçada:

“E o pior é que assim, as pessoas não entendem às vezes vc. Vc, puxa, vc acaba tentando entender as pessoas, mas quando é sua hora ninguém entende.”

E é com um grande grupo de irmãos que ela mais se envolve na casa Antenor Navarro: *“Que são umas bênçãos. De trabalhoso.”* A família dos “F”, já referida, ficou longo tempo abrigada e a história incomodava muito a equipe da casa, pois não conseguiam ver esforço na mãe em recebê-los de volta, inclusive engravidando novamente, ou seja, do oitavo filho. Frida conta da mais nova, que foi adotada: *“vivia no meu colo”*. Ela se vinculava aos que dão trabalho, que incomodam, se reconhecendo nisso:

“As pessoas chegavam às vezes assim: aí eu não sei como que tu agüenta não. Mas eu não sei, pq eles eram tão... trabalhoso, tão trabalhoso, mas eu comecei a amar eles, sabe assim, dizer assim que eles podiam mudar sim. Mesmo que eles fossem trabalhoso, chamava palavrão, dizia um bocado de coisa, rs, mas eles podiam mudar. Entendeu? E eu amava muito assim. Principalmente Ag., que era o mais velho, que era muito trabalhoso, né...”

Aproximou-se demais dos três mais velhos. O mais velho que era o mais trabalhoso, talvez a recordasse de seu irmão mais velho que cuidava dela. A seguinte a aperreava que até os colegas chamavam a atenção. Outra garota componente do grupo é a mesma que Clara cita, que é referida por muitos educadores e que chama Frida de mãe. Ela deseja que possam mudar e ter uma vida melhor, seguir os sonhos. Quem sabe eles podem viver seu conto de fadas. E quem sabe eles podem fazê-la viver um pouco do sonho ao compor com ela uma família.

E Frida ainda conta de experiências cruas de sua forma de vinculação:

“Só às vezes assim que eu tava muito apegada a uma criança que eu vinha outro educador e acabava como se diz tirando de mim. Ficava mais... aí ele não ficava mais, assim, mais comigo como ficava, e ficava com o outro educador. Aí eu me afastava. É, eu me afastava não ficava mais como eu era. É como assim, umas coisa é sua, mas só que aí uma pessoa vem e em vez de vc lutar por ela vc não luta. Abriu mão. Que era o que eu acabava fazendo.”

A educadora está ali para isso, ser amada. Neste caso ela se sente rejeitada pela criança, como quase sempre se sente na vida. Mostra a intensidade de algumas vinculações

que a abalavam como a uma criança. Frida e Rita parecem estar mais como irmãs das crianças, do que como adultas, ou mesmo mães, o que poderia inviabilizar o acolhimento.

Porém, podemos pensar sobre a *função fraterna* trabalhada por Kehl (2000) que discute o papel auxiliar desta na constituição psíquica, diferente do papel contingente das funções paterna e materna. Entende a frátria como possibilidade de amparo identitário quando as figuras parentais são contestadas. O semelhante impõe à criança a relação com a semelhança da diferença, numa “reelaboração da relação especular com o eu ideal” (2000: 44). Esta experiência seria reeditada na adolescência, “possibilitando ao sujeito reconhecer-se como criador de linguagem e/ou fatos sociais” (op. cit.). A autora também entende que a frátria abre um campo de “circulação e transmissão de saberes” (op. cit.) sem uma bandeira de verdade a ser seguida.

É interessante que a noção de função fraterna é relacionada por Kehl (2000) á possibilidade de vida democrática, uma vez que sai da hierarquia, de uma lei personalizada no outro. Ideia que poderia trazer uma forma de olhar e trabalhar com os acolhidos em relação a seu pertencimento e responsabilidade em relação à sociedade. E poderíamos pensar em outra organização para este coletivo do acolhimento, que valorizasse o que as crianças podem construir ali, com seus semelhantes.

A análise de Kehl (2000) sobre as letras dos Racionais Mc’s localiza Deus com o lugar da lei, não vinculado a uma igreja, mas como ideia que permite acreditar em outra possibilidade que não o crime. Uma ideia que ajuda a sustentar a crença no coletivo dos “manos” no apelo da semelhança pela precariedade humana e da vida deles. Em outras palavras, Deus seria uma força contraposta ao demônio que simboliza o circuito “crime-consumismo-extermínio” (KEHL, 2004, p. 226), e ajuda aos “manos” se reconhecerem e se aproximarem. Neste coletivo, então, estipula-se algo de semelhante na diferença, que os une e permite um reconhecimento e um desejo de vida, de encontrarem outros caminhos possíveis.

É no reconhecimento dos semelhantes, segundo Kehl (2004), que se tem a confirmação de quem se é. A autora entende que há um reconhecimento inicial, que institui o nome do pai, que filia o sujeito, mas é a partir deste reconhecimento fraterno que se pode diferenciar do pai. A psicanalista (KEHL, 2004) trata então da possibilidade de falha desta interdição do nome do pai, levando à formação de gangues contra a lei, ou de uma mínima lei, que se remete a pai e filhos, que encontra na rede fraterna a segurança para avançar na vida e questionar autoridades. A autora ressalva que laços fraternos podem ser da ordem do

fanatismo, da “obediência cega” (2004, p. 229), mas compreende que não há como negar a existência e possibilidade de formações fraternas que produzem e renovam o laço social. Kehl (op. cit.) coloca: “quando é preciso apelar ao “Senhor” para imaginar que “alguém” (no eixo vertical da constituição subjetiva) me ama e me proíbe abusos, o reconhecimento entre irmãos se torna essencial”.

Ou seja, referimos exercício psíquico refinado de reconhecimento da semelhança na diferença e que pela alteridade e reconhecimento de apoio, pode levar à noção de coresponsabilidade sobre a realidade compartilhada. Um mútuo acolhimento. É importante discutir que, especialmente no acolhimento de bebês, é necessário reconhecer a necessidade deste outro e atender a ela, se colocando no lugar de responsabilidade. Mas algo que Amélia conta claramente que aprendeu pela exigência da vida. Assim como Maria e Clara, que ao lado de Amélia são as com grande número de irmãos, apontam a significativa presença dos irmãos em suas vidas.

Podemos pensar então, que Rita, embora não tenha tido figuras parentais constantes, se ancorou na relação com a irmã, assim como com as colegas. Teve certo amparo para viver a inconstância de cuidadores. Frida parece ainda procurar estas relações fraternas que a permitam se reconhecer – um movimento que ela indica na entrevista, contando que naquele momento, após alguns anos no acolhimento, estava tomando decisões importantes para sua vida.

As educadoras têm irmãos e falam deles, mas não consideram a riqueza das relações entre os acolhidos, que elas não parecem reconhecer como aprendendo umas com as outras, se protegendo, brincando, disputando, etc. Riqueza que pode ser observada em pesquisa sobre comunidade moçambicana, na qual as crianças cuidam e organizam a casa e a rotina, e convivem primordialmente entre os irmãos (Pastore, 2015). Além disso, Alexandre e Vieira (2004) mostram que as relações de apego e brincadeiras entre as crianças abrigadas são intensas e positivas em relação às necessidades de contato físico e afetivo dos acolhidos.

No Antenor Navarro, embora haja bastante brincadeira entre as crianças e mesmo cooperação entre elas, e dos mais velhos com os menores, inclusive nos cuidados com os bebês, os educadores valorizam e falam mais sobre as relações parentais, ou seja, sobre o que os acolhidos perderam e devem recuperar. Não valorizam as relações que se estabelecem entre as crianças no abrigo, entre aqueles que não possuem parentesco. De qualquer forma, nos parece que as relações nesta instituição estão, em sua maioria, atravessadas pela falta

projetada nas crianças, que em alguns casos captura as educadoras, fragilizando suas defesas e clareando a trama afetiva.

Portanto, achamos importante marcar o quanto as relações fraternas podem facilitar o trabalho do acolhimento a partir de dois vetores: na percepção de que as crianças apresentam capacidade de se acolherem⁵⁹, assim como pode ser uma alternativa à reflexão sobre a função do acolhimento. Parece-nos interessante estudar esta possibilidade, podendo aproximar ainda mais a função de acolhimento à relação de amizade levantada anteriormente. É imprescindível trabalhar a filiação, as origens, a história de vida, mas a partir deste olhar para o outro como semelhante na diferença, construindo juntos uma postura de co-responsabilidade, cada um arcando com sua parcela de acordo com suas capacidades. Tema para futuros aprofundamentos.

De qualquer forma, a postura da maioria dessas profissionais, dentro desta instituição, no encontro com estas crianças, nos parece mostrar de forma incontestante esta trama que se estabelece no acolhimento. É importante um envolvimento e ele acontece, mas parece tomar caminhos de acordo com as necessidades psíquicas das educadoras ali, uma vez que não se discute a prática cotidiana no abrigo.

Dizer que não pode haver envolvimento não resolve a angústia que muitos casos provocam nos educadores. É preciso espaço de discussão e reflexão sobre todo este movimento de vínculos e expectativas, pois as identificações, projeções, transferências vão ocorrendo e dificultando a postura profissional. Postura esta que tornaria o trabalho menos baseado no fazer pessoal e no senso comum, potencializando o fazer das educadoras e o acolhimento dos bebês e crianças. Haja vista os caminhos que os encontros e desencontros das histórias de vida podem produzir seria importante um acolhimento institucional para trabalhar com elas, em nome do acolhimento.

⁵⁹ Alguns estudos sobre isto já existem, como Alexandre e Vieira (2004), Martins e Szymanski (2004), Hetch e Silva (2009), Souza, Seguim, Levisky, Rudge e Ungaretti (2016).

Uma proposta de novo olhar

Após a apresentação sobre a realidade do abrigo institucional, dos desafios sobre a função do acolhimento para as mulheres que dele se ocupam, e da análise do material coletado, queremos apresentar uma nova perspectiva de olhar para o Serviço de Acolhimento, visando diminuir as contradições da função de educadora no acolhimento, assim como dar lugar aos conflitos e angústias que essas profissionais apresentaram. Visamos assim, apontar caminhos para a melhor compreensão e vivência do acolhimento institucional.

A motivação deste trabalho nasce do contato com os abrigos de João Pessoa e das muitas inquietações despertadas por ele. Uma instituição que atende uma parcela marginalizada e sofrida da população, de quem muitos têm medo e julgamentos, que precisa ser reconhecida como sujeitos, com uma origem e um futuro, etc. A precarização do trabalho é nítida, assim como a falta de investimento em melhorias estruturais e de formação e suporte para o cotidiano, causando grande circulação de profissionais. Para uma função naturalizada como o cuidado de crianças, num cargo precarizado, de atenção às pessoas pobres, com direitos violados, os candidatos são bastante despreparados e atuam de acordo com sua experiência de vida, que muitas vezes carrega precariedades como as dos que devem acolher.

A partir das análises realizadas, percebemos um movimento institucional que tenta afastar o educador do acolhido, para não misturar uma vinculação pessoal à profissional. Em sentido contrário, compreendemos que os afetos que se criam entre educador e criança são justamente o material do acolhimento, que precisa de suporte para atender às necessidades da criança e isto coloca em foco a falta de condições para um bom acolhimento. Sem formação, com baixos salários, pouca orientação sobre o trabalho, contrato de prestação de serviço sem direitos trabalhistas garantidos, falta de material, os profissionais não encontram condições para desempenhar a função com melhor qualidade. Assim se voltam narcisicamente à tentativa de fazer diferença individualmente na vida das crianças, sem refletir sobre o gasto de energia e envolvimento psíquico que assim despendem, sem perceber como se implicam afetivamente, com as próprias precariedades, e como o cuidado do outro é também de si.

Guerra (2003) reflete sobre a dificuldade de laço social na contemporaneidade, como decorrente da dificuldade em reconhecer a alteridade, ou a “semelhança na diferença⁶⁰”. O investimento se centra no próprio indivíduo, num mergulho narcísico, como o apontado acima sobre o caso das educadoras de abrigos. Neste processo, identificam-se dois fatores

⁶⁰ Expressão usada por Kehl (2004) para explicitar o reconhecimento implicado na função fraterna.

interligados: 1) a concepção de família como melhor lócus para crescer e do abrigo como negativo, apontando a família como responsável pelo fracasso social; 2) oferecer um acolhimento institucional de qualidade, com reconhecimento da alteridade e de um lugar para si e para o outro, é demasiadamente trabalhoso, já que implica o processo de amadurecimento dos envolvidos, motivando estudos como esta pesquisa.

Como apoiados na teoria winnicottiana e ouvindo-se a voz das educadoras, é notável que a pretensão de distanciamento afetivo não se sustenta. Pelo contrário, todas pedem socorro em relação a uma função desafiante pelo grau de envolvimento psíquico e mostram como há tramas afetivas que as capturam e levam a atuações com pouco respaldo profissional. Algumas educadoras entendem que sua história de vida foi a possível e necessária, acreditam que têm muito a oferecer e inclusive chegam a se ver como mães, ou salvadoras, de um ou outro acolhido, como Olga, Maria e mesmo Amélia. Outras, relatando histórias que gostariam de mudar, ou das quais se ressentem mais, como Frida, Branca, Rita, Clara, identificam-se com os acolhidos e têm mais dificuldades de se diferenciar, atuando sem possibilidade de atender à necessidade da criança, ficando presas em suas demandas de reconhecimento, aprovação, por exemplo.

O reconhecimento do outro aparece comprometido, mostrando que as educadoras acabam tomadas por suas demandas, especialmente por verem a criança sob seu prisma de vida. Quando o menino chora pelos irmãos, Clara, que sempre gostou tanto dos seus, só consegue chorar junto e não amparar a dor do pequeno. Rita fica transtornada com o vai e vem que famílias e judiciário impõe às acolhidas. Frida busca acolhimento para si e entende que todos só precisam de uma família amorosa. Olga quer mostrar que é boa mãe depois de perder o filho. Maria ora e se sensibiliza demais com o sofrimento que precisa deixar longe de si. Amélia precisou aprender cedo a ser muito responsável e pode usar isso com as crianças. Branca, criada pela tia em infância “maravilhosa”, entende que a separação dos pais é um trauma para qualquer criança e quer evitar que isso aconteça. Portanto, ao não encontrarem espaço de reflexão e circulação sobre suas impressões em relação às crianças, apenas reconhecem nelas os pontos mais doloridos de suas histórias, ou a tentativa de fugir deles.

É importante ressaltar novamente que estes perfis aqui sintetizados não possuem valor clínico em relação às educadoras. Eles são construções baseadas no pequeno material das entrevistas para a pesquisa. São resultado de reflexões, pensamentos e associações da pesquisadora, visando iluminar a riqueza da bagagem psíquica das educadoras, da importância de se olhar para isto e da abundância de material que fornece para se compreender melhor os

desafios do acolhimento, e do quanto isto precisa ser trabalhado no ambiente institucional, uma vez que, a despeito das interpretações, pudemos observar certa dificuldade de contato com a alteridade e de acolhimento das crianças e suas histórias.

Esta forma de agir acaba dificultando o reconhecimento das crianças como sujeitos com potência para construir seus próprios caminhos. Não há no olhar das educadoras espaço psíquico para este outro, pois projetam a falta e a dor nos acolhidos. Há cuidados sendo oferecidos, a partir de algumas educadoras sendo mais preocupadas e dedicadas por sua identificação com as crianças, outras mais preocupadas em desempenhar bem o lugar que ocupam. De qualquer forma, não se pode negar que as educadoras que aceitaram participar da pesquisa se esforçam, da forma que conseguem, a cuidar das crianças, mas talvez não compreendam bem a função do acolhimento.

Como apontado, um espaço de reflexão sobre isso seria produtivo, mas não podemos deixar de reiterar a necessidade de formação para estas que atuam com crianças marginalizadas, vistas como abandonadas do amor materno. Como tratado nas análises, conhecer e pensar sobre o desenvolvimento infantil, assim como sobre a produção da pobreza e da doença mental, são pontos de apoio necessários para olhar sem tantos julgamentos este outro que chega. Ajudaria as educadoras a entenderem que crianças precisam de atenção, escuta e diversão e que poderem oferecer isso não delega a elas responsabilidade de mãe, que não precisarão entender que estarão vinculadas para sempre à criança, mas que há muitos tipos de vínculos e que se houver interesse eles podem encontrar formas de serem mantidos.

É importante ressaltar que, haja vista esta trama afetiva atrelada às necessidades das educadoras, torna-se ainda mais fundamental pensar no ritual de chegada e saída das crianças, para se cuidar não apenas do acolhimento da criança, mas também das educadoras. Rituais que delimitassem quem chega, porque, como, com quem, e quem sai, como, porque, quando, para onde, etc., orientariam a todos ali. Não apenas permitiriam o trabalho de filiação de todos, mas também o reconhecimento de quem está chegando e quem está recebendo, quem sai e quem fica.

Os rituais oferecem respaldo às separações – da família de origem e depois do Serviço de Acolhimento, além da relativa às crianças – mas, para isso, a visão da instituição também precisaria de algum ajustamento. Seria interessante refletir sobre o lugar do Serviço de Acolhimento, para que não seja encarado como indesejado, como insuficiente, como negação do que a criança precisa (a família). Esta concepção ajudaria a receber e se despedir de

crianças sem tanto sofrimento pela passagem delas pelo abrigo e pelo lugar que as educadoras ocupam ali.

Sem maior suporte para o trabalho, os lugares que ocupam e no qual colocam as crianças ficam baseados em suas histórias, suas inquietações com a realidade da separação da família. Parecem compor uma visão de infância cindida, afinal é inquietante compreender porque algumas crianças têm oportunidades e outras não, porque uma família é digna de respeito ou não, sejam as delas ou as das crianças. Inquietações somadas ao fato de que a infância pobre da maioria das educadoras não permitiu terem tanto suporte como vêem as crianças terem no abrigo, como apontado. A confusão entre um ideal de amor familiar e a realidade do sofrimento e conflito das relações apresenta contradições que elas tentam escamotear. Uma se vê como amiga dos acolhidos, outra quase como irmã mais velha, outras como mães, outra como a mais responsável, ocupando o lugar no qual já pudera estar em outras relações. Portanto, lugares mediados pelo afeto, que precisa de respaldo técnico para equilibrar melhor as forças que conduzem o acolhimento.

Há uma trama no coletivo institucional que pode ser pensada como componente de um ambiente a ser suficientemente-bom, o que depende de profissionais com disposição a refletir sobre si mesmos e sua visão de mundo, para poderem se abrir ao reconhecimento da alteridade, respeitando-a e investindo em atender a suas necessidades. Uma vez que Winnicott ([1971]1975) nos ensina que o processo de amadurecimento nunca chega ao fim, refletir sobre si e sobre uma prática que depende de sua capacidade de concernimento demanda um espaço de formação constante para que este processo possa estar sempre investido e acolhido. Parece ficar claro que para esta trama não ficar paralisada na angústia diante do sofrimento ou na atenção à demanda dos adultos é preciso manutenção constante. Muito trabalho, que facilita o cotidiano, mas exige uma implicação maior no sentido de se exporem pessoalmente – que demandaria investimentos de diversas ordens na área.

Parece-nos fundamental que todos no abrigo encontrassem espaços para encararem e pensarem suas histórias, criando estratégias para suportá-las, para que fossem olhados por completo, ajudando a evitar o abandono de todos ali⁶¹. Especialmente para que percebessem que podem sobreviver às histórias – tanto adultos quanto crianças – uma vez que algumas educadoras mostram que suas dores são profundas, assim como vêem as das crianças,

⁶¹ Não se está minimizando a dimensão do desafio, nem o fato de que os limites, possibilidades e resultados de tais mudanças precisariam ser testados por experiências e análises.

qualificando-as quase como um peso impeditivo de seguir em frente. Esta compreensão dificulta o acolhimento e a continência que a criança precisa para encontrar seu lugar e poder seguir seu caminho. Afinal, é a postura do adulto frente às situações e lembranças que ajuda a criança a se colocar diante as mesmas (WINNICOTT, [1988]1990). As famílias dos acolhidos acabam demonizadas, culpabilizadas, sem espaço para a identificação dos fatores sociais que levam à institucionalização da infância.

A desvalorização da instituição e a visão da família como solução para os problemas diminuem a responsabilidade do Estado e mantêm a culpa nas famílias “fracassadas”. Observamos nas falas das educadoras uma idealização de família, em diferentes magnitudes, considerando as diferentes experiências de cada uma. Mas também uma idealização que, como indicado anteriormente, deve-se à falta de formação crítica dos profissionais e da população em geral, que se sente impotente ou desamparada e se distancia dos outros ao invés de, identificando-se, somar esforços. Como se o único subterfúgio para dar resguardo ao indivíduo contra o abandono fosse um modelo de família protetora e carregada de amor - uma abstração dificilmente materializada na realidade.

A institucionalização se torna o grande trunfo para as educadoras evitarem a identificação com os acolhidos, para se verem como menos vítimas, especialmente por não terem garantidos seus direitos nem quando criança nem como profissional do abrigo. Apenas uma educadora, com experiência de negligência e violência, permite a identificação com tranquilidade, mas também não consegue se diferenciar, buscando ser acolhida pelas crianças no abrigo. O lugar que as educadoras acabam encontrando para si, sendo produzidas por ele e produtoras dele, nos remete à construção da institucionalização do abandono, ou seja, da construção deste lugar em que se colocam aqueles que não puderam viver o sonho do amor familiar. Como se estar em família fosse garantia de amor.

Todas as profissionais mostraram angústia em relação à sua função, por entenderem que as crianças deveriam estar numa família modelo. E se na instituição não são família, não devem (até por norma institucional) se apegar às crianças que, com sorte, terão uma nova família. Se sentem recebendo a responsabilidade que outros abandonaram, o que se soma à responsabilidade que já possuem por suas famílias, impelindo-as a valorizar demais o esforço dos próprios pais e quase não poderem criticá-los.

Quer dizer, se a institucionalização é a comprovação de falta de amor, por não terem sido institucionalizadas, vivem como um sonho fantasiado de terem tido todo amor e proteção

que a família supostamente garante. Como esta não é a realidade de suas histórias, a contradição se atualiza na atuação, ao não poderem ouvir as histórias das crianças, ao não dar crédito às famílias, ao achar que pessoalmente vão fazer a diferença por serem referência de amor às crianças.

A extrema precarização do trabalho pode desmotivá-las a se envolver mais e criar trabalhosas estratégias necessárias ao acolhimento. Porém, haja vista a trama afetiva que se estabelece, entendemos que seria facilitador do fazer cotidiano o acolhimento e circulação das impressões e apreensões dos profissionais, a partir de supervisão de equipe, permitindo a reflexão sobre sua prática. Isto poderia trazer ganhos a todos no sentido de questionar preconceitos, ampliar a compreensão do ser humano e da realidade social. Um exercício que talvez dependa de um olhar externo, não capturado pelos tantos vetores de forças em disputa que a instituição carrega. É importante ressaltar a possibilidade de trabalho, especialmente da técnica em psicologia, a partir da reflexão do lugar que cada um ocupa institucionalmente. Não apenas da função, mas em que lugar cada um se coloca e interpela o outro. Possibilidade de reflexão e circulação de discursos que costura o fazer cotidiano e pode ser construído coletivamente pela equipe.

Tanto a supervisão quanto o trabalho institucional poderiam ajudar na compreensão da institucionalização e sua inserção social. Para isso, precisaria se munir de um acúmulo de reflexões como, por exemplo, as de Basaglia (1985) e Patto (1999), que compreendem a produção dos diagnósticos que estigmatizam como ligados menos à doença ou características pessoais daquele avaliado e muito mais ao jogo de tensões do sistema social, político e econômico que o cerca. Ou seja, a institucionalização de lugares para os desajustados, desadaptados, fracassados, se deve ao olhar que se fabrica em relação a eles, de acordo com interesses outros que não a convivência, a vida em sociedade.

Rosa e Vicentin (2010) apresentam uma crítica que ressalta esta estigmatização do pobre, marginal, institucionalizado, ao mostrarem que os conhecimentos “psi” vêm engendrando discursos que mantêm a exclusão de adolescentes e jovens que cometem ato infracional considerados “intratáveis”. Não está tão longe disso o que se produz sobre crianças separadas de suas famílias, como apontaram Ayres, Coutinho, Amaral de Sá e Albernaz (2010). Rosa e Vicentin (2010) mostram o quanto este olhar interfere na subjetivação e, portanto, do quanto é urgente a desconstrução de relações generalizantes, como a de que adolescentes pobres são marginais, assim como institucionalizados são “intratáveis”, fadados ao fracasso. Se a maioria das educadoras mostra experiências familiares

complexas, muitas não elaboradas, transferem o problema para a institucionalização, como se fosse o único indicador de violências ou negligências.

Não será também a família, e não só a Casa de Acolhimento Institucional, uma instituição complicada e cheia de questões? Siqueira (2011) faz discussão pertinente sobre o parentesco, relativizando a determinação dos laços biológicos. Rizzini (2006) discute a associação de pobreza e violência e a culpabilização das famílias por sua dificuldade em criar seus filhos, dizendo que é necessário oferecer condições dignas de vida e formular formas consistentes para a criação das crianças para evitar separações desnecessárias e fortalecer os laços da criança com a família e sua comunidade.

Queremos enfatizar que a necessidade de cuidado com as crianças pode ser ampliada para a convivência em sociedade, já que o que define os vínculos são os ritos sociais, a organização comunitária para arcar com as responsabilidades, como apontamos com Vieira e Zornig (2015). Como também em exemplo de comunidade em que se usa a palavra “filho” para designar as crianças em geral⁶², a partir da concepção de responsabilidade compartilhada consideram todos como filhos de todos. Não quer dizer que o afeto não possa ser diferente entre os pais e aqueles que deles nasceram, mas a nomenclatura se deve à postura coletiva de responsabilidade e cuidados. Será que esta possibilidade poderia trazer novas potencialidades ao acolhimento? Pergunta que formulamos no decorrer desta pesquisa, mas que exige novos estudos, afinal, poder desconstruir este ideal seria olhar para as infâncias dos acolhidos e delas mesmas de outra forma. As narrativas e observações mostraram que a trama afetiva entre educadora e criança carrega peso grande em relação a este ideal de família, que não deixa de existir para dar suporte às precariedades das histórias de vida de todos ali. Entendemos que esta questão precisa ser melhor desenvolvida por sua centralidade para o acolhimento. Não se pretende aqui dar conta (muito menos esgotar) esta discussão, mas ao menos trazer alguns apontamentos surgidos a partir da pesquisa e que nos remetem para além dela.

Mesmo que não tenham tido experiências de infância como as idealizadas, as educadoras, também direcionadas pela cultura e pelas políticas públicas, colocam a família como lugar primordial, de amor e proteção. Poder sair deste paradigma “familista” poderia facilitar o acolhimento? A formação crítica dos profissionais pode ajudá-los a perceber que este ideal foi construído (não é natural), como já apresentamos com Badinter (1985).

⁶²Apresentação oral na mesa 029. Partos e maternidades: discursos e contra-discursos no Brasil contemporâneo, da 30ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada de 3 a 6 de agosto de 2016, na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa.

A legislação, mesmo quando nominalmente se refere a uma responsabilidade compartilhada, faz este movimento de apontar a família como central para os cuidados das crianças (RIZZINI, 2006, e SARAIVA, 2016). Como chamam a atenção Pereira (Apud RIZZINI, 2006) e Saraiva (2016), esta centralização da família é uma forma de desviar responsabilidades que seriam do Estado, afinal dignidade e condições que permitam a uma família cuidar de sua prole deveriam ser garantidas, segundo a Constituição (BRASIL, 1988). O avanço em relação a perceber que é necessária atenção à família para que a infância seja protegida e cuidada de acordo com suas necessidades é visível, mas insuficiente, por tirar do Estado e da sociedade sua responsabilidade em relação a esta mesma proteção e cuidado, e não valorizar a convivência comunitária, uma rede indispensável para a vida em sociedade. Entendemos que as críticas de Pereira (Apud RIZZINI, 2006) e Saraiva (2016) reforçam a leitura de uma tendência a manter o abrigo como negativo, ou seja, a parcela de responsabilidade do Estado é secundária e indesejada, já que as instituições que mantêm indicam sua ineficiência em garantir direitos e dignidade.

Esta discussão é reforçada com Moraes (2013), sobre a função da família para o Direito. Segundo a autora, a partir da Constituição (BRASIL, 1988), a família sofre transformações que alteram sua função, deixando de ser religiosa, econômica e política, e passando a ser focada na responsabilidade sobre as crianças. Tal mudança ocorre, segundo a autora, pela referência expressa à dignidade, assim como pela indicação do ‘lugar’ prioritário, ocupado pela tutela das crianças, adolescentes e jovens na estrutura do Estado, da sociedade e da família, pois *todos* têm o dever de contribuir para a concretização dos direitos fundamentais daqueles. Uma responsabilização “solidarista” (MORAES, 2015), nomenclatura utilizada para pensar uma forma de organização social que reforce a interdependência. Esta compreensão legal de compartilhamento das responsabilidades vai ao encontro do que estamos refletindo sobre a organização do Serviço de Acolhimento, como espaço menos focado na falta da família, e mais na construção de uma coletividade interdependente, que trabalhe a partir da responsabilidade de cada um e de todos em relação à sociedade que compõem. No entanto, as políticas públicas e as práticas institucionais vão em sentido contrário, como esta pesquisa discute.

Já Rizzini (2006), escolheu valorizar as alternativas de trabalho que enfatizam os vínculos familiares, numa escolha política, não apenas de potencialização das famílias, mas também da comunidade. Isto é, trabalhar a filiação e os vínculos significativos é realmente imprescindível, afinal, respaldados pelas teorias já discutidas, trabalhar a separação e as

relações significativas é uma forma de manter a possibilidade de vinculação e saúde. Mas se as mesmas autoras colocam que esta escolha de estudo que fazem se deve à tentativa de “superar práticas de atendimento que continuam enraizadas, embora comprovadamente inadequadas” (2006, p. 19), questionamos se o enraizamento não seria devido a este preconceito e descaso com a institucionalização em decorrência da centralização e idealização da família. As autoras (2006) se referem a uma “cultura da institucionalização” que se faz na história de separação de crianças pobres de seus pais por faltas de condições materiais para criá-las, e propõem combatê-la com o foco na família.

A partir da pesquisa pensamos que seja facilitador do acolhimento deixar apenas de querer garantir família às crianças, mas sim, dignidade e um lugar na sociedade, sem ignorar suas origens. Permitindo, inclusive, que as educadoras possam assumir suas histórias com menos raiva dos pais pelas “faltas que as impuseram”, e sem precisar transformá-los em heróis por não desfazerem os laços apesar de tudo.

A discussão não objetiva desqualificar a família, mas perceber que especialmente a Política que discute crianças separadas de suas famílias vem enfatizando exatamente esta falta. Trabalhos como o de Rizzini (2006) ou Guimarães (2011), como tantos outros, partem desta ideia de família como primordial, mesmo quando (TAVARES, 2011) reconhecem que se deve trabalhar com a realidade dada e não o ideal.

Deixar de olhar esta condição de institucionalização como um mal pode ser uma forma de diminuir a dificuldade em acolher e justamente diminuir os danos que o abrigo pode gerar. Falar de direito à convivência familiar como direito a vínculo social, a convivência comunitária, para descolar do modelo antigo de instituição total é importante, mas ainda tratamos a família como o núcleo. Desde que a criança chega ao abrigo só dizem que ali não é lugar para ela pois lugar de criança é na família. Que tipo de experiência pode se dar quando já há um interdito à priori?

Além disso, é importante retomar o quanto esta construção social é absorvida e dificulta o pertencimento social – como no exemplo das mães que deixavam os filhos nas rodas dos expostos e depois iam cuidar deles como voluntárias das Santas Casas. Os estigmas são extremamente danosos e reforçam interesses muitas vezes distantes do acolhimento. É criado um lugar para alguns que sustenta o lugar diferenciado de outros. Faz-se a institucionalização de diferenças criadas ou exacerbadas culturalmente, como a da doença mental, que Basaglia (1985) descreve, ou separação da família, aqui problematizada.

As concepções de família são muitas, mas o que é mais valorizado, inclusive nas falas das educadoras, é o vínculo amoroso, que como já discutimos não é o parentesco que garante. Interessante pensar que por mais que a teoria winnicottiana fale muito da relação mãe-bebê, o psicanalista não foca o amor, afinal a ambivalência de sentimento é uma constante nas relações humanas. O autor (WINNICOTT, [1986]2005) fala da necessidade de um ambiente de fidedignidade e constância, que exige dedicação que seria facilitada por um vínculo que não há como denominar amoroso apenas, e permite que o novo ser humano possa criar respostas ao mundo gradualmente, sem invasões que levem à sensação de despedaçamento. Um processo que garante conquistar capacidades, que Winnicott ([1986]2005) diz serem importantes para a vida comunitária, para a democracia. Vemos, então, o papel político da família, que acaba não aparecendo nesta idealização paradisíaca do ninho de amor, superprotetor, que o senso comum carrega, e aparece nos Serviços de Acolhimento.

Se as técnicas dos serviços priorizam o amor devido às crianças (CANINI, 2013), não seria de estranhar que essa fosse a visão das educadoras. Como aponta Marin (2010), pela falta de orientação e discussão sobre a função de acolhimento, há uma “ideologia do amor”, baseada na ideia de que o trabalho é amar as crianças e com isso serão respeitadas, como fazem as famílias idealizadas.

Então, porque não valorizar o vínculo ao invés de tratá-lo como exclusivo da família? Esta discussão é muito ampla e exige mais do que uma tese especificamente para ela, haja vista a magnitude e profundidade do pilar “família” em nossa sociedade. Porém, acompanhando o sofrimento dos envolvidos com o acolhimento de crianças separadas de suas famílias, especialmente vindo de pessoas que também descrevem com sofrimento ou nem chegam a mencionar suas famílias, idealizando uma instituição que garantiria o fim do desamparo, do medo da aniquilação, do abandono, nos parece pertinente lançar este questionamento.

Pensar em comunidades de acolhimento, responsáveis por suas crianças, não é tão simples. Exige enorme organização e responsabilidade dos participantes. Mas uma responsabilidade em relação a uma parcela menor de atividades, uma vez que elas serão compartilhadas por todos. O marcante “Poema Pedagógico”, de Makarenko (2005), nos permite ter contato com experiência de comunidade que pode se organizar de outras formas. Pastore (2016), como citado, também mostra comunidade de Moçambique em que as responsabilidades são repartidas inclusive com as crianças (há poucos adultos, por conta das

frequentes guerras da região), e do quanto o respeito mútuo e o funcionamento coletivo são constantes.

Não há como acreditar que todos os nascidos poderão compartilhar de uma sociedade democrática da mesma forma, mas perceber que produzimos uma sociedade individualista, violenta e preconceituosa é fundamental para tentar acentuar outras direções dos vetores de forças em jogo. Tirar a família do foco não é culpá-la por esta realidade, mas poder compartilhar responsabilidade e potencializar a convivência (FREIRE, 1987).

Como já pontuamos, uma das barreiras para a abertura ao outro e para a aprendizagem com o diferente é a dificuldade de identificação na precariedade para o mútuo apoio (BUTLER, 2006). A questão é, assim como defende Rocha (2010), seguir com o conflito e não tentar aplacá-lo, extirpá-lo, como se fosse um mal. E perceber como ele une, como conecta uns aos outros em sua interdependência.

Se pudermos, então, desconstruir certezas, perceber os pilares histórico-sociais do conceito de família, talvez pudéssemos nos abrir a diferentes formas de olhar para os cuidados com a infância e sociedade em geral, além da potencialidade dos abrigos. Mais uma vez, a ideia não é colocar todas as crianças em abrigos, mas perceber que estamos deixando a coletividade de lado. Somos seres coletivos, sociais. Focar o homem como um ser familiar (numa família nuclear e patriarcal), restringe as possibilidades de desenvolvimento e convivência.

Percebe-se nas angústias e construções de defesa das educadoras, potencializadas pelas normas e não-ditos institucionais, que este modelo de família como núcleo da sociedade atrapalha demais o contato com a infância, não apenas a institucionalizada, mas toda a infância, haja vista as narrativas sobre suas experiências deste período. Narrativas que falam de idiosincrasias e de abandonos que as marcaram, que elas precisam distanciar da instituição de atendimento à infância, escamoteando a precariedade humana, pretendendo controlar o infantil, domesticar os impulsos.

Hoje, as prioridades da equipe do abrigo parecem se basear nas respostas exigidas pelo judiciário em relação a uma colocação familiar. O que se oferece à infância institucionalizada apenas reitera a miséria e abandono, não oferecendo condições de trabalho dignas às educadoras, ou acolhimento adequado às crianças. O esforço que cada educadora faz é sob custo totalmente pessoal e quando os sinais de agravo na saúde psíquica das crianças não se notam é apenas por haver ali pessoas dedicadas, de uma forma ou de outra.

Consideramos, a partir de toda a pesquisa e a reflexão sobre ela, que seria benéfico ao trabalho com a trama afetiva do acolhimento: poder conhecer e se dar conta de que conviver com os semelhantes não é um abandono, mas uma aprendizagem diferente; perceber sua contribuição desde criança à construção da sociedade que compõe; que não estar com os pais não é necessariamente um abandono; que os vínculos bons é que são fundamentais e estes não são garantidos ou exclusivos de alguns lugares; que os afetos entre pais e filhos envolvem muitas questões, positivas e negativas; e que as referências, independente do lugar de crescimento, devem ser várias para diversificar as experiências e não engessar formas de funcionamento e vinculação; perceber que pode haver formas de cuidado que ofereçam confiabilidade, tendo uma referência, mas não apenas um cuidador. Afinal, experiências não determinam quem serão as pessoas, mas sim o modo que elas podem compreender estas experiências, o que depende muito do ambiente que as acolhe (WINNICOTT, [1984]2002).

Sarmento (2016) chama atenção para um trabalho educativo que veja a criança como cidadã, participante e produtora de sua sociedade, comunidade. Algo que tira esta criança do lugar somente de filho de um ou de outro, mas a vê como sujeito e a insere num coletivo mais amplo, trabalhando desde cedo responsabilidade e reconhecimento, tão discutidos ao longo desta pesquisa. Esta compreensão das crianças de hoje, com as quais interagem as educadoras do Antenor Navarro, também indica possibilidade destas profissionais se repensarem como crianças, como família e como comunidade.

Não obstante a possibilidade de seguir pesquisando e refletindo sobre esta mudança, é emergencial escutar o pedido de ajuda das educadoras, que estão podendo se dar conta de seu abandono institucional, se dar conta que exercem ali uma atividade profissional para a qual o respaldo é irrisório. Neste sentido, assim como Instituto Fazendo História reitera frequentemente em sua literatura, é fundamental e urgente a reflexão sobre a prática.

Exercícios de fomento a encontros que estimulem a responsabilidade coletiva e compartilhada (MIZRAHI, 2010) podem ajudar a lidar com estas questões, sem que se desconsiderem os limites colocados pelos ambientes institucionais, em especial os municipais, por todas as forças que estão envolvidas: disputas de poder da gestão municipal, da gestão dos abrigos, da gestão da unidade de acolhimento, dos educadores, das crianças, das famílias. Porém, parece útil a um projeto de acolhimento ao menos considerar estas forças e pensar numa postura, segundo Mizrahi (2010), mais responsável, ética e estética.

Para poder olhar desta forma mais ampla à função exercida no acolhimento, de forma que todos se responsabilizem por todos e todos encontrem acolhimento, entendemos que espaços para uma clínica institucional seja primordial. Estas mulheres precisam saber que o que sentem é relevante e interfere não apenas em suas vidas, como nas vidas com as quais trabalham. Interditar sentimentos, ou exigir que eles não se misturem ao trabalho, é o mesmo que dizer que não importam. Mas num trabalho como este, em que o afeto está envolvido, não deveria ser permitido o abandono de todos os envolvidos à própria sorte. Ou o que se vê são histórias entrelaçadas sem controle, sem condição de reflexão sobre o que produzem de bom e ruim, ou melhor, do quanto uma educadora pode acolher, ou do quanto se mantém a todos na angústia de uma necessidade sem continência.

A partir desta pesquisa e análises apontamos muitos desdobramentos de estudos, desde a trama afetiva no acolhimento referente aos educadores homens, como as que poderiam avaliar se mudanças institucionais como supervisão, reunião de equipe, formação dos profissionais, trariam avanços em direção à função deste serviço. Além disso, entendemos como muito interessante uma pesquisa que buscasse na psicanálise e outras teorias, os apontamentos que vêem a família como central e aqueles que permitem ampliar este olhar para um cotidiano mais comunitário, embasando o deslocamento que diminuiria o estigma da institucionalização de crianças separadas de suas famílias. Sem deixar de retomar o possível estudo sobre a função fraterna, inclusive associada à ideia de amizade, em relação ao suporte que acolhidos encontram um no outro para o processo de amadurecimento, assim como também em sua relação com as educadoras.

Enfim, pensar no acolhimento de crianças e adolescentes nos exige refletir sobre a capacidade da sociedade acolher-se, o que não é natural do homem, mas demanda reflexão sobre a interdependência, sobre precariedade humana e sobre a desconstrução de institucionalizações que se encontram sob interesses alheios à convivência, ou seja, à vida (ROCHA, 2010). Compreender o acolhimento como uma trama afetiva, com implicação emocional, consciente ou não, de todas as partes, e não como uma ação unilateral, pode ser um primeiro passo para esta desafiante função, com o qual esta pesquisa procurou contribuir.

Bibliografia

- ABREU, Shirley Elziane Diniz. **A criança em acolhimento institucional e o direito humano à educação infantil: sob as teias do abandono**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação do Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010;
- ABRINQ, Fundação; e CAMARGO CORREA, Instituto. **O abrigo como possibilidade**. Sistematização de encontros Mesas de Trabalho, realizados em 2005, acessado em 15 de setembro de 2016 in: http://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/associal/arquivos/2011/publicacao_abrigos.pdf
- AIELLO VAISBERG, Tânia Maria; GRANATO, Tânia Mara Marques. **Ser e fazer: na clínica winnicottiana da maternidade**. Aparecida, SP: Ideias&Letras, 2006;
- _____ ; FERREIRA, Marcela Casacio. O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. IN: **Mudanças – psicologia da saúde**. 14 (20), jul-dez. 2006, 136-142p.;
- ALEXANDRE, Diuvani Tomazoni. VIEIRA, Mauro Luís. Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. IN: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 207-217, mai./ago. 2004;
- ALTOÉ, Sonia. **Infância perdida: O cotidiano nos internatos-prisão**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008;
- AMORIM, Kátia Souza, MOURA, Gabriella Garcia. A (in)visibilidade dos bebês na discussão sobre o acolhimento institucional. IN: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 235-245, abr./jun. 2013;
- _____, COSTA, Carolina Alexandre, RODRIGUES, Luciana Aparecida, FERREIRA, Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo. O bebê e a construção de significações, em relações afetiva se contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia – 2012*, Vol. 20, no 2, 309 – 326;
- ARAGÃO, Regina Orth. **Tornar-se mãe do próprio filho**. Curitiba: Honoris Causa, 2011. 118p.;
- ARIÈS, Phillippe. **A história social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981;
- ARPINI, Dorian Mônica. Repensando a Perspectiva Institucional e a Intervenção em Abrigos para Crianças e Adolescentes. IN: **Psicologia Ciência e Profissão**, 2003, 21 (3), 70-75;
- ASSIS, Simone Gonçalves de; FARIAS, Luis Otávio Pires. **Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviço de Acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013;
- AUSLOOS, Guy. **A competência das famílias**. Rio de Janeiro: Booklink, 2011, In: [file:///C:/Users/Usor%20Pessoal/Downloads/a competência das famílias pags iniciais.pdf](file:///C:/Users/Usor%20Pessoal/Downloads/a%20competencia%20das%20familias%20pags%20iniciais.pdf)
- AYRES, Lygia Santa Maria Ayres; COUTINHO, Ana Paula Cardoso; AMARAL DE SÁ, Daniele; ALBERNAZ, Thainá. Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma. IN: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 10, núm. 2, mayo-agosto, 2010, Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 420-433;
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.;
- _____ **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222p.;
- BAPTISTA, Myriam Veras (coord.). **Coletânea abrigar: Abrigo : comunidade de acolhida e socioeducação**. São Paulo : Instituto Camargo Corrêa, 2006;
- BARRETO, Kleber Duarte. **Ética e técnica no acompanhamento terapêutico, andanças com Sancho Pança**, São Paulo: Unimarco, 2003;
- BARROS, Paula Cristina Monteiro de. **“Eu vinha rodando pela rua”: que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua?**. Tese de doutorado pelo programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2015. 286p.;

- _____. Acolhimento institucional: um lugar de cuidado e de subjetivação. In: GUIMARÃES, Beatriz (orga.). **Acolhimentos em Pernambuco – a situação de crianças e adolescentes sob medida protetiva**. Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2011. 164-185p.;
- BASAGLIA, Franco. **A instituição negada**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985;
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005;
- BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Entre o cuidado e a sedução: Diálogos entre Winnicott e Laplanche**. Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2012;
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. V.1, 253p.;
- BENTO, Mariângela. Narcisismo e desamparo – reflexões. IN: **Jornal Acto Falho**, São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, ano 5, no. 6, p. 6, abr. 1999. Acessível em http://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/narcisismo_desamparo.htm, acessado em 10/03/2017;
- BERENSTEIN, Isidoro. **Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade**. São Paulo: Via Lettera, 2011;
- BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, 1934;
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988;
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Secretaria Executiva do CONANDA, 2008;
- BRASIL. **Lei 12.010**. 2009; Acessível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm;
- BRASIL. **Plano Nacional de Proteção, Promoção e Defesa do direito da criança e do adolescente à convivência familiar e comunitária**. 2006; Acessível em: <http://bibspi.planejamento.gov.br/handle/iditem/162>;
- BRAUNSTEIN, Helio Roberto. **Ética do cuidado: das instituições de cuidado e pseudo cuidado**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012;
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. IN: Novaes (et al.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; p. 65-88;
- BUTLER, Judith. **Vida Precaria – El poder Del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006. 192p.
- CANIATO, Ana Maria Pires. Violências e subjetividades: o indivíduo contemporâneo. IN: **Psicologia e Sociedade**. [online]. 2008, vol.20, n.1, pp.16-32. ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100003>.
- _____; NASCIMENTO, Merly Luane Vargas. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. IN: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2010, acessível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/651/416>;
- CANINI, Raffaella. **A convivência familiar de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: limites e desafios da atuação do/a assistente social**. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013, 188f.;
- CARETA, Denise Sanchez. **Quando o ambiente é o abrigo: cuidando das cuidadoras de crianças em acolhimento institucional**. Tese de doutorado pelo programa de pós-graduação em psicologia clínica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2011, 241p.;

_____. **Análise do desenvolvimento emocional de gêmeos abrigados no primeiro ano de vida: encontros e divergências sob a perspectiva winnicottiana.** Dissertação de mestrado pelo programa de pós-graduação em psicologia clínica. Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo, 2006, 248p.;

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social – uma crônica do salário.** Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998. 611p.;

CASTRO, Edgardo. **E vocabulario de Michel Foucault: un recorrido alfabetico por los temas, conceptos y autores.** Universidad Nacional de Quielmes: España, 2005. Acessível em: <http://documents.mx/documents/castro-edgardo-el-vocabulario-de-michel-foucaultpdf.html> ;

CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; MAGALHÃES, Celina Maria Colino; PONTES, Fernando Augusto Ramos. Abrigo para crianças de 0 a 6 anos: um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. IN: **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p. 329-352 – set/2007a;

_____. Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. IN: **Aletheia**, n.25, p.20-34, jan./jun. 2007b;

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. IN: **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, vol. 21 (3): 301-312, 2009. Acessível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a03v21n3.pdf>; acessado em julho de 2017;

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza.** Acessível em: http://www.observasmjc.uff.br/psm/uploads/Direitos_Humanos_e_Criminaliza%C3%A7%C3%A3o_da_Pobreza.pdf, acessado em 14 de setembro de 2016;

_____. Classes Perigosas: uma pequena genealogia. IN: FERREIRA, G.; FONSECA, P. **Conversando em casa.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000;
Conselho Nacional do Ministério Público Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País . Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2013.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo, RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-86;

CHADE, Jamil. Sem os pais, refugiados mirins chegam à Europa. IN: **O Estado de São Paulo.** 14 de fevereiro de 2017. Acessível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,sem-os-pais-refugiados-mirins-chegam-a-europa,70001664468>. Acessado em 15 de fevereiro de 2017;

CONSELHO NACIONAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA) E CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CNAS). **Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**, Brasília, 2009;

COUTINHO, Maria José; SANI, Ana Isabel. Casa Abrigo: A Solução ou o Problema?. IN: **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Out-Dez 2010, Vol. 26 n. 4, pp. 633-641;

DAFFRE, Sílvia Gomara. **A realidade dos abrigos: descaso ou prioridade?** São Paulo: Zagodoni, 2012;

DEJOURS, Christophe. Por um Novo Conceito de Saúde. In: **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 14, n. 54, p. 7-11, Abril, maio, junho, 1986;

_____. **A banalização da Injustiça Social.** São Paulo FGV, 2011;

DERRIDA, Jacques, e DUFOURMANTELLE, Anne. **Da hospitalidade**, Viseu: Palimage, 2003;

DEMO, Pedro. **Dureza – pobreza política de mulheres pobres.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005;

- DIAS, Elsa. **Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003;
- DI LORETO, Oswaldo Dante Milton. **Da adoção [e dos erros do pensar] ou Dos erros do pensar [e da adoção]**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 2, n. 2, p. 1-33 jan./jun. 1997.
- DINIZ, Giselle César Vieira; ROCHA, Zeferino. As metamorfoses do espelho do rosto materno na constituição do *self* da criança. IN: **Revista mal-estar e subjetividade**. FORTALEZA / V. VI / N. 1 / P. 125 - 142 / MAR. 2006;
- DO NASCIMENTO, Maria Livia. Abrigo, pobreza e negligência: percursos de judicialização. IN: **Psicologia & Sociedade**, vol. 24, 2012, pp. 39-44
- EID, Julia. Considerações sobre a clínica com crianças privadas de relações éticas. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional**. São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 2016;
- ELAGE, Bruna; GOES, Marcus; FIKS, Milton; GENTILE, Renata. **Formação de profissionais em serviços de acolhimento**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2014; Acessível em: http://www.fazendohistoria.org.br/saiba_mais/publicacoes.php
- ELAGE, Bruna. **A História de Pedro**. São Paulo: Associação Fazendo História, 2008;
- _____ (coord.) **História de vida: identidade e proteção : a história de Martim e seus irmãos**. Coleção abrigos em movimento. São Paulo: Associação Fazendo História : NECA - Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010, Acessível em: http://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/56bcc77c60b5e9cfe5466c2c/1455212420921/1_historia_da_vida.pdf, acessado em 14 de setembro de 2016;
- ELIAS, Norbert. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994;
- FERREIRA, Marcia Porto. A infância ameaçadora. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional**. São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 2016, 159-164p.;
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **As diversas faces do cuidar – novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2012;
- _____. As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. IN: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009; 121-140p., 2009;
- FIGUEIREDO, Nádia Rodrigues de. **Mãe social: um estudo psicanalítico sobre a opção profissional de ser mãe**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. 189f.
- FRANÇA, Dirce. **Do abrigo ao acolhimento: importância do vínculo nos cuidados institucionais**. Acessível em: <http://bercodacidadania.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Do-abrigo-ao-acolhimento-import%C3%A2ncia-do-v%C3%ADnculo-nos-cuidados-institucionais.pdf> , 2011;
- _____. **Mãe social: o mito da reprodução do amor materno nas instituições de abrigo**. Acessível em: <http://reconstruindovinculos.org.br/wp-content/uploads/2011/05/maes-sociais-o-mito-da-reprodu%C3%A7ao-do-amor-materno.pdf>, 2011a;
- _____. **O abrigo como verdadeiro espaço de proteção: o que Lóczy pode nos ensinar?** Acessível em: <http://bercodacidadania.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Construindo-o-abrigo-como-verdadeiro-esp%C3%A7o-de-prote%C3%A7%C3%A3o-o-que-L%C3%B3czy-pode-nos-ensinar.pdf>, 2011b;
- FRANCISCO, Ana Lucia; SOUZA, Severino Ramos Lima de (orgs.). **Psicólogos na Fundac: uma história que precisa ser contada**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2009;
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1997;

- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. [1914] IN: _____ **Sigmund Freud – Obras completas**. Volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;
- _____. A repressão. [1915] _____ **Sigmund Freud – Obras completas**. Volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;
- _____. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. [1916-1917] IN: _____ **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Imago, 2006;
- _____. *Carta* 52. [1896] In: _____ **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 317-324.;
- GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional**. São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 2016;
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961;
- _____. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975;
- GOLIN, Gabriela; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick. IN: **Psicologia em estudo**. vol.16 no.4 Maringá Oct./Dec. 2011; Acessível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000400007>;
- GONÇALVES FILHO, José Moura. **Passagem pela vila Joanisa – uma introdução ao problema da humilhação social**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. 113 f.;
- GOUVEIA, Maria Lígia de Aquino. **Concepções de agentes de políticas públicas e de crianças em contexto de abrigo sobre Direitos Humanos**. Tese de doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2007;
- GUERRA, Andréa Máris Campos. Identificação e laço social: questões para o psicanalista na contemporaneidade. IN: **Pulsional – Revista de Psicanálise**. Ano XVI, n. 168, abr/2003, p.88-101;
- GUERRA, Victor. A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação. IN: MARIN, Isabel Kahn; ARAGÃO, Regina Orth. **Do que fala o corpo do bebê**. São Paulo: Escuta, 2013;
- _____. **Indicadores de intersubjevidad (0-2 años) en el desarrollo de la autonomia del bebe**. Transcripción del Curso dictado por el autor en el Ministerio de Educación y Cultura del Uruguay.. Montevideo 17 y 18 de Marzo 2009. Acessível em: <http://ciclosdavid.com/wp-content/uploads/2015/04/INDICADORES-DE-INTERSUBJEVIDAD-FINAL.pdf>; acesso em 23/10/2016;
- GUIMARÃES, Beatriz (orga.). **Acolhimentos em Pernambuco – a situação de crianças e adolescentes sob medida protetiva**. Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2011;
- GUIRADO, Marlene. **A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2010;
- _____. **Psicologia institucional**. São Paulo: EPU, 1987;
- HAMAD, Leoncio Wadad Ali. **Consultas terapêuticas de crianças abrigadas e seus pais: uma investigação dos vínculos familiares**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009, 232p;
- HECHT, Bruna; SILVA, Renata Fabrício Pereira da. **Crianças institucionalizadas: construção psíquica a partir da privação do vínculo materno**. Trabalho de conclusão de curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Acessível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0199.pdf>

HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. Pressupostos, elementos e limites do dever de indenizar por abandono afetivo. Acessível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/9365-9364-1-PB.pdf>, acessado em 22/08/2016.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA (IFH). **O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas**. Acessível em: http://www.fazendohistoria.org.br/saiba_mais/publicacoes.php;

_____. **Sistematização de oficinas: “todo(a) educador(a) deve receber apoio, atenção, formação, e ajuda em sua tarefa do bem cuidar”**. Fev./2016; Acessível em: <http://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral?category=Oficinas>;

INSTITUTO PIKLER LÓCZY. Acessível em: <http://pikler.org/> ;

JERUZALINSKY, Julieta. **Melancolia na infância**. Entrevistada por Maria Rita Kehl no programa Café Filosófico, TV cultura de 30/08/2016. Acessível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2016/08/30/melancolia-na-infancia-com-julieta-jerusalinsky-versao-completa/>;

KAËS, Rene. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011;

KEHL, Maria Rita (org.). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000;

KUPFER, Maria Cristina M., BERNARDINO, Leda M. Ficher e MARIOTTO, Rosa Maria M. Metodologia IRDI: uma intervenção com educadores de creche a partir da psicanálise. IN: _____ **De bebê a sujeito: a metodologia IRDI nas creches**. São Paulo, Escuta/Fapesp. 2014. 15-24p.;

_____ **De bebê a sujeito: a metodologia IRDI nas creches**. São Paulo, Escuta/Fapesp. 2014. 304p.;

LAPLANCHE, Jean. **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. São Paulo: Artes Médicas, 1988;

_____ ; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

LEAL, Noemia Soares Barbosa. **Sujeitos de direitos ou sujeitos de tutela? Memórias de jovens egressos sobre o Acolhimento Institucional em João Pessoa (2010-2015)**. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016. 193f.;

LEÃO, Ana. Evacuação, laço e vínculo – a respeito da privação. IN: OUTEIRAL, José; ZART, Marcia; AMARAL, João; PINHEIRO, Helder (orgs.). **Winnicott. Seminários cearenses**. São Paulo: Zagodoni, 2012, 86-90p.;

LEONCIO, Wadad Ali Hamad. **Consultas terapêuticas de crianças abrigadas e seus pais: uma investigação dos vínculos familiares**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, 232f.;

LESCHER, Auro; CARVALHO, Lucas. Jovens na Cracolândia: toxicômanos precoces ou refugiados urbanos?. IN: **Folha de São Paulo**, de 22 de abril de 2013. Acessível em: <http://www.projetoquixote.org.br/noticias/1466/>; acessado em 14/01/2017;

LÉVY- SOUSSAN, Pierre. **A ficção era quase perfeita**. IN: QUEIROZ, Edilene Freire; PASSOS, Maria Consuêlo (Orgs.) **A clínica da adoção**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012;

LIMA, Rodrigo Silva. O mistério do orçamento dos abrigos no Rio de Janeiro. IN: **Textos & Contextos**. (Porto Alegre), vol. 14, núm. 1, enero-junio, 2015, pp. 186-201;

LOPARIC, Zeljko. Origem em Heidegger e Winnicott. IN: **Natureza Humana**. 9(2): 243-274, jul.-dez. 2007;

LUVIZARO, N. A., GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. In: **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 191-199, maio/ago. 2011.

MAKARENKO, Anton. **Poema pedagógico**. São Paulo: Editora 34, 2005;

MANSUR, Luci Helena Baraldo. **Solidão-Solitude: passagens femininas do estado civil ao território da alma**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006, 223 f.;

MARIN, Isabel da Silva Kahn. Posfácio de Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional**. São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 2016;

_____. Prefácio de Entre o singular e o coletivo – o acolhimento de bebês em abrigos. IN: NOGUEIRA, Fernanda. (orga.) **Entre o singular e o coletivo – o acolhimento de bebês em abrigos**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011;

_____. **Febem, família e identidade – o lugar do outro**. São Paulo: Escuta, 2010;

_____. **Violências**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2002;

MARTINS, José de Souza. O Falso Problema da Exclusão Social e o Problema Social da Inclusão Marginal. IN: **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 25-38;

_____. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2008. 172p.;

MARTINS, Júlia Trevisan; DOMANSKY, Rita de Cássia; CIAMPONE, Maria Helena Trench. Resenha bibliográfica: a banalização da injustiça social. IN: **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, 2006, março-abril; 14(2):292-3. Acessível em www.eerp.usp.br/rlae;

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloísa. Brincando de casinha: significado de família para crianças Institucionalizadas. IN: **Estudos de Psicologia**. São Paulo, 2004, 9(1), p. 177-187;

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Resolução nº 8, de 15 de abril de 2014. IN: **Diário Oficial da União**, de 16 de abril de 2014;

MIZRAHI, Beatriz Gang. **A vida criativa em Winnicott – um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010;

MORAES, Maria Cecília Bodin de. A nova família, de novo – Estruturas e função das famílias contemporâneas. IN: **Pensar**, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 587-628, mai./ago. 2013. Acessível em: <http://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/2705/pdf>; Acessado em 20/02/2017;

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 287p., 2008;

NASCIMENTO, Bárbara. Mais de 75 mil pessoas foram afastadas do trabalho por depressão em 2016. IN: **O Globo**. 12/fev./ 2017. Acessível em <http://oglobo.globo.com/economia/mais-de-75-mil-pessoas-foram-afastadas-do-trabalho-por-depressao-em-2016-20913028#ixzz4YrOeoot0>, Acessado em 16/fev./2017;

NASCIMENTO, Rose Daise Melo do. **O olhar que revela o desenvolvimento emocional de um bebê abrigado**. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. 80p.;

NASCIMENTO, Maria Lívia do; LACAZ, Alessandra Speranza; ALVARENGA FILHO, José Rodrigues de. Entre efeitos e produções: eca, abrigos e subjetividades. IN: **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 33, ago./dez. 2010. Acessível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt;

NEVES, Tatiana F. S. Vítimas ou Culpados? O Fio da Navalha... In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (orgs.). **Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares**. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002. p. 71-86;

NOGARA, Luísa. Os sinais do sofrimento psíquico. IN: NOGUEIRA, Fernanda. **Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011;

NOGUEIRA, Fernanda. (orga.) **Entre o singular e o coletivo – o acolhimento de bebês em abrigos**. São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011;

NOGUEIRA, Paula Cristina; COSTA, Liana Fortunato. Mãe social: profissão? função materna? IN: **Estilos da Clínica**. ISSN 1415-7128, v.10 n.19, São Paulo, dez. 2005. Acessível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200010;

OLIVEIRA, Patrícia Jesus de; ARAGÃO, Livia. O narcisismo e sua representação na sociedade de consumo: uma análise do filme “delírios de consumo de becky bloom”. IN: **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.6, n.13, p.122-127, 2014; Acessível em: <file:///C:/Users/Usos/Downloads/1663-12485-1-PB.pdf>

OLIVEIRA, Daniela Ramos de; UZIEL, Anna Paula. Mãe social: a construção de um paradigma de cuidado materno nos espaços de acolhimento institucional. IN: **Desidades**. Rio de Janeiro, número 12. ano 4. set.,2016. 17-28p. Acessível em: http://desidades.ufrj.br/featured_topic/mae-social-a-construcao-de-um-paradigma-de-cuidado-materno-nos-espacos-de-acolhimento-institucional/2/;

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. IN: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 17-35;

ORIONTE, Ivana; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. O significado do abandono para crianças institucionalizadas. IN: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 29-46, jun. 2005;

PARAÍBA. **Plano estadual de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária**. Secretaria de estado de desenvolvimento humano, 2013;

PASSARINI, Gislaine Martins Ricardo; FROMER, Lígia; FERREIRA, Mariana Belluzzi. Projeto Correspondentes: desafios para a desconstrução do assistencialismo social. In: DAFRE, Sílvia Gomara. **A realidade dos abrigos: descaso ou prioridade?** São Paulo: Zagodoni, 2012;

PASSOS, Maria Consuelo. Reconhecimento, filiação e parentalidade. IN: QUEIROZ, Edilene Freire; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.) **A clínica da adoção**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012;

PASTORE, Marina Di Napoli. “Sim! Sou criança eu!”. **Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana**. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. 246f.;

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999;

PEITER, Cynthia. **Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011;

PIMENTEL, Débora. Beleza Pura. IN: **Estudos de Psicanálise**. Salvador, n. 31, p. 43 – 49, Outubro/2008. Acessível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a06.pdf>;

PINEDA, Dailza. **Acolhimento institucional e modos de subjetivação**. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012;

QUEIROZ, Edilene Freire; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.) **A clínica da adoção**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012;

RIOS, Terezinha Azerêdo. As pessoas que a gente não vê. IN: BAPTISTA, Myrian Veras (coord.) **Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação**. Coletânea abrigar. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. 11-17p.;

RIZZINI, I. (coorda.); RIZZINI, Irma; NAIFF, L.; BAPTISTA, R. **Acolhendo crianças e adolescentes. Experiências de promoção do direito à convivência familiar e comunitária no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006;

ROCHA, Zeferino. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. IN: **SÍNTESE**. Revista de Filosofia, Belo Horizonte. Vol. 38, N° 120, janeiro-abril 2011, pp. 71-90.

_____ **Freud – entre Apolo e Dionísio**. Edições Loyola: São Paulo, 2010;

ROSA, Miriam Debieux. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. IN: **Revista textura**. São Paulo. 2002. Acessível em: <http://www.revistatextura.com/leia/umaescpis.pdf>;

_____ ; VICENTIN, Maria Cristina. Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. IN: **Psicologia Política**, 10(19), 107-124, 2010;

ROSENVALD, Nelson. Indenização por abandono afetivo: possibilidade. IN: **Jornal Carta Forense**. Capa, 06/jan./2015. Acessível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/artigos/indenizacao-por-abandono-afetivo-possibilidade/14838>;

ROZENTHAL, Eduardo. Cuidado de si e cuidado do outro: sobre Foucault e a psicanálise. IN: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 225-250p.;

SAFRA, Gilberto. **A pó-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004;

_____ Prefácio de **A clínica da adoção**. IN: QUEIROZ, Edilene Freire; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.) **A clínica da adoção**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012;

SANTOS, Eder Soares. D. W. **Winnicott e Heidegger: a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecimento humana**. Tese de Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006, 243p.;

SANTOS, Luiz Felipe Brasil dos. **Indenização por abandono afetivo**. 2008. Acessível em: http://www.gontijo-familia.adv.br/2008/artigos_pdf/Luiz_Felipe_Brasi_%20Santos/Indenizacao.pdf, acessado em 12/01/2017;

SARAIVA, Luís Fernando de Oliveira. **A familiarização da assistência social: promoção de direitos e gestão da vida no encontro entre vulnerabilidades, (des)proteção e periculosidade**. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em psicologia social e do trabalho. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. 209f.;

SAYÃO, Yara; VICENTE, Cenise Monte. Violência e Instituição: uma questão em debate. IN: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Vol. 5, n.1, Brasília, 1985;

SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Normas Operacionais Básicas para o Sistema Único de Assistência Social**. Brasília, 2005;

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. Resiliência e abrigos. IN: **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, vol. XXIX, núm. 1, jun./2009, pp. 65-80. Acessível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000100007;

SETTON L. SOUZA, Audrey; Cristina Almeida; LEVISKY, Flávia Blay; HADDAD, Gisela; EVANGELISTA, Mara Lucia; FERREIRA, Marcia Regina Porto; RECHEMBERG, Miriam; SHINE, Sidney Kiyoshi. Uma montagem clínica voltada para crianças e adolescentes separados de suas famílias de origem. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional**. São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 175-194p., 2016;

SILVA, Heloisa Cardoso da. REY, Siloé. A Beleza e a Feminilidade: Um Olhar Psicanalítico. IN: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2011, 31 (3), 554-567;

SILVA, Maria Rosimeire da Conceição; NETO, Zeno Germano de Souza. **Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: O cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento.** Artigo científico apresentado ao Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho - ILES/ULBRA, como requisito para a obtenção do título de Formação Específica em Psicologia, 2012. Acessível em: <file:///C:/Users/Usor%20Pessoal/Downloads/Perspectiva%20Psicanalatica%20do%20Vnculo%20Afetivo2.pdf>. Acessado em: 06/out./2016;

SIQUEIRA, Elizabeth Regina de Almeida. Do biológico ao simbólico: uma versão romanceada. IN: QUEIROZ, Edilene Freire; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.) **A clínica da adoção.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, PP. 95-115;

SIQUEIRA, Aline Cardoso; TUBINO, Carmela de Lima; SCHWARZ, Cristina; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. IN: **Arquivos Brasileiros de Psicologia.** Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, 2009. <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/176>

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. p. 362-400;

SOUSA, Marisa Ingles. **Intervenção na UTI Neonatal: o olhar psicanalítico.** Trabalho apresentado oralmente na Jornada Interface da Psicanálise com Especialidades Médicas, realizada pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 05 de novembro de 2011;

SOUZA, Cristina Almeida; SEGUIM, Cristina Maria B.; LEVISKY, Flávia Blay; RUDGE, Lia L. Telles; UNGARETTI, Sandra S. Grama. Provisoriedade e vínculos nas instituições abrigo: a potencialidade dos encontros. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional.** São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 39-53p., 2016;

_____. O lugar do educador na constituição subjetiva das crianças que vivem em instituições de acolhimento. IN: GHIRARDI, Maria Luiza; FERREIRA, Marcia Porto (Orgs.). **Laços e rupturas – leituras psicanalíticas sobre adoção e o acolhimento institucional.** São Paulo: Escuta/Instituto Tortuga, 69-76p., 2016;

SOUZA, Liliane Viana de; RISTUM, Marilena. Relatos de violência, concepções de violência e práticas escolares de professoras: em busca de relações. IN: **Paidéia.** Ribeirão Preto (São Paulo) 2005, 15(32), 377-385, <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n32/07.pdf>;

SPERANCETTA, Andressa. **Educar-cuidar: práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes.** Dissertação de mestrado pelo programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010; 311 p.;

SPITZ, René. **O primeiro ano de vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2000;

STUCCHI, Mariana Peres. **Artes de viver em mulheres de camadas populares: o cotidiano de mães da comunidade São Remo.** Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009, 233p.;

TANIS, Bernardo. **Memória e temporalidade – sobre o infantil em psicanálise.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995;

TAVARES, Petronio Omar Querino. Construir a cidadania juntos! IN: GUIMARÃES, Beatriz (orga.). **Acolhimentos em Pernambuco – a situação de crianças e adolescentes sob medida protetiva.** Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2011. 8-9p.;

TINOCO, Valéria; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto em instituições de abrigamento de crianças. IN: **Estudos de Psicologia.** Campinas (São Paulo), 28(4), 427-434p. out.-dez./2011;

TURATO, E. R. Decidindo quais indivíduos estudar. IN: **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 351-368;

UNGARETTI, Sandra. **Fernando: uma analítica da subjetividade desenhada nos discursos de si e de outros num contexto de abrigo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. 145 f.

VIEIRA, Ana Carolina Dias; ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Ambiente violento, infância perdida? IN: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, 18(1), 88-101, mar. 2015 <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n1p88.7>;

VILETE, Edna Pereira. A Bela do Palco — o feminino, de Freud a Winnicott. IN: **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v.39, n.71, dez./2006. Acessível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200005;

WINNICOTT, Donald. W. (1986). **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 282;

_____ (1984) **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____ (1958) **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____ (1988) **Natureza Humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____ (1965b) **Processus de maturation chez l'enfant – developpement affectif et environnement**. PBP: Paris, 1978;

_____ (1958) A Capacidade de Estar Só. IN: _____ **O ambiente e os processos maturacionais**. Tradução de Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 21-28;

_____ (1963) O Medo do Colapso (Breakdown). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. **Explorações psicanalíticas: D. W. WINNICOTT**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 70-76;

_____ (1965a) **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Tradução de Jane Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1980. p. 200;

_____ (1968) O Brincar e a Cultura. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. **Explorações psicanalíticas: D. W. WINNICOTT**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 160-162;

_____ (1971) **O brincar e a realidade**. Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 203;

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista da Escola de Enfermagem**. São Paulo: USP, 2004; 38(1): 21-27. Acessado em 21/09/2016. Acessível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342004000100003;

ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. Reflexões sobre uma ética do cuidado na primeira infância. **Primórdios-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2010. Acessível em: http://www.cprj.com.br/primordios/15-26_reflexoes.pdf. Acessado em 21/09/2016;

_____, LEVY, Lídia. Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. IN: **Estilos da Clínica**. São Paulo, v.11, n.20, jun./2006. Acessível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000100003. Acessado em 02/03/2017.

Anexo.

Transcrições com nomes fictícios e em ordem cronológica. Os nomes das crianças mantivemos as iniciais. Entre parênteses encontramos as falas da pesquisadora durante as narrativas, além de seus relatos de observação.

Relato de Berenice

Que eu me lembro, que eu me lembro que minha mãe contava é que meu pai gostava muito de contar história pra gente. Botava, ele... gostava muito de mim né. Me mimava muito, me botava pra dormir em cima do peito dele... o que eu me lembro que minha mãe contava. Aí pronto.

(vc era filha única?)

Não. Tinha eu e mais três irmãos. Mas como eu era a mais velha. Como eu era a mais, era não né, sou a mais velha. Morre um e ficou as três mulheres, eu e minhas duas irmãs. Aí eu era, sou a mais velha. Aí eu era mais danada, né. É... pq eu era muito danada, muito sapeca. Meu pai sempre dizia, ele me chamava assim de neguinha sem vergonha, pq eu era muito danada. Ele botava, quando eu fui crescendo aí ele botava eu no roçado. De manhã eu ia pra escola. Mas eu não sei como eu estudava, só sei que eu só aprendi a fazer meu nome. Somente mesmo. Mas chegava da escola, a gente ia pro roçado, daí cantava...

(e onde vc nasceu?)

Ali no mandacaru. Ali era no interior. Agora virou cidade. Mudou demais. Isso é cidade.

(era aqui mesmo o roçado?)

Era! Vizinho. A casa do meu pai era aqui em cima e a gente ia lá pra baixo trabalhar, ...

(sua mãe também ia pra roça?)

Ia. Minha mãe ia. Era eu e ela.

(e os irmãos?)

Meus outros irmãos eram tudo criança. Era eu, tinha o outro irmão que morreu, era mais eu que ajudava eles. A caçula ta com quarenta e poucos anos.

(e vc tem quantos?)

55 anos.

Então dá uns 10 anos de diferença.

É. Depois o outro morreu tava com 47 anos. O outro meu irmão.

(Faz tempo que ele morreu?)

Faz... uns sete anos. (pergunta para a filha que trabalha lá). Aí pronto, tem a outra que mora no interior que tem uns 40 e poucos anos. Mas sei que a mais velha de tudo sou eu.

(E vc ajudava mais e eles ficavam brincando? O que eles ficavam fazendo?)

Ó, sinceramente, a lembrança que eu tenho... é só de mim e o outro irmão. Era tudo pequeno.

(e vc ajudava a cuidar?)

Ajudava meu pai, ajudava na minha casa, assim mesmo, meio preguiçosa, mas...

(e o que vc fazia de sem vergonhice?)

Não queria fazer serviço. Só queria correr, brincar, subir nos pés de árvore... é, a única casa que tinha era do meu pai. Tem uma casa aqui, outra casa aqui, outra lá não sei aonde. Era muito longe, mas não tinha fim! Era, meu pai morava sozinho, no meio do mato. Aí, pronto, eu era sem vergonha pq era muito danada, brincalhona, era assim. Subia nuns pés de pau que ele dizia que não era pra subir. Subia escondido. Era assim, desse jeito. Sempre eu fui uma... um pouco danada.

(depois que cresceu também?)

Ah, depois que cresci comecei logo a namorar... aí, pronto, aí ...

(vc teve filhos?)

Tive quatro. Foi dois do meu marido que eu me casei, que meu pai não queria fazer o casamento, mas minha mãe quis. Tive dois, foi um casal. Aí fui, mudei... aí fui, deixei ele aí vivi com o pai dessa daí (uma das educadoras), tive duas meninas, morreu uma, fiquei com ela. Nessa história só fiquei com um casal. As outras duas deus levou.

(difícil perder filho.)

É difícil mas... eu acho que eu não senti muito, não sabe. Eu tinha o que? 18 anos, 17 pra 18 anos... não tinha muito... apesar de eu não... pra criança não. Era um bocado banduleira. Banduleira é pq a pessoa não ta aí... ta acontecendo, não ta nem aí, se importando quem ta morrendo, quem ta chorando. Isso se chama banduleira.

(tem um lado bom nisso, né?)

Acho que sim. Pela parte, eu acho que sim.

(Pq não sofre tanto, né?)

É.

(ou vc sofreu mesmo assim?)

Sinceramente acho que não. É pq... principalmente, homem... eu deixei, mas não senti falta. No outro dia arrumei outro. Deixei um e fiquei nas minhas farras... é. Bebendo, dançando... aí tava curtindo a vida que não curti quando era mais nova. Pq meu pai era muito de deixar amarrado, só saía se fosse com pessoa já de idade. Ele não deixava. Ele não deixava as filhas deles sair assim soltas, não. A gente foi criado no colo dele, assim, tudinho.

(e quando foi que vc começou a trabalhar com criança?)

Eu entrei aqui eu tava... eu nem sonhava em trabalhar com criança. Aí passei quatro anos trabalhando na casa de uma Pat... de uma senhora, dona Jane, que lá eu trabalhava com dona Dita, né. Era muito amiga ela. Aí foi tempo que eu... pedi as contas pra sair da casa dela. Mandeí ela dar baixa na minha carteira, eu digo: eu vou me embora no mundo. Aí ela deu baixa na minha carteira. Mas Bere, não, mas Bibi? Eu digo, não, eu vou me embora. Quando foi uma vez, eu tava precisando, tava numa dificuldade, aí eu pedi ajuda a ela. Aí foi tempo que tava entrando gente no abrigo que era antigamente, era lá em Jaguaribe, tava entrando gente, aí ela arrumou uma vaga pra mim. Mas eu entrei como ajudante geral. Ajudando, NE. Aí eu fazia tudo, tanto ajudava, quanto precisasse eu tava ali?

(tanto com as crianças como na casa)

Como na casa. Aí pronto, aí eu passei três anos e quatro meses lá. No abrigo.

(de lá veio pra cá?)

Não, aí foi tempo que teve aquela volução que Cassio Cunha Lima entrou, aí botou, diz que a turma aqui trabalha com carteira assinada, pq o tempo... o Antenor Navarro trabalha com duas ... Estado e Fundac. E tinha esse negócio que ele assinava a carteira que era o Antenor. O Antenor, que era uma, fizeram uma firminha, assim. Aí era de carteira assinada: eu trabalhava de carteira assinada. Aí pronto, foi tempo que Cassio entrou e disse que esse negócio tava irregular. Aí botou um bocado de gen, tinha muita gente, aí botou um bocado de gente pra fora. Se for procurar ainda tenho, posso procurar ainda tenho dinheiro pra receber. Pq não pagaram os tempos todo da gente não. Aí, pronto.

(e vc na vai atrás?)

Não. Pq disseram que o... como é, esse... o diretor né, que tomava conta desse, não tem verba pra pagar as contas... metade das contas. O estado não ia pagar, prefeitura não ia pagar... aí, pronto. Não ia adiantar nós fiquemos assim mesmo. Não voltei de novo?

(então, como foi que vc voltou?)

Voltei por milagre. É. Pq não tenho estudo, não tenho coisa, sei que eu encontrei uma amiga minha, que era, que trabalhou com a gente também lá, lá no Antenor... ela era... não sei o que lá dos contra cheques lá, trabalha na secretaria, nesse negócio, aí ela...

(no financeiro?)

Acho que é né, que fazia aquele papelzinho pra gente receber o contracheque. Aí ela chegou Berenice: tais trabalhando? Tô não. Encontrei ela no centro. Eu disse: Pq? Ela: Tu cozinha? Digo: depende pra quem eu cozinho, né? Ela disse: pois o Antenor está precisando de uma pessoa pra cozinhar. Tu vai lá, telefone pras meninas, pra Emília, e vai lá. Eu disse: Tá certo. Aí eu fui. Telefonei. Não, Emília telefonou pra mim, aí no outro dia fui bater lá. Aí já foi no tempo que tava tudo já se arrumando pra vim pra Ca. Aí eu vim me embora. Aí eu fiquei e vim me embora pra cá.

(e vc gosta? Gostou do tempo lá, gosta daqui?)

Gosto. Eu gosto. Sempre eu pedi a deus pra um dia voltar pro Antenor.

(pq?)

Ah, acho que é uma coisa que eu me sinto melhor que as casas dos outros. Aqui eu não to... as casas dos outros a gente se sente muito humilhada. Aqui, não. Aqui a gente se sente a vontade. Fazendo seu serviço direitinho se sente a vontade. Negócio é cumprir o seu dever, né. Que nem a gente aqui. Eu cumpro meu dever. Já faz o que, já vai completar três anos que eu to aqui. Eu não tenho o que dizer, nem do pessoal...

(o que é que vc tem feito aqui?)

Faço tudo cada pouco. Na hora da precisão... eu sou da limpeza, mas falta um ali naquele berçário, lá vou eu, dou uma mãozinha, se falta alguém na cozinha dou uma mãozinha, pronto.

(e qual a coisa que vc mais gosta de fazer aqui)

Eu mesmo, sinceramente, não fosse tanta dificuldade e não entrasse gente... mas meu negócio era mais cozinha. Pq não tem alguém que entre pra limpeza. Não tem. Nesse tempo todinho, aqui só entra mais pra aquilo que gosta, né. Que é: tomar conta de criança. É... mais fácil né, mais maneiro, né. Agora limpeza é mais difícil, né. Ninguém quer.

(mas cuidar de criança também é difícil né?)

É. Mas aqui não é tanto. Eu acho q não. Pq se vc chega ta ali toma banho, da de comer, põe no cantinho, pronto. É. Só porque os grande são... tem todo... os meninos, os meninos ficam quieto num canto só tão doente né. Meu pai e minha mãe que dizia, quando vê um menino quieto demais é pq aquele ali ta doente. E não é não?

(e aqui como eles ficam?)

Graças a deus, tudo 100%, tudo contente, assim, brincando. Gritando, assistindo televisão.

(e pra fazer eles obedecerem, não é difícil?)

É. Difícil pq não é também o filho da gente, né? Assim mesmo é conversando com calma. Mas assim é a mesma coisa.

(vc ajuda mais a cuidar dos grandes ou dos bebês?)

De tudo.

(e vc conversa bastante com eles?)

Não. Conversar muito eu não converso, pq quando eles tão, tão tudo mais com seus parceiros, né. Cada educador com seu educador... eu deixo eles pra lá e vou cuidar da minha limpeza, NE.

(aí de manhã vc da conta de limpar tudo, ou as vezes fica o dia inteiro trabalhando?)

É. A gente fica o dia inteiro. Chega de sete larga de sete.

(mas não precisa ficar passando pano o dia inteiro.)

Não. Eu lavei, olha aí. Isso foi lavado todinho ainda hoje. Eu fico agora só na roupa. Aí tem a roupa, a máquina ta ali enchendo pra lavar, estender, só não faz engomar.

(já pensou engomar?)

Essas roupas tudinho? Essas minisaias... da preguiça...

(na casa dos outro vc engomava?)

Engomava.

(na sua casa já engomou?)

Não, engomo, não. Na minha casa uso roupa tudo... de malha.

(vc acha que vc cuidava diferente dos seus filhos do que vc faz aqui?)

Sabia que eu nunca cheguei muito a cuidar dos meus filhos.

(é? Quem que te ajudou com eles?)

Minha mãe.

(quando vc era menina ela era jovem?)

Eu não me lembro, não. Ela morreu. Morreu tava com 57 anos.

(e seu pai também já morreu?)

Morreu.

(ele também ajudou com seus filhos?)

Ajudou. Os dois, né. Tomavam conta.

(E suas irmãs, também tiveram filhos e eles ajudaram?)

Minha mãe. Meu pai não chegou a ajudar os outros não. Pq ele morreu primeiro que minha mãe. Meu pai morreu, ia completar 90 anos.

(ele era muito mais velho que ela?)

Era. Ela morreu tava com 57 anos.

(por isso ele queria que vc casasse com homem mais velho?)

Não sei.

(vc prefere não fiar pensando muito nas oisas?)

É. Não sou muito de pensar não.

(andar pra frente)

É. Isso é mesmo. Eu não sou muito de ficar lá pensando, o que que aconteceu, e ficar remoendo o que que aconteceu... não sou não. Eu levo em frente, em banho Maria. É muito mais melhor. Eu acho, né.

(eu preciso aprender um pouco. Sou de ficar...)

Martelando. Martelando o que passou. Não. Não adianta, não. Pq não traz de volta. Se vc ta ali... agoniado, pronto, no serviço, faz aquele serviço, aí aquele serviço não deu certo, aí vc tem que procurar, e fica pq eu não fiquei... vai sofrer tudo de novo. É melhor levar a vida pra frente.

(e como é que vc se sentia humilhada na casa dos outros?)

Eu acho. Casa dos outros tem mais... que a casa da gente. Pq casa dos outros as vezes a pessoa ta, ta trabalhando, não é todas, mas tem muitas que gosta de sempre ta ali exigindo da pessoa o que não pode. É, pq fica ali exigindo: ó, faça assim, aí depois chega em casa e... eu já trabalhei numa casa que a pessoa ta lavando um banheiro ta por detrás das costas olhando. Isso não é humilhação, não? Eu passei quatro anos em uma, ela vivia mais disso, assim. Não reclamava, reclamava como brechava, quando ia olhar assim: o a poeira. Pq se a pessoa espana uma mesa agora, de vidro, termina de varrer, aquele manto, aquele pozinho que fica no ar cai em cima da mesa, não cai? Pronto. Aí ela tava dizendo que eu não limpava. E ali a pessoa, aí a gente vai crescendo, a idade vai aumentando e a gente vai aprendendo, como vive e como não vive. Foi o meu caso. Quando eu digo, sabe de uma coisa? Do mesmo jeito é quando eu tinha homem. Eu botei... um erro... pq eu vivi com o pai dessa menina faz 3 anos, depois de 3 anos a ex mulher dele apareceu pra tomar conta dos 3 filhos dele. E eu botei na minha cabeça: eu trabalhando eu vivo com homem e trabalhando vivo também sem homem. Aí foi que o meu destino deu a minha vida pra frente. A pessoa não vive só em cangalho. Tem que viver sempre um dia, tem que apanhar sozinha, né.

(é, só a gente pode viver a nossa vida, né?)

Ninguém vive, né? Eu posso viver sua vida? Nem vc pode viver a minha. Do mesmo jeito é ..., isso aí só vive apanhand... só aprende quando apanha. Não é um ditado que tem né? A gente só aprende quando apanha. É a convivência da vida do dia-a-dia da gente. Da gente, não. Minha, né.

(de todo mundo. O apanhar pode ser de vários jeitos, né? E as crianças daqui, vc acha que elas vão aprendendo alguma coisa? Vc acha que a vida delas vai ser muito diferente por não poderem ficar com a família?)

Eu penso que é a família que elas encontrarem, né? Depende da família que elas encontrarem. Ali é... não tem muitos que já foram, adotados, e não tão bem?

(e tem alguma criança que vc lembra mais?)

Do meu tempo... os meninos do meu tempo... eu não me lembro. Teve umas, que quando era aquele tempo não ia muito pra família, ia pro Don Ulrico. Não tinha o Don Ulrico? Ia pegava as cria... as meninas maiorzinha, ia pra lá pra estudar, pra se formar, só saía de lá já no trabalho. Mas agora acabou-se, não é Don Ulrico mais, é um colégio particular. Pronto naquele meu tempo não foi, mais assim mesmo, mas tem as meninas que não deu certo... deu certo, não dava certo, mas elas... eram muito desobedientes, terminou... caiu na tentação da vida de mulher, né. Aí pronto. Quer dizer que a gente... a gente que procura, não. Várias que procuraram... é mocinha... sabe as moças de hoje em dia como é, né.

(como é?)

Rs. Não pode ver um perna de caça que fica doida. ... pode ate... fica tudo doido... sabendo que pode acontecer... tem hora que pode ter coisa boa, tem hora não pode não ter, né.

(então não teve nenhum que vc teve mais vontade de se aproximar ou mais vontade de se distanciar?)

Como assim?

(alguma criança que tenha te feito raiva? Ou outro que vc fale ah gosto tanto desse...)

Oh, graças a deus, dos meninos dos tempos atrás até agora eu não tenho o que dizer de nenhum. Eu abraço todos eles, eu levo eles... quando que eu puder vou levo, passo o final de semana comigo. De vez em quando eu levo um, dois, nas minhas férias, eu levo eles... levo logo dois. Ficam passando as férias comigo. Na minha casa.

(e o que vc faz com eles? Vai passear, alguma coisa?)

Não. Passeio no canto que sempre eu vou. Pro rio tomar banho, entrar dentro dos matos atrás de fruta... é... pra canto esse tipo de coisa pra mostrar que sou chique sem ser?

(RS. Mas ir na praia, ir no rio é passear mas não é chique.)

Até pra vc ver, né. Tem umas coisas, querer ensinar menino crescer pra coisa grande... pra que? Tem que ensinar como é a vida, né.

(e vc ensina a subir em arvore igual vc gostava de fazer?)

Sim. Tomar ar, tomar banho, pescar...

(vc sabe pescar?)

Eu não, mas meu marido... um cara que eu vivo com ele, sempre ele leva pesca de anzol. Anzol... sempre eu ia, agora não, deixei mais, mas sempre eu ia mais ele pescar de anzol no, no rio. É. Aí os meninos gostam.

(quem vc já levou pra casa?)

J., a irmã de J. o irmão de J., G., J. que agora, graças a deus ta na casa do pai dela.

(ta é?)

Não foi embora pra São Paulo? Morar mais o pai?

(como ela conseguiu achar o pai lá?)

Assunto pessoal, né. É... ao irmãos dela também foram em borá pra lá.

(tomara que estejam bem, né?)

Silencio. E é assim.

(mas é tanta criança, né Berenice?)

É... vc vê, menino tudo já levei na minha casa, graças a deus.

(e quando vc leva pra sua casa vc leva quem?)

Já levei ela, já levei irmã dela...

(mas não leva todos juntos?)

Não. Tudinho, não! Ave Maria! Vai deixar eu doida! Não. Só levo de um em um, de dois. Quando eu vejo que um é quieto eu levo de dois. Então eu levo um menor e uma maior. Um dia desses eu levei, levei a irmã de J. e G.

(e aí foi tranqüilo?)

Foi. Aí levei, numa outra vez levei J. e a, e a.. G.

(e se fosse quatro ia te deixar doida como, Berenice?)

Ave Maria, ia deixar doida mesmo.

- Frida comenta algo sobre G pedir pra passar o fim de semana com Berenice – está sentada no sofá, próxima a nós e escutava a conversa.

Berenice ri. É querendo passar o final de semana. Eu disse a ela que ela só vai agora nas minhas férias.

(pq ela deu trabalho?)

Não, ela não trabalho. É por causa que a pess... olhe, a pessoa, eu não tenho carro. Pra mim levar ela eu tenho que levar na sexta, passa o sábado, no domingo de manhã vem que o carro é mais vago. E no meio de semana o carro vem tudo lotado. Assim, ela vindo nas minhas férias vai ficar melhor. Assim ela não vai se preocupar... nem eu me preocupo pelas escolas. É.

(ah, mas então ela ta querendo ir todo final de semana, agora, é isso?)

É. Se ela pudesse... ela fica olhando pra minha cara... pudesse ia todo final de semana.

(é mais tranqüilo pra ela ficar numa casa com menos gente?)

É. Ela gosta muito do meu marido.

(é? Ele é legal?)

Ele é. (baixinho) bebe as cachacinhas dele, mas é bom. Também bebo, né. Não tem nada... não tem um que não tem um defeito, né?

(é. Todo mundo tem que ter sua forma de relaxar, de se sentir bem. Só não passar dos limites, né?)

É isso mesmo. Ontem mesmo... trabalhei domingo. Pois então perdi... peguei até o ônibus errado, fui saltar lá na baixa da china... deu nervoso de chorar. Depois segunda feira: foi pro trabalho, não? Não. Vou tomar, vamos? Comprou uma caixa de cerveja, daí eu, o meu sobrinho, uma amiga minha que mora lá, tomamos... cheguei em casa, tomei banho e fui dormir, e pronto.

(dorme bem, né, daí?)

Risada.

(e vc gosta de ouvir música também?)

Gosto. Eu gosto. Principalmente brega.

Relato meu

Dia quatro de novembro. Maria com os bebês na sala que não quiseram dormir. Tava todo mundo movimentado na casa pois era festa de aniversário de uma bebê que completava um ano. Não parecia muito clima de festa. D. tomou um monte de grito da cozinheira, e, L. sozinho o dia todo, os bebês muito quietinhos, quietinhos no sentido de que ninguém conversa pois não tem tempo de brincar. Não vejo. Fico me perguntando se pela manhã pode ter. me surpreendi com minha vontade de querer saber a história de todos eles. Tem um bebê que dizem que é filho de um índio que é muito quietinho. Dizem que tem dois meses e eu não dei muito crédito, não sei se por preconceito, mas é um bebê grande, bem grande pra dois meses. Fiquei ajudando a cozinheira a fazer coxinha e ouvindo as conversas. Uma hora comentava sobre quem gasta dinheiro com roupa cara e nova pra natal, criticando. E emendam em casamentos e como devia ser um casamento, etc. (...) saí angustiada. Chateada.

Relato de uma cozinheira

A minha infância foi boa, mas eu era muito doente. Eu passei muito tempo no hospital. Eu tinha problema que eu cansava, eu era alérgica e naquele tempo não existia nebulizador. Mas eu tava sempre no hospital, eu tava sempre interna. Quando voltava pra casa voltava a cansar... pq na minha casa era uma pastelaria e lá eles assavam os salgados em forno de lenha, e ninguém sabia que era alérgica a fumaça. Eu chegava em casa e voltava pro hospital. Então teve uma médica que disse: deixa eu criar essa menina (Rs). Me dê pra mim. E minha mãe disse: não. Aí eu tenho uma tia que ela tinha um poder bom e sempre ela me levava pra passar uns tempos em Recife e graças a deus eu fui melhorando, melhorando, com 7, 8 anos, meu pulmão foi tendo mais resistência e eu parei de ir pra o hospital. Aí foi quando eu comecei a ajudar minha mãe, a trabalhar. Eu comecei a fazer as entregas de salgados nos colégios. E quando ela precisava comprar algo eu era a única filha mulher mais velha, eu ia pro supermercado, eu ia fazer as compras... e aí o meu estudo era intermediário. Eu estudava de onze a uma. Eu lembro que o nome do colégio é meu leitão. Ainda tem lá em Campina Grande esse colégio. Nasci em Campina Grande. E estudava mas não tinha muito interesse no estudo pq como eu trabalhava muito... quando eu chegava eu ia fazer entrega nos colégios e depois eu pegava uma bacia e ia vender na porta de um colégio. Eu trabalhei até meus treze anos, aí foi que eu... com treze anos o corpo da gente vai mudando e os rapazes começaram a olhar pra mim e eu ficava com vergonha pq eu vendia na porta mesmo do colégio. E graças a deus, aí eu fui comecei a trabalhar, comecei a trabalhar na fábrica de doce, depois comecei a trabalhar, trabalhei também em casa de família... e meu pai depois arrumou pra mim na panificadora, aí eu fiquei trabalhando na panificadora. Casei, quando eu casei já não trabalhei mais. Fiquei em casa.

(Vc gostou?)

Gostei, pq fui ter logo filho. Fiz logo a primeira filha, aí mas eu tinha vontade de voltar a trabalhar só que era mais difícil. Aí quando a gente veio morar aqui em João Pessoa, aí veio pagar aluguel, pq lá não pagava aluguel. Lá eu morava por traz da casa de meu pai. Aí não pagava. Aí meu marido foi transferido praqui pra João Pessoa daí já tinha que pagar aluguel, mais 3, tinha 3 filhos, e tudo foi mais difícil. E aí surgiu oportunidade de trabalho, aí eu comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar em creche. Mas não era pela prefeitura, era uma ONG que me pagava. Eu fiz um teste aí passei. E como, assim, eu gosto de criança, eu gosto de meus filhos, e eu sei das necessidades das crianças, eu gostei de trabalhar. Eu sempre, eu comecei como cozinheira, foi uma área que eu aprendi com minha mãe, uma

área de dentro de uma casa e graças a deus até agora to com essa mesma... não tenho vontade de sair pra ser outra coisa, não. Eu tenho vontade de trabalhar, eu gosto de fazer o que eu faço, e quando vc faz por amor, tudo que vc vai fazer da certo. É. Aprendi muita coisa nos cursos que eu fiz. Eu fiz muito curso pela prefeitura. A prefeitura promoveu muita coisa boa. E graças a deus to aqui. E aqui eu me identifico muito, pq aqui, como tem as crianças pequenas... tem criança que a gente vê que precisa do carinho, de uma atenção, por mais que tenha momentos que a gente não tenha condições de dar pq a minha área é outra. Mas eu to sempre aqui, vc chegou eu to aqui, pq tem gente em outro local, fazendo outras coisas, e aqui ta precisando. Lá eu já terminei, aí eu fico aqui cuidando.

(E, e quando vc diz de saber a necessidade das crianças, que vc acha que as crianças precisam?)

Eles querem atenção, eles querem que a gente... o bebê se ele chora ele ta sentindo algo. Atenção. A gente tem que ter todo cuidado. Os maiores já sabem dizer que ta com uma dor, a gente da um medicamento, a gente olha, a coordenadora encaminha pra UPA, pra um posto, alguma coisa, e quando a gente vê que a criança ta com alguma coisa a gente sabe que é atenção que tem que ter. A gente cria filho a gente sabe. É.

(Vc que criou seus filhos?)

Foi. Criei meus 3 filhos. Tem um de 23 anos, um rapaz. A moça mais velha de 25 e tem um caçula de 17. Graças a deus. Muita luta, mas a gente também tem muitas vitórias. Diz que na nossa vida sempre é desse jeito. A gente pensa que é só felicidade! Casar vai ser felicidade, trabalhar é só felicidade. É não! Mas é assim mesmo.

(e sua mãe, trabalhava fora?)

Não. Não, mamãe, ela era, tomava conta da casa e era só nos salgados, fabricava sonho, coxinha, pastel... era. Agora era muito. Era muito, muito.

(e vc acha que mudou bastante do tempo que sua mãe cuidou de vc pro tempo de hoje uma mãe cuidar de um filho?)

Mudou... cuidar de um filho? Mudou, mudou... mudou muito. Hoje eu vejo assim. Minha mãe cuidava da gente dentro de casa, quando era de puxar orelha puxava e a gente obedecia. Hoje a gente tem os nossos filhos, hoje, devido a tecnologia estar muito avançada, quando vc quer puxar a orelha vc não pode mais. Tem os direitos das crianças que já, a gente sabe é direito. Mas, assim, uma mãe não poder dar uma pisa num filho? Eu apanhei! E eu dizia: mãe, é de corda? Não, mãe, de corda não! Eu corria, eu subia nos pés de árvore. Ela vai esquecer e não vai bater em mim não. Aí tinha vezes que dava certo. Ela esquecia.

(Vc ficava um tempão em cima do pé da árvore)

É. Eu pulava pra cima do pé de goiaba que tinha de trás lá. Mas é tempo bom. E hoje não. Quando ela vai bater no filho tem filho que faz bater nela. O que a gente vê hoje é isso. E a tecnologia os filhos não querem nada com a vida. Eu tenho esses 3 filhos e o do meio já me deu muita dor de cabeça. A mais velha não, toma conta da casa dela, é mãe de família. Graças a deus toma muito conta das duas filhas, muito bem. Eu acho que tudo é um espelho. Mas sempre acontece algo que muda a história. Meus filhos não precisaram trabalhar pra me ajudar... nem vender... e minha filha N. até eu fiz, num período que eu não trabalhava, aí ela era pequena, a gente pagava aluguel, morava no Funcionários 3. E quando ela ia pro colégio eu levava uma caixinha com coxinha, pra vender, pra ajudar ela. Aí foi que saiu o bolsa família. Aí ajudou bastante. Hoje não, hoje não recebo mais pq teve um período que

foi cortado e eu não corri mais atrás pq eu já trabalhava e disse: não deixa pra outra pessoa que precisa. Mas minha filha passou por esse processo. A que tem 25 anos. Os meninos não. Os meninos a gente sempre lutou, sempre eu dei... o melhor pra eles... depois comecei a trabalhar. Pq a mãe... ela visa sempre dar o melhor pros filhos. Por mais que os filhos... hoje o meu filho, o que já me deu muito trabalho, ele olha pra mim e diz: Mãe, eu lhe amo. Não vou fazer a senhora sofrer, não. Mas, eu fico olhando assim sempre fico ainda com medo. Mas eu digo: deixa na mão de deus que deus sabe de tudo.

(também a gente não tem como controlar tudo, né?)

É. Nós não temos o controle de tudo não.

(Olhando pras crianças ali: As crianças ajudam, né?)

Ah, A. ajuda! Ela é um amor de menina. Ele dormiu e eu cochilei ainda com ele aqui...

(e aqui? Eu concordo que a gente precisa ter formas de por limite. Como vcs conseguem fazer isso aqui com as crianças?)

Não, é certo. A gente fala, eles ficam de repouso, tem o horário deles deitar, descansar. Pronto esse horário é... tem alguns dormindo lá embaixo, outros aqui em cima. E quando não estão dormindo tão brincando, mas eles tem o momento de ficar no quarto, descansar um pouco... pq isso descansa um pouco o educador que ta na casa. Pq quando tem muito, a gente corre viu. Mas a gente faz tudo num controle, um ajudando o outro, um dando suporte ao outro. E assim a gente vai levando. (fala com criança).

(tem alguma criança que vc se liga mais?)

Não. Hoje eu não tenho não. Todos eles eu gosto. Agora, sempre tem aquela que cativa, né? Assim, tem alguns aqui que cativam, mas... a gente sabe que um dia elas vão, daí a gente fica triste. Aí a gente fica assim sabendo que ela ta aqui a gente tem que cuidar. Entendeu? A gente tem que cuidar. A gente aqui é cuidadora. Não pode também se apaixonar, né? Mas os bebês também a gente se apegou, viu? Mas a gente também tem que ter um controle.

(e quem é que vc é mais apegado hoje?)

Hoje? Hoje é A. Ela é uma menina muito boa. Ela é uma menina... apesar que todos. G. é um amor. Quando a gente chega eles fazem a festa! Quando a gente sai fazem: tchau... mas é porque, eles, quem trata bem... eu acredito que tem um retorno. Se vc maltrata, aquela criança ela não vai querer saber de vc. Aí, se vc trata aquela criança bem vai ter o retorno, de um jeito ou de outro. Tem uns momentos que a gente chega aqui triste por qualquer coisa da vida, do nada chega uma criança e dá um beijo em vc, dá um abraço em vc, como se fosse, quem mandou fazer isso comigo? É. Tem hora que vc tem vontade de chorar e vc não chora. E tem muita coisa que a gente passa e vem uma criança e dá um abraço em vc, do nada. Trabalhar com adulto vc já não tem esse retorno. Tem não. Com adulto é difícil vc ter um retorno de um carinho, de um abraço, só se vc tiver um ligamento muito sério.

(pq vc acha com adulto mais difícil?)

Pq o adulto ele tem medo também. Do mesmo jeito que eu vou ter medo de chegar, ele vai ter medo também. Devido... eu trabalhei na Morada do Betinho, eu sei como é. Entendeu? E na morada do

Betinho não era tanto adulto, era os meninos também de faixa... e os meninos de faixa etária de A. Ad., Ad., lembra. Ad., um moreninho. Ele a gente abraçava...

- A. começa a perguntar de quem ela ta falando e fala que ele foge toda hora.

Retoma: o mais difícil dali é os meninos que saem.

- Continua conversa com A. mas sobre o bebê com quem ela brinca – para ter cuidado, etc.

(ele é o mais novinho da casa, né?)

Agora é. Era ele e o outro, S. S. já foi pra o pai.

(vcs conversam com eles sobre essa história de não poder se apegar muito?)

Não. Não adianta não, a gente fazer isso, não.

(vcs também levam pra casa?)

Leva. Já levei A., o irmão dela, e V. E V. queria ir lá pra casa todo plantão que eu chegava, aqui, ía me embora e o bichinho ficava chorando. Ele ficava chorando e eu disse: Rita, meu deus, e agora? Ele já ta se arrumando pra ir comigo. Ele queria porque queria ir comigo. Se eu tivesse continuado levando ele ia sofrer e eu ia sofrer. Pq ele tava num processo de ser reintegrado pra família dele. Tanto é que ele foi reintegrado pra família dele. Mas se ele tivesse continuado indo pra minha casa? Ia ser tão difícil o processo pra família dele também... é pq a gente só levou, assim, o período de festas, de natal e de ano novo. Aí ano novo ficou O., de vez em quando ele dizia: tia, eu vou pra sua casa? Aí eu disse qualquer diz vc vai.

- mais falas com bebês e A.

Ela (se referindo a A.) gosta deles. Ela ajuda muito.

(ela tem chance de ser reintegrada?)

Não sei. O caso dela é só mais a coordenadora.

(pq ela também vai sentir quando sair daqui)

Mas ela tem consciência das coisas. Ela já ta grandinha, ela sabe o que ela quer. É uma menina boa.

(mas ela quer sair?)

Eu não sei te dizer. Eu não sei. Ela nunca... Ela conversa, sabe? Tem horas que ela conversa. Ela gosta daqui, mas eu acredito que ela vai querer alguma coisa melhor pra vida dela. É uma menina nova, estudiosa, inteligente...

(e como vc faz pra separar?)

Separando. RS. Quando a gente sai daqui a gente sabe que vai pra casa e a luta continua.

- mais conversa com bebês e A.

(Toda tarde ela brinca com eles?)

É. Ela quando ela quer ela brinca com eles.

(os bebês preferem algum educador?)

Eles ficam com todos.

- mais conversa – quando tento falar sobre a dificuldade de A. suportar o bebê querendo ela o tempo todo, a cozinheira fica repetindo: “ele não tirou todo sono dele não, umas quatro, cinco vezes.

(qual é a hora mais agitada?)

A hora de sair. A hora da janta, que tem que deixar tudo organizado pra entrega do plantão. A hora que a gente mais corre. Apesar que a gente corre direto, mas a é a hora que tem que deixar tudo organizado.

(conto de minha experiência de babá e de como não me apeguei mas não sei bem como)

Ela diz que eu soube separar. Sabia que tinha que dar o melhor de mim, mas ali. “mas vc sente, vc lembra. mas vc lembra, não lembra? Não ta lembrando?” “Não é como aquele vc tem um filho...” pq eu passei um processo muito difícil com meu filho do meio. E nesse processo que eu passei com meu filho do meio, tinha momento que eu queria ver e eu não podia. Entendeu? Ai vc sofre. Vc sofre.

(minha sobrinha mora longe e eu sofro)

Mas vc sabe que ela ta bem! RS.

(precisa trocar a fralda...)

Agora L., graças a deus ele melhorou muito depois que ele começou a comer... fazer uma sopinha. A gente começou a fazer uma sopinha pra eles, eles almoçam sopinha, tipo o, o comer deles está bem balanceado, pra eles... tanto é que ele ta engordando... (fim do lado da fita) – em outra ocasião me fala que Maria coloca um segredo no mingau dele. Pelo jeito eu não posso mesmo saber o que é.

Relato meu

Estava na casa e R. veio me pedir para cortar sua maçã. Deram a ela a maçã todinha, mas ela tem os dentes da frente muito abertos (não fecha mordida), talvez por chupar o dedo. Peço ao educador, Roberto, uma faca e ele diz que ela come assim mesmo. Falo da dificuldade por causa do dente e ele resolve cortar. A cozinheira pergunta se ela já foi ao dentista e ele não sabe. Ele corta muito dedicadamente, pedaços pequenos, e traz para R. no sofá. Logo ele sai e falo pra ela como ele fez bonitinho pra ela, se ela não quer agradecer. Ela agradece e ele não escuta. Ela tenta de novo quando ele volta pra sala, mas ele não escuta. Eu acabo falando pra ele que ela está agradecendo e ele vem até ela dar um cheiro e diz que ela diz que quando for com a tia vai dizer: Vamos ligar pro tio Roberto que eu sei o nome dele. A aproximação dele foi bastante intensa e me questioneei se seria positivo, apesar do carinho. Mas como é uma garotinha bastante erotizada, que todos reparam, não seria melhor conter os cheiros e amassos? Não deveria ser um caso mais discutido na equipe, sendo inclusive a menina que é vista por todos como problema, a que vai ao CAPSi, etc? Nesse dia ela veio me falar que o cavalo da coice quando vai mexer nele e eu disse que ele não gosta que fique mexendo nele e perguntei se ela gosta que fique mexendo nela e ela disse que sim. Ela ainda usa fralda, tem questões de fala, e já deve ter uns 5, 6 anos. Como será que pensam essa criança?

Relato Frida

Aqui é meu primeiro. É só dá pra falar daqui mesmo, pq eu sempre trabalhei em casa de família, nunca trabalhei assim... a minha primeira vez é essa. Mas eu sempre gostei de cuidar de criança, não sei se é porque assim eu me sentia muito carente, aí, assim, eu me doava pros pirralho. né, assim, então eu sempre trabalhei com criança. Tanto nas casas, quanto quando eu vim pra cá, eu vim logo pra limpeza, mas aí eu queria muito tomar conta das crianças. Aí quando apareceu uma oportunidade eu aceitei.

(Vc cuidava de criança nas casas? E era criança de tudo que é idade?)

Cuidei. É. Tudo que era idade. Na que eu passei nove anos trabalhando, o menino tinha 9 anos, a menina tinha 11 e o outro tinha 13. Aí eu trabalhei lá 9 anos e eu me apeguei muito aos meninos, lá. E aí, muito e... me cativava mais porque também eles gostavam de mim, né... assim... quando foi o primeiro namorado de J. ela... eu e ela sempre conversava né, sempre era aquela coisa, sempre protegia ela. E com R. também. R. sempre falava as coisas, conversava. E assim, eu me apeguei muito a eles. Já Jo. era mais na dele, mas ele uma vez me disse pra mim que eu era a segunda mãe dele. Assim, eu fiquei até surpresa, porque realmente vc fazia tudo que eles queriam, assim, eu fazia... sempre tava ao lado deles no momento ruim ou no momento bom. Sempre tava com eles. Tanto que eu acabei abandonando a minha casa, com os filhos, pra me dedicar a eles lá. Já tinha filho nessa época, já.

(é um que vc tem?)

Tenho quatro. Quatro filho. E o pior assim, que eu aprendi ser mãe dos outros e não ... dos meus.

(quem que criou os seus?)

Não. Eu que criei, mas assim, eu não soube dar, assim, o que eu dava aos de fora. Dava amor, atenção, compreendia... e os de casa eu era grossa, eu espancava, eu não soube dar direito amor. Entendeu...

(mas pq vc diz que não deu amor?)

Pq assim, eles me cobravam muito. Eles tinham ciúme dos, dos outros, né. Onde eu trabalhava. E assim, eles sempre me cobravam. É pq eu não dava atenção a eles. Eu saía de sete e chegava de seis hora da noite. E quando eu chegava eu não tinha tempo pra eles. Quando eu não tava assistindo eu me trancava no meu quarto... e não tinha tempo. E já pros... quando eu trabalhava eu dava sobretudo atenção. Se as vezes até na minha folga eles precisassem eu tava lá. Nunca dizia... nunca recusava. E se a mulher viajasse eu passava uma semana com eles lá.

(e quem ficava com os seus?)

Aí ficava o pai, ficava com eles.

(vc ainda é casada com essa pessoa?)

Mais ou menos.

(mas ele ajudou a cuidar das crianças)

É. Ajudou.

(só ele, ou seus pais também, os pais dele?)

Bem, meu pai sempre vivia na casa dele, né. Minha mãe quando, assim, era em torno de remédio, alguma coisa ela ajudava, mas tomar conta mesmo ela dizia que já tinha criado os dela, então eu tinha que aprender a criar os meus.

(e o que vc achava?)

Eu achei difícil, né. Pq como... eu inventei de casar nova, com 13 anos eu engravidei, com 14 eu descansei, com 14 não, com 15, é 14 eu descansei... né, e tive que aprender a ter responsabilidade. Bem que eu já, com 14 eu já trabalhava nas casas dos outros. E assim, mas foi mais difícil pra mim, tomar conta de casa, de marido, de filho... assim, foi mais difícil. Pq hoje eu vejo que as mães sempre ajudam né. Sempre tão ali ajudando em tudo, né. Minha mãe sempre morou perto de mim.

(vc esperava que ela ajudasse mais?)

É, também. Eu aprender a ser mãe, né, porque, acabei não aprendendo. Quando eu vim ver isso os meninos já estavam tudo revoltado.

(eles já estão grandes?)

Já. Ela ainda até teve... quando eu fui dispensada do trabalho ela arrumou um colégio pra eles ficarem internados, saía final de semana... só pras meninas... aí todo dia ficava internado. E aí depois dos meninos, eu fiquei com um e ela ficou com outro. como ela trabalhava e largava de meio dia, aí ela estudava de manhã perto dela, aí quando era de tarde ela levava pra casa dela. Só via final de semana, quando eu ia pegar as meninas no orfanato, no colégio, aí ele vinha também. Aí passava o final de semana. E ele ficou muito revoltado comigo, pq dizia que eu só ficava mais com o outro. Com o mais novo. Pq era o único que ainda ficava em casa. Os outros 3 sempre foram assim, criado em colégio. E ele com mãe. Depois, foi depois de grande que voltaram tudo pra casa. quando as meninas saíram da creche... do colégio, aí ele voltou também.

(e o que vc acha do ele dizia? Ele tinha razão?)

Eu acho que sim, pq eu não soube ser mãe direito não. Eu batia muito, não sabia educar eles...

(mas vc era bem novinha, né?)

Pois é, mas só que aí vc vê que criança não entende isso, né. E eu tive que trabalhar e passava tempo mais fora do que em casa... e eles ficavam muito sós. As vezes eu pagava uma pessoa pra ficar com eles. Depois arrumei creche quando eles estavam na creche. Depois quando saíram da creche a mais velha ficava com eles. Muitas vezes eu deixei eles trancados em casa... deixava só a porta aberta, que eu botei grade. E fechava a grade. Eles passavam o dia inteiro trancado numa casinha pequenininha que a gente tinha que era um vão só... né, pq as vezes não tinha com quem deixar. E isso eles foram crescendo e ficaram muito... a mais velha ficava muito revoltada comigo. Já o mais velho dos meninos também. Já os outros dois compreendem um pouco, mas se vc for falar com D., ele mesmo diz: eu gosto da senhora e painho, mas eu sei que fui criado só... é, como assim que vc... podia até querer voltar atrás mas não tem como vc voltar e o que vc faz agora não compensa o que vc já fez...

(teve um dia que a gente se encontrou aqui que vc falou que vc gosta de criança pq vc não teve muito cuidado quando era criança. Vc acha que sua mãe te criou assim como vc criou os seus?)

Eu acho que ela ainda criou pior. RS. Pq assim, as coisas que eu não lembro o povo falava. Dizia que ela era uma mãe que não tinha muito amor pra dar. O negócio dela era dar comida, dar banho e joga vc lá. Nunca deu atenção como era pra dar.

(como que era pra dar?)

Assim, que eu vejo como assim, mães que faz, leva pro colégio, conversa com vc, brinca, é... passeia com vc... quando as vezes vc ta triste tem mãe que já sabe quando vc ta triste ou não. Pergunta como que vc está: e aí, como é que tá? E aí, isso não tinha. E... já meu pai já me dava mais atenção. Meu pai não me levava pro colégio não, mas quando ele chegava ele me perguntava, sempre quando ele comprava alguma coisa ele lembrava de mim, sempre ele contava história, a gente sentava no lado da calçada, no quintal, ele contava história, já ela não, ela sempre foi mais fria, mais dura, assim, na dela. Isso eu ainda fazia com meus filhos. Mas pra eles não foi suficiente.

(será que alguma mãe é suficiente pro filho? Acho que os filhos sempre ficam querendo um pouco mais.)

É. Minha mãe dizia, que eu não era muito trabalhosa, não, mas, assim, quando ela dava em mim brigava, eu ficava sem falar com ela, entendeu, eu ficava de mal, ela falava e eu não respondia. Eu sei que também, se eu me lembrar também de algumas coisas, eu sei que também que eu não fui aquelas coisas pra ela bater não. Mas assim, ela era exagerada. E eu aprendi também ser isso com meus filhos. Que uma vez até eu dei uma pisa em Do. porque ele jogou uma pedra no carro, o homem chegou brabo lá na minha casa, e eu peguei um... uma varetinha, assim, dei tanto na mão dele que as mãos dele incharam. E depois eu chorei muito de arrependimento de ter feito aquilo com ele. Mas eu acabei aprendendo também a ser muito grossa com meus filhos. Eu espancava mesmo, na hora da raiva que eu tinha mesmo deles eu ia pra cima deles e o que eu tivesse eu batia neles, eu... queria como dizer assim matar eles. Eu acabei sendo muito grossa com eles também. Ela era aquela que dizia assim: to ajuntando o que vc ta fazendo. To ajuntando. To ajuntando. E quando me pegava trancava no banheiro e dava, dava, dava tanto, que se alguém não viesse em cima ela não parava de bater.

(aí foi como vc aprendeu?)

É.

(mas que bom que seu pai também tinha um outro lado.)

É. Ele me chamava pra sentar lá no quintal, aí ficava... quando era tempo de lua cheia ele ficava contando as historias da lua cheia.

(e quantos irmãos vc tem?)

Eu, assim, com ela, com meu pai e minha mãe, só tem eu. Mas aí do outro casamento dele ele tinha 3 rapaz. Que viviam com a gente. né, e assim, e eu gostava muito deles, mas só que aí teve um, um, uns pequenos fatos... que acontecia... (choro)

(não precisa falar disso se vc não quiser.)

(eles eram muito mais velhos?)

Consente com a cabeça.

(e seus pais não sabiam?)

Não, pq assim... eu não entendia, assim, o que tava acontecendo. Aí uma vez eu ouvi minha mãe dizendo que tinha descoberto e que se ele não parasse que ela ia dizer a meu pai. Aí eles pararam. Eram só os dois mais velhos. O mais novo não.

Aí eu era assim, uma menina muito calada, sabe. Que ficava nos cantos chorando, não aprendia a ter comunicação com as pessoas.

(e como vc se transformou nessa pessoa que passa tranqüilidade pro outros?)

Acho que... foi devido a tanta coisa que eu já passei, que... a gente tenta compreender as pessoas do jeito que elas são. E tenta defender, pq elas não sabem de onde que a pessoa vem. O que que acontece na vida da pessoa, pra vc ta sempre julgando. E aí por isso eu tento sempre compreender as pessoas e saber que nunca precisa estar sempre gritando, nem ta sempre brigando, mas que muitas vezes no silêncio vc também pode resolver as coisas. Se vc vai sair com a pessoa, se a pessoa não quer lhe ouvir, então ta, então deixa ela que depois ela vai aprender. E assim também, depois eu comecei a ir na igreja, que eu não ia pra igreja, depois de grande já, foi aí que eu comecei a aprender mais um pouco as coisas, ter um pouquinho mais comunicação com as pessoas. Eu era muito fechada, muito mesmo. Não conversava com as pessoas, eu procurava a dedo as pessoas, e quando eu tinha uma decepção com a pessoa eu não conseguia ser mais amiga da pessoa. Não conseguia mais. Pq assim, já vi minha mãe assim, e eu ficava muito triste quando ela deixou meu pai... eu culpei muito ela. Mas eu não sabia da vida deles conjugal, que ela nunca foi daquelas mães de falar as coisas. Então eu nunca sabia, mas como meu pai era muito bom pra mim, aí eu sempre acusava ela de ter... a única pessoa que era boa pra mim, que eu amava, que era ele, né, e achava que ela tinha tirado de mim. Pq depois que ele foi morar com a outra mulher dele de novo, ele mudou pra mim, assim. E ali eu ficava culpando ela o tempo todo. E comecei a ser uma no caso filha rebelde. Não de sair de casa, mas assim, desobedecer, de... se eu já... com qualquer coisa comigo eu já ficava entregada e já ficava mais ainda sem falar com ela. Ela mandava fazer as coisas eu não fazia... e depois comecei a sair de casa pra namorar... e não obedecia ela. né, pq eu achava que eu tinha perdido tudo quando eu perdi meu pai. Pra mim eu não tinha mais nada.

(vc tinha era que se defender.)

E meu pai sempre com... sempre as vezes eu ia visitar ele lá e ele conversava comigo. Aí ele sempre dizia que ela ia arrumar rapaz novo, pra querer fazer alguma coisa comigo.

(ele te assustava?)

É, ele dizia isso. né... e...

(o que ele queria, que vc fosse morar com ele?)

Tossiu. Mas eu fui, mas só que também não deu certo, pq a mulher dele não me tratava bem também. Tinha hora que ela me tratava bem, mas aquela coisa, quando era as coisas pras filhas dela, era só pras filhas dela. Ela tinha filhas também que não moravam com a gente. Ali eu ficava muito assim. Já eu gostava de morar com mãe pq eu não tinha liberdade como eu tinha com ele, pq ele já prendia mais a gente, a gente não tinha mais amizade, a gente sempre dormia cedo, com ela não. Com ela eu já tinha mais liberdade com ela pra sair, entendeu. Daí eu comecei a trabalhar e já comecei a conhecer um pouco o mundo. Aí comecei a andar só. Arrumar amizade. Aí comecei mais a conhecer o mundo. Aí com ela eu tinha mais essa liberdade e com ele não. Daí eu ficava mais sempre dividida entre os dois. Aí naquela coisa que era pra meu pai e minha mãe estarem juntos e pq eu tava passando por aquilo.

Mas o pior que, quando ela arrumou um namorado, eu nunca aceitei os namorados dela. E quando ela arrumou um pra morar, eu tinha muita raiva dele, mas daí também ele começou a fazer as mesmas coisas que meu irmão fazia. (choro)

(que coisa... e vc sobreviveu a tudo isso. Vc contou pra ela?)

Eu cheguei a contar, mas hoje, antigamente, não, mas hoje eu entendo... pq como ela sabia que eu tinha muita raiva dele ela não acreditou. Hoje eu entendo que, da maneira que eu agia talvez ela pudesse mesmo pensar que eu tava mentindo... ela não acreditou. Aí foi que eu comecei a namorar mesmo e acabei me perdendo pra sair de dentro de casa. E as vezes eu ficava pensando que até eu nem era mais moça mais tanto que o que eles faziam... eu pensei que eu não era mais... aí eu as vezes ouvia as mulheres conversando... aí eu dizia, mas eu não tive, mas as mulheres diziam que as coisas que aconteciam também vc podia não ser mais... aí foi quando eu peguei e fui fazer. Aí ... mas depois eu me arrependi muito. Pq não era o que eu queria. E também eu não tinha conhecido ainda o amor de verdade. Ai foi mais difícil pra mim. Como elas as vezes também as vezes ... e eu ficava muito só. E quando eu conversava com ela ela era muito ignorante. Não escutava. E as vezes eu conversava com minhas patroas e elas me davam conselho ainda. Elas falavam comigo, assim, pra eu estudar, pra não ficar me envolvendo com ninguém. Aí foi quando eu fui estudar, que eu estudava a noite e trabalhava durante o dia, mas aí eu acabei depois engravidando. Só que, eu nunca gostei muito de lembrar do meu passado. Não tem muita coisa boa. E quando eu casei também, não casei muito por amor. Então não foi muito bom meu casamento, não. Aí agora no momento a gente ta passando uma crise e eu saí de casa, mais vamos ver o que é que deus vai fazer.

(que caminhos que vão vir)

E o pior é que assim, as pessoas não entendem as vezes vc. Vc, puxa, vc acaba tentando entender as pessoas, mas quando é sua hora ninguém entende.

(quem não te entende?)

As pessoas que, ao meu redor. (choro)

(as pessoas aqui do trabalho? As pessoas da sua família?)

Também. Aqui tem pessoas que as vezes não gosta porque as vezes eu fico muito na minha, calada, aí... as vezes eu não bato de boca com ninguém nem me defendo das coisas. E assim, levo natural, que vc fala coisas que eu não gosto, mas eu trato vc do mesmo jeito. Eu só lógico que não vou ser aquela amigona que eu queria ser, mas também não vou maltratar vc. Fico na minha. E tem pessoas que as vezes não gosta do meu jeito. (silêncio)

(Vc já teve alguma amiga, amigona?)

Já. Uma que eu investi muito... ficou uma vez com meu marido. rs.

(será que vc não se defende pq acha que não merece ser defendida?)

É pq assim, as vezes quando vc vai se defender, parece que vc fica sendo a mais errada ainda. Parece que as pessoas começam a inverter o que vc fala e vc se acaba sendo mais ruim ainda.

(vc disse que não se comunicava muito, talvez por isso, pq comunicação é difícil. A gente nunca sabe como o outro vai entender o que a gente ta falando. As vezes a gente também não entende bem o que o outro ta falando)

Já com as crianças não. (chorando)é bom. ... gosta de mim. Elas sentem falta, elas se apegam... a gente as vezes escuta que ama, já chega abraça, da carinho, ...

(vc acha que aqui é parecido como era na casa dos 3 que vc trabalhou?)

Sim, os meninos sim. Pq mesmo que as vezes eles tão com raiva ou eles brigam assim. Mas eles sempre chegam as vezes param pra fazer uma cartinha, ou da uma agenda assim, meio rasgada, ou uma foto deles, eles chegam, dão, dão um abraço. Ou quando vc não vem esse dia, e a senhora nem veio. Ou quando ganha presente vem: olha tia o que eu ganhei. Não sei o que. E mostra assim. Vc fica olhando... já o adulto não. O adulto tudo que vc faz ele ignora pra... nunca da certo. Só vc sabe fazer melhor. Não... vc comenta uma coisa, vai e fala outra.

(a fita acabou e não vi. Falou de como está complicado sair de casa, se separar do marido pois vai ficar na casa da filha mais velha que sempre brigou muito com ela.)

(Ai, ai..., mas também esse papa novo também ta aí pra mostrar, pra ensinar muita coisa pra gente. Em alguns momentos a igreja defende uma coisa como certa e depois o essencial pode ser diferente. Quer dizer, as idéias podem mudar.)

Eu acho que esse casamento foi... eu vivi praticamente obrigada pra ter uma pessoa pra me ajudar no momento que eu mais precisei. E assim, também, assim, foi a pessoa que me deu apoio no momento. Pq também ele ficou sabendo da minha vida e ele ficou dizendo assim que eu já tinha sofrido muito na vida. E sentia pena de mim, mas depois ele disse que aprendeu a me amar. Só que eu não amei como ele me amou. Entendeu? E isso, toda vida eu sempre disse a ele desse casamento. Mas sempre tinha uma coisa e outra que nunca deixava.

(e agora vc quer amar e ainda bem que tem tempo. Mas vc deve ser muito agradecida a ele também.)

Pois é. Que vc fica pensando assim, que homem é bom, que, como tem muitas pessoas, muitas não, tem a família dele que diz que pelo menos ele me ajudou a criar meus filhos, que tem dois que não é dele, só os outros dois que eu tenho que são. E assim, no momento que eu precisei, ele foi, como se diz, foi nobre pra me ajudar. Né pq, o que eu escutava da boca do meu tio era que, todos os homens que se aproximavam de mim era só pra ... que é muito ruim, mas ta gravado no meu coração e na minha mente todas as palavras que ele jogava pra e falava pra mim. Né, que ele dizia que os homens só queriam comer meu piriquito. Só queria isso só e não... ninguém ia me assumir com filho. era isso que ele ficava dizendo e ele cobrava isso de mim. Cobrava muito, se eu tava na esquina não podia ficar, não podia namorar pq a gente morava perto da casa dele e como meu pai não tava com a gente ele ficou como dono da gente ali e ficava tomando conta. E ali eu escutava muita palavra que me machucava, ele dizia que deus não me reconhecia, que eu era ... que eu era um bicho. Pq eu não era batizada na época e ele dizia que meu nome não tava lá, que eu era bicho, que não era reconhecida.

(e como vc sobreviveu?)

Pois é... tentando me matar muitas vezes. E... querendo encontrar amor nas pessoas e não encontrava... mas nunca perdi a esperança nem o sonho. (chorando).

(sabe que eu acho que sua mãe deve ter te amado bastante, mesmo com a raiva toda que ela tinha, pra vc ter suportado viver tudo isso...)

Sempre tendo decepção mas sempre tentando encontrar o sonho.

(Vc sabe se quando ela engravidou ela queria ter um filho?)

Não. A única coisa assim que eu sei... ela gostava muito de beber e... ela não foi assim aquela mãe carinhosa, eu lembro que ela sempre dizia que era a vida dela também, né. Que ela não teve uma boa vida também. E a mulher de pai sempre dizia que eu chegava suja, com fome na casa dele, ela dava banho, dava comida... quando eu era pequena, esse meu irmão mais velho que tomava conta de mim.

(e vc tem contato com todos?)

Tenho. Tenho. Com tudinho. Só que eu não esqueço das coisas mas tenho. Falo com ele normal. Aí quando eu chego assim, pra conversar, ou pedir perdão... O que eu não tenho contato muito é com esse que é filho dela do primeiro casamento. Que aí a gente entra um pouquinho em conflito. Eu não esquento com ele, mas parece que ele não gosta de mim. Aí a gente nunca se da bem assim, a gente fala pq tem q se falar, mas acho que por ele...

(porque vc acha isso?)

Pq ele tem raiva de mim.

(ele já te falou alguma coisa?)

Ele disse que, porque como a minha mãe me criou com meu pai e não criou ele, ele diz que minha mãe gosta mais de mim do que dele. Aí eu sou culpada. Entendeu, aí ele nunca gostou de mim. E daí ele tem mais raiva da minha filha mais velha, pq minha mãe, também gosta muito dessa menina mais velha.

(que é um pouco o que seus filhos falavam pra vc, de dar mais amor pra um, pra outro.)

Mas já, Lá em casa, assim, sobre esse negócio é que é assim, começou com meus dois filhos. Foram de uma pessoa que eu convivi e amei muito, entendeu. E minha mãe sempre jogava na minha cara assim, que eu gostava mais dos pequenos, que eram do outro casamento, do que que eu gostava dos mais velhos. Já o meu marido ficava naquele conflito achando que eu gostava mais dos mais velhos, que faziam coisa errada e eu passava sempre a mão na cabeça e não gostava dos pequenos, que eram dele. Eu ficava com aquele conflito entre eles. E realmente meu marido sempre maltratou muito esse meu filho que da muito trabalho. O segundo. Ele maltratou muito ele. A outra ele já dava atenção. eu já ficava com ciúme, pq ele dava muita atenção a ele e ao mesmo tempo eu ficava com ciúme e raiva porque ele maltratava muito o outro menino. Aí a gente brigava muito. E já os outros, a família dele lá sempre, sempre tava com eles. E eu sempre ficava nesse conflito entre a gente.

(que vem da sua casa, da casa da sua mãe, vai ver que vinha da mãe dela...)

Da mãe dela eu só via muitas brigas entre irmãos. Principalmente desse meu tio que ele era muito metido a brabo e a minha outra tia também. Então sempre teve muito conflito entre os irmãos. Pois é. Aonde deus me colocou na orla dessa família. Pq a gente não escolhe a família, deus que da, né. E, eu as vezes, gostava muito, por isso que toda vida eu gostei de trabalhar pq eu tinha mais um pouquinho de paz. Quando eu saía de casa. Quando eu voltava já voltava angustiada. Triste. Pq não era onde eu queria estar. Eu sempre dizia assim: deus pq vc não me levou no lugar de levar minha outra irmã, pq eu tive uma irmã que minha mãe disse que ela morreu, então eu sempre dizia pq não me levou e deixou ela?

(e vc acha que ela não morreu?)

Não. Ela morreu. Mas a minha mãe disse que ela morreu. Ela era mais nova. E eu sempre dizia assim, pq não me levou e deixou ela. Porque... desde a idade que eu me lembro, eu só não sei quantos anos eu tinha, mas acho que pra lembrar assim eu tinha uns 4, 5 anos, e eu depois de então que começou a acontecer essas coisas na minha vida, nunca fui feliz. Só vivendo felicidade hoje, amanhã não e sempre vivi, sempre... quieta no meu canto, sempre... é... afastada de tudo e das coisas e das pessoas e sempre... sempre... por exemplo, hoje eu to rindo, mas amanhã já me acordava angustiada, triste e não sabia o porque tava acontecendo aquilo tudo dentro de mim. Da minha angustia, da minha tristeza. Pq eu sempre sonhava com aqueles papéis de novela que vc vai ter felicidade, vai encontrar um amor, vc vai viver, vc aprender a ser educada, e... e quando vc vem com a realidade aí vc não tem nada disso. E vc acaba procurando nas pessoas e não encontra. Pq as minhas amigas mesmo que eu tive, eu nunca tive. Mesmo na escola eu não fazia amizade. Eu me sentava na cadeira, escrevia, e quando terminava todo mundo ia brincar e eu não ia, ficava na sala. As professoras vem dizia que não podia ficar na sala: não tia, mas vou ficar aqui. E se eu fosse, eu ficava lá num canto vendo todo mundo brincando. Pq sempre que eu me aproximava de alguém, sempre essa pessoa me machucava e acabava não fazendo amizade com ninguém. E... quando as pessoas me davam conselho, não começava, mas quando as pessoas começavam a conversar comigo eu começava, como se diz, a falar pelos cotovelos. E eu acabava contando tudo, que tem coisa que não é pra vc contar e vc acabava falando tudo pras pessoas.

(e aí?)

Muitas vezes o povo saia comentando o que eu falava. Inclusive minha mãe, minha mãe nunca conseguiu guardar segredo. Quando eu contava a ela uma coisa, quando ela bebia ela saia contando. Por isso que eu nunca consegui ser amiga dela pra contar as coisas. Acabava ficando sufocada, angustiada, chorando, e não conseguia contar, conversar com alguém. Meu marido, quando eu começava a contar as coisas pra ele, eu era besta, eu era idiota, eu era burra e bem feito que as pessoas faziam isso comigo, pq eu era besta demais, fazia tudo que o povo queria...

(vc nasceu aqui em João pessoa? Nunca saiu, nunca teve vontade de sair?)

Já. Muita. Muita vontade de conhecer o mundo. Muita vontade mesmo, de sumir, começar do zero.

(mas me parece que vc tem aprendido muito com tudo que viveu)

Mas eu ficava com raiva de mim mesma, pq eu me lembrava das palavras que o povo dizia que eu era muito besta, que bem feito que acontecia essas coisas comigo. Eu ficava com raiva de mim mesma pq eu queria mudar e não consigo mudar o meu jeito. Que as pessoas faz as coisas com vc e vc ta ali rindo do lado delas. Querer ser diferente... as vezes vc errou e eu vou reclamar com vc, mas eu que me sinto mal depois. Eu quem fico angustiada. Pq eu achei que eu lhe machuquei com as palavras. Então eu que fico angustiada depois. Então, se eu sei que palavras não voltam atrás, é melhor eu ficar no silencio do que depois falar as coisas e eu que vou ficar angustiada depois. Como teve um fato aqui, aconteceu um fato com um educador. Ele tava lá em cima e aqui bagunçado e a gente correndo, correndo e eu cheguei e falei: poxa, desce, vc fica só aí, falei um monte de coisa com ele. E depois eu fui pedir desculpas e fiquei chorando depois, nos cantos. Q eu fiquei muito angustiada, assim. Q eu falei aquilo.

(mas ele se incomodou?)

Ele disse: não, vc ta certa. Não, mas eu fiquei angustiada depois. Eu fiquei mal com a situação.

(e o que vc fica pensando que é importante passar pras crianças?)

Muito amor, tentar ser amiga delas, e sempre estar presente no momento delas, importante ou não sendo importante. E assim, como a gente já veio assim, o G já veio parar aqui, não tem mãe, todo mundo sonha de ter uma família, de ter a mãe, de ter seu quarto, de ter uma pessoa que lhe ama. É isso, assim, que eu tento passar pra eles, assim... as vezes a gente acaba deixando fazer tudo. NE, que as vezes tem um momento que vc tem que dar uma repreensão. Mas as vezes a repreensão, chega, ali, vem Ca, a gente começa a rir, brincar e acaba conversando do assunto, mas... não ta ali dando grito, bronca. Se bem que as vezes não resolve. Resolve varias vezes, tem pessoas que grita e resolve mais. Mas eu não consigo, assim, ser ignorante. Não consigo. Com meus filhos eu consigo. Mas quando chega assim, de fora.... não. Não consigo não. Com meus filhos, eu não sei, assim, ser bem ignorante com meus filhos, assim. Hoje eu não faço mais isso, faz bastante tempo que eu não faço mais isso, assim de espancar, mas eu já não sabia conversar com eles, porque quando eu ia conversar eu já começava a chorar, eu já ficava, assim, muito triste com o que eles tinham feito. Depois de muito tempo, muitos dias é que a gente depois podia sentar e conversar. Mas assim, na hora não conseguia, só chorava.

(mas aqui vc não fica tão triste?)

É. Já aqui eu não fico. Eu gosto, eu me sinto bem, entendeu? Aqui já, de vez em quando muda meu semblante ... quando lá pra casa. Mas quanto a isso eu gosto de vim, eu gosto de estar com eles, me sinto bem. Muda totalmente, se eu acordar: hoje eu vou trabalhar! É uma alegria pra mim, pro meu coração.

(e aí, dia que vc não tem que trabalhar o que que vc faz?)

Eu trabalho, em outro canto. Eu faço faxina na casa de uma doutora. Aí lá também tem criança. Aí eu lá fico também brincando com o menino, lá. Mas eu já disse a ela que eu não quero não me apegar a ele. Pq eu sofro depois que eu saio.

(quando vc teve que sair da casa da outra moça vc sofreu muito?)

Muito. Eu tava muito oprimida em casa aí ficava me lembrando deles, sabe. Ficava me lembrando: poxa, eu ensinei a eles andar de bicicleta, quando Jaqueline chamava os amigos, eu ia pra lá a gente fazia almoço, tudo que ela pedia eu fazia, e ela nunca assim: aqui é a empregada, esses são meus amigos, não. Ela sempre me: ah aqui a Ana, não sei o que, é uma mãe, não sei o que... e me chamava e misturava a gente, e vem Ana, senta aqui, vamos comer também, vamos conversar. E eu ficava participando de tudo. Entendeu? E assim, foi uma dor muito grande, assim, quando ela... cadê, ela sempre disse que eu era como fosse da família...

(quantos anos vc tinha, Frida?)

Eu saí de lá com 21 anos. Aliás, com 21 não. Eu comecei lá em 2002, eu comecei lá. Trabalhar lá. E saí em 2011 de lá.

(e quando vc nasceu?)

Eu sou de 77.

(77 até 2002, vc tinha uns 25 quando chegou lá.)

Em 2002 eu comecei a trabalhar lá.

(e antes vc tinha trabalhado em outras casas?)

É. Nas outras casas eu só ficava um ano e seis meses... só fique.. cheguei a ficar um ano... mais tempo foi lá que eu passei.

(que ela te tratava muito bem, né?)

Não, mas, pior que não. Ela era... ela tinha muito ciúme deu com os filhos, que os filhos gostavam muito de mim. Mas aí eu acabava agüentando ela por causa deles. Depois foi que com mais de 5 anos foi que ela começou a ser mais amiga comigo. E assim, eu saí... ela me botou pra fora sem motivo nenhum... mas aí ela foi atrás porque J. adoeceu... J. teve febre e me chamava, aí ela disse que... aí pegou, foi atrás de mim e eu voltei por causa deles. Porque eu me apeguei muito a eles.

(e aqui? Como vc faz com essa questão?)

Aqui... é porque assim, aqui a gente sabe que... é o melhor pra eles voltar pra família ou a, ou a, chegar a adoção de uma pessoa que tem condição. Então vc tem que tratar tudo do mesmo jeito.

(mas e como é que é que vc sabe? Pq as vezes a gente fala umas coisas pro coração mas ele não entende. RS.)

É verdade. RS. Mas aí quando eles vão embora, a gente chora um pouquinho mas aí a gente sabe que eles vão ta, vão ta bem. Do que aqui. Pq aqui é bom pq tem a gente pra tomar conta, mas vc sabe que é como aqueles irmãos, que tem hora que vc ta bem, tem hora que vc arenga, vc machuca um, né e vc não é seu filho pra pegar e: vc fez isso é! Vou dar uma pisa em vc! Não pode. Então a gente só briga ou bota de castigo. Mas aí vc não vai estar o tempo todo ali pra proteger ele dessa outra pessoa novamente. E... mas aí o que vc puder fazer ali naquele momento vc vai e faz, nem toda hora vc vai poder estar protegendo ele. Aí então vc ama, mas sabendo que a qualquer momento pode partir.

(e já teve alguma criança que vc se envolveu mais?)

Esses sete irmãos. Que são umas bênçãos. De trabalhoso. Mas eu me apeguei muito a Aa., a An. e a Ag. (os 3 mais velhos que já não estão na casa). Ad. muito não, pq Ad. já fica mais afastado de mim, mas A. diz que eu sou a mãe dela e... e Am., que quando ela foi embora, Am.... é ela só vivia “nos meu colo”.

(ela foi adotada?)

Foi adotada. Tá bem. Eu só tenho foto dela que Aa. manda pra mim. Aa. ta na casa... eu me esqueci o nome da casa que ela tá. É um abrigo, que ela já virou mocinha, então vai pra outro abrigo. Aí assim, ela me aperreia muito, muito, muito mesmo. As pessoas chegavam as vezes assim: aí eu não sei como que tu agüenta não. Mas eu não sei, pq eles eram tão... trabalhoso, tão trabalhoso, mas eu comecei a amar eles, sabe assim, dizer assim que eles podiam mudar sim. Mesmo que eles fossem trabalhoso, chamava palavrão, dizia um bocado de coisa, rs, mas eles podiam mudar. Entendeu? E eu amava muito assim. Principalmente Ag., que era o mais velho, que era muito trabalhoso, né... e assim, eu amava muito eles. Amava não, né, eu amo. Apesar dele não ta aqui, mas de vez em quando ainda tem contato ainda. As vezes ele liga no meu celular. né. Eu as vezes ligo pra ele. E Aa. sempre as vezes vem, né. Aí pronto. Eu só fiquei com A. Dos sete só tem A.

(talvez te lembre um pouco de vc novinha?)

É também né... que não tinha amor.

(que dava um pouco de trabalho, mas que sabe que a pessoa que dá trabalho também tá buscando alguém que acolha, que proteja, né)

É, e sei lá assim... me apeguei muito a eles. Aos sete irmãos.

(e alguém que tenha sido o oposto, que vc tenha falado: Nossa! Desse daí eu não quero nem chegar perto!)

Rs. Ah bem... eu nunca coisei esse, nesse, nesse momento não. Só as vezes assim que eu tava muito apegada a uma criança que eu vinha outro educador e acabava como se diz tirando de mim. Ficava mais... aí ele não ficava mais, assim, mais comigo como ficava, e ficava com o outro educador. Aí eu me afastava. É, eu me afastava não ficava mais como eu era. É como assim, umas coisa é sua, mas só que aí uma pessoa vem e em vez de vc lutar por ela vc não luta. Abriu mão. Que era o que eu acabava fazendo.

(e vc acha que vc devia lutar?)

Eu acho que eu não aprendi isso.

(a lutar? Como não? RS. Vc tá me contando do tanto de luta que vc já fez na vida. Mas vc talvez também reconheça que não é seu. Pq as crianças não são de um ou de outro aqui. Elas precisam de pessoas que amem, que se envolvam com elas, mas vcs não vão poder sair daqui com elas. Mas é muito confuso isso.)

É. Tem isso também. rs. É verdade.

(tem uma diferença pra seus filhos que são só sua responsabilidade, não é? E de seu marido.)

Mas meu marido, a responsabilidade dele era: botar comida dentro de casa e trabalhar. Pq o resto era eu. Ir pra médico... ele me cobrava pra eu ir, quando menino tava doente, mas ele não ia comigo. Sempre tive que ir só. Chegava com receita aí ele tinha, muitas vezes, que correr atrás pra comprar remédio. Né, mas assim, calçar, roupa, correr atrás pra ter uma casa que a gente não tinha, é... final do ano tinha que correr pra comprar livro, tudo, tudo era com meu dinheiro. Hoje que ele tá começando a querer mudar. Mas é como eu disse a ele: tudo que eu queria que ele fizesse, que ele tá começando a fazer agora, agora já é tarde, pq aí perdeu tudo. E é pq os anos todos a gente vinha sempre empurrando, empurrando pra ver se dá certo, se dá certo...

(e o que ele acha que fez pra dar certo?)

Ele acha que ter sido um bom marido, não ter raparigado, não ter arrumado mulher... acha que isso aí.. nem ter espancado... ele fez muita coisa.

(quer dizer o mínimo de respeito a vc ele acha que é muito.)

Que fez muito. Que eu não vou encontrar um amor como ele. Mesma coisa era como na casa onde eu trabalhava, com esses que eu trabalhei 9 anos. Me disseram que eu nunca ia encontrar uma casa como lá. E eu ficava preocupada com isso, era onde eu ficava angustiada pensando que eu não ia encontrar outro trabalho mesmo não. Que ia ser difícil começar tudo de novo... e eu fiquei tão decepcionada que eu acabei dizendo que não queria mais trabalhar em casa com criança pra eu não me apegar... e não queria mais também... é... ter aquele vínculo mais que eu tinha. Me doar, deixar tudo pra traz e me doar só a eles. E aí eu comecei a trabalhar só de faxina. Não queria mais estar direto na casa mais. Ai foi quando eu consegui aqui. E aqui quando eu vi as crianças dando muito trabalho, correndo, melando

tudo... e tinha uns que eram bonzinhos, tinha outros que não, aí eu vi: não, aqui eles precisam de amor. Aqui eles precisam de compreensão, só que aí tem uns adultos pra chatear. Tem os adultos pra me machucar. As vezes com palavras... ou as vezes, vc já é um pouco isolada e o povo se afasta mais ainda de vc, ou critica pq vc é calada demais, ou critica porque vc tá sentada num canto e vc não tá ali naquele movimento todo. E ali eu fiquei achando estranho, pq nas casas dos outros eu não via isso, pq era só eu de empregada. Então eu não tinha esses conflitos. Tinha a patroa mas relevava, né. E aqui vc encontra um monte de gente.

(mas tem gente com quem vc se dá bem aqui?)

Tem... tem gente que as vezes a gente conversa... bate papo, só não tem como vc se abrir totalmente. Certo? E assim fora, eu encontrei pessoas assim, mas, é como... eu não consigo ter duas amigas ao mesmo tempo, ou amigas ao mesmo tempo. Eu não acabo agradando uma, então eu faço só com uma. Eu acabo me doando pra ela. Eu acabo me doando demais. E as vezes parece que sufoca as pessoas isso, de eu me doar muito. Eu sempre ligar, dar bom dia, boa noite, boa tarde. É perguntar como é que tá, se comeu, se não comeu, se tá bem, ...

(vc vira mãe)

É... assim, acabo me doando muito e as vezes tem... as vezes isso sufoca as pessoas. E as pessoas se afastam. Aí diminui mais.

Relato Rita

- Introduzi e falei de alguma história que a marcou

Eu vou começar, então, por este lado: de uma história que foi forte e que me marcou nestes três anos, que foi a história de N.. Que, que... ela teve um... ela passou aqui um tempo... eu não sei dizer agora o tempo exato que ela passou, mas ela passou um bom tempo e surgiu uma mãe. Surgiu um casal pra ela, né. Pra adoção. Pra adotar ela. E esse casal, essa mulher era totalmente louca. Ou acho que isso era tudo que eu podia falar pra ela, ela era totalmente louca. Ela se aproximou, veio pras visitas, levou N. alguns finais de semana, sabendo que N. já era grande, que N. sabia que tinha um pai, que N. sabia que tinha uma mãe e um irmão. E ela se aproximou de N., eu acho que ela chegou até... eu acho que eu até já tinha falado... iludiu N. N. achava que ia pra essa família, pra esse casal que já tinha uma mocinha, que também era adotada. N. se deu super bem com essa suposta irmã e de repente essa mulher disse que não queria. Porque N. sabia... sabia, falava da mãe, falava do pai e não era isso que ela queria. Então, eu fui a pessoa que recebi N. no dia que ela falou essas coisas. N. chegou super abalada, chorando bastante. Que até foi passar o final de semana na minha casa. Que eu levei pra ela se acalmar que ela tava muito nervosa. E aí eu tava com muita raiva dessa mulher, por ter feito isso. Ter levado a menina mais de dois finais de semana e de uma hora pra outra dizer que não era isso que ela queria?! Pra uma criança?! E foi uma das histórias que eu acho que mais me marcou.

A primeira. Que teve a segunda agora de Babi. Que era pro casal (...) ela, que eu me apeguei demais a ela também. Teve S. que foi o bebê que foi adotado, que eu chorei de morrer. E que eu tenho contato com a mãe dele agora. Tenho foto dele, de festa de um ano, festa de dois anos. Ele saiu daqui com seis meses. Todo mundo era apegado, mas eu acho que eu era uma das mais apegadas.

Acho que essas três crianças foram as que eu mais me apeguei. Gosto de tudinho. A gente ainda leva pra casa, leva pra passear. A gente sempre tem um que se chega mais na gente, então a gente se chega mais nele. Mas gosto de tudinho. Agora esses três: N., Babi e S....

Eu adoro trabalhar aqui. Tem hora que a gente se estressa. É muita criança. A gente... eu tenho filho em casa... e eu já chego superestressada. Mas aí... (vc chega estressada aonde?) Em casa. Aqui eu chego renovada porque chego de manhã cedo, chego de uma noite de sono. Chego tranqüila. Aí quando chego em casa, chego mais estressada. Daí às vezes eu paro, porque meu filho também precisa de mim, precisa de atenção, precisa de ensinar uma tarefa, lição da escola, e tudo. Ele tem sete anos e adora vir pra cá. Aqui é o parque de diversão dele. Adora. Final de semana, eu tando aqui, ta no céu. E eu gosto de trabalhar aqui. Gosto das pessoas, gosto da coordenadora, gosto da casa em si.

(Como vc se vê? Vc fica mais com as meninas?)

Não. Eu sou bem misturada. Eu fico com os menin... boto os meninos pra tomar banho, fico com as meninas, às vezes as meninas de berçário tá no hospital com L. ou C., eu fico no berçário, quando não tem ninguém com L. (que é mais Olga que fica, que ela ta no hospital) eu fico com L., que é o especial: que tem que dar banho, trocar curativo e tudo... eu sou bem mistu... fico no almoxerifado. Faço abastecimento de alimentação, subo brinquedo, desço roupa. Eu e Clara a gente fica no almoxerifado, eu e ela, e a gente faz tudo. Eu fico mais... eu acho que eu tive isso quando eu era do berçário. Que eu entrei aqui no berçário. Então eu ficava só no berçário. Mas depois que eu vim ficar com as meninas, aí eu misturei. Aí eu fico com berçário, fico com menino, fico com menina.

(vc sente diferença deste primeiro momento mais no berçário pra agora?)

No primeiro momento teve, agora... tem mais não. Agora eu gosto mais de ficar fora do que ficar no berçário. Rs. Porque, assim, como se diz, no berçário é tudo muito cuidadinho, tudo muito fala baixo, tudo muito... tudo muito cuidadinho, tudo muito no inho. Aqui fora não. A gente já manda menino tomar banho, já... se tiver que reclamar já reclama, já bota de castigo (...) se precisar, já manda ir tomar um banho, enquanto uma maiorzinha ta tomando banho vc já ta penteando cabelo de uma menor... Já é mais... No berçário é tudo ajeitadinho, tudo falar baixinho, tudo no inho. Aí já me acostumei aqui fora.

(vc gosta mais desta parte agitada)

Me agita mais, eu fico mais agitada, mas acho que é o que eu mais gosto.

(mas vc gostou, vc gosta de bebê?)

Gosto. Gosto. Quando eu estou no berçário eu também gosto. Só que eu acho que já me acostumei. Tudo é questão de costume, ne? Eu já me acostumei aqui fora. E quando eu vou pro berçário eu já... eu digo que é tudo inho, porque é tudo... aí tem que tar dando comidinha... e aqui não. Aqui fora a gente bota comida, parte a carne e eles vão comendo. Depois a gente limpa. No berçário a gente tem que ta dando na boquinha. Acho que eu já me acostumei mesmo. É questão de costume aqui fora, mas fico também lá. Quando ta lotado, aí a gente tem que ajudar Olga. Porque aí não agüenta ficar só não. A ... vai ajuda, a outra do berçário também, quando ta, também ajuda... aí vai segurando.

(comentário sobre choque da saída de qualquer bebê)

É. Quando vc está esperando, como foi o caso de S., que foi pra uma família, de Babi, que a gente tava na torcida, a gente teve que brigar com advogado – todo mundo discutiu, a psicóloga, eu – Já tava todo mundo esperando de Babi, de N., tava... foi atrás do pai dela, depois dessa adoção frustrada. Foi atrás

de pai, achou, pai queria El... assim, mas quando é de sopetão assim, como hoje a avó chegou e talvez vá embora. JL. e a irmã NI., a coordenadora ligou quarta-feira: Rita, talvez JL. saia hoje. Arruma aí as coisas dele. Lá vou eu pro almoxerifado pegar um brinquedo, pegar um negócio pra ele levar, ... se os pais adotivos quiserem guardar, né? Eles tão, tão, tão com eles, vão saber que veio daqui, que tava aqui, né? Mas é difícil... É complicado (Rs) eles saírem assim. Mas a gente lembra demais deles. Eu lembro muito deles.

(vc já tinha trabalhado com criança?)

Eu já tinha trabalhado com uma criança só. Mas aí era assim, filho de uma vizinha, que eu ajudava ela, ela ia trabalhar e eu ficava com o filho dela. Mas assim com muitas ao mesmo tempo, nunca. Rs. Nunca.

(e com histórias diferentes, né?)

É. Cada um com sua história, com seu problema. Porque já vem com um problema, assim... um fardo muito pesado, né? Às vezes são histórias muito tristes que a gente olha assim... e eu, como tenho o meu de sete anos, eu olho e digo: aconteceu isso, com essa criança de sete anos? Eu vejo o meu em casa, tão bobo, tão, tão inocente, né? Entre aspas ainda ele é inocente e já tem criança que tem uma história tão pesada nas costas. Uma coisa assim... umas coisas tão fortes que eu digo a vc: Essa criança já passou por isso? E ... a casca né? Por fora nem aparenta que passou, mas eles sabem o que eles sentem, o que aconteceu com eles, como aconteceu... aí é tão pesado pra eles...

(conversa com eles?)

É. Às vezes eles, eles chegam, eles chegam se abrindo. Que até nem pode. Mas... assim, as crianças... eles, eles, tem que conversar com a equipe, mais com a equipe técnica porque tem uma psicóloga, tem a coordenação. Mas às vezes eles chegam: A tia aconteceu isso e isso e isso e isso e isso e isso comigo. E eles contam a todos os educadores. E a gente vai na coordenação pra saber se foi verdade, porque às vezes eles (...) criam também... e às vezes aconteceu... É triste. Acho que cada ser humano se sente de uma forma, mas acho que pra quem é mãe... eu acho que se sente mais triste de ouvir a criança dizendo esses relatos que eles... que acontece com eles, que aconteceu, que eles viram acontecendo... é triste. É triste. Vc para e pensa: meu deus, eu não quero que meu filho passe por isso NUNCA. Porque eu acho que é coisa pro resto da vida. É um peso, assim, pra eles. Muito grand... mesmo eles sendo adotados, ou eles indo pra alguém da família que vá cuidar direito, ou pra um pai e uma mãe adotivos que vá cuidar direito, mas aquilo já ta marcado, já ta carimbado na história deles. É a histó... faz parte da história deles. Vai fazer pro resto da vida né? Então é, é muito triste escutar eles, às vezes, dando um relato que vc olha e diz: meu deus, essa criança passou por isso, senhor? É muito pesado mesmo. Muito triste.

(e a sua história, como foi?)

A minha... eu tenho 24 anos, mas parece que eu já vivi mais que 30. Meus pais se separaram eu era novinha, eu acho que eu tinha uns dois anos. Tenho uma irmã só. Tenho 24 anos e minha irmã tem 26. Minha mãe teve a gente muito nova e eu e ela teve filho muito nova também. Ela tem uma filha de 8 e eu tenho o meu de 7. E... e minha mãe se separou muito cedo, criou a gente só, numa comunidade e ela trabalhava. Ou ela cuidava da gente ou ela ia trabalhar. Pra botar comida na mesa. E ela ia trabalhar. Ficava eu e minha irmã só. Ia pra escola só, voltava só, sempre era só. Ela saia de manhã e chegava à noite. Desde eu acho que eu com 5, 7 anos e minha irmã com 8, 9. Já cuidava de mim. Cuidava de mim na escola, se alguém arengasse, viesse bater, ela ia lá brabona, cuidar da irmã. A

gente se dá bem hoje. A gente na adolescência arengou bastante. Brigava, brigava muito mesmo. Hoje a gente se dá bem, que ela mora na casa dela e eu moro na minha. Rs. Aí a gente se dá superbem. Eu amo minha irmã de paixão. A gente se dá bem hoje, mas minha história foi essa assim. Aí fomos criadas só, meu pai foi muito ausente. Eu conheço ele, vou até na casa dele, ele vai na minha... mas ele foi... assim, eu posso dizer que eu não tive pai. Porque eu fui criada só pela minha mãe. Ele viveu a vida dele com a esposa dele. Que ele se separou da minha mãe já com essa esposa. Traiu muito minha mãe, bateu muito na minha mãe... eu não cheguei a ver que eu era pequena. Minha irmã como era maiorzinha... Minha irmã como era maiorzinha... via e assim, na minha infância, eu era louca por ele, porque eu não via, eu só sabia por alto, assim da minha irmã reclamar, da minha mãe falar pouquíssimo o que ele fazia. Agora minha irmã que chegou a ver, sempre que eles se encontravam eles se bicavam, discutiam. E eu não entendia muito isso... eu criança, né... hoje em dia eu entendo e assim, vejo como minha mãe foi muito guerreira,... e criou a gente só... e ele nem aí... aí me envolvi com esse meu marido com 14 anos, fui mulher dele com 14 anos, engravidei com 16 anos, tive filho com 17 e to com ele até hoje. Minha irmã é separada, ta há um ano separada, também se envolveu bastante nova, com o pai da filha dela, foi o primeiro homem da vida dela também, e se envolveu ele, sofreu bastante no casamento dela e agora ela é separada. E agora ela é separada... e minha infância foi... eu acho que eu não tive muito infância, não. Eu não sei se eu tive infância e pulei da infância pro adulto, não tive adolescência. Foi tudo muito rápido, na minha vida. Por isso que eu falo que tenho 24 anos mas parece que tenho mais – não me arrependo de ter meu filho, mas se eu tivesse pensado um pouco, se eu tivesse a mentalidade que eu tenho hoje eu não tinha tido ele com 17 anos, não teria engravidado com 16. E... foi porque eu quis. Foi. Eu, com 14, 15, 16 anos quis ter um filho. Tá entendendo? Então, eu vejo hoje que é um peso muito grande em cima de mim... eu às vezes quero ser criança e não posso mais... eu até brinco com os meninos daqui, tudo, mas é muita responsabilidade pra eu querer ser criança agora... é muita coisa... cuidar de casa, filho, filho doente, escola, muita coisa... não tem como eu voltar. Então, se eu tivesse pensado um pouquinho mais eu não teria tido ele tão cedo, com 17 anos, enfrentar uma gravidez... o povo fala que não ta útero formado na adolescência... tudo isso, eu não pensei, NE. Eu penso agora que é tarde, já tenho ele, ele já ta com 7 anos, é minha razão de viver, é tudo que eu tenho na minha vida é ele, e bola pra frente.

(e quando vc ficava com sua irmã em casa, vc lembra do que que vcs brincavam?)

Assim, a gente não brincava muito não, a gente arengava bastante. Mas minha irmã gostava mais de TV e eu gostava mais de som. Então como só tinha uma TV e um som..., ela gostava de tudo fechado, eu gostava de tudo aberto. É o oposto, ela e eu é água e vinho. É água e óleo, né, que o povo fala, não mistura. Aí a gente arengava mais por causa disso. Às vezes a gente apostava corrida, da escola que era perto: quem chegar primeiro – a gente estudava de manhã – quem chegar primeiro e ligar a TV ou o som fica ligado o resto do dia. Nossa, quando abria, quando tocava o sininho da escola, era carreira pra casa. Rs. Geralmente ela ganhava, que ela era maior, tinha as pernas maiores, Rs, corria mais... eu sempre fui bem magrinha, bem pequenininha... ela sempre chegava primeiro, ligava a TV, fechava as portas, as janelas, tudo... aí eu ia pra casa de colega, assim, d lado de casa, ou uma rua depois... ficava mais na casa das minhas amigas jogando vídeo-game, ouvindo música...

(e na casa das suas amigas tinha algum adulto?)

Não. Sempre ficava minhas colegas só também, que a mãe trabalhava. O dia todo. A mãe dessa minha colega chegava mais cedo que a minha. Chegava assim, por volta das 4 horas. Minha mãe chegava a noite mesmo. Essa mãe da minha colega chegava 4, 4 e meia...

(e ela saía cedo?)

Minha mãe saía cedo. Saía acho que por volta de 6, chegava 7, 8 da noite. Final de semana ela chegava mais tarde, porque ela trabalhava em salão de beleza... Final de semana ela chegava 9, 10 horas... aí, chegava bastante tarde ela... e minha mãe gostava de sair, então ela trabalhava a semana toda, mas sábado e domingo ela saía a noite. Então além da gente ficar só a semana, a gente ficava só sábado e domingo a noite. Tudo fechado. Então a gente era acostumada a ficar só mesmo. Não fazia diferença. A gente trancava tudo e ficava eu e minha irmã.

(e quando vc era bebezinha, como era?)

Bebezinha. Eu morei um tempo, assim que minha mãe se separou, eu morei um tempo com a minha tia. A esposa do meu tio no caso. Era meu tio de sangue, ele, e a esposa dele cuidou da gente, eu acho que por volta de 3 anos. Como quando minha mãe se separou eu tinha uns 2, é tudo meio assim por cima, que eu não lembro, eu acho que eu tinha uns dois anos. Minha tia ficou com a gente uns 3 anos, aí eu fiquei com minha avó mais 1 ano, a mãe do meu pai, aí por volta eu acho que de 5, 7 anos, eu acho, 5, 7 anos, mais ou menos, eu fui pra minha mãe. Ela pegou a gente de volta, porque já tava maiorzinha, minha irmã já era maior um pouquinho, aí a gente às vezes passava fim... a semana com minha mãe, final de semana ia pra casa da minha tia, eu na esperança de ver meu pai, que eu nunca via, final de semana... muito difícil... e a gente ia passar o final de semana na casa da minha tia. Que criou a gente um tempo. E hoje ela ta em São Paulo. Ela criou a gente esse tempo... ela era... ela foi uma boa tia, mas assim, eu poderia ter ficado melhor. Com a minha mãe... Porque assim, ela era uma boa tia entre aspas, ela exigia demais. A gente muito criança, ela forçava a gente a comer, eu odeio verdura até hoje porque ela me forçava muito a comer, me forçava a tomar suco de beterraba, não consigo sentir o cheiro da beterraba que me dá vontade de vomitar, que ela em, em, empurrava goela abaixo e falava que era pro bem... empurrava goela abaixo. Comia forçado. Tanto que eu não consigo forçar meu filho a comer. Não quer comer, eu não forço. Porque daí é horrível vc comer forçado.

Sentia falta da minha mãe porque eu achava que com ela não ia ser dessa forma. Que ela não ia me forçar a comer se eu não queria comer. É para meu bem, ok, mas eu não, não consigo. Eu ... pra vomitar o suco. Eu botava dentro o suco queria dar retorno. Era horrível. Aí hoje eu não como. Hoje eu não consigo. Eu até tento, mas não consigo.

(seu menino come bem?)

Ele, ele, verdura não. Rs. Meu marido come bem. Come tudo. Meu marido come tudo. A gente ta meio... sabe? Mas ele come bem. Meu filho vê ele comendo bem, ele come todo tipo de verdura, toma todo tipo de suco. Meu filho só toma suco de acerola... se for em pó ele quer tomar qualquer suco que vc der. Qualquer pó daqueles ele quer. Aí eu não dou. Aí suco só toma ou de laranja ou de acerola. Verdura nenhuma. Fruta nenhuma. Só a laranja ou a acerola. Mas ele come bem... ele almoça bem. Ele gosta de todas as verduras no feijão, passado no liquidificador, aí fica o caldo do feijão, no caso, né. Beterraba, tudo eu boto. Aí ele come. Come arroz, macarrão... Não come carne, ele só come frango e lingüiça. Ele não come ovo, não come salsicha, empanado, carne, peixe... Ele não come nada. Ou frango ou lingüiça. É um caso sério pra sair com ele. Aí a noite ele come cuzcuz, pão. Ele gosta muito de achocolatado com leite. Antes de dormir todo dia ele toma um copo: eu boto bastante leite e uma colherzinha só de achocolatado. Pra três quartos de leite uma colherzinha de achocolatado. Fica um tody bem grossinho. Adora pão. Deixo ele comer muito. Até umas horas. Mas é péssimo pra comer. Eu também sou péssima pra comer.

(e até seus dois anos?)

Era com minha mãe e meu pai.

(Vc tem alguma lembrança? Te contaram alguma coisa?)

Assim, minha avó que fala muito. A mãe do meu pai. Que minha mãe era muito avoada, assim, ela fugiu com meu pai com 14 anos, eu acho, e ela era muito avoada. Minha avó queria ensinar as coisas a ela e ela ah... não sei o que, ah não quero não, ah, não é assim... então... ela... minha avó cuidou da minha irmã bebezinha, de mim quem já cuidou era mamãe mesmo. Era minha mãe e meu pai. Meu pai assim... O que minha avó fala é que ele não deixava faltar nada. Minha mãe também fala isso... era armário cheio, era mesa cheia, mas... ele batia nela e bebia e saía e passava com mulher na porta de casa... tudo isso é o que ela fala do tempo que eu morei com os dois. Eu bebezinha que eu não lembro de nada (com sorriso). Que ele chegava de madrugada e batia nela... ele era mais velho que ela, já era de maior, trabalhava e tudo. E batia nela... é, no caso minha mãe tem 40, meu pai tem 48. É oito anos a diferença. Aí ele batia nela, ele ... o único bom dele é que ele não deixava as filhas, enquanto moravam com ele, passar necessidade. Porque depois que a gente saiu de casa ele deixava. Rs. Então enquanto a gente morava com ele, ele botava alimento dentro de casa, porque depois que a gente saiu, ele nem ligava. Era dado pela justiça, e contadinho, e ele ainda todo mês pedia à juíza pra diminuir. Mas desse tempo que a gente morava com ele eu não tenho muito que falar não. Tô falando o que minha avó me falava. Que ele era um bom dono de casa, mas não um bom pai ou um bom marido, não. Ele era um bom dono de casa e ponto. Só.

(e vc também gosta de sair?)

Não. Muito não. Eu e minha irmã, graças a deus... a gente sai. Mas como a minha mãe não. E minha mãe bebe... eu não bebo...

(e ela gosta de criança? Fica com as netas?)

Gosta. Fica. Fica com meu filho e com minha sobrinha. É o meu e o da minha irmã. É, ela fica. Caso eu queira sair, daí ela fica. Aí, assim, um exemplo: se for um show: mãe vai ter um show no forrok, tal dia. Ela: Ai, quero ir também! Eu digo, não, a senhora vai ter que ficar com Cauê, porque a senhora sai direto e eu saio uma vez perdida. Então, numa vez perdida a senhora vai ter que ficar em casa esse dia. Daí ela, reclamando, mas fica. Mas aí eu não saio muito não. Quando eu saio é mais com ele assim, pra piscina, praia, tudo que ele vai. Uma lanchonete à noite, pizzaria... tudo que... tudo com ele.

(A cozinheira nos interrompe para saber se o motorista já foi para o hospital, pois a educadora havia pedido uma bolacha e ela esqueceu de mandar – “Ai que gafel!”).

Aí, eu não saio muito não. Minha irmã... a gente mora perto e distante. Perto se for de carro e moto. Como eu tenho carro, mas minha irmã não tem... fica um pouco distante pra ela ir lá pra casa... e aí tem as escolas que são diferentes, do meu sobr..., da minha sobrinha e de K.... aí a gente quase não se vê muito... só final de semana.

Gostam de ficar com a avó. Gostam. Gostam. Minha sobrinha é só falar que já voou. Já meu filho gosta de ficar com minha mãe mas tem que ser lá em casa. Então, quando eu preciso sair, mainha vai lá em casa, fica com os dois na minha casa. É porque pra ele dormir ele fica me esperando. Mesmo que ele chegue a dormir, pega no sono no sofá.

Minha infância, foi tudo tão rápido... Minha irmã fala que eu só gostava de ficar na casa dos outros, que não gostava de assistir então ia pra casa das colegas... e se resumia nisso. Tem muito mais coisa, não.

(aqui vc se da bem?)

Dou. Me dou bem com todo mundo. Com a minha (equipe) e com as outras. Assim, aparentemente, todo mundo gosta de mim. Rs. Todo mundo gosta de mim, todo mundo fala bem, me dou bem com todo mundo... quando precisam de alguma coisa, antes de Clara ficar com a chave do almoxarifado, e agora ficou eu e ela nos plantões, todo mundo me ligava pedindo: eu quero shampoo, sabonete... eu me dou bem com todo mundo. Procuro me manter neutra, quando tem alguma confusão. Porque sempre tem no local de trabalho, né. Procuro me manter neutra, a não ser que a confusão seja alguma coisa comigo, aí eu me irrita... Porque se falou de mim tem que provar... e aí eu já fico mais dentro de casa, mas quase nunca tem confusão comigo, não.

(e quando acontece histórias como as que vc contou de N., S.... vc pode contar com a equipe?)

A gente chora junto, né? Porque às vezes... a história de Babi, que foi agora, do momento, que aconteceu mais recente, que a de N. foi final de ano passado, a de S. foi logo que eu entrei, a de Babi que foi mais recente, todo mundo se comoveu, assim como eu. Igual a mim. Todo mundo... eu me irritei mais porque no dia da audiência eu discuti com a advogada, um advogado do nada, eu sabia que o advogado não sabia do caso, não sabia da situação da criança, e veio defender uma mãe, totalmente louca, uma mãe nojenta, e aí eu me estressei, como eu já tava ficando amiga de Maria, me envolvendo com a pessoa que era a mãe, né, a mãe adotiva, e com João... vi a criança, que quando chegou aqui era uma criança totalmente triste, a menina ficava pelos cantos, a menina não tinha um brilho no olhar, a gente não via um brilho no olhar... a criança era pelos cantos da parede... totalmente perdida, que quando começou a Ma... quando foi permitida a entrada de Maria e de João a menina era louca, era papai, era mamãe. Se via eles corria. Maria ligava pra falar com a menina, a menina ria, o olho dela brilhava, então, surgiu aquele advogado do nada, eu me estressei, briguei com o advogado. Mas todo mundo aqui também se estressou, brigou, eu que fui mais além, que, que, tava lá embaixo na hora da audiência e falei que não era bem assim e subi com ele discutindo. Mas assim, eu converso, converso muito com a psicóloga daqui, a gente conversa e se comove todo mundo junto. N. também a gente ficou triste todo mundo junto. Coincidiu também de N. eu ta na casa no dia que a mãe, a suposta mãe adotiva veio falando aquelas baboseiras todinha. Eu falei para ela que não era bem assim, que ela sabia que N. era uma adolescente, que N. tinha uma história, que N. realmente tinha uma mãe, tinha um pai, então pronto, se ela realmente queria adotar N. era com a história de. Ela ia somar na história, mas ela não ia tirar o resto que passou na vida da menina. Mas a gente também conversou, conversei com a coordenadora, que é a coordenadora e ela também é psicóloga, a gente sempre conversa.

(o que vc acha que permite a mudança de Babi aqui dentro?)

A mudança dela? A gente até tentava, mas de Babi, o que permitiu a mudança dela, foi porque João e Maria eles tavam sem poder entrar, por questão de ordem judicial, a gente não sabe direito o que aconteceu e depois o juiz permitiu a entrada deles. O que melhorou em Babi foi 100% eles. Assim, a gente até tentou. Eu sou a prova viva de que até tentei. Brincava com ela, mas ela não criava ... de nada. O que fez Babi mudar, o que voltou, o que voltou não, né, que foi a primeira vez que eu vi o olhinho dela brilhar, foi João e Maria. Porque assim, a gente... N., no tempo de N., a gente levava ela pra casa. Eu levava ela muito pra casa, eu ajeitava cabelo dela, comprava creme alisante, hidratante do meu pra ajeitar cabelo dela. Então, isso aí, como era adolescente, eu conseguia contornar. Já de Babi eu não consegui. Só João e Maria mesmo. Acho que nem a equipe daqui tava conseguindo. A coordenadora brincava com ela, a coordenadora: Rita, da brinquedo a ela e eu dava. E nada disso...

(que idade que ela tinha)

Babi tem 5 eu acho. É 5 anos. É, nada disso a gente conseguia fazer o olhinho dela brilhar. Já de N., a coordenadora também, é... comprava as coisas pra N., dava... vira e mexe comprava uma

lebrancinha, dava um trocado pra ela comprar um filem, um DVD pra assistir. Todo mundo aqui da o seu jeitinho... tia me da pra eu comprar um DVD, a gente compra no final de semana, compra, a coordenadora compra sorvete... eles ganham... tudo isso ajuda eles se divertirem mais, né? Mas o de Babi não foi a gente não, foi João e Maria. Com certeza. A gente não conseguiu arrancar o sorriso de Babi não.

(falaram de G. também, que chegou aqui bem diferente)

É. G., não, G. chegou não falava né? Como ela tem essa dependência, não sei como se fala, que ela faz coco na roupa, não tem a sensibilidade, então ela ta fazendo fisioterapia pra ver se melhora. Ela chegou... ela tinha medo de falar que tava coco, se a gente falava: G., ta coco? G. vc fez coco? Ta suja? Ela tinha medo. Ela, né? Hoje em dia, ela arenga com os meninos. A gente vê ela arengando. Eu digo: G. eu to vendo, viu! Não sou eu não, tia. Não sou eu não. Vai pro colo de todo mundo, da carinho a todo mundo. Super carinhosa... um caso extraordinário.

(atendimento psicológico)

Tem o CAPS que eles vão. Tem R. e Ro. que faz acompanhamento no CAPS, os irmãos mais recentes que chegou. Eles fazem. Se for necessário, a equipe técnica faz encaminhamento. Mas sempre que chegam com alguma coisa que precisa de acompanhamento a gente vai atrás. Igual L., que tem no Helena Holanda, fisioterapia e fono e tem no Centro de Inclusão, que é da Prefeitura. A gente sempre vai atrás.

Chegou avó com neto no colo – iria levá-lo naquele dia. Em seguida veio a cozinheira.

Contam como é no hospital: mães e crianças retornam, pois são liberados antes da hora pq mães infernizam médicos. Além de ficar comparando os cuidados das educadoras ali. Como as mães vêm as cuidadoras? Educadoras acham que cuidam melhor que as mães, que elas não cuidam, não tem empatia com sofrimentos das mães. Não acreditam no sofrimento da mãe, pq acham que não cuidam direito e por isso não gostam tanto dos filhos. Não acreditam que eu possa fazer entrevista no hospital. Educadoras se acobertam. Espaço de disputa, competição delicado. Tentei falar do sofrimento das mães, mas elas acham que tem mais a ver com a inveja que as mães sentem das educadoras que estão recebendo dinheiro pra estar ali.

A cozinheira estava abalada, falava alto e disse que estava cansada e estressada, que tem dias ali que estressam demais.

Antonieta também, falou que é trabalho que consome muita energia e consome o psicológico.

Por que é que não têm empatia com mães? Elas são mães, mas só falam das crianças, que quem mais sofre é a criança.

L. não estava bem. Ele solicita com o olhar. Mas é muito difícil estar ali com ele. Vieram mexer nele, ajeita-lo, limpar ouvido. Foi estranho. Olga diz que quando ela da banho nele não entra água no ouvido pq eu ponho algodão.

Rita falou que não gosta de desenho em cima da cama dele, pois ele parece cego (o quarto dele mudou um pouco depois disso e o desenho foi retirado).

Tipo de brincadeira entre educadores é bastante desrespeitosa: Calça da cozinheira da pra ver o cu! E Roberto diz que da sim. Não sei se crianças escutam...

Hoje tinha festa de mulher que fez promessa e se conseguisse faria festa em “orfanato”, segundo Clara. Carlos revirou olho, achou estranho e falou que uma pessoa assim é sem humildade. Por que isso não é discutido, pensado em equipe? Ele diz que crianças gostam.

A psicóloga achou estranho eu querer olhar livro de ocorrência, por ser material muito interno. Mas depois aceitou já que a coordenadora liberou. Logo no início do livro há situação difícil com adolescente que ela não consegue contornar... será que não queria que eu lesse isso? Neste dia me conta de situação de sua filha, que é doente e vai sempre a São Paulo para se tratar.

A cozinheira de novo falando alto, diz que Olga estava brava. Será que se preocupam em me falar que não é sempre daquele jeito? Que não estão sempre agitadas, bravas, cansadas, estressadas, gritando?

Olga fala para a gente conversar na casa dela que ela fica mais tranqüila. Diz que tem gente que diz que gosta de criança mas não gosta, que gosta do trabalho mas não gosta. Que quando tinha adolescente era muito mais difícil, que as meninas se provocavam muito. Que é muito difícil botar ordem. Talvez fala um pouco dela nisso. De não gostar tanto do trabalho. Ela diz que tem gente que está lá por causa do dinheiro. (e está sempre arrumando roupinhas e coisas dos bebês).

Medicam por si mesmos as crianças. Coordenadora: “Tá dando esse fungo desde que JL. chegou. Ele já foi embora e esse negócio ficou.”

Relato Olga

(me pediu para ir à casa dela, que é um apartamento no Bessa. Localização muito boa e apartamento muito organizado, bem arrumado, decorado, etc. Ela mora com a irmã que é professora da rede pública. No dia um técnico foi até lá arrumar a ligação da TV a cabo.)

Não, o trabalho em si... eu comecei a trabalhar com os acolhidos, foi uma proposta. Porque eu tava desempregada há mais de 20 anos.

(não por escolha própria – eu estava pensando no fato de estar sem trabalho, mas ela responde sobre o trabalho)

Não, assim, eu tive a proposta porque eu já estava há muito tempo desempregada, mas eu já tinha trabalhado com criança no berçário, e quando eu recebi a proposta eu gostei, porque eu ia trabalhar com criança, daí eu aceitei e fui trabalhar. Eu comecei lá no outro Antenor. Que era totalmente diferente.

A coordenadora de lá era B., ela achou que eu deveria ficar no berçário, que meu perfil era berçário. Então eu fiquei no berçário até hoje. E eu gosto de trabalhar com berçário, porque... assim, é, assim, uma coisa assim, bem... gostosa né, trabalhar com cri... de zero até... lá era até 3, 3 anos. Mas aqui mudou a Prefeitura, parece que com 2 anos já sai. E, eu acho assim que é muito pouco espaço de tempo pra criança se misturar com as outras, das outras idades, de 7, 8, até 15 anos, com 2 anos. Eu não acho certo, né, mas... que se pode fazer.

(mas mesmo antes já convivem um pouco, não?)

É mas era mais resguardado, sabe? Porque B., ela me dava total liberdade, eu fechava as portas e eu ficava só com eles ali, incluso comigo. Eles não tinham contato com os grandes. Não tinham contato. Mas lá, quando o novo coordenador geral chegou ele queria que interagisse. Os bebês com os grandes. Aí os colegas começaram a dizer assim: Olga só quer trabalhar com a porta fechada e ficar com aqueles bebês ali. Mas eu achava que era para ter a segurança deles, mas eles não achavam... aí teve que abrir as portas e ficar tudo misturado. Eu não acho certo isso. Porque aqueles meninos grandes às vezes têm maus costumes: aí da trabalho, aí bate porta, a gente quer botar criança pra dormir, não dorme. Não tem a privacidade dos bebês. E no outro tinha privacidade. Os bebês tinham privacidade. E aí não tem. Privacidade. É tudo misturado. Às vezes a gente quer botar os meninos pra dormir, aí entra um, entra outro, bate... aí de vez em quando eu fechava a porta aí batia na porta e ficava babababa! Tinha... parecia que ia derrubar a porta. Eu não gostava, mas tinha que interagir... que que se pode fazer... a gente que está sob ordens, tem que aceitar.

(tem como conversar...)

Não, assim, a gente... não tem. Elas acham que vc quer ficar excluída dos colegas. Não entendem a privacidade do bebê. Aí pensa que vc quer se excluir dos colegas de trabalho, mas não é. É porque vc quer a privacidade do bebê.

(E no fundo, lá no Antenor, hoje, fica todo mundo lá, né? O tempo inteiro tem gente lá. – pensando mesmo na equipe e visitas)

É. Lá tem muita visita... Mas lá também tinha visita e assim, B., quando chegava um visita, ela mandava uma pessoa ir lá, da secretaria, que lá tinha secretaria e lá não tem secretaria: Olga, chegou uma visitante. Vc pode receber ela, ela quer ver os bebês. Ela... quer dizer que ela dava total autoridade para mim. E aí não. Aí vc não tem autoridade. Aí vc só tem que tratar bem as crianças, mas autoridade em si vc não tem. Eu trabalho porque eu gosto.

(mas o que vc acha que faz de diferença, na relação com os bebês, da sua falta de autoridade. Vc acha que muda alguma coisa?)

Muda não por... assim, muda, né... mas a gente tem que acompanhar o ritmo.

(mas muda como? De vc ficar chateada com os colegas?)

Não assim, eu não fic... as vezes a gente fica chateada mesmo com os colegas... porque assim, tem gente que não tem educação, aí bate na porta, não pede pra entrar, e... sei não. As vezes se torna uma bagunça.

E teve uma criança que me marcou muito: Foi L.. E E.. Duas crianças lá. O coordenador geral dizia que eu queria proteger a criança demais. Era bebê, mas quando ele foi pros grandes ele parece que tava com 3 anos e meio, ou foi dois. Ele disse: Olha, Olga, eu vou botar E. com os grandes, pq vc protege muito esse menino. É uma proteção muito grande, não pode haver isso não. Ai eu disse: Oxi, e a gente ta aqui prá que? Não é? Não é pra proteger?

(E o que será que ele queria dizer?)

Acho que ele quis dizer assim que eu tava com uma proteção excessiva.

(e o que era tão excessivo?)

Não, eu, assim... cuidava... não queria que ele se misturasse com os meninos, porque as vezes os meninos batem... aí, eu não queria que ninguém batesse nele.

(mas os outros também não)

Risada. Não, mas os outros, assim... como eu era especifica do berçário, aí eu não tinha contato com os grandes. Pq quando as crianças, assim de dois anos, que passavam pra ficar com os grandes, aí, assim, a proteção que eu tinha era que ele não se misturasse com os grandes, pra os grandes não fazer mal a ele. Era isso. Ai ele não queria, ele queria que interagisse. Ai ele dizia eu tava sendo SUPER... protetora.

(e ele não queria que fosse assim)

É, não queria que fosse assim.

(E com L. era isso também?)

Era. Não, com L. era mais assim, aconchego, amor de mãe. Porque ela me chamava de mamãe. Risada.

(Ela não tinha mãe?)

Não, ela tinha mãe, a mãe dela era até nova, mas... aí, puseram assim, né... porque não faz aquela conversa pra voltar pra voltar pra família, mas não dava pra voltar.

(aí ela te adotou)

Foi, ela me adotou. Aí, assim, também ninguém queria L. Porque as vezes, a... lá... os educadores só quer pegar na criança quando ela é bonita... e quando ela é feinha ninguém quer. L. quando chegou era feinha. Aí eu disse: Eu vou cuidar de L. Quando L. ficar bonita ninguém pega em L. Aí L. ficou bonita e todo mundo queria L.

(ai vc falou: Eu avisei! RS)

Rs. Ai ela me chamava de mamãe, até que quando ela foi pra adoção... que a senhora foi adotar ela, eu tava trazendo ela aqui pra casa, pra passar o natal, aí... O coordenador geral ligou: Olga! Dava pra vc entregar L.? Ai eu disse: Da... o que que eu posso fazer! Ai eu disse: Eu to aqui próximo do shopping Manaíra, mande a pessoa vir que eu to aqui. Ai eu descii cheia de bagagem com L. pra esperar a senhora pra entregar L.

Quando eu fui entregar L., L. não queria. Ai ela teve que vir até aqui pra gente... assim, convencer L. pra ... L. ir com ela.

(ai meu deus... e como vc ficou?)

Não, a gente fica assim, porque a gente pega amor, né. A gente fica... mas eu fiquei feliz ao mesmo tempo pq ela ia pra um lar que eu sabia que a pessoa ia cuidar dela direito. Pq a gente sente, né, que é uma pessoa que vai adotar, quando é uma pessoa que vai cuidar, vai amar... a gente sente. Pq as vezes tem são adotadas e depois vem os resultados, né.

(no outro Antenor tinha um monte devolvido, né)

Fala aí.

(nesse também tem?)

T... não, ainda não aconteceu, não. Devolução. Ainda não aconteceu não. É porque assim, né. Eles tem maus costumes, os maiores, tem maus costumes, aí chama palavrão, aí briga muito, não tem limites, aí quando são adotados, aí não querem ter limites. Quer viver como vivia lá no abrigo, aí, eu acho que as famílias não concordam e as vezes devolvem. Ma até agora não teve não devolução. Aqui teve o caso... vc conheceu M. e eu esqueci o nome do irmão dela. Levou os dois. M. e E.. E E. ele era bem violento. Ele puxava faca e tudo (ri). Bem violento, mas o casal se interessou e disse que queria, queria, e levou eles dois. E até hoje ta com eles.

(e vcs tem notícias?)

Não, a coordenadora nunca mais falou. Mas eu acho que deve estar bem né? Que ela não procurou mais o Antenor...

(é uma diferença muito grande quando tem adolescente)

É porque tem assim as faixas etárias.. pq não recebe de zero até 15? Devia ter as separações. Eu acho o espaço de tempo assim de dois anos, pra se misturar com os grandes muito pouco. Eu acho pouco. Misturar eu digo assim, o berçário tem que se misturar com os meninos grandes, ficar na casa toda. Entendeu? É assim que eles querem. As vezes tem assim, visita que é inoportuna. Aí chega e quer ficar o tempo todinho no berçário, as vezes a gente quer dar uma medicação, as vezes a gente quer trocar a criança, e fica no pé, no pé, como se tivesse desconfiando da educadora. Ai eu digo, não! Da pra mim não.

(mas pq acha que desconfiam de vc?)

Não, não, de mim não. Em si. Sei lá, eu acho assim... desde muitos tempos que o povo tem um mal conceito de abrigo, não tem? Tem que a gente vê reportagem... tem sim, muitas pessoas tem mal conceito de abrigo.

(igual tem de creche)

É. De creche. Como eu disse a vc, eu trabalhei em creche. Era de 2 anos até 5 anos. E teve uma menina lá na creche que machucou uma criança. Beliscou mesmo, só que a mãe não entrou na justiça nem nada. Mas... ela teve... a dona da creche teve que colocar ela pra fora. Pq machucou a criança, machucou mesmo.

(e o que vc acha que leva a pessoa a fazer isso?)

Silencio.

Sei não (com voz de criança).

(não?)

Sei não. Só se a pessoa é agressiva... se é agressiva e não tem paciência com criança. Porque se vc quer cuidar de criança vc tem que ter amor, ter paciência e tem que cuidar como se tivesse cuidando de um filho.

(a, mas as pessoas às vezes acabam machucando os filhos também, não é?)

É, machuca, mas nem todas, né. Mas... a agressividade está na pessoa. As vezes a criança chora demais e tem gente que não agüenta. Pq tem criança que chora, né. Tem bebês e bebês.

(fico pensando como seria se todos comessem a chorar ao mesmo tempo quando vc ficava sozinha com eles)

Não, mas tu sabia que eu cuidava de seis bebês, lá. Lá, lá no outro Antenor era mais bebê assim novinho, recém nascido. Dava banho. É porque assim, olha: lá não era muito, acarretava muito a gente, porque, a refeição das crianças quem fazia era a cozinheira e ela trazia. A gente só fazia dar banho e trocar. E cuidar. E vinha refeições e vinha a técnica de enfermagem, que medicava as crianças. E agora não, agora vc tem que fazer tudo (acelerando a fala), vc tem que ser psicóloga, vc tem que ser mãe, vc tem que ser cuidadora, vc quem leva pra medico, vc quem faz a comida da criança, vc quem da a medicação, é tudo vc. É corrido. Olha, tinha tempo aí no Antenor, agora, que tinha duas gêmeas. Eu tinha que ir pra cozinha fazer a comidinha delas, que elas comiam comidinha, e era uma colher na boca de uma e uma colher na boca da outra. E os outros chorando.

(então, numa hora dessas...)

Mas aí vc tem que manter o autocontrole, não é verdade?

(mas ter que não é conseguir)

Mas se vc souber conciliar, minha filha... vc conciliar. E eu tomava conta de tudinho. Dava banho, trocava, dava medicação, que elas tomavam medicação na hora certa. E...

(e pq lá tinha mais recém nascido do que agora?)

Silêncio.

(será que era época?)

Eu acho que era época.

(Pq nenhuma outra casa recebe bebês, né?)

Só o Jesus. É tanto que agora, depois de Moisés, lá em Cabedelo vai abrir um abrigo. Que até a esposa do português disse que levou uma menina lá pra coordenadora orientar, que ta abrindo lá em Cabedelo por causa de Moisés – aquele que foi achado, que a mãe jogou. Aí em Intermares. Aí vai abrir.

Relato última visita 2015

Fui levar lentilha para elas fazerem para virada do ano. Não parecem entender muito o sentido disso: mas eu disse que é prá dar sorte.

Tinha duas meninas novas e mais duas chegaram enquanto eu estava lá. Chegada muito pouco cuidada. Não falaram com as que chegaram, não mostraram nada. Chegavam em lugar novo e tinham que ir dormir porque era horário do repouso após o almoço.

Uma das meninas que estava na casa há pouco tempo era bebê e disseram que não parava de chorar. Ficaram falando pra mim que ela não parava de chorar e resolvi atender a demanda ou provocação... sentei ao lado dela e às vezes falava algo. Branquinha, galega, de cabelo cacheado... talvez se

identificou comigo. Quis vir pro meu colo e não queria sair. Deixei no colo de Ronalda que disse que a faria dormir. Pega com pouco cuidado, mais agressiva, chacoalhando. A menina assustou. A casa estava com muito pouca criança e ninguém com muita paciência em dar atenção pra bebê, que tava querendo colo mesmo.

Pouco antes, Ronalda fez comentário com Clara: “Não estou entendendo a existência aqui”. Acho que se referindo à outra menina que estava na casa, que trazia uma mochila nova, cheia de coisas.

A recém chegada mais velha falava bastante e queria contar um monte de coisas.

Clara rindo. Arrumando roupa pra elas tomarem banho (como se chegasse necessariamente sujo da rua). E dizendo pra recém chegada mais nova que ela aceitasse a cama pois era onde ela iria dormir pq não ia voltar pra casa – a menina não queria dormir. E ri. (ninguém explicou nada?! Foi muito difícil estar ali e ir embora. Mas também preocupei de estar atrapalhando até por demonstrar esta falta e querendo oferecer algo, como o colo, que elas não querem oferecer.

Ronalda nunca quis conversar comigo para a pesquisa, mas aos poucos se aproximava, ia ficando mais à vontade para falar um pouco. Disse que era muito complicada e sofrida, vivia dizendo que já me conhecia de antes e eu já a conhecia, que não precisava fazer mais o trabalho comigo pois já fizera no outro Antenor Navarro. Não pressionei, mas ia mostrando simpatia e ela foi relaxando e podendo, no cotidiano me falar algumas coisas, pedir ajuda com a bebê que chorava... muito angustiada com a menina que parecia ter sofrido abuso...

Relatos meus

Chegou D. (não teve paciência de me explicar o nome e fiquei pensando que era outro), educadora que estava de férias. Falei rapidamente quem eu era e sobre a pesquisa. Ela já foi falando umas coisas: que se todos se apaixonam pelas crianças, se apaixonam pelo que fazem, que é um casamento, que dá momentos de muito cansaço e de raiva e momentos de muito amor e tranqüilidade. Que tem filhos, que os filhos querem que ela brinque com eles e ela diz que está cansada e eles reclamam que ela não os ama mais, que só fala dos meninos do abrigo. Diz que eles vão aprendendo os nomes, o jeito de cada um.

Maria diz que precisa de descanso, que 12 horas é muito, porque precisa estar bem humorado, que ninguém agüenta. Precisa estar bem humorado pra fazer o serviço, precisa estar bem disposto. Falou que levou L. pra casa e o marido queria adotar pois gosta muito de criança. Mas diz que se pudesse ter adotado tinha adotado outro. Mas que não pode por causa dos cadastros.

Hoje se mostraram cuidadosas, mas também deixam os bebes bastante no berço. Hoje L. deu os primeiros passos – a cozinheira dizia pouco antes que ele estava demorando pra andar. Maria não fez festa, mas a cozinheira sim!

Na cozinha: a cozinheira fala que devia passar pra educadora, que vive cuidando e se envolvendo com as crianças. Maria diz que ela não troca fralda... e a cozinheira diz que já pegou em muita merda. Não gosta mesmo e não vai ser educadora por causa disso. E diz que graças a deus R. foi para o CAPS e sai da cozinha.

Pergunto se ela disse isso pq R. da muito trabalho e Maria diz que não, que ninguém dá trabalho ali. Fiz cara de estranhamento e o motorista também, e ela diz que cada um dá trabalho de acordo com a

idade e quem diz que criança da trabalho é porque não gosta de trabalhar com criança. Que não tem nada demais lá.

L. foi para o hospital. Disseram que tava fraquinho. Depois ouvi que foi fazer aspiração que há tempos não fazia. Ou seja, era para eles fazerem ali, mas não fazem, pois não é simples de fazer. Mas a ideia de uma enfermeira fazer não tem. A coordenadora diz que ele deve voltar no mesmo dia. E ele sempre está com ventilador virado pra ele. As vezes com lençol, as vezes sem.

Relato Clara

(num outro dia havíamos marcado de conversar, mas ela não estava bem. Se sentia mal e disse que se fosse uma conversa pra eu chorar junto não era bom – ela estava com problemas pessoais):

Vou falar primeiro da minha, né. Assim, a minha infância foi super tranqüila. Apesar de ter vindo de uma família de pessoas pobres, né, consideradas pobres, porque uma estrutura familiar que não dava pra manter todo mundo num bem estar de vida legal, mas somos irmãos em 8 e sempre nos demos superbem, nosso pai e nossa mãe, apesar de tudo, mas eles faziam o possível pra nos educar da melhor forma possível. Também foi sofrida... momentos que marcou assim, que eu via, momentos que chegava a faltar muita coisa e que... principalmente minha mãe, ela olhava pra um lado, olhava pra outro, não tinha como conseguir aquilo ali pra nos dar... mas sempre nos dizendo: as coisas vai melhorar. Então, nunca deixou a gente fora da escola, nunca. Ela sempre... apesar, hoje não tem uma sandália pra ir, espera o irmão chegar pra poder vc calçar o dele e ir, mas não deixar faltar... porque sempre ela dizia, é... a única coisa que a gente vai aproveitar da nossa vida vai ser o estudo e mesmo que vc não se forme um dia, mas vc foi ensinado a ler e escrever, que é o principal na sua vida, pra vc pelo menos poder ficar em algum lugar. Minha mãe era professora. Era. Aí, meu pai analfabeto, mas também ele não... nunca queria, queria que a gente aprend... que fosse alguém na vida. Em relação a coisas que marcava muito assim, que marcou a minha infância, é que... eu vejo assim, que mesmo apesar de pobre, mesmo apesar da gente faltar muita coisa, mas a gente sempre tinha o amor e o carinho. De... de vc olhar assim e ver que tinha ali o suporte, o pai e a mãe, lhe apoiando e lhe... fazendo o possível pra pelo menos melhorar a situação. Passei muita necessidade enquanto pequena, necessidade mesmo, de chegar dia de assim, dizer assim: hoje só tem o feijão de comer. E q mostrou que isso aí não era... é o principal, mas q pra isso aí a gente não precisava fazer nada errado, né? Então, mas...

Em relação aqui hoje eu vejo as crianças assim que o povo usando a pobreza como abandono, não é. Pq fosse isso minha mãe teria abandonado os 8 filhos q ela tem. Por ela não poder manter. Mas ela sempre correu atrás. Meu pai era pedreiro... é pedreiro até hoje e ela era uma professora, naquela época ensino fundamental, mas ganhava uma mixaria, como diz o matuto. Rs. E ela... fazia da melhor forma que pudesse fazer pra ver os filhos bem. Eu sou em uma das mais novas, ainda peguei uma fase melhorzinha. Quem foi os primeiros sofreram muito.

(e me explica só o que vc falou. Vc disse que as vezes só tinha feijão e mesmo que isso fosse importante não precisava ter feito nada errado pra isso.)

Assim, porque, muitas vezes... hoje... hoje, né, a mãe vê que não tem... condição de manter o filho, vai pedir, vai roubar, vai... entendeu? Não é necessário. Até pedir, então... vc vê seus filhos... que é super triste vc vê um filho precisando de alguma coisa e não poder, aí chegar e pedir é até digno, mas não...

sempre disse, por mais que falte, por mais que não tenha em casa nunca mexa em nada de ninguém, seja digno. É isso que eu me refiro.

(entendi. E seus pais sempre trabalharam)

Sempre. Sempre trabalharam. Meu pai, assim, uma coisa que marcou da minha infância é que eu já grande, infância mas eu já tinha uns 8, 9 anos, é que mesmo meu pai trabalhando, mas chegava a faltar porque meu pai era viciado em jogo de baralho. Por mais que ele ganhasse mas ganhava na sexta e gastava no final de semana na segunda não tinha um tostão. Então era isso que fazia com que a gente passasse muita necessidade.

(e vcs não ficavam muito bravos com ele?)

Fiquemos. Só os mais velhos, que com o tempo foram entendendo?

(e sua mãe?)

E mainha supersofredora, ela ia agüentando, pq...

(apesar disso sabia que ele gostava de todo mundo...)

Sabia, mas ele olhava pra nossa cara e dizia: Não, mas eu vou arrumar. Arrumar onde se já tinha gastado tudo. Entendeu. É isso que... não sei se marcou ou se ficou uma mágoa, assim, por ele ter deixado isso acontecer na nossa vida. Porque ele era o cabeça, responsável por tudo NE? RS.

(a gente tem essa visão do pai, né)

Tem essa visão e quando quebra aí essa visão, fica complicado.

(motorista vem pedir um telefone)

(vc lembra as brincadeiras que vcs brincavam?)

Brincav... leembro. A gente brincava muito de amarelinha, brincava muito de bonec... fazer comidinha com as bonecas, pegava aquelas panelinhas, ajuntava um monte de folha e cada folha de um modelo era uma comida... RS. Tinha dois... eu só tenho dois irmãos homens e eles gostava de j... aqueles carrinhos de lata que meu pai fazia pra eles. E eu adorava roubar os carrinhos de lata deles pra brincar. Ai eles ficavam... me batiam e eu saia chorando e mainha dizia: também isso é brincadeira de menina? Va brincar com suas bonecas! Mas eu sempre gostei muito de brincadeira de menino, brincar de bola, brincar de carrinho, soltar pião – que não é uma novidade, que existe a muito tempo pião... e não precisava de amigas pra brincar, porque tinha as irmãs... era uma fila, uma escadinha... não, a gente mesmo dentro de casa brincava, de se esconder e... mainha, assim, devido muito... muita tristeza que ela passava por causa de painho, ela sempre foi... hoje ela tem bem... ela é outra pessoa! Mas ela sempre tava mal humorada, sempre ficava com raiva, daí olhava aquele monte de menino dentro de casa sem saber o que fazer. Já chegava estressada do trabalho, trabalhava também... e nunca... não sentava assim pra conversar, pra contar, ... mas... hoje, eu como criança... eu como adulta eu entendo que o quanto a gente é criança a gente acha que tudo é fácil, né. Mas só que não é não. É difícil. É muita coisa pra gente superar, pra gente enfrentar da realidade. É difícil. Ai vc usa aquela frase, eu era feliz e não sabia. Pq na verdade é o tempo que vc é feliz, enquanto é criança. Pq vc, não entende... vc, chegou a hora de dormir tem uma cama, chegou a hora de comer tem ... isso aí pra vc já é o suficiente. Ali é a sua felicidade. Mas quando vc vira adulto, aí tudo complica, parece q vira tudo de cabeça abaixo. Mas eu tenho um... não tenho, eu não lembro muito, não recordo muito minha infância dizer

ai... eu também recordo um período da minha infância que eu adorei que meu avô morava em um sítio, a gente ia pra lá, tomar banho de rio, subir em pé de árvore. Era tudo que a gente queria. Só que minha mãe saía duas vezes no ano pra levar todo mundo. Pq era muita gente. RS. Aí ela ia mês de junho, são João, passar as férias de são João, e dezembro, passar final de ano. Quando a gente, contava os dias! Contava os dias pra ganhar uma roupa. Vc só ganhava uma roupa de seis em seis meses, a cada seis meses, né. Ficava feliz da vida quando chegava sua mãe, a minha mãe né, com a roupa, com o tecido ainda era pra fazer a roupa, era só o tecido. Super feliz.

(ela que costurava?)

Não. Minha avó, minha avó. Ela levava pra minha avó fazer. A gente ficava super feliz, aí, vamos pra casa de vó. E eu não chamava vó e vô, chamava mãe e pai. ... nossos pais. Então a gente ia, aí era o momento mais feliz, que a gente tinha galinha de capoeira, rs, tinha fruta a vontade, tinha banho de rio a vontade... então, quando tinha que voltar pra casa... dava tristeza. É um momento da minha infância que eu recordo muito. É, quando... final de ano e são João na casa da minha avó. Muito bom. Isso eu tinha o que? De uns 9 pra 15 anos já. Não, menos. De uns 7 pra 11. Q eu lembro mais, né, que eu recordo mais. Que eu recordo quando meu pai tinha... que eu... eu sou muito parecida com meu pai. Até a cor. Só tem pai, pq eu sou morena igual a ele. É, ele deitava no chão e mandava eu tirar caspa. Parecia eu me sentia a filha querida, risada. Ele dizia: chegou minha neguinha tire umas caspas em mim. Ai eu recordo muito disso. As meninas dizem até hoje: Painho era num chamego danado com essa nega, hoje em dia eles não são mais não. É porque casa, separa. E a vida continua, sendo pai e mãe, mas o contato vai diminuindo, né. Queira ou não, mas mora longe... ele separou de minha mãe... ele mora com minha irmã. Tentou a vida com uma mulher, não deu certo. Aí voltou, mora com a minha irmã. Mas nunca mais é a mesma coisa. Que o povo fala: não separou mas continua sendo pai e mãe. Mas não é a mesma coisa de quando convive. E ele separou já era casado e tudo. Minha filha tinha já um mês de nascida. Mas não fica a mesma coisa. Quebra aquele vínculo, quebra. Então é isso, a minha infância. As poucas coisas que eu lembro, que marcaram mesmo, foram só, foram só essas que eu lembro.

(e daqui?)

Eu comecei na casa feminina, pela prefeitura, mas eu já vim do outro Antenor, do Estado, eu já trabalhei lá. Aí foi a época que eu me separei, que eu não me separei, que eu me mudei pra campina grande, aí lá trabalhei com adolescente, menor infrator. Um CEA. Aí eu passei dois anos lá. Aí foi época que teve mudança de governo e me botaram pra fora. Aí continuei em Campina Grande, arrumei outro emprego, mas o casamento andou mal das pernas. Aí acabou caindo RS. E eu vim em borá praqui. Aí foi quando eu comecei aqui no, no... pela prefeitura. Só que eu comecei na casa feminina. Ai passei quase dois anos na feminina. Aí teve um, um, umas mexidas, mandaram eu pro Antenor. E eu dizia: ah meu deus, expedito, não me mande pra lá não. Ele disse: por que Clara? Não, não quero ir não. Meu deus do céu, vou trabalhar com aqueles meninos gritando no meu ouvido o tempo todo? Rs. Ai ele disse: não, vc é uma educadora... é, a gente tem boas referencias de vc como educadora. Então vc vai dar certo em qualquer canto que vc for. Oh Jesus cristo. Ai quando eu vim, no primeiro dia, olhei assim: meu deus do céu, vou trabalhar aqui? Eu dizia, não expedito, eu não vou me adaptar. Chegava em casa cansada, exausta, primeiro pq tava tendo umas mudanças, tava faltando educador e vc era pra tudo, né. Eu chegava em casa, chegava lá e caía. Eu dizia, eu não vou agüentar não Antenor. Pelo amor de deus, não vou agüentar. Mas agüentei e hoje eu digo: eu adoro trabalhar no Antenor Navarro. É uma experiência que vc vive a sua história e vive... e vc sabe... o quanto vc tem em relação aquelas crianças. Pq assim... a gente chega aqui com uma visão: não, os bichinho foram abandonados... aí vc começa a conhecer a história de cada um, pq cada um tem uma história diferente.

E vc começa a ver que, é tão, é tão, criança é tão transparente, tão, tão, assim, tão verdadeiro, que mesmo eles sabendo da história deles, mas aquela alegria deles não acaba. em momento nenhum eles nos passam aquela tristeza. Diferente da gente quando ta com um problema, vc... eu mesmo quando tô com um problema, menina, quando chego no portão daqui as meninas já: Pronto, essa aí hoje ta pra nada. Mas eles procuram ali, viver o cada dia deles, aproveitar mesmo e... e... eles ensinam de uma forma a gente que a gente não entende. Pq eles sabem. Tem uma criança aqui que quando ele tava aqui, quando ele saiu ele foi a única criança que eu chorei quando foi embora. Pq eu me apeguei tanto a ele, com o jeitinho dele de chegar assim, mesmo quando ele tava fazendo coisa errada q ele dizia assim: tia, me desculpe. Ô tia Clara, me desculpe. Ele... aqueles gatinhos que chegam se esfregando assim em vc. Que era E. Então, no dia que ele disse assim, que separou ele dos irmãos, que ficou só 3 aqui e foram os outros pra outra casa. Ele chegou assim pra mim: Tia Clara, eu quero meus irmãos. Eu chorei tanto! Chorei tanto! Pq eu me senti indefesa em não poder ajudar. E me senti até tão fraca que eu não tinha palavras não. Eu só fazia chorar. Eu disse, não aí, depois, que eu me acalmei eu disse: Calma E., tudo vai se resolver. Vc vai voltar pra ficar com seus irmãos. E ele chorando e eu, não. A única coisa que eu fiz foi abraçar, pq eu continuava chorando pior do que ele!

(mas aposto que esse abraço foi importante)

Foi. Aí, tanto que a coordenadora assim... quando uma criança chega pra lhe contar alguma coisa, pra lhe pedir ajuda, é porque aquela criança confia em vc. E hoje nós somos aqui no Antenor Navarro pai e mãe de cada um. Mesmo eles sabendo que tem, mas é aqui o dia-a-dia deles. É aqui, aqui nós que a gente convive. É... quando ele ta sentindo uma dor é a nós que ele procura. Então a gente tem que fazer o, o máximo, que puder...lá na frente essa criança dizer: eu tive um medo e tive uma tia, um tio que me segurou a mão naquele momento. Que é tudo que eles querem, né. E outra coisa que eu vejo, tem gente que acha que chegar, dar um brinquedo, não: Eu trouxe um brinquedo pra vc. As vezes da assim: eu trouxe um brinquedo pra vc. Pra ele, naquele momento, aquele brinquedo foi bom, mas não foi tão importante quanto chega uma pessoa que chega, abraça, da atenção, pergunta, quer saber sobre aquela criança. Pq tem pessoas que chega, se interessa, a história daquela criança, como que aquela criança ta ali, tem outras não, que acha que trazer um brinquedo, trazer uma roupa, é suficiente, mas não é.

(é, isso é complicado)

É, é complicado.

(mas e lidar com tudo isso, como vcs fazem agüentar essa emoção toda?)

É aquela coisa. Pegue e não se apegue. Pq quanto mais vc se apega aquela criança mais vc sofre. Pq vc quer... não é uma só criança... não é um filho seu que vc sabe que ta ali e vc vai... tem ele. No momento a gente ta com 17 crianças, imagina aí. Vc saber que todos eles ali precisam de vc. E todos querem um pouquinho de atenção sua. E... e vc também não deixar a rédea, não soltar as rédeas. Pq de uma maneira q vc eduque, que eles lhe respeite, pra poder vc controlar a situação, e q eles não percam o amor.

(e como é que faz isso? Mágica?)

Risos.

(como vc acha que aprendeu a forma que vc faz?)

Não, assim... a forma que eu vejo, que eu mostro é, quando eles vem a mim, eu tentar resolver o que eles querem no momento, né. Ou falar com jeito pra que, mesmo que eu va dizer não, agora não depois eu vejo, ou não vou lhe dar por isso e por isso, pra poder eles não terem aquela ideia, não, tia Clara nunca faz nada. Mas também na hora de dizer: não, vc ta errado, vc vai ficar de castigo, eu vou lhe colocar agora e acabou-se. Então quando a gente coloca eles obedecem. E fica lá e depois diz: tia, eu posso sair? Eu digo: vc já pensou? O q vc fez? É certo? É não. Então, depois... vc né? Só vc botar no castigo e depois... a criança sabe pq ta ali, mas vc tem q orientar e mostrar a ela o motivo pq q ele ta ali. D., o pequeno, não sabe nem... pq q eu to sentado na cadeira? Então é complicado, não é sempre que a gente consegue fazer as duas coisas. Ter o controle e mostrar a eles que é o melhor pra eles.

(nem em casa né? Como nossos filhos)

Nem em casa. Porque o meu tem me dado uma dor de cabeça. É pq ele é muito levado. Ele não fica quieto e pra... pra eu controlar as vezes eu digo: a minha opção agora é toma, desliga tudo, televisão, DVD com controle, telefone, toma tudo, pra poder...

(mesmo em casa, que o meu tem 1a9m já é difícil faz entender que está cuidando quando diz não...)

ai eu digo ao meu assim, pq eu sou separada do pai do meu, então eu digo a ele: meu filho, J., a única pessoa que vc tem agora com vc sou eu. Pq a gente tem tios, a gente tem avó, a gente tem amigos, mas na necessidade maior é o nome mãe que a gente chama. Então o que eu to fazendo por vc aqui é pra q vc lá na frente veja que valeu a pena, pq eu podia muito bem abrir mão, não, faça o que vc quiser. E lá na frente?

(mas e aí com os meninos aqui, vc fala...)

Da mesma forma que eu cuido meus filhos eu cuido daqui. E eu ainda digo mais. Eu sempre digo a eles, ele escuta mesmo assim: Vc eu ainda tenho autoridade de chegar e bater, os outros eu não tenho. Então me obedeça. Ai... mas eles entendem, eles entendem. Eles vêem... eles... fica. Pq eu acho assim, mariana, tanto mãe, pq o nosso papel de educador aqui acaba sendo o de mãe, não somos, mas acaba sendo... é a gente tem que impor respeito, no momento que eu respeito ele ele vai me respeitar, né. Então, o papel da gente aqui não é só chegar de sete horas da manha e levar numa creche e levar numa escola... e achar de sete horas da noite vai se embora... passei o plantão acabou-se. Não. A gente também tem que se preocupar com a criança. A criança aqui dentro, se ela ta aqui sob medida de proteção, quem vai proteger ele somos nós. Não é achar que pq ta dentro de um abrigo ah... chego lá... tudo da certo. Não. É se preocupar, vc saber se realmente... pq vc conhece o choro... a gente como educador tem que conhecer como conhece nossos filhos: se aquele choro dos meninos é de dor ou se é de manha. A gente não conhece? A gente sabe, se a gente é chamado na escola, a gente sabe se realmente, nossos meninos, daqui, fez o que a professora ta dizendo ou se é só uma cisma pq é de abrigo, que já tem aquele... né? Então, quem trabalha, quem faz seu serviço por amor... e se preocupa com eles sabe de tudo isso.

(e vcs se dão apoio, assim, entre a equipe?)

Nossa equipe? (fim do lado A)

Quando eu... enquanto abrigo mesmo, nessa faixa etária, foi só nesse. Pq mesmo trabalhando em instituição, a casa feminina é adolescente. É outra história. É outra realidade. E... quando eu trabalhei pelo estado, foi no setor dos especiais. Também é outra história totalmente diferente. E com menor

infrator aí que muda. Não tem nada a ver. Os quatro locais que eu trabalhei não tem nada a ver. Mas é sempre uma coisa que, mesmo nesses quatro lugares que eu trabalhei, a gente vê que é a carência que eles tem. Mesmo adolescente, mesmo que cometeu um ato infracional, mesmo aqueles que não tem, como tinha nos, nos especiais, mas eles demonstram de alguma forma q tão sentindo sua presença, q gosta de vc, né. Então é diferente de criança. É o que eu disse, é totalmente, é totalmente mesmo. Cada realidade, de cada um, mesmo sabendo que aqueles da casa feminina foi um dia do Jesus... mesmo que aqueles menor infrator passou um dia pelo Jesus, mas hoje eles vivem outra historia.

(e como que essa carência aparece?)

Eu... tinha uma menina na casa feminina, T., eu acho que vc conheceu. Uma bem moreninha. (sim!) Ela, quando eu cheguei pra trabalhar lá, ela fazia de tudo pra me tirar do sério, pra me irritar, pra me chamar a atenção. E eu disse, meu deus do céu, como é que eu vou conviver com essa criatura aqui. Todo mundo dizia... aí, quando eu chegava ela já dizia: Vishi, chegou! Aí eu, meu deus, aí eu olhava e dizia: Bom dia T.. Bom dia. Toda troncha, né. Aí um dia eu chamei a coordenadora e disse: C., minha filha, aqui não vai dar pra mim não, por que um dia T. vai me matar e eu não vou deixar ela me matar, antes dela me matar eu mato ela. Aí C.: Clara, tu ta doida! Eu disse, é pq ela não gosta de mim. Ela fez bem assim: Gosta. Ela gosta de vc até demais. Ela quer lhe chamar a atenção. Veja de outra forma, ao invés de enfrentar... Aí passou, e um dia eu cheguei e ela: Vishi, chegou! E ela dizendo todo plantão: eu vou tirar essa educadora daqui. Eu vou tirar essa educadora daqui. Quando foi um dia eu cheguei e disse: T., posso conversar com vc? Ela fez: Falar o que, mulher? Falar, conversar com vc, posso? Diga! Ai eu disse, senta aqui. E ela, não não quero sentar não. Eu disse, eu não vou lhe matar não, senta aqui. Aí ela olhou pra minha cara e fez assim: oxe, ta dando uma de doida, é? Me diga aí o que eu fiz pra vc que vc não gosta de mim? Eu não to dizendo que eu não gosto da senhora. Pois olhe. Vc não tem obrigação de gostar de mim nem eu de vc. A gente só tem que se respeitar. Agora, a partir do momento que vc me respeita eu lhe respeito. Vai ser tudo certo. Nem eu vou mexer com vc, nem vc comigo. Aí ela fez: Mas a senhora ta se achando! Eu disse: Não, eu vim trabalhar aqui. Agora eu sou educadora e vc é acolhida. Aí ela olhou assim pra mim: E tem outra coisa. Vc não tem o poder de me tirar daqui não. Sabe pq se eu sair daqui eu vou arrumar em outro lugar e vai vim outras que vc pode tratar da mesma forma. Vamos resolver isso que é melhor, vamos ser amigas. Não é melhor amiga do que inimiga? Aí ela olhou pra minha cara: Oxe, essa tia é cheia de viagem! E aí? Não sei não. E saiu. Mulher, foi um santo remédio. Aí ela foi, tudo, e um dia disse: tia Clara tenho uma coisa pra lhe contar. Tia Clara... aí que eu disse, ta vendo Clara, ela queria se chegar a vc e não sabia como. Vc tem sangue quente e ela também, então ela tava querendo chamar sua atenção. Eu disse: ela levou sorte que eu não dei umas tapas nela! Rs. Aí até hoje ainda tenho contato com ela, ela saiu de lá, engravidou, e ela sempre dizia: eu gosto demais de Clara. Eu disse, ta vendo? É uma forma que eles tem de chamar atenção, pra ver se vc realmente se preocupa com eles.

(saber isso faz muita diferença, não faz? Já pensou se vc continuasse batendo de frente?)

Ah, minha filha, não rola não. Não rola. Bater de frente não rola. Teve outra lá, que eu não sei se vc conheceu, G., que era de Recife. G. Ah, meu deus, aquela menina... eu até hoje sinto saudade dela. Pq ela dizia até que eu era madrinha dela. Dizia: a senhora vai me batizar. Eu digo, pronto, agora ... Porque ela chegou lá e amedrontada, longe da família, e tudo que ela chorava, eu sabia, quando eu chegava no portão eu já sabia, que ela tava lá sentada, fumando trepa... balançando as pernas, já ta com problema, já sei. Aí ela conversava comigo, contava, se abria, aí eu disse, é na gente que eles se espelham ali dentro, e é na gente que eles confiam. Se a gente não, não, abrir, se abrir, conversar, entender eles, eles vão fazer de tudo pra derrubar a casa pra ver se vc se importa. A verdade é essa. Dentro desses abrigos é assim.

(vc acha que os outros educadores entendem assim também, os outros educadores...)

Nem sempre. Nem sempre né. Tem uns que dizem: não, aquele é um... não tem o que fazer... é porque é rebelde, é isso e aquilo outro. Mas cada ação... cada ação tem uma reação, né.

(e aqui vc acha que isso é muito diferente, Clara, aqui no Antenor?)

Não, não é. É a mesma coisa. Com menos, com menos frequência, pq a gente recebe criança muito pequena, que ainda nem entende pq que estão aqui. Mas a partir do momento, mas também já tivemos maiores, e q eles fazem dessa forma. Pra gente poder entender isso, pra gente poder mostrar que estamos preocupados.

(vc tinha falado que a carência é uma coisa que vc observou em todos os lugares que trabalhou. Acho que na casa feminina ela aparece desse jeito agressivo. E aqui?)

Aqui... não é com agressividade. Eles, eles, ficam mais quietos, mais retraídos, mais num canto, nos cantos. G. mesmo, quando chegou aqui, ela mal falava, ela. Ela ficava, era quieta, pelos cantos, e... não tinha muito contato. Aí a gente achando que era por conta de uma deficiência e então... mas só que não é. Hoje ela é outra G. Hoje ela já conversa, ela já chega pra vc, ela já lhe pergunta, ela já lhe pede, ela... tia eu fiz cocô. Ela tinha medo de dizer... pq porque ela já vem de um trauma, né. Então, ela vem de um trauma, aí ela chega aqui, já traumatizada com aquilo, e encontra uma pessoa que vai cuidar de vc, encontra a mesma, a mesma coisa que deixou pra traz... então, ela tem medo de se chegar. Então, enquanto criança eles se mostram não tão rebeldes, mas eles se mostram mais quietos, mais calados.

(e por conta disso vc acha que é mais fácil falar desse amor? Todo mundo fala que precisa ter muito amor, aqui. Mas eu me pergunto, mas tem momentos de raiva.)

Tem. Tem momentos de raiva.

- alguém vem pedir a chave

É, assim, em relação à gente, educadores?

(é de vcs ficarem com raiva.)

Tem. Não. Tem momentos que a gente fica com raiva mesmo deles, que dá vontade de pegar e dar umas palmadas mesmo e dizer, não é desse jeito e acabou-se. Pq eles querem contrariar, NE. Sempre, criança. Sempre quer contrariar. Então, se vc não mostrar naquele momento ali, que é daquela forma que funciona, vai ter outros momentos que vai continuar, vai ser sempre freqüente. Então tem esses momentos de raiva, que a gente ta com raiva, q vc ta fazendo errado, pega e bota ali de castigo por uns minutos... pq eu não sei se é a forma legal, porque até então, eu como educadora, até hoje eu não sei... eu não sei, eu não vou mentir pra vc, eu não sei qual o papel de educador por escrito. Eu sei no convívio, na experiência do dia-a-dia. A maneira que eu ajo. Que é diferente de outras pessoas. Que ninguém é igual. Mas não tem um papel pra dizer o educador tem que ser assim e assim e assim. Até porque eu tava conversando com uma menina que disse que agora educador social é uma profissão legal. Que passou ai... eu acho que ela viu na internet. Eu ia até pesquisar e acabei... no meu... um monte de coisa no meu juízo... mas ela disse que é uma profissão legal, tanto educador social, quanto.. como cuidador de idoso. Agora eu não sei, onde ela viu nem como ela viu. E o que que quer dizer isso, pq a gente ouve dizer: sou porteiro. A gente sabe qual é a profissão de porteiro. Sou professora, vc sabe o que que a professora tem que fazer. Pq vc age de acordo com o publico que vc trabalha. Eu preciso saber também...

(Falo das orientações técnicas pra serviços de acolhimento. Já viu? Pede a Ariadne. Mas não tem assim como mãe não tem.)

O dia-a-dia assim, né? É, assim como tem também, que eu acho super importante e a gente desconhece, até como educador social, eu tenho, mas eu vou admitir, eu nunca abri pra ler, é o Estatuto. A gente não sabe, assim, uma lei... eu sei que tá escrito lá no estatuto que vc não pode infringir da criança. Então, eu me perco aí... e digo: eu tenho o estatuto que eu fiz uma capacitação e recebi,

(mas na capacitação falaram sobre o estatuto?)

Não. Rs. Só deram pra poder a gente saber. Agora, eu digo, mas as vezes eu digo, vou ler algumas coisas, pra eu ter pelo menos noção...

(mas é muito chato, né de ler)

É demais! Oxente, pq então vc chega, olhe: tá escrito lá no estatuto que a criança isso, isso, eles tem direitos e deveres, tal, tal, tal... vc chegou, falou, beleza. Eu entendi. Mas vc pegar aquele livrinho pra ler... não tem, quem agüente.

(falo do portal promenino)

Oh, as vezes, agora não, né porque é criança, a gente não... é medida protetiva, a gente não corre risco, até corre né... mas quando eu trabalhava com as adolescentes, eu sempre quando ia pra algum medico, eu sempre tinha que identificar, tinha que dizer oh, essa criança, essa adolescente não pode ficar muito tempo aqui porque ela está sob proteção, não sei o que... tinha umas que entendia, mas tinha outras que dizia, não mas tem que esperar... não, tá bom. Ela tem q esperar. Teve uma que era R., lá do Alto do Mateus, não sei se tu recorda, foi do seu tempo, ela dizia assim... teve uma vez que ela tava já irada lá na, no, na Candida Vargas, que ela foi fazer um citológico, ela rasgou lá disse: é se chegarem, se os cabras chegarem aqui meter bala aqui vcs vão me atender! Menino. Todo mundo olhou assim, eu disse: R., pela amor de deus. É tia, pq elas não sabem que tem que atender logo, não sei o que! Daí a mulher, não, não, calma. Peraí vc já vai ser atendida. Eu disse, tá vendo? Funcionou R., pelo menos isso! Pq a coordenadora dizia, sempre diga pra não passar tanto tempo exposta. Como eram meninas ameaçadas, a gente não podia se expor tanto. Ela ficou com medo, ela tinha medo. Teve um tempo que ela não saia da unidade de jeito nenhum. Que ela: ah, os cabras tudo atrás de mim, me bulindo. São orientações que eu não sei de onde vai vir, mas que a gente deveria ter. Eu acho que a gente deveria ter. Não sei de onde vai vim. As vezes diz, tem uma capacitação, aí a gente vai. Mas o que eles dizem na capacitação não tem nada a ver com o dia-a-dia da gente. Nada. Sabe o que é nada. Assim, como é... como se relacionar no, no ambiente de trabalho, direitos humanos, essas coisas assim, mas que na prática mesmo... vc pouco salva as coisas ali, que vc vai catando e utiliza.

(e como é que eles ensinam a se relacionar no ambiente de trabalho?)

Não misturar as coisas. É o seu sentimento, seu emocional não pode ser abalado dentro do ambiente... assim, vc abalado, não pode passar pros colegas de trabalho, nem pras crianças... é assim, vc tem um problema pessoal, vc chega no portão, deixa lá fora, não pode trazer pra dentro do trabalho. Então, são essas coisas assim... agora, a nossa sorte é que, querendo ou não, a gente tem uma coordenação excelente, né. Excelente pq ela é super, não é puxando o saco, que eu não gosto muito disso, mas ela é super compreensiva, a gente tá com um problema ela chega e diz não, fica em casa, ou então, vá pra casa.

(C. era assim também, não era?)

Também. Que quando eu entrei lá disseram, não, C. não entende nada. Mas na semana que eu entrei, eu tive o maior problema com o pai do meu filho e ela me chamou e disse: Não, Clara, vai resolver no outro plantão e depois vc vem. Aí eu fiquei... todo mundo ficou besta. Ai eu digo, não, mas eu cheguei pra ela e contei, não adiantava ficar aqui pq eu não ia ficar, q eu não resolver nada aqui. Ai então, a nossa coordenação também conta. Conta muito. Coordenação de uma unidade dessa conta, conta muito. A equipe também conta. Pq vc é psicóloga, mas vc não é psicóloga pra vc. Eu converso uma coisa com uma pessoa, vc chega pra mim, eu dou o maior apoio e aconselho, falo tudo certinho. Agora quando é comigo nada funciona. Parece que aquilo ali que eu tenho que entender, que é daquela forma, não entra, não bate... então é complicado, e quando a gente tem uma coordenação que nos ajuda dessa forma, eu acho que também o trabalho flui. Os meninos entendem. A. mesmo, essa semana eu cheguei e eu tava super abatida, e ela disse: o tia, agora vc e tia Rita só vive triste. Olhei pra cara dela e falei: Mas oh, mulher, é problema de adulto, tu não entende, adulto tem dessas coisas. Ela fez: Pronto, deixa pra lá. Queria eu deixar pra lá! Ai a gente se anima naquele momento: meu deus, quanta inocência. E o problema dela também é tão grande, mas ela é tão inocente...

(será que ela consegue deixar pra lá?)

Deixar pra lá? Porque eu vejo nela, A., que todas as crianças, querendo ou não, aqui tem um pai que vem buscar. Tem uma mãe que vem buscar, uma tia. E ela não. Ela não tem. Ela tem uma mãe que é proibida a visita, tem um pai que é falecido, então como que funciona isso na cabeça dela? E ela ter q viver cada dia esperando uma decisão que vai ser tomada futuramente e ninguém sabe qual.

(e vcs conversam com eles disso, dessas coisas da vida deles?)

É aquela história, tem cada educador que eles confiam mais. Eles procuram. Hoje ela disse assim: o tia, Ad. pediu ao papai Noel uma família. A gente fica assim, né. Eu já to sentimental nesses dias e aí as lagrimas já vem automático. Eu digo, meus deus do céu, enquanto ela quer só uma família, tem tantos que tem e não da valor. E dentro dessas instituições a gente também tem que estar preparado psicologicamente pra poder enfrentar o dia-a-dia.

(é, então. Essa é uma das minhas questões: como é que se prepara?)

Como é que se prepara? Me diga vc? Não tem... não tem... não sei se tem... o profissional lidar com aquela situação ali... sem se magoar... sem deixar transparecer o que ele realmente está sentindo. Sem interferir. Ne, muitas perguntas que vem. E sem falar que a gente trabalha aqui e de repente chega uma mãe e olha pra sua cara e diz: vc não ta cuidando bem do meu filho. Ai eu olho assim: e vc também não cuidou, pq se vc tivesse cuidado ele não estaria aqui dentro. Ai depois eu me pergunto, será que eu respondi certo? A quem que eu vou perguntar? Quem vai me dar a resposta? Rs. Daí eu pergunto a coordenadora e ela diz, não, é isso mesmo, tem que botar ela no lugar dela. Aí eu digo, graças a deus, deu certo. É.

(E ela falou alguma coisa? A mãe?)

Foi a mãe de J., An.. Não foi exatamente comigo, foi com Ronalda. (chegam pra falar com ela novamente) Eu vejo nas instituições que a partir do momento que chega uma criança, ou um adolescente, vc saber o motivo real pq q aquela criança está ali, não ser um sigilo. O relatório sobre aquela criança... de onde vem, porque veio. Pq é o educador que vai conviver com ele no dia-a-dia. É o educador que vai participar mais da vida dele. Então se chega uma criança e eu não sei pq que veio,

qual foi o... o que foi o motivo pelo qual ele veio... o q fez com que aquela criança esteja se comportando daquela forma naquele momento, se eu não sei nada da criança. Pq eu vou deduzir... a ele fez isso porque ele tem trauma daquilo. Ele fez isso... aquela criança não dorme bem a noite, se eu não sei, aquela criança toma um remédio... o pq daquela criança, qual foi o motivo que levou aquela criança a tomar aquela medicação. Se eu não sei, como eu vou responder. Até então, o educador teria que ter acesso, não exatamente tudo, mas pelo menos uma parte que se referisse a própria criança.

(e isso, vcs não tem?)

Aqui... um pouco. Um pouco, assim, quando a psicóloga e a coordenadora, ela repassa pra nós algum motivo que aquela criança veio e como aquela criança... como chegou R. agora a pouco: não, tenha cuidado pq R. sofreu maus tratos, R. tem um distúrbio. Então, coisas q a gente da pra ir entendendo pq ela faz daquela forma. Mas muitas instituições não sabem. Sabe o nome da criança, o primeiro nome, e acabou-se. Como que o educador vai trabalhar. Vai no tato, né. No dia-a-dia vai descobrindo. Então, eu acho importante.

(E aí, quando vai no tato descobrindo, pensa em que?)

Primeiro pra dar certo tem um monte de problemas. Pq, vai na, na... como vamos dizer... vai na... na... naquela expectativa de descobrir alguma coisa e nem sempre dá certo, a criança não conta, a criança não se abre, a criança não sabe. Já vem traumatizada. Então, vai ser o dia-a-dia mesmo que vai mostrando. eu me refiro muito assim. (mais uma interrupção) Seria interessante que a gente tivesse mais informações sobre a criança que chega na instituição.

Meu relato sobre o dia

R. toma aldol, uma menininha. E ela tá lá, sendo olhada como menininha problema. Que é a que vai ao caps, que é agressiva, que é erotizada. A menina é olhada de um jeito esquisito e a família culpabilizada. São pessoas boas que querem ajudar, mas há tanto a ser construído no dia-a-dia sobre a sua forma de olhar praquilo tudo, de encarar as situações... mesmo ela dizendo que a coordenação é muito boa, e eu acredito, mas pra quem tá de fora tem coisas fundamentais que acabam não sendo cuidadas, tem pouco espaço. As crianças escolhem com quem falar? E se elas não acharem com quem falar? E quando encontram a pessoa chora e abraça, mas como continuar a escuta, como entender o pq do choro? Algo que ajudaria a criança, o educador e a equipe toda.

Relato Carlos

Marcar, eu acho que não marca só a mim, marca todo mundo que chega aqui, né. As crianças e principalmente essa questão da nossa justiça. Teve o de, o de Babi, que jogavam com a menina de um lado pra outro, demorou muito pra menina ser adotada... eu acho que isso mexe com a criança. Essa questão, marca muito.

(de como lidam com a situação da criança, é isso?)

Aham. Foi a mãe dela, biológica, vinha conhecer ela, só q a adotiva já levava ela pra casa já. Levava pra passear. E ela já estava prestes a ser adotada. Ai, teve uma audiência e a mãe que rejeitou a criança disse que queria a criança novamente e aí o juiz voltou atrás tudo de novo e eu queria saber como é

que fica a cabeça da criança. Ela, ela... tinha vezes que eu chegava aqui e ela tava triste... chorando... eu tinha pena... essa questão. Acho que o que marca mais é isso.

(e vc consegue conversar com eles, conversava com Babi sobre isso?)

Bem pouco. Bem pouco. Pq quando eu entrei aqui o coordenador geral falou assim, a gente tem que se apegar bem pouco. Pq a gente não é funcionário do Antenor Navarro. E sim da alta complexidade, então a gente pode ser realocado pra qualquer casa e ver fatos totalmente diferentes. Entende? A cada plantão, né. Ai por isso que eu na me apegava.

(e aí por não poder se apegar é melhor não conversar?)

Não, não é questão conversar. Conversar a gente conversa, o básico da casa... mas entrar nessa parte de adoção a gente não tem muito essa intimidade. Principalmente eu não tenho. Com nenhuma das crianças. Eu tenho mais aquilo de ser o tio mandão. Aqui, fazer aquilo, tem que... pq eu entendo que eles tem que ter um pouco de disciplina também na casa. A gente tem horas que também dá carinho, dá um abraço, dá um cheiro, mas a gente tem que ter disciplina. Principalmente eu, né. O coordenador geral disse: Não, vc tem que ser o da moral. Vc é esse que tem que controlar a casa. Aí beleza, vou controlar. E eu controlo. Eles gostam de mim... eles não me vêem como chato. As vezes eu pergunto, eles não me acham chato. Eles gostam de mim e sabem que eu sou o educador que gosto de tudo perfeito. Quando eu falo tem que atender...

(mas criança também gosta de limite. Parece que não..)

É verdade. Pior que é verdade. Eles gostam de limite. Até tem crianças... até... A. por exemplo, A. é doida por mim. Eu já dei chamadas grandes nela, mas ela morre de amor por mim. Mas aí a gente não pode se apegar, pq pronto. Ela já tá próximo de ser adotada. Ela me disse que quer ser adotada. Ai termina indo embora, adotada e aí... a gente... fica... principalmente eu que sou doido pra ser pai. Ai eu não sou pai... ainda não sou. Sou doido por menina.

(aí tem vontade de ser pai de todas aqui)

Eu falei isso uma vez e o coordenador geral ficou doido comigo. Não não pode. Eles não são seus filhos. Vc não pode confundir trabalho com sua vida particular, pessoalmente, dentro da casa.

(mas como é que faz pra separar? Falei de estar sentindo a saída de um bebê)

Rs. É triste né? Já estou acostumado. Depois de um ano e meio aqui, acho que já me acostumei de entrar e sair criança, entrar e sair criança... vc não se apega tanto mais... no começo eu ficava bem triste, ficava pra baixo... mas depois a gente acaba acostumando. Com o passar do tempo. Eu chego lá no berçário dou cheiro em tudinho. Pensa que não, vai embora. Termina se acostumando. É...

(quer saber o que mais falar. Pergunto sobre relação com as crianças – proximidade ou distanciamento)

Não, não. Até por nós... por estar aqui dentro da casa, tem que... a gente é próximo de todo mundo, né. A não ser A., A. é que... ela é a mais próxima de mim. Ela que gosta mais de mim.

(e vc também?)

É. Gosto dela que só. Rs. Eu gosto dela.

(e pq ela resolveu ser adotada?)

- Nunca conversou com ela sobre isso... as vezes pegava ela chorando e falava que a mãe não quer saber dela e que ela vai encontrar uma família melhor pra ela. E diz que já faz um tempo que não a vê chorando.

- Cassiano chegou na casa quando alguns dos 7 já haviam saído. Conta que é da GADI e entrou ali por conta disso. Agora está nos dois.

Educador que gosta de tudo perfeito vem da mãe, “minha mãe ficava muito no meu pé”. Mãe queria que fossem alguém na vida, mas pai não tinha condições. Eram preso dentro de casa, na calçada era com ela olhando. Só veio pegar ônibus e conhecer JP com 18 anos, pra servir exercito. Em casa, assistia. Brincava de carrinho.

Mainha era muito rígida, mas eu agradeço a ela. Uma vez foi reprovado e levou corça na porta da escola. Ficou com tanta vergonha que nunca mais foi reprovado. Pai trabalhava muito e mãe ficava em casa. Brigava muito com irmã, e briga até hoje. Ainda moram todos juntos. Quer fazer enfermagem. Mas daí tem que largar algum trabalho.

Fala da irmã. E que ela é mais tranqüila. Que sua rigidez veio da mãe.

Comento da diferença de cada um e como a educação não garante como cada um vai aprender.

Brinca com bebês mas não guarda o nome. Nas meninas da cheiro, meninos brinca de virar de ponta cabeça.

Fala do “contrato” de trabalho. Vai sacrificar este trabalho, pq o outro ganha mais e tem carteira assinada. Mas gosta dali, por isso vai arrastando.

Conta de como chegou como segurança e foi se aproximando das crianças. Sempre gostou de criança. Conta que dava aula de jiu-jitsu em comunidade pobre, mas não pensa em fazer isso no abrigo. Não dá tempo e não tem material – tatame, quimono... mas faz umas reuniões as vezes pra falar sobre respeito e regras de convivência. Falo de Glauco e ele fala de Roberto, que está começando mas ta aprendendo a trabalhar com criança.

Quer faculdade para trabalhar menos e ganhar o mesmo ou mais. Trabalhar e família até aposentar. Depois viajar, conhecer EUA, Las Vegas.

Meu relato

A cozinheira falou que chorou com saída de bebê e todos dizem que ficaram bem tristes.

Depois de desligar gravador, Carlos, conta de menino que tava dando muito problema na escola e lembrou da pisa que recebeu da mãe na escola e resolveu ir até a escola pois achou que isso seria importante para o menino, mas que nenhum educador faz isso. E ele era da Gadi ainda! Disse que sua motivação ali é daqui um tempo encontrar esses meninos na rua e que eles falem de como foi importante pra eles o educador Carlos. Elogiei e disse que ele precisa passar isso pra quem for ficar no lugar dele. Perguntei se elogiam seu trabalho e ele disse que bem pouco.

Vou ter que ir em outros horários para ver dinâmica, mas neste horário é muito quieto, crianças nos quartos... bebês sorridentes. Frida foi a única que eu vi se comunicando com criança triste por conta do irmão ter ido embora enquanto ele dormia. As cozinheiras dizendo pra mim que ele volta outro dia, Carlos não quis dar muito olhar pra essa chateação (como pai rigoroso? Que não considera sensibilidade).

Conto a Carlos que teve vez que eu fiquei segurando Ad. que estava muito agitado e querendo quebrar tudo e se batendo. Ele conta que isso aconteceu com ele também, mas diz que segurou para Ad. não quebrar nada da casa. Não falou dele não se machucar.

Conversei com Frida e no meu retorno à casa ela me cumprimenta de um jeito muito efusivo, bem diferente de como ela se descreve e como a conheci.

Relato Maria

Já é o terceiro abrigo que ela trabalha.

Bom, quando eu, eu... eu sempre, eu trabalhei 13 anos no jornal 9. E La no jornal o meu serviço era mais burocrático. Meu serviço era mais burocrático. Lá eu, eu era encarregada do departamento comercial, daquela parte que entra toda matéria paga. Tudo era comigo. Então quando eu saí do jornal, aí eu passei um tempo em casa, sem trabalhar. Mas sempre com aquela esperança de um dia voltar a trabalhar, pq geralmente quem é acostumado a trabalhar que fica sem... é, existe assim muito desgaste, é desgaste mental, é, é... todo tipo de desgaste existe, porque vc vivia naquela correria e de repente vc para. Mas eu sempre orava ao senhor pra ele abrir uma porta de trabalho pra mim. E depois de quase 18 anos sem trabalhar, aí surgiu essa porta na prefeitura. Mas... eu não imaginava, que esta porta seria aqui no abrigo, né? Nesse tipo de abrigo. Entendeu? Por que? Porque na minha cabeça isso aqui não existia. Eu não achava que existia esse tipo de abrigo. Entendeu? Então, quando eu fui chamada pra fazer entrevista, aí a psicóloga falou, né, que era um trabalho em casa de abrigo, com criança, e... que essas crianças precisavam muito de mim. Que elas precisavam muito da gente, né. Das pessoas. E eu ia ser educadora dessas crianças. Até então eu, eu via aquilo como uma sala de aula. Quando ela falou educador eu via aquilo como uma sala de aula. É, aí eu vi como uma sala de aula. Não imaginaria que era dessa forma. Então eu fui encaminhada pro abrigo Butantã. Esse é o nome do abrigo: Butantã. Pronto, aí quando eu cheguei La, meu primeiro dia foi, assim, horrível. Foi horrível. Pq eu cheguei La e me deparei com uma coisa que eu não era acostumada a ver. Então eu fiquei lá e cada plantão que passava, eu queria desistir. Eu não queria continuar ali. Pq eu dizia assim: meu deus, como é que isso aqui existe. Será que eu to vivendo uma realidade ou eu to sonhando? Pq o sofrimento é uma coisa que toca muito a gente, principalmente quem tem sensibilidade. Quem tem sensibilidade sente muito. Aí eu dizia assim, eu não vou voltar pra ali mais, pq é muito sofrimento aquelas crianças como é que pode existir isso. Mas, cada vez que eu falava dessa forma, cada vez que eu falava dessa forma, deus sempre tinha uma resposta pra mim. E cada vez que eu dizia assim, meu esposo chegava pra me pegar, e muitas vezes ele me encontrava chorando. Pq era muito sofrimento que eu via e que eu não podia fazer nada, a não ser orar por aquelas crianças e dar um pouco de amor, que era o que elas precisavam. Né?

(e dava pra dar amor?)

É, mas assim... é um amor que a gente dá, que as vezes a gente não sabe nem da onde vem, esse amor. Exatamente por causa da vida e da história de cada um.

(e que tipo de coisa vc chama de dar amor?)

Assim, quando, quando eu cheguei, eu disse, meu deus, como é que eu vou trabalhar com essas crianças? Como é que eu vou fazer pra lidar com essas crianças. Porque tinha isso também, como é que eu vou lidar com essas crianças? E deus começou a me orientar como lidar com elas. Ai eu comecei de uma forma educadora mesmo, eu entrava no quarto das meninas e começava a conversar com elas. E eu começava a contar pra elas a minha historia. A minha historia desde quando eu era adolescente. Eu começava a contar pra elas. Até hoje. Ai quando eu chegava no hoje, aí eu não contava mais a minha história, eu começava a contar a história dos meus filhos. Ai eu começava a dizer pra elas que eu tinha um casal de filhos, que me filha tinha na época, né, tinha 18 anos e a vida da minha filha, e começava a relatar como era o comportamento da minha filha e como ela agiria como uma jovem. Aí eu comecei, ai eu comecei, deus começou a me dar esta estratégia pra dizer isso pra elas. Que elas eram meninas muito inteligentes, umas meninas bonitas, pq realmente as meninas daquele abrigo eram bonitas, eram meninas bonitas, e eu dizia pra elas que elas tinham tudo pra ser feliz amanhã e não precisar estar dentro de um abrigo. Ai eu comecei a dizer a elas que elas tinham todas as oportunidades, elas tinham ali naquele lugar, e elas precisavam abraçar aquelas oportunidades pra que elas no futuro elas tivessem um casamento feliz, que elas construíssem uma família, que até então elas não tinham uma família. Né. Uma família assim, entre aspas, Né. Elas não tinham o convívio da família. E elas tinham toda oportunidade do mundo de construir uma família. E uma família feliz. Dentro dos padroes que realmente elas... tavam... ali... vivendo. Pq elas tinham curso, elas tinham aula de inglês, elas tinham aulas de computação, elas estudavam, elas tinham passeio, elas tinham presente, a, a, a, o carro ia levar, ia buscar, e eu dizia pra elas que tinha alguns privilégios que elas tinham que meus filhos não tinham. Né. Então elas deviam agarrar isso com muita força pra que elas tivessem um futuro melhor. E os dias foram passando... e... eu não vou dizer pra vc que sempre foi um mar de rosas não, eu sofri muito ali no Antenor... no lar Butantã. Pq eu via aquelas adolescentes que... indo pra um caminho que muitas vezes nem volta tem. Mas eu sempre pedia ao senhor que orientasse elas. Pq elas não tinham uma mãe pra orientar, elas não tinham um pai pra orientar. Então nós estávamos fazendo esse papel. Era de nós que elas esperavam esse aconchego. Esse relacionamento. Ai eu passei dois anos lá. Um ano e meio mais ou menos La. Ai foi quando houve uma troca. Que o coordenadora geral entrou como coordenador geral, então ele fez essa... esse circuito, esse ciclo, pra os educadores irem pra outras casas e irem trocando. E ele foi e me encaminhou pra outro abrigo. Então foi outro desafio também. Então assim, este outro não me surpreendeu tanto, pq eu já tava vindo do lar Butantã e já tava vindo de uma experiência. So q neste outro as coisas eram mais leves. Assim, os meninos podiam sair e voltava. Então assim, não tinham tantas crianças como tinha no lar Butantã. Lar Butantã eram quase 25 crianças. No outro eram 8 crianças ou 9. Casa menor. Então foi uma experiência boa também. Né, pq eu pude pegar um pouco da minha experiência e passar pra eles também. Ai ouve outro remanejamento, Né. O coordenador geral fez outro remanejamento. Ai me tirou de lá e me trouxe praqui, pro Antenor Navarro.

(e pq que ele fez, vc sabe?)

Não. Segundo ele é pra os educadores como as crianças, não ficarem muito acostumado com a casa. Pq assim realmente tem funcionários que se apegam tanto a casa que não quer sair da casa. Não quer sair. E as vezes tem coisa que não ta funcionando. Ai pra ele fazer esta, esta, pra ele perceber isso aí, aí ele tem que fazer essa mudança. Que eu concordo plenamente com ele. Esse rodízio, é muito bom, pq daí vc conhece outras unidades. Ai foi quando ele me trouxe pro Antenor Navarro, que até então eu não queria nem vim. Pq eu tava acostumada, já tinha me habituado ao outro e lá na morada eu não fazia só aquela parte de educadora mesmo. Tanto no lar Butantã, quanto no outro. Eu fazia muito assim, eu ia muito em colégio pra reunião dos meninos, eu ia, quem levava pra o médico era eu,

levava aqueles que tinham problemas de tomar remédio controlado, essas coisas quem controlava era eu... ai, ate então eu nem gostei quando ele, ele me transferiu praqui, mas depois eu vim perceber que tudo acontece, não é pq a gente quer que aconteça, tudo acontece com a permissão de deus e... pra gente ter uma outra experiência. Ai foi quando eu vim praqui e eu falei pra ele: Coordenador eu to indo contra minha vontade. Ai ele disse pra mim: Olhe Maria, vc vai gostar desse... do Antenor Navarro. E outra coisa, o Antenor Navarro é o seu perfil. É o seu perfil, Antenor Navarro.

(pq?)

Eu acho q até por conta das experiências que já tinha tido nas outras casas. Eu passei por uma casa q só tinha criança de 10, 11, 12, 13, 14, 15 anos. Ai fui pra uma outra casa que também tinha essa mesma idade. E aqui era o berçário. Ai ele disse que , que, achava que eu ia ser muito útil aqui. Ai eu disse, tudo bem, eu vou, não tem problema. Ai vim, ai quando cheguei aqui me apaixonei pelo Antenor Navarro. Né. Assim, por conta do berçário, dos bebes.

(vc fica sempre no berçário)

É sempre no berçário. A gente faz tudo aqui. Mas, assim, quando eu vim praqui eu vim pra ficar no berçário. Mas como é uma casa aqui que, que, tem muito movimento, e muita coisa, a gente não vai ficar privada, só no berçário. Ai eu cheguei aqui e me apaixonei pelos bebes... é uma nova experiência também pra mim e não deixa de ser assim, não deixa de ser assim, muito gratificante. Se é uma coisa que durante a minha vida é, eu trabalhei 13 anos no jornal, mas aqui a gratificação é bem maior. Pq eu to dando um pouquinho pra alguém que não tem quase nada. Eu to dando um pouquinho de amor, um pouquinho de atenção. A crianças que não tem quase nada. Então isso, pra mim, é muito gratificante. Muito. Então, assim, é isso. To aqui no Antenor Navarro, eu não sei até quando...

(faz quanto tempo que vc já está aqui?)

No Antenor Navarro? Um ano e poucos meses.

(se o remanejamento é freqüente é capaz que daqui a pouco te tirem daqui.)

É. Eu não sei, né. Assim, eu pretendo não sair daqui. Mas eu to deixando na mão do senhor, pq... existem 2 casas, 3 casas que eu ainda não passei: que é a casa adulta, a casa masculina, a feminina. Então, são casas que eu não gostaria de passar. Pq aí já são adultos, né. Já são adultos. Eu não gostaria de passar, eu não gostaria de ir. Mas, eu não sei o que deus tem pra mim. Pq eu sempre disse assim, que não é o homem que tem nada pra mim. Eu digo que quem tem pra mim é o senhor. É deus que tem pra mim.

(e isso vc aprendeu desde criança?)

Isso eu aprendi na minha adolescência. Que eu tive, assim, eu tive uma, uma infância feliz.

(é, eu ia perguntar pq que vc começava a contar pras meninas a sua história a partir da adolescência?)

Era a idade delas, né. Era a idade delas. Então eu sempre dizia pra elas que a minha adolescência foi uma adolescência feliz, pq eu tinha um lar. Eu tinha um lar. Diferente delas que não tinham um lar. Assim um lar materno, um lar família. Mas que elas estavam tendo oportunidade de ter um, de ter um lar... mas elas tavam tendo oportunidade de ter um lar, de ter pessoas que tavam ali... que eu dizia a elas: Olhe, a gente deixa a nossa casa, os nossos filhos, o marido pra estar aqui. E não é por causa de um salário, não. O salário é bom, é. Pq quem não vive de salário, né? Todo mundo precisa. Todo

mundo precisa, mas se a gente for olhar mesmo, assim, se a gente for comparar nosso salário pelo que a gente faz, né. O salário fica quase nada. Então, nós estamos aqui mais, também, por amor a elas, do que pelo salário. Entendeu? Pq a gente vê a necessidade que eles tem. Então, assim, eu, eu tive uma infância feliz. Graças a deus tive uma infância feliz. Graças a deus. Tive uma adolescência feliz também. Fui muito amada, muito amada. A família inteira. Que eu sou a caçula, de doze, eu sou a caçula das mulheres. Então, assim, eu fui muito amada por todos. Eu cresci aqui mesmo. Eu cresci... então eu cresci sendo muito amada. Então é mais do que justo eu dar um pouquinho de amor a essas crianças.

(com certeza é uma riqueza que a gente pode... multiplicar)

Com certeza. A gente pode fazer, é como se fosse assim, um leque, né? Vc vai vendo o que vc passou, o que vc foi, e vc vai mostrando a elas. E as meninas do lar Butantã, elas gostavam muito quando eu dava o exemplo pra elas, o meu exemplo. Elas diziam assim, mas tia Maria, a senhora era desse jeito? Eu dizia, eu era desse jeito. Aí elas diziam assim: e a senhora namorou muito? Elas perguntavam pra mim, que isso é uma curiosidade e, e delas, que, que elas tem essa curiosidade. A senhora namorou muito, tia Maria? Aí eu dizia pra elas: eu namorei muito pouco. Muito pouco, pq eu tinha medo. Eu tinha medo de, de, de, de ser magoada, eu tinha medo que os rapazes me fizessem mal... eu tinha medo, pois isso que eu namorei pouco. E não me arrependo de jeito nenhum. Eu dizia pra elas: não me arrependo. Pq hoje eu entendo que tudo que eu vivi na minha adolescência, no meu tempo de jovem, é... eu não me arrependo de nada, nada. Então, assim, elas hoje mesmo quando eu encontro com elas, elas fazem a maior festa. Me abraça, me beija, tia Maria to com saudade, aquela coisa. Algumas delas, já saíram do lar Butantã, já estão, 3, 4 delas, 3 delas já tem filhos...

(vc mantem contato?)

É. De vez em quando a gente mantem contato. Então, assim, é muito bom. É muito bom isso, pq a gente conhec... eu conheci o outro lado, um lado que pra mim não existia. Eu, pra mim, isso aqui só existia em novela. Aonde que passava pela minha cabeça que uma mãe abandonaria um filho? Aonde passava pela minha cabeça que uma mãe maltratava um filho? Né? Hoje, hoje a gente já vê muito isso em televisão, não é. Pq as pessoas filmam, os recursos hoje são maiores, né? Pq eles filmam. Já tem aquelas mães que a situação financeira é melhor e elas botam aquelas filmadoras em casa pra ver como que a baba funciona, pra ver... tudo isso. Então, hoje, é muito mais fácil vc saber que existe do que na minha época de jovem. Pra mim não existia isso.

(e se vc não se incomodar em falar um pouco sobre sua infância... vc brincava ou teve que trabalhar cedo?)

Não, não... tive uma infância muito, uma infância feliz. Pq minhas irmãs, duas delas, moravam no Rio. Então, os melhores brinquedos, quem tinha, na rua, quem tinha era eu. Elas traziam. Eu lembro que... elas, elas, trouxeram de lá... hoje não, hoje é muito, muito, muito fácil vc encontrar... mas na época não era. Aqui era super novidade. Eu lembro que elas trouxeram pra mim a casinha completa! Guarda-roupa, fogão, geladeira, mesinha de passar... então, aquilo ali, na minha rua,. quando chegava pra mim, aquilo ali as crianças ficavam tudo louca pelo aquilo ali, mas só quem tinha era eu. Ta entendendo? Então, eu sempre brinquei muito. Agora, quando eu cheguei na minha adolescência aí eu..., aí fui estudar né, aí fui estudar. Aí eu me divertia como adolescente. Eu passei as minhas 3 fases, eu, eu, cumpri as minhas 3 fases: de criança, adolescente e jovem. Foi muito bom. Eu não tenho o que dizer. Quando comecei a trabalhar, comecei a trabalhar com 17 anos. Pq meus pais eram pessoas humildes, mas assim, que dava tudo pra gente. Podia dar. Então, quando eu fiz 18 anos, 17 anos, é que eu comecei a trabalhar. É isso. Mais alguma coisa?

(só uma. Tem alguma criança que em alguma das casas te marcou seja pelo bem seja pelo mal?)

Tem. Não, não. Tem. Dois casos que me marcaram demais, demais. Um foi no lar Butantã, foi uma menina de 10 anos, que assim, me marcou muito, pq eu chorava com o caso dessa menina. Eu conversava muito com ela, ela tinha 10 anos, mas era como se ela tivesse 20 anos. Pelo tanto de sofrimento que ela passou, com 10 anos, era como se ela tivesse 20. E ela falava, assim, é... relatava assim, a vida dela, com uma naturalidade tão grande, que eu dizia assim, meu deus, essa menina é um desafio. Ela foi um desafio pra mim. Então, ela passou por processos muito difíceis, né. Uma criança com 10 anos, vc possa imaginar o tipo de vida que ela levava. Então, assim, são coisas que eu também não posso nem relatar. Mas, foi uma menina que me marcou muito. E por conta da experiência de vida dela. Mas hoje ela vive com a avó. Ela foi reintegrada com a avó. Esse ano eu já falei com ela duas vezes. E ela, até hoje eu sei que ela convive com a avó. Mas eu creio que ela esteja bem, eu espero que ela esteja bem. E a outra criança que me marcou muito foi aqui no Jesus. Foi aqui. Eu, eu, quando essa criança chegou aqui, ela chegou bebezinha. Assim, com dias de nascida. Era um menino. Que eu batizei ele por príncipe. Eu dizia que ele era meu príncipe. Então eu sofri muito... pq, eu, eu, eu peguei um amor tão grande por ele que eu tinha ele como se fosse filho meu, parecia que ele tinha saído de dentro de mim. Então ele me marcou MUITO, MUITO, MUITO aqui no Antenor. Ele ficou aqui mais ou menos uns dois meses. Dois meses só. Só dois meses. Aí quando ele foi adotado, né, ele foi adotado. Mas todos os dias, todos os meus plantões, que eu chegava aqui eu me sentava nessa cadeira, colocava ele no colo e começava a orar por ele.

Relato meu

Sábado a tarde: todos se arrumando para festa. Educadores se envolvem muito pouco – não sei se ficam tímidos, não sei se se incomodam. As crianças aproveitam um pouco. As pessoas entram, não se apresentam, não falam do porque da festa... mas comem doce, brincam. Perguntei se L. ia pra festa, mas não foi... ficou no quarto como sempre com ventilador em cima dele, desta vez estava sem roupa. Sensação é que querem que ele adoça e volte para hospital. Hoje encontrei Amélia, que está sempre no hospital com C., porque gosta muito dele – sentimento que aumentou conforme ficou com ele no hospital. Disse que só quer deixar de ir ao hospital quando ele sair bem, ficar bem. Ela parece bem envolvida com as crianças mesmo, interage mais, faz dengo, brinca... as outras não parecem interagir muito com as crianças, bebes em especial. Ela conta que realmente no hospital ficam contando até quantas vezes a pessoa vai no banheiro: que não precisa ir tanto ao banheiro. Na festa ficou Amélia e Carlos um pouco por ali, mas RONALDA e Clara se trancaram no quarto. L. sozinho no quarto. Foi estranho. Me fez um pouco mal, apesar do clima de certa festa.

Relato de Amélia - Primeiro abrigo que ela trabalha

A do C., né. A do C. eu me identifiquei muito. É tanto que eu sinto falta dele toda hora. Não precisa estar no plantão pra eu sentir falta dele. Eu sinto falta até no ... Pq, pq além de ele ter o problema de saúde, não tem a visita nem do pai, nem da mãe. Da família, no caso. Então, a gente vê ele assim, uma criança muito carente. É tanto que ele passa a mão na gente. Ta entendendo. Ele não é aquela criança que vc botar ele no colo ele se satisfaz, ele quer pegar, apesar dele ter 8 meses. Pequeninho né. Mas ele já procura isso na gente. Quando a menina da noite, tem umas lá que vai, fica no hospital e deita com ele no berço assim... menina, ele fica tão tranquilo. Quando é no outro dia vc vê a diferença. Por

isso que eu acho assim ele muito carente. E aqui na casa, eu me identifico também, mais, porque no hospital vc sabe né, que a gente vê aquelas crianças tudo, mistura tudo. Mas aqui na casa...

(o que que mistura?)

Porque vc não é, não é uma particular, é uma enfermaria que fica várias crianças, e cada uma tem um problema diferente da outra. Que eu acho que o nosso governo podia ver isso. Pq como vem, C. chegou com que, ele chegou só, com suspeita que ele era cardíaco, aí depois veio essa tal dessa pneumonia, que diz que ta atrapalhando. Hoje ele já chamam pneumonia crônica, pq? Então como conviver com aquelas crianças que só tem isso... ele já ta dependente, quase. Não consegue sair do hospital, pq misturou tudo, eu acho. É tanto que... o médico dele fala que... vai ter que ter... assim, vai ter que ter uma decisão, tanto dos nossos coordenadores, quanto da secretaria de saúde, pra... liberar ele pra vim pra casa. Ver se ele em casa... reage, né... então é muito, muito, muito, muito, muito difícil a gente ver...

Olha aí a coordenadora! (recebe a coordenadora com alegria)

(Mais livre como?)

Assim, devido a ter muitos, com muitas côo... educadoras também, né. E a gente, graças a deus, tem uma equipe muito controlada, né. E, assim, muito... competente, ajuda a outra... lá não, vc tem que se virar sozinha. Tomar decisão. Como assim, por exemplo, vai fazer um exame, aí a criança não passa bem... aí vc que está ali, vc que tem que agir, não tem opinião nenhuma... aqui não, se tem essa bebe doente, já tem: como é que ta, venha cá. um ajuda o outro né? É por isso que eu digo que aqui é mais livre.

(a gente tava comentando como as mães lá ficam tomando conta)

Verdade.

(e como é o cuidado delas com os filhos?)

Muito pior! Não faz nem a metade do que a gente faz. Aí só pq aquela criança é do abrigo, ou aquela criança... a gente ta ganhando pra aquilo... aí, não sei o que elas vêem de diferente. Pq não fazem nem como a gente. A gente não tem hora pra dormir, ne, principalmente quem vai tirar o plantão a noite, de duas em duas horas medicamento, de duas em duas tem alimentação, né. E se tiver na nebulização principalmente. Pq é de toda hora. Principalmente que ele tava muito cansado que ele ficou tomando a nebulização com soro... uma hora, quando é a outra hora já toma com medicamento. Aí pronto era de hora em hora, ninguém dorme. Acorda com alimentação e os outros medicamentos. E elas não, elas deitam, vão dormir, dormem a noite toda, né. E ainda fica com comentário. Isso é ruim demais minha amiga. Deixa a gente besta. Mas, assim, vc que faz seu trabalho, né... como a menina mesmo falou chorando um dia, ela tava chorando, dizendo que não ia mais, pq não gostava de trabalhar, disse: a gente não ta aqui pra agradar ninguém, não. A gente ta aqui pra trabalhar. E pra fazer a nossa criança, suprir as necessidades que ele tem. Não é prá ser boa pra fulano.. fazer tudo que ela quer não ta... aqui pra isso não. Tamo lá pra cuidar de C. Todo dia lá... mas também tinha duas pessoas nessa enfermaria que só a graça! É muito difícil conviver com elas. Mas foram embora com os filhos dela... e deixaram a enfermaria... na paz! Pq não são todas que são assim... não são todas... mas agora ta bem melhor. Mas tem essas coisas... tem esses problemas na nossa vida... aqui também, né. Ficam olhando um, ficam olhando outro, perguntando... né? Tem essas coisas assim, que fulano é melhor (fala mais baixo)

(mas isso entre vcs ou de gente que vem de fora?)

Silencio

(um pouco de cada?)

Silencio... porque tem assim, tem gente que vem de oito em oito dias. Ai já pega um pouquinho, as vezes pega meu plantão, as vezes pega o plantão do outro dia. Ai vê algum, a coisinha assim...

(esses que vem de 8 em 8 é padrinho/madrinha?)

É. Padrinho, madrinha, voluntário...

(e isso acaba causando atrito entre a equipe? Tem briga entre educador por causa dos comentários?)

Não, não. Mas sempre a gente fica sabendo. Aquela pessoa falou da outra pessoa. Ou então fala assim: menino, hoje a casa ta mais assim... a casa hoje ta limpa... ah, a casa hoje ta melhor... né, tem essas coisinhas assim... mas agora, agora mesmo, ta bem melhor. acho que ta todo mundo se encontrando, como diz, né? Cada um fazendo o seu... como eu tava dizendo mesmo a Clara como tem pouca criança, né, agora, da pra se dedicar mais na casa. Que tem muitas coisas pra fazer.

(comento sobre manter a casa arrumada com menino pequeno)

Ri. É vc e minha filha. Minha filha diz bem assim: Mãe eu era tão organizada... minhas coisas eram tudo... mas depois que P H... mainha olhe! Bote ele pra dormir a noite e vá fazer a noite. Oxi, não tem como. Cama junto. Dá não.

(falo sobre a necessidade de descanso deles ali também)

Mas sabe que assim ó, já é descanso sabia? Mas tem tempo aqui que a gente não tem tempo nem de comer. Quando tem muita criança. Pra gente se alimentar vai comer junto com eles, pq não da não.

(e já teve quantos bebes?)

Ah, depois que eu entrei aqui foi 8 crianças ali no berçário. Não tinha nem berço pra todos, né. Os pequenininhos dormia junto... tinham 3 recém nascido, então, aí cabia, dois no mesmo berço. Era... muita criança. Agora quando ta assim, ó... já brinca... viu ela deitada em cima da cama... ó lá. Aí é tranqüilo. Desde que esteja com saúde, né. Mas é um trabalho muito gratificante, eu queria muito. Eu fiz um trabalho com... na comunidade do Geisel, aí com criança, né, na igreja. A gente ainda continua, mas depois que eu vim pra cá eu não vou mais nenhuma vez, não da mais pra ir. Pq o nosso encontro lá era no sábado ou no domingo... aí as vezes eu to de plantão aqui... e o netinho não deixa, né... aí quer, gosta muito da avó também, quer, gota, adora a avó.

(vc gosta muito de criança, né?)

Gosto, muito. Eu acho que eu me realizo em tudo, com criança. Não me canso. Tem gente que diz que se cansa com criança. Eu não. Muito pelo contrario. Eu acho que eu me abasteço. Ri.

(e as vezes vc ajuda com os maiorzinhos também?)

É, ajudo assim, só quando ta precisando... assim, como agora, agora só tem dois. Aí eu sempre ajudo. RONALDA com L.... a Clara quando vai dar banho pra ir pro colégio, que é todo mundo junto. Desde que esses daqui estejam direitinho no berço lá, eu dou uma ajuda. Dou uma ajuda na comida, eu gosto também. Como hoje que a gente foi lavar tudo. Tirar a poeira que as crianças podem botar o pé no chão... é muito bom! Aí já tava arrumando os guarda roupas também... assim, a gente nunca para, né.

Sempre tem o que fazer. Tem, muito. Mas eu gosto muito. Mas as vezes eu acho um pouco mais difícil que as vezes eu ... quando ta doente, eu não quero ir pra casa, eu quero ficar cuidando. Ri. Tando bonzinho não, né, que aí vc sabe que... C. mesmo, na época que ele não tava bem, se eu pudesse eu levava. Ri. Não é porque os outros não cuidam, é porque eu quero ver como é que ele passou a noite. Pq todos, graças a deus, né, todos cuidam direitinho. Vc tem sua responsabilidade com cada um. Graças a deus, isso é bom.

(mas, muitas vezes, o fato de vc gostar tanto de criança, faz uma diferença)

Aí faz! E como faz!

(porque nem todo mundo vai querer deitar pra dormir com a criança, como vc disse que tem educadora que faz.)

(falando bem baixo) Era isso ... pq ela queria que todas fizesse a mesma coisa. Só que não é assim. Pode ser o mesmo trabalho, só que as pessoas trabalham diferente. A gente não pode exigir que fulano seja igual a ciclano. Não, igual diz meu pai: cada um é cada um. Mas tem pessoas que não respeita, né, quer que seja tudo igual... não pode.

(e vc cresceu com seu pai?)

A família de 12 irmãos. É são sete homens e cinco mulheres. É uma família... meu pai, não, pq faleceu faz 3 anos. É, meu pai faleceu, mas é um guerreiro. Educou da maneira que podia, pq a gente também trabalhou... morava no sitio, e... a dificuldade é grande, principalmente quando tem algum inverno que fica na seca. Mas... nós vivíamos de agricultura. Aí... tinha ano que era mais difícil, mas a gente conseguiu, ele conseguiu criar tudinho. A maioria... (ela chama atenção da criança que ela olha pois coloca algo na boca – brinco de ser hora do mingau mas Amélia continua) mas, a gente mora já quase todos aqui em João Pessoa. Vieram, foi vindo de um em um, minha mãe veio, daí já tem trinta e poucos netos a minha mãe... já tão grandes também... tenho três filhos... graças a deus já são... tem dois concursados, tem outro já fazendo medicina. Por isso que agora já to livre, né? Já to mais livre. O meu mais velho, que faz medicina, ele vem: mainha, parabéns, que a senhora ta no que a senhora gosta. Muito bom! Agora faça do seu tempo o que a senhora... pq ele acha que as crianças precisa muito.

(vc brincava no sitio, ou ajudava mais no trabalho?)

Não, a gente começou a trabalhar cedo. Muito cedo.

(qual seu lugar dentro dos 12)

Dos 12? Eu sou a quinta. são dois homens, aí depois duas mulheres... aí depois ela teve cinco homens seguido. E o bom de tudo é que ta tudinho vivo.

(nossa, parabéns pros seus pais!)

Não é não? Não é não? Como a gente as vezes reúne, né. Graças a deus, nenhuma, assim, foi pra o mundo... né, pra esse mundo que a gente sabe que existe... graças a deus tudo são pai de família, responsável, tem sua moradia, trabalha, ta entendendo? E essa mesma educação vão passando pros filhos... de cada um.

(e vcs conseguem se reunir?)

Muito. Tem uns que são do interior, né. Ai mesmo morando aqui faz almoço junto, pra almoçar tudo junto, na casa de fulano, ciclano, natal ano novo, afe Maria. Vem os que moram fora, também., que tem 3 morando fora... aí junta tudo.

(e quando vcs eram pequenos, eram bem amigos?)

Também, muito.

(ou brigava muito)

Não, assim, não brigava muito pq meu pai não... rs... não deixava nós brigar pq se brigasse apanhava. Lá não tem negócio de castigo. Lá era penha mesmo. Ai não dava pra brigar não. E nem pra brincar. Brincava um pouquinho e trabalhava muito. De casinha de pedra, de sabugo de milho, né, não tem... não sei se vc conhece a colheita de milho? A plantação, até chegar a colheita? Que ele vai crescendo, vai crescendo, até botar umas bonequinhas. A gente apanhava ainda por causa disso. Que a gente tirava, pq a bonequinha é o que vai dar a espiga de milho, aí a gente tirava, pra fazer as bonequinhas, que tem os cabelos... e acabava com o milho. Que a gente era pequenininho ainda, assim de 8 até 10 anos... depois a gente vai conhecendo, o entendimento aí não vai fazer... Minha mãe foi uma guerreira, ne, teve esses filhos tudinho normal, em casa... pq lá não tinha esse negocio de maternidade, não tinha pré natal, lá não tem essas coisas... ela só sabia quando era homem ou mulher quando nascia. Enxoval lá... não existia isso. Era tudo... (fala com a menininha) era... dificuldade, mas era um mundo melhor. Que o de hoje, eu acho. Assim, pq a gente era tão tranqüilo. Não tinha esse negocio de assalto, a gente andava livre... as festas da cidade, que a gente mora no sitio, mas a cidade ficava meio próxima, tinha as festas né, do interior, não tinha esse negocio de morte, não tinha... dançava de baile de sanfona... e assim, não tinha esse negocio de drogas...

(mas então, foi uma família de muito sucesso, hein?)

Foi.

(a dos seus pais e a sua agora)

E a minha também. Não só a minha, como também, eu tenho, seis sobrinhos, tudo formados. Tem uns que são da área de saúde, mas tem uns que já são professor, tem um que já é professor de matemática na faculdade de Recife, federal, que ele fez aqui. Fez mestrado e fez doutorado. Aí começou agora, passou. E tem outro sobrinho também que ensina, que também é professor. E um outro que também é formado em farmacêutica. E tem um irmão também que estuda, que ensina também na faculdade de Campina. Em Campina Grande. É. Estatística. Aí assim...

(sua mãe é viva?)

É.

(e ela fica feliz?)

Muito. Muito. NE. Tem uns probleminhas, que de vez em quando, família grande tem problema...

(qualquer família tem, né?)

Imagina desse tamanho, né? Ri. Tem uns que as vezes quer separar, tem uns que as vezes quer terminar um relacionamento... como tem um agora que chegou de São Paulo, terminou um relacionamento e veio pra morar aqui. Aí ela não ta muito feliz, pq ela não quer que os filhos se

separem. Mesmo que não são casados no papel. Esse negocio que só vive junto. Mas só que já tem um filho, que já tem 8 anos. É um menino que já tem oito anos. Aí ela diz: Não, vc vai voltar.

(e tem alguma lembrança de algum episódio que te marcou?)

Os banhos de rio... é muito gostoso... (fala com a menininha) ... era muito gostoso. Ajuntava a turma, ajuntava mesmo a turma pra tomar banho. É... gostoso demais. O meu irmão... trazia aqueles galhos...

(e como é pra vc ouvir as histórias das crianças?)

Silencio. É só um pouco mais triste quando é... assim, essa de C. E assim, quando é... a gente sente que eles estão revoltados. Pq tem os casos. Como tinha um aqui, que ele já era grandinho, e ele brigava muito com a mãe... chegava a bater na mãe... aí, assim, né? Nesses casos assim, pq além de tudo é criança e ali eu acho que aquele sentimento cresce. Ainda bem que aqui tem uma assistência né, tem psicólogo. A psicóloga conversa muito com eles. E eu não conhecia, vc acredita que eu não conhecia esse trabalho aqui? Eu não sabia que existia e que era tão completo assim. Pq hoje a gente sabe o valor que tem esse trabalho aqui.

(mas antes não era)

Eu não sei, pq eu não conheci isso aqui antes. Eu sabia que existia mas não conhecia, assim. Quando vc passa a conhecer, vc vê o valor que... e outra... e tem pessoas que nem sabem né? Eu sei q não é pra ser divulgado, mas como eu né, que não sabia... mas tem tanta gente que queria conhecer...

(falo sobre a história do acolhimento)

Ronalda era do antigo Antenor Navarro e ela falou: e qual é a diferença? (se referindo à nomenclatura das casas, que não são mais chamadas de orfanato). Ah, é diferente. A família visita... e os educadores, tanto educadores quanto aquelas que formam, as equipes, são pessoas capacitadas, que não vão, que jamais vão deixar eles, se eles têm, mas tem como tirar aquilo deles. Assim, tem um acompanhamento. Tem gente que achava que eles não iam pro colégio, q eles não tinham quem acompanhasse eles pra uma saúde que tivesse... eu disse, não gente, não é assim. Eles tem tudo. E eles não vão só. Pra cada lugar que eles forem eles vão acompanhados. Até pra qualquer passeio que tenha eles vão com... deles, eles não vão sozinhos não. Não são cão sem dono, igual meu pai falava, não são cão sem dono não minha filha, tem dono sim. E muitos donos. E aí, ai coitadinho... não mulher! Eles são como nossos filhos mesmo, só que tem o problema de saúde, como falava com L., quando tava lá falava com C.: a o bichinho, a o coitadinho, não! Não é... assim, não.

(falo sobre o esquema das Aldeias – mães sociais, educadoras residentes)

E outra coisa assim, minha mãe tinha meu pai, que as vezes eu aperreio ela assim, e ainda tinha os mais velhos que criavam os pequenos. Ajudava a criar os pequenos. Pq a diferença era, no máximo, era de dois em dois anos, daí ela já tinha que olhar a gestação mais o bebezinho, quem é que tava com dois, três anos, quem já tomava conta era a gente. Eu q olhava. A gente olhava. Já aprendia sozinho.

(já aprendia a plantar, sobrevivia sozinho, já e cuidava de criança. Mas é muito diferente a experiência de quem tem muito irmão assim)

Ah é. É outra. (fala dos filhos que não vão ter muitos filhos)

Relato meu

Na cozinha ficaram contando que quando alguma coisa chama atenção nos bebês, falando com psicóloga ou coordenadora. Uma coisa que RONALDA fala que chama atenção é quando uma criança chora muito quando alguém vai chegar perto, pq daí já sabem que faziam muita maldade, batia, ameaçava, assustava a criança. Pra ir pensando... ela diz que se persiste fala com a psicóloga ou coordenadora. E o que é esse olhar que se forma quando tem essa ideia do que que a criança sente é pq veio de casa alguma coisa. Quando vem de casa – ela diz. Depois falou bastante sobre os cuidados com L., que ela cuida muito, que pensou em levar pra casa, que ano passado não levou pq ele foi hospitalizado. E que a menina dela gosta de cuidar também, se preocupa. Diz que já chorou muito da história dele. Que é com o marido e a filha que ela conta dessas coisas e que o neto tem ciúme: Esse tal L.. Falaram um pouco da história de C. – mãe drogada, que seqüelas pode ter deixado... RONALDA diz que deixou e que ele não vai ser normal. AMÉLIA diz que espera que seja, que vai dar tudo certo. É a diferença da condição de olhar. Com raiva dessa mãe que não cuidou, ou de olhar pra criança que está ali. Disseram que ele é miudinho, que não se mexe muito, não fica de pé ainda... complicado. RONALDA vai falando e se remetendo a Berenice o tempo todo: não sei o que... não é Berenice? E Berenice dizia “é” pra tudo. (será que se identifica com Berenice?)

Outro dia vou para olhar livro de ocorrência – tavam falando sobre as explicações de como é que vai o mundo, sobre os casamentos, como se elas soubessem resolver e fossem felizes. Falavam alto, muito alto cada vez que iam dar norma de como se deve fazer ou de como é o errado. MARIA tava dizendo que tinha passado mal e ia fazer exame, que nunca tinha sentido algo assim. Hoje MARIA tava bem sem paciência, gritando com as crianças. R., com quem perderam bastante a paciência por ela querer carregar a irmã.

Eu tava na mesa da sala e um pequeno começa a chutar a bola e MARIA fala: Cuidado para não acertar a moça. A moça era eu, a moça que não tem nem nome pra eles, acho que fala da dificuldade de se relacionar, de considerar o outro em sua subjetividade... A cozinheira chama MARIA de tia MARIA. Eu disse: Sou eu a moça, não tem problema, não. Se a bola vier da tempo de pegar. Berenice e CARLOS tavam reclamando dos voluntários que não ficam lá cuidando das crianças regularmente. Tinha uma moça lá dizendo que tinha conhecido outro dia e queria continuar vindo. E ao conversar com a psicóloga vai vendo que os bebês tem atenção e estão bem e comenta, mas que bebe feliz essa. A moça estranha os bebe já terem ido embora. E Berenice fala que lidar com criança não é fácil, que o principal é paciência e que ninguém tem... será que fala dela mesma? A casa tava muito tranqüila. Só os bebês. Mesmo assim deixaram L. chorando no sofá. Ele subiu sozinho mas não conseguia descer. Estava com fome e o único leite que tinha era de soja e eles não gostam. Depois de um tempo alguém, foi tira-lo do sofá falando: que foi? Mas não o ensinou a sair sozinho da próxima vez.

Relato meu sobre conversa com Odete – no dia que fui apresentar a pesquisa em seu plantão apenas ela foi falar comigo (Outros dois não quiseram)

Hoje conversei com Odete, que conta um pouco da vida dela, acabamos não gravando a conversa pq ela me perguntou se eu era psicóloga, disse que encaminharam... a escola encaminhou a filha dela pra terapia e aí ficou me contando toda história que ela tava vivendo com a filha, de um jeito... desafetado, estranho. Não é desafetado, talvez afetado demais. Ficava se olhando no vidro do outro lado, fazendo pose, parecia que tava contando uma novela. E aí a história é que a filha mentiu, que não tinha posto piercing, mas pôs, aí ela conta uma cena quase sexual e faz a... imita a filha no muro da escola, q dois rapazes encapuzados vieram... pegaram a filha pra fazer o furo na lín... na boca, pra por o piercing.

Odete falou no começo do quanto ela estava cansada, que... tem trabalhado muito, e teve uma audiência na empresa que ela trabalha durante o dia e foi puxado e aí tinha sido aniversário da filha dela no dia anterior, então ela tava bem... não tinha podido descansar o quanto que ela queria e como no fim da noite a filha tinha dito que tava feliz e ela disse que isso era tudo que ela queria. E daí ficou contando da história da filha colocando piercing sem contar pra ela e que ela saiu de si e falou um monte de coisa pra filha... e... depois... é... falou que isso não era coisa de mãe, que ela não era ela naquele momento. Começou a contar que ela foi criada pela avó e pelo avô e pelo pai, mas a mãe foi embora quando ela tinha 9 meses, que ela não tem nenhum, nenhuma memória e que ninguém falou nada pra ela desse primeiro tempo com a mãe. Mas que ela vivia muito bem com os avós, casa sempre muito cheia, família muito grande, família do pai. Que as irmãs dela são neuróticas pq... não são... traumáticas pq sentem muita falta da mãe e pq o pai sempre bebia e era pornográfico, como ela diz. Então, ela não tem nenhuma referência de pai, desse pai, ela fala que a referência de pai e o avô e... falou que brincava muito de calcinha e o irmão, que tem um ano só de diferença, e o irmão de cueca. E essa lembrança que tinha um quintal muito grande na casa da avó... que ele subiam muito em pé de arvore, pé de fruta, brincavam bastante, e quando ela já tinha 14 anos a mãe veio procurar, e que hoje ela visita a mãe. E ela diz que não importa o que dizem, que ela vai visitar tanto o pai quanto a mãe. Que o pai tem tudo isso de ruim, mas, mas já ta velho, e... ela acha que o perdão é muito importante... e a mãe disse que o pai traía e ela acha mesmo que foi o pai que fez alguma coisa de ruim pro pai ir embora, mas mesmo assim não justifica. Ela fica muito triste. Aí eu pergunto das crianças ali, se ela acha que essa separação dos pais é muito marcante e ela fala que sim, especialmente pras meninas maiores, as mocinhas como ela falou. E ela conta de Juliana, que vira e mexe ninguém achava e ela tava debaixo da cama. E que ela ia tentar conversar e que começava a chorar, que não conseguia, mas depois que se acalmava chegava pra perguntar o que que era e que a J. dizia que não era nada, que deixasse ela lá que ela tava com saudade. E Odete interpretava que era saudade da mãe. E falou que ela se realiza ali com as crianças, com as crianças brincando, que ela gosta muito de encontrar, e... falou que eles tem que aproveitar, que a coordenadora mesmo comentou, que oportunidade, que a casa nunca esteve com tão pouca criança, mas que ela ta precisando de férias e que agora tem 15 dias da empresa, então ela vai sair 15 dias pra poder descansar e colocar exames de saúde em dia. Depois no fim ela fala que está com um mioma. E... então ta... disse que está precisando de férias. Depois ela me contou que o pai tem mais um filho e achou que ele era um sortudo do filho ir atrás dele. Pq o pai mesmo não foi atrás. Disse que se fosse ela não teria ido. Que ela disse que a mãe dela que veio atrás e não ela que foi. E mesmo assim que ela encontra mesmo, mas não tem sentimento de mãe, não chama de mãe e aí ela conta, fica atrapalhado saber quem que ela está chamando de mãe, quem é a avó, pq diz que a filha pergunta pq que ela não chama, pq que ela não chama a vovó de mãe, vovó é a mãe dela, e ela fala que ela não chama de mãe pq ela não é a mãe dela, é a mulher que teve ela. E aí diz que a filha nunca mais perguntou nada, e que ela sabe que contaram pra ela, que as irmãs dela contaram pra filha a história. Mas é a mulher que teve ela e com quem ela quer manter uma relação. Ela disse que tem perdão, mas talvez tenha alguma coisa ainda por perdoar ou compreender.

Relato Roberto

Ontem fui à noite na casa e Roberto tava lá sozinho. E. disse: ah, então hoje vc vai conversar com o tio, então, ta bom, a gente fica olhando... (E. sempre atenta para os momentos de gravação e sempre procura meu celular para jogar. Nunca deixo.) adulto e querendo ajudar também. Aí fui deixar dinheiro de coordenadora da rifa que ela pediu pra eu vender e esqueci.

Roberto pediu desculpas, que ela ta trabalhando muito, que ligaram de Guarabira pra fazer empréstimo e ele saiu logo achando que dava tempo de voltar a tarde. Disse que D. é que tava chegando, que ia dividir o plantão com ele. Aí ficamos ali conversando e quando ela chegou logo quis saber o acidente de R., que cortou a cabeça e parece que sangrou demais e ela... muito elétrica, falando demais, muito rápido, dando uma de alto astral e descolada, uma pessoa... que deve querer muito pouco contato com as coisas... só tocar pra frente. E Roberto pelo contrário, me chamou, começou, ele... eles iam sentar pra jantar, ele falou pra eu ir junto, e começou falando que tava com medo da entrevista, que que era essa história, que que tinha que falar... e... aí ele falou que infância não teve, que começou a trabalhar muito cedo. Que o pai não foi nenhum pouco presente, que tinha outra família, vivia com outra família, que só depois dos 10, 11, anos que ele começou a frequentar a outra casa, casa do pai, que antes ele vivia só com a mãe. E ele prefere não falar de quando ele era pequeno. Ele fala que com 10 anos ele ia pra escola de manhã, voltava pra casa, brincava um pouco e ia fazer entrega de roupa, pq a mãe trabalhava durante o dia fora e a noite lavava roupa pras casas da redondeza, a irmã passava, e ele e o irmão saíam no fim do dia pra fazer as entregas. Falou, quando E. chega querendo conversar ali, ele fala: agora é hora do jantar, vc sabe muito bem que tem nosso horário de jantar e vcs ficam pra lá. Tem isso à noite, na hora que os educadores vão jantar as crianças tem que ficar sozinhas. É... coisa que a gente não necessariamente faz em casa, mas como tem crianças mais velhas que olham as mais novas e não tinha nenhuma muito pequena ali junto... os bebês vão pro berço antes de trocar o turno. E ele fala isso com um tom paternal, não é carrasco. Educando, passando valores. E aí, ele diz que quando ele era pequeno ele apanhava de cipó. Que a mãe, ele fazia alguma coisa errada, a mãe mandava ele ir olhar tal galho, ia lá pegar desfolhar e trazer pra ela. Ele que ele não... que nenhuma... nenhuma é, nenhuma vez que ele apanhou foi perdida, pq... nenhuma surra da mãe, acho que é isso. Nenhuma surra da mãe foi perdida pq ele aprendeu com isso. E falou que uma vez inclusive ergueu o braço pra se defender pq não tava mais agüentando o cabo e o cabo da vassoura quebrou no braço dele e aí apanhou mais ainda pq tinha quebrado a vassoura. E fala com um pouco de vergonha e raiva dessa história da família do pai, mas não fala muito disso. Depois fala que já está no quinto casamento... a outra educadora fala que tava no hospital nos últimos dias, que tava tudo bem no hospital, mas que é muito ruim ficar numa cadeira, sentada, a noite, que não dá pra dormir. C. lembra a noite inteira e que a outra pessoa que cuida dele coloca ele pra dormir no meio dos peitos e ficava pondo a mão nos peitos e falando: olha Roberto, e ficava pondo a mão nos peitos. Numa provocação. E depois que, Roberto começou a falar da atual esposa, como ela é brava, como coloca ele na linha, que quando ele volta pra casa para no espetinho, ela já liga e quer saber e manda ele pra casa. E... e a educadora fala como se fosse amiga, como se fosse colega da esposa dele. Aí ele conta um pouco da educação das filhas, que foi difícil, que uma tem 16 e a outra tem 14. E que queria, a mais velha queria casar, e ele não concordou e falou que não assinava. Ela falou que esperava um pouco então, pra ficar maior de idade, ele falou que então ta bom, que esperasse. E falou q a mãe é que atrapalha, pq consente com tudo isso e organiza e ajuda a organizar e tal... e... aí falou que... falou um pouco da mãe dele, que está com 79 anos e se perdeu no supermercado outro dia e que ela não quer assumir, mas que está ficando velha, esquecendo tudo e eles estão preocupados.... e aí, ele fala que... que tava com medo da entrevista e que não quer, e que não costuma falar muito. E depois fala pra gente terminar a conversa e me leva lá no berçário, pra sentar e fala mais um monte de coisas! Pq pergunto como é que ele foi parar ali. E aí ele conta que era chefe de cozinha desde os dezoito... 17 anos. E trabalhava na cozinha e trabalhava nisso por 12 anos e aí teve um problema de coluna, que ele teve que fazer uma cirurgia e que foi muito difícil e que a mulher dele qua... ficava saindo e ele deitado na cama não podia fazer nada... se separou. E daí foi trabalhar com outro cara... ele vai me contando toda história, TIM, TIM, por tim, TIM. E gosta de falar dele e das oportunidades que apareceram e como ele foi podendo aproveitar tudo isso. E fala como a educação em casa é fundamental, que quem tem formação boa em casa por mais que se desvie volta pro caminho certo, volta, aprende a cuidar da vida. E... e... que ele

ali gosta muito de criança, mas não sabe o que ta fazendo ali ainda. Conta que chegou ali por conta de crise, de crise financeira dele também e de um pino que ele teve que colocar no ombro por causa de um acidente de moto. E ta ali, mas ta... ainda trabalha de vez em quando com empréstimo, pra construir a creperia dele. Que ele foi o primeiro a fazer crepe em João pessoa e ele quer, então, poder voltar pra cozinha que é o que ele mais gosta de fazer. Mas que ele também gosta muito de criança, o problema é que paga muito mal. Não tem nenhum direito trabalhista nada. Que ele começou ali como vigilante. Que conseguiram pra ele. Uma conhecida da esposa chamou dizendo que o marido dela podia colocar ele lá, que tinha uma vaga, ele ficou como vigilante, ficava só no portão, não tinha contato com ninguém e ainda instruíram ele que as crianças podiam entender ele mal, que não era pra ter muito contato. Aí ele, ele diz que a dona coordenadora (e fala que chama ela de dona coordenadora pq ela é mais que ele ali, que com educador ele é igual e não tem necessidade de um respeito diferente, embora todo mundo chame de coordenadora pq ela da essa liberdade, ele não gosta, então é dona coordenadora) e que ela observando deu essa oportunidade pq viu, observando, que ele tinha potencial. E resolve pedir que ele acompanhe alguém na escola, ele se assusta muito, diz que é muita responsabilidade, que é filho dos outros, mas topa e a partir daí, num certo momento ela diz que eles estão precisando de educador, que ele não vai mais ser vigilante. Ele conta que ela chega e fala que ele não vai mais ser vigilante. Aí ele fala que ta bom, ta certo, achando que ela vai manda-lo embora. E ela diz: Não, mas vc vai ser educador. E que aí ele também se surpeende, e topa, e fala como ele teve uma ótima escola, que Carlos e Clara são diferenciados, e foram ensinando muita coisa pra ele. E que Carlos diz que ali eles tem que dar o que as crianças não tiveram em casa. Então, é amor, é carinho, é beijo, e é limite, bronca, castigo, grito – ele diz assim – conversa, apoio, bronca... e diz que foi falar com a coordenadora que não queria, como é que ele ia falar com alguém que não conhece sobre a vida dele e que ela incentivou que iria ser bom, que ele ia sair mais tranquilo... disse na cozinha alguma coisa tocou e ele resolveu que então ia falar... tava surpreso de ter falado tanto. Mas ele tinha me chamado duas vezes pra ir na casa dele. Não sei se achou que lá ia falar mais ou se ia por a esposa pra falar comigo... e falou que a filha dele ficou louca pelo meu filho: “É, vai dar namoro” Conta que teve uma época que ele trabalhava com empréstimo consignado e ganhava muito bem. Então teve um tempo de luxo em casa e que de repente tudo isso despencou e foi muito difícil. E aí ele termina de um jeito... (corte) Roberto também falou do casamento atual, de como a esposa que é enfermeira, ensinou ele, tem ensinado ele a importância da higiene. Falou que tem que tomar banho antes de dormir, que tem um shorts pra usar na rua e um pra usar em casa. Um chinelo pra rua e um pra dentro de casa... “ela vem me ensinando... to aprendendo como isso...” (eu completo: pode ser bom) e ele completa: “é certo!” como é assim que tem que ser.

Relato meu

Hoje passei na casa, era plantão de Clara, Carlos tava dormindo, fiquei conversando com Ronalda e a outra cozinheira, na cozinha. Depois chegou Larace que... a casa ta quase sem menino, e parece que quem vai trabalhar a noite é pq não agüenta o trabalho do dia. Algumas pessoas... ou pq começam a trabalhar durante o dia, mas elas falaram que vários começaram durante o dia e pediram pra ir pra noite, ou pq não agüentam o tranco do dia ou pq acham que é muito fácil largar os meninos lá. Aproveitam o dia pra fazer outras coisas. A noite não tem muito o que fazer pq os meninos estão dormindo, às vezes tem uma noite ou outra que não vai ser tão bom, mas tudo bem. Depois elas chegaram falando que esse ano vai todo mundo trabalhar, que antigamente levavam as crianças, antigamente não sei, mas ano passado levaram. E ficaram falando, falando, pq Ronalda ia levar L. no natal, mas no ano novo já tem viagem marcada pra praia e não vai leva-lo pq ele não pode ir à praia. E ninguém mais se propôs a leva-lo.

Conversa com coordenadora

Sobre revezamento de educadores entre as unidades. Ela se deve ao cansaço de alguns em algumas unidades. Pedem que a pessoa experimente mesmo o que acha que não vai gostar e se realmente não se adaptar que peça pra sair. Diz que o coordenador geral acompanha todos os grupos de zap e conhece bem os funcionários, então pode fazer este rodízio de forma cuidadosa. Especialmente os educadores da residência inclusiva (adultos com deficiência) se cansam muito: ninguém quer ir pra lá. Ronalda foi, mas não queria. Ninguém queria sair do Jesus, na verdade.

Foram cinco que foram trocados. E D. era a única que a coordenadora esperava que fosse remanejada. Saíram L. (da noite), Frida e a cozinheira. E Roberto está para pedir demissão pra abrir seu negócio.

Conta da história do “Príncipe” que foi citado por ela como exemplo de vínculo com educadora quando pergunto sobre a questão do apego. Ela diz que Maria se apegou demais. Ele veio sem história nenhuma pois veio direto do projeto canguru, que faz o trâmite com o hospital e encaminha. Quem faz o trâmite com o judiciário é o canguru.

Já L. realmente até os dois anos, quando vivia com a mãe, foi cuidado e era o fofqueiro da comunidade!!!! A mãe foi presa por tráfico e uma tia ficou cuidando dele. O pai era vivo mas só aparece no momento da hospitalização para tirar os vermes do cérebro em cirurgia com complicação na anestesia que leva à paralisia cerebral. A coordenadora fala que ele se emociona quando fala o nome da mãe, que saiu da cadeia para cuidar dele (por intervenção do conselho tutelar) mas não conseguiu por conta dele demandar muita atenção e infraestrutura que ela não tinha. Está foragida da prisão e há uns 8 meses não entrou mais em contato.

Sobre a preparação e acompanhamento dos educadores, a coordenadora diz que não dá tempo de fazer mais reuniões e capacitações. Que é no dia-a-dia, no café, em conversas mais individuais que constrói o fazer do acolhimento com eles. Eles são incentivados a procurar a equipe técnica e elas resolvem as questões com os terceiros, sejam crianças ou educadores. Sem trabalho em equipe, sem coletividade nenhuma.

Conversamos bastante tempo e dá pra ver a concordância de discurso dela com educadores. E da dedicação dela com o trabalho. Que é assustadoramente difícil e trabalhoso. Extremamente subvalorizado e subestimado.

Me pede, muito cuidadosamente, para fazer formação de voluntárias em relação ao fazendo minha história. Combino de fazer apenas desta vez.

Relato meu

No segundo sábado de formação as duas adolescentes que voltaram da casa da mãe com outros três irmãos estão na casa e passam o tempo todo cuidando dos bebês. Eu mesma precisei ficar com uma no colo para a educadora fazer alguma coisa – bem Olga!!

Está com muitos bebês e neste dia colocaram todos da casa na sala. Nova audiência se aproxima e todos estão na expectativa de novas mudanças.

A psicóloga acompanhou a formação e sempre que falava de alguma família acabava mostrando pouco caso, ou desgosto. Sempre desqualificando e falando como as mães abandonavam e atrapalhavam os encaminhamentos dos casos, etc.

Relato meu

Fui à casa pela manhã para tentar ler a transcrição com as educadoras, mas a casa estava muito cheia dos meninos. Eles estão sem aula, por greve e não teve carro para leva-los ao centro de cursos.

Estavam sem leite nenhum para dar ao bebê. Não se sabe como acabou de repente. Fui comprar uma lata que não sei bem pra quanto tempo dá.

Acabei ficando na casa ajudando com as crianças pois todos parecem cansados pra brincar com eles. Dia de chuva, todos no frente da TV e tomando bronca para ali ficarem quietos. Qualquer brincadeira mais agitada levavam grito. Todos muito bravos, especialmente Berenice. Um menino muito tranqüilo que não gosta de tomar banho foi levado aos gritos, e para dormir também. Ele é extremamente tranqüilo e solicita contato, mas não gosta de receber os cuidados (parece que molhar a cabeça) e dormir no horário. Pode ser novo na casa.

Já escolheram o mais “bravo”, “trabalhoso”, etc: um bebê chamado E. (mesmo nome do menino que saiu há um tempo e Olga achava um monstro. O menino é agitado e gosta de contrariar, mas quando vc brinca com ele logo está querendo seu olhar. Após o banho, ficou muito tranqüilo. Parece que jogou bebê pra fora do berço e o mesmo quase perdeu o nariz.

Fiquei com a sensação de falta de olhar mesmo para eles. Mas é extremamente cansativo estar o tempo todo brincando e dando atenção a bebes e crianças. E olhar aquelas carinhas lindas que estão sem suas mães... o que houve? Fico querendo sempre saber e os educadores nem querem muito.

Berenice se queixa com sorriso da saída de G. E fala que muitos foram e ainda serão adotados, dois bebês ainda.

Frida voltou!!! E disse que G. veio buscar documentos com os pais e não quis entrar na casa. Ficou chorando do lado de fora. Será que conversam com as crianças sobre as idas e vindas? O que a fez ficar tão aflita? Ter visto um grupo de irmãos voltar pra casa depois de reintegração?

Jodete fala que bom que Frida voltou e pra seu plantão, pois eles a querem ali. Que o outro tem gente muito estressada. Não parecia muito tranqüila e disse que tiraram do nada um outro educador que estava trabalhando direitinho e que agora estavam sem homens, que precisa de um homem e que ainda viriam novos por conta de ser ano de eleição...

Clara, (que o nome não me vinha na cabeça todo o tempo que fiquei lá!!!) estava brigando com os meninos. Maria não falou nada comigo. Sempre com uma cara de paisagem. Só andando com bebê no colo.

Aos poucos todos tomaram banho, almoçaram e foram deitar. Me convidaram para almoçar mas eu tinha que buscar Raul.

Relato Branca

Acho que é bom começar logo... minha infância, eu acredito que eu tive uma infância maravilhosa. Eu fui criada pela minha mãe e pela minha tia: digo: eu tenho duas mães. né. A irmã de mainha. Porque de 4 filhas que mainha teve eu sou a caçula, sendo que a diferença de idade é de um ano. E minha irmã, anterior, no caso a terceira filha, era muito doentinha, aí eu fui ser criada pela minha tia. Sendo que assim, não é de uma família com condições mas é uma família estruturada. Eu lembro quando criança passei dificuldades em casa, pq meu pai ele era viciado em álcool e em jogo. E teve muitas perdas. E uma coisa marcante que eu sei quando eu tive na minha infância foi uma época que tinha peru lá em casa, painho criava peru, aí mainha fazia uma comida com farinha pra gente fazer a bolinha assim e dar pro peru. Aí não tinha uma alimentação lá em casa e mainha fez pirão, aí eu lembro que eu disse que eu não queria comida de peru. Eu quando fiquei grande daí eu soube da história todinha, que foi bem na época que painho ficou desempregado, né, não sabia fazer nada, daí quando conseguiu um Box, que eu moro em mangabeira, no bairro de mangabeira, aí quando conseguiu um Box no mercado de mangabeira perdeu por conta de dívida de jogo...

(e quantos anos vc tinha nessa época)

Eu não lembro da idade. Eu não lembro, mas eu acredito que foi por, antes dos dez anos. Eu lembro de muita coisa assim, mas questão de idade eu não lembro. Não consigo lembrar. Então, assim, painho estudou até a quarta-série. Mainha não chegou a ter o ensino médio completo. E no meu ver assim, é que eu disse: não, eu quero ter uma vida diferente. Meu pai não estudou, minha mãe não estudou, mas eu quero estudar. E uma coisa assim que mainha e painho sempre me incentivou. Ne, estudei em escola pública, né. No início estudei em particular, mas quando painho ficou desempregado as fi... nós, né, eu e minhas irmãs, começamos a estudar em escola pública. Nem por isso mainha ficou lá, incentivando, minha tia também. E a gente concluiu, minhas irmãs concluíram, em escola pública. Em aspecto de criança, eu cresci cuidando dos meus primos, filhos da minha tia. Então era outra coisa que me prendia a viver com minha tia. Que minha tia casou, aí teve filho, aí trabalhava com criança, então passei a cuidar dos meus primos. Então, por isso eu não tenho dificuldade em me relacionar com criança. Fiz o magistério, mas eu não fui atuar numa escola. Pq não era o que eu queria. Depois eu disse: não, eu não quero ensinar. Sendo que quando eu fiz o magistério, eu queria fazer o vestibular pra federal, só que o que a gente estuda no magistério é diferente do ensino médio aqui. Aí eu fui fazer o ensino médio. Quando eu fui tentar vestibular primeira vez e não passei, aí eu fiz matemática numa particular. Aí eu me formei em matemática. Sou professora de matemática, mas eu só cheguei a dar aula particular. Trabalhei numa escola de acompanhamento escolar, mas não fui pra uma sala de aula. Pq à medida que eu fui fazendo curso, tendo conhecimento com os outros professores, eu vi que não tinha respeito entre professor e aluno. Aí eu não tive coragem de enfrentar uma sala de aula. Aí eu descartei esta possibilidade e vim ensinar

(E pq vc acha que não tem esse respeito?)

Indo pela particular geralmente eu escutava eles dizer... eu falo pelo que eu escutei. Pq na verdade eu nunca tive coragem de ir pra ter uma outra opinião. Numa escola particular, como os alunos já tem a consciência que os pais pagavam, eles se achavam no direito de fazer o que bem quisesse. E eu via colegas meus se queixando sobre isso. E numa escola pública, como as crianças já vem de uma família não estruturada, então, não tinha respeito pelo professor.

(então, por conta de vc ter crescido numa família estruturada, que vc chama de estruturada?)

Eu acredito assim, é... o pai e a mãe quando se casam e mantém a relação com pai e mãe, sem ter brigas diante do filho, sem ter separação... a gente cresceu junto com o pai e a mãe. E quando tinha conflito entre eles eles não demonstravam passar pra os filhos. Eu acredito isso, pq a criança quando

crece diante de discussões dos pais, fica sabendo os motivos, por traição, por bebida, diversas motivos... isso da uma certa forma atinge o desenvolvimento da criança. Aí eu não sei. Eu cresci e não vi isso. Tinha, tinha, assim, mas mainha e painho, principalmente partindo da mulher, mainha não demonstrava brigar diante dos filhos. né, que quando eu cresci eu soube um pouco da história de painho, né. Aí eu acredito que uma família estruturada seja isso.

(e quanto tempo que vc acabou ficando com sua tia?)

Eu fui morar definitivamente com mainha eu acho que eu tinha os meus 15, 16 anos.

(e aí sua irmã já tava bem? De saúde?)

Já, já... é pq problema da minha irmã era asma. Aí era muito doentinha, mainha sempre... tratou com maaaais cuidado, eu acredito que com mais cuidado por ela ter... né, teve aquela proteção maior. Eu sempre, não. Eu sempre fui criada de forma independente. Sempre, sempre. Aí eu passava a semana com minha tia, final de semana ia pra casa de mainha.

(e vc gostava de ir pra casa?)

Gostava às vezes. Eu lembro que às vezes minhas irmãs tinham ciúme pq como mainha criava três e minha tia me tinha, me teve como filha mais velha, então as coisas que tia comprava pra mim, quando eu chegava na casa de mainha tinha coisa que minhas irmãs não tinha. Tipo uma pulseira, um colar, um brincozinho, um colar, um brinquedo a mais. Daí eu me lembro, minha irmã mandava eu voltar pra casa de tia. Isso aí eu recordo, mas... tranquilo, a gente... isso nunca me afetou, nem nada não. E eu cresci normal.

(e vc foi a única a se formar?)

Tem a minha mais v, a minha irmã mais velha é formada em pedagogia. Em escola particular. Eu sou a única que consegui entrar na federal e concluí agora em janeiro desse ano. E as outras duas terminou ensino médio e ficou por isso mesmo. Não foram mais pra frente, não fizeram nenhum tipo de curso, nunca trabalhou fora, eh, eh em casa.

(eles tem filhos?)

Tem, uma delas tem dois filhos e a outra não.

(e vc?)

Não, eu não tenho filho.

(e já casou?)

Já. Passei 10 anos com uma pessoa. Quase dez anos, mas Deus não me deu filho não. Faz dois anos que eu me separei. Separei pq ele se envolveu com drogas, aí não teve mais como continuar com ele. Tentei ajudar, enfim... mas, aquela coisa: se a pessoa não quer ajuda não adianta a outra tentar ajudar. Ele não se aceitava como dependente químico. Depois chegou a ser internado uma, duas, três vezes. A última internação foi agora esse ano. Eu já tinha voltado pra casa de mainha, mas ele só passou dois meses lá e foi expulso. Foi desligado da fundação. Aí eu fiz isso, pq chega um momento que por mai que eu goste, por mais que seja uma pessoa que teve um convívio por muito tempo, porque eu conheci ele eu tinha 15 anos. Mas eu tenho que decidir, ou eu vou viver a minha vida ou eu me perco junto

com ele. Cheguei nesse ponto assim. Aí me afastei. Mas sempre falo com ele pelo telefone, ele sempre liga pra mim aí eu prefiro manter o contato pelo telefone.

(Mas ele não ta bem?)

Ele disse que ta bem. A última vez que eu avistei ele tava numa instituição. Foi em janeiro, ele tava bem. Mas depois que ele saiu de lá eu não tive mais contato fisicamente com ele. Ele diz que ta bem, eu não sei, né, se ta bem ou não ta. Contato com a família eu não tenho, não, mais não. Só com ele mesmo. Ele sempre liga pra saber como é que eu to e liga pra dizer que ta vivo.

(e como foi que vc veio parar aqui?)

Vamos lá, eu concluí né, fiz serviço social, aí eu concluí, minha colação foi agora em janeiro e um conhecido meu ficou de conseguir um emprego pra mim. A princípio era como assistente social. Mas aí ele não conseguiu pq parece que uma outra pessoa lá dentro, mudou o comissionado, aí outra pessoa encaixou as dele. Daí ele disse que surgiu uma vaga como educador social, perguntou se eu tinha interesse. Aí eu disse tenho. A necessidade... né... enquanto não aparece nada na minha área. Bem, eu não conhecia a casa de acolhida apesar de estudar nessa área, pq o estágio da gente é assim, só dá oportunidade de uma única área. Vc escolhe, tem um campo de estágio, a gente escolhe. Como eu trabalhava no comércio, só deu pra mim ir pro hospital, pq dava plantão lá e ficava mais fácil conciliar o estudo e o estágio. Aí eu não conhecia assim pessoalmente a casa de acolhida. Do hospital eu gostei não tanto, porque é muito técnico, não sinto que a gente pode fazer muito não. Porque como era de urgência não tinha como acompanhar era sempre muito rápido. Aí eu vim pra cá.

Ao meu ver, quando disse que era educadora social, eu imaginei... não dar aula, mas que a gente ia poder trabalhar com as crianças, algum tipo de atividade pedagógica, que ajudasse no desenvolvimento dela. Sendo que quando eu cheguei aqui, é outra coisa. A gente é cuidador. É não educador. A gente ta aqui pra cuidar, pra dar banho, pra vestir roupa, pra preparar pra ir pra escola, pra alimentação, pra botar pra dormir. E a gente não faz nenhum tipo de atividade com eles.

(mas pode fazer se quiser, ou nem dá tempo?)

Pela correria que eu vi aqui, não dá tempo, ou eu não sei, pq eu cheguei, eu ainda não tive tempo de conversar com a coordenadora pq é muito corrido. Ela sempre tem atividades pra fazer fora da casa. E aqui era pra ser separado, uma educadora com os maiorzinhos, outra no berçário... mas pelo que eu vi aqui todo mundo ajuda em tudo. Se tivesse realmente essa separação como dizem que tem que, eu acho que daria tempo. Os que ficassem com os maiozinhos podiam fazer alguma atividade pra reforçar. Pq eles não sabem ler. A escola pública, vc deve ter conhecimento de como é que é, né. Por mais que o professor queira mas os alunos não ajudam, então acho que pelo menos desse lado a gente poderia tentar ajudar. Porque imagina, tem uma menina aqui de 15 anos que não sabe ler, que futuro essa menina tem?

(e isso vai sendo empurrado)

Exatamente. Enquanto não se resolve a situação dela, se vai voltar pra mãe ou não, se o juiz decidir não dar a guarda de vez pra mãe, a possibilidade de ser adotada é minúscula. Aí aqui só ta de 15 anos enquanto não se resolve a situação dos cinco irmãos, aí depois que resolver ela vai pra outra casa. Aí fica lá até 18 anos. Depois de 18 anos e aí? Aí o que foi que a gente fez por elas? Nada. Então eu acho que... então eu sinto essa falta aqui na casa de acolhimento. Preparar algum tipo de ativ... preparar um

pouco mais as crianças pro mundo lá fora. Independente se for pra casa dos pais ou se for pra adoção. É isso.

É outra coisa também, as crianças já vem com um trauma de casa. Eu não conheço os motivos de todos, mas cada um tem um motivo pra estar aqui, motivos diferentes, então, elas já vem, além do motivo que fez eles trazer pra cá, aí vem a separação da mãe, do pai... que independente de qualquer motivo as crianças têm esta ligação, esse afeto com sua mãe, seu pai. Aí já vem o outro trauma em cima. Então a gente como educadora a gente tem que procurar entender essa criança, ter paciência, tratar bem. Ah, por mais que seja difícil, pq são crianças carentes, amorosas, mas também são muito rebeldes. Mas já por conta disso. né, então, quando me trouxeram pra cá, também não procuraram saber se eu tenho algum tipo de formação, pq assim, mesmo que seja cuidador, vc tem que ter uma certa formação, assim não precisa ser ensino superior não, mas que pelo menos tivesse capacitação, a Prefeitura desse capacitação para a gente saber lidar com essas crianças.

Uns estudam de manhã, uns estudam a tarde. Segunda e terça tem serviço de vivência. Mas a gente, nós, educadoras não fazemos nada.

(Vc conhece um documento que chama orientações técnicas?)

Não.

(Vc tem acesso à internet? Procura. Pq lá fala tudo que é função do educador.)

Eu não sei aí esse documento, mas eu dei uma pesquisada na internet pra ver qual é a real função do educador social. E eles falam que a gente deve fazer uma atividade voltada, uma atividade pedagógica voltada a eles, a tarefa assim, leitura, ensinando a criança, o que realmente deve ensinar pra ela. Pq eu sinto. Eu sinto. Hoje mesmo quando eu vi... pq eu não sabia que a mocinha, J. e I., de 15 e 11 anos, eu não sabia que elas não sabiam ler.

(e por que será que ninguém tem vontade de ajudar elas? Mas acho que isso faz muita diferença entre uma pessoa que tem uma formação, que se interessou em estudar, que gosta de estudar e pessoas que estão aqui ou porque gosta de cuidar de criança, só desse cuidar...)

Aí, exatamente. É por isso que eu acho errado. Se as pessoas que trabalham com criança nessa situação deveriam ser pessoas com um certo tipo de capacitação.

(Como vc acha que poderia ser essa capacitação?)

O que eu acho é o seguinte, esse negócio de trabalho precarizado, serviço prestado... esse negócio de serviço prestado é o que faz com que os funcionários que trabalham com essas crianças vão largando mão.

(é complicado)

A precarização do trabalho. Porque eu tenho certeza, eles tão aqui, bem, todo mundo precisa, não tem pra todos aí não tem como. Aí outra coisa que eu ainda não tenho conhecimento daqui, né. Pq tem toda uma equipe técnica, né. Tem a coordenadora, a psicóloga e assistente social. E eu não sei ainda como é o trabalho delas três voltado pra o educador, pros educadores. Porque ao meu ver, eu acho que também deveria se ter, né, um trabalho em conjunto e se pensar nisso também.

(Rita vem oferecer chocolate)

Aí eu ainda não sei se tem isso aqui. Né, porque a psicóloga eu vejo que tem uma interação com as crianças, passa mais tempo aqui. A assistente social, não. Ela paga umas duas horinhas e vai embora. E eu não vejo ela com essa aproximação com as crianças, não vejo. Se tivesse aqui pra fazer só a parte técnica e, mas o serviço de aproximação com a criança, assim, deixar só pro educador. aí eu não sei isso ainda, não consegui ver aqui, se tem algum tipo de trabalho. Né, que eu acho que deveria partir realmente do, eu sei que é tudo muito corrido, Né, eu sei que, tem audiência, tem visita domiciliar. Eu também não sei como é feita essa, esses agendamento, também não sei. Com a equipe técnica. Com a assistente social, psicóloga e coordenadora. Mas a gente passa a maior parte do dia sem elas estando presente, porque elas sempre tem uma atividade fora pra fazer, da casa. Da uma passadinha aqui, mas uma passagem rápida. Boa parte de suas atividades são fora da casa. E a gente fica assim, o dia todo só nessa correria mesmo com as crianças.

(infelizmente acho que é isso mesmo, vc chegou no mês das audiências concentradas, que é muito diferente. Ela não foi na da casa pois precisou ficar com as crianças. Falo sobre a necessidade do que ela diz, sobre formação de equipe, olhar para o educador, precarização, desafio das histórias, etc.)

Ou pensar que... naturalizar, né. Começa a falar, pois é, não tem conserto, é assim mesmo, não vai mudar e acabou-se e deixa por isso mesmo.

(e não pensa no futuro da criança, como vc falou. É uma enxurrada de coisa.)

Eu conversei com a mãe dos cinco irmãos. E assim, vieram pra cá, ela não sabe ler, ela não sabe nem quantos anos tem, ela disse que nunca aprendeu pq na época que ela ia pra escola com a irmã dela, né, além da distância, quando chegava na escola, as outras crianças da escola queriam bater nela. Então ela desistiu de estudar. Então, a mãe dela também é uma analfabeta, né. Não sabe ler. Mas a irmã dela estudou. A irmã dela que sabe quantos anos ela tem, tudinho. Aí eu fiz: Por que seus filhos vieram pra cá? Perguntei. Ela disse que quem primeiro denunciou foi a vizinhança. Moravam num quartinho pequeno, com as crianças, né. Passando dificuldade. A vida dela ela sempre catou latinha, garrafinha, pra sustento dela. Aí quando conselho tutelar foi bater lá, né, ela inclusive confundiu, eu não consegui entender. Se quando ela falou do conselho tutelar foi no momento que a vizinhança denunciou ou se foi a irmã dela que denunciou. Pq ela disse que teve uma segunda denúncia que foi a irmã dela. Né, daí o conselho tutelar chegou lá, tava as roupas das crianças numa caixa, pq não tinha um guarda-roupa. Inclusive ela disse, não tinha um negócio desse pra botar as roupinhas. E tinha chovido, moravam na favela e tinha molhado as roupinhas. E a bebezinha estava com uma ferida. Tinha pego uma bactéria que inclusive uma conhecida ajudou a comprar um remédio. Aí o conselho tutelar tomou. A bebê e os cinco.

(foi essa segunda vez que vieram todos)

Pronto. Então, eu acredito que nessa hora q foi o conselho tutelar foi justamente quando o juiz autorizou em dezembro as crianças irem pra lá, quando foi em janeiro retornaram. Aí ela me disse: recebia auxílio aluguel. Cortaram, tomaram o auxílio dela. Ela recebia três bolsa família das crianças, os dois menores ainda não têm. Bloquearam o bolsa família. Aí essa criatura...

(eles não vão mais voltar pra casa da mãe, é isso?)

Não. Aí, aí disseram... teve uma audiência e não foi decidido nada. No início desse mês teve audiência. Aí a tia quer a guarda só desses dois. E os outros três? E essa mãe, depois que foi cortado o auxílio aluguel e o bolsa família porque o conselho tutelar tomou as crianças? Uma vez que ela não ta com as crianças não tem direito de receber o benefício. Mas se pensa na mãe.

(e o que as crianças falam? Eles conversam com vcs?)

Não exatamente. Às vezes... eu ainda não tentei conversar sobre isso. Pq é, eu acho que eles precisam sentir um pouco de confiança. As crianças são muito observadora. Elas sabem quem pode confiar e quem não pode confiar. A D. é muito calada. No meu terceiro plantão, eu não cheguei a conversar com ela mas eu percebi que ela era muito na dela. Aí no meu terceiro plantão ela chegou pra mim e disse que gostava de mim, sem a gente conversar. Aí eu disse: ta vendo, as crianças observam a maneira que o educador trata qualquer um. Né? Hoje, o que, nos meus dois plantões pra cá... os maiorzinhos já conversam comigo. Inclusive, os maiorzinhos eu digo dos cinco irmãos. Já conversam comigo, tudinho. Tava até contando um filme, e... ainda não perguntei sobre eles, mas elas já soltam algumas inderetas, indiretas. Que quando disseram, a maiorzinha disse, fez: “Depois que bebê chegou aqui (que é o de Belo Horizonte), todo mundo só se apaixona por ele.” Então ela já percebe a diferença do tratamento. Que a gente deve tratar todos iguais. Não deve tratar com diferença, ou quer que ele percebe. Se acha que não percebe. A gente ta aqui conversando, a criança ta ali brincando, mas ó... percebe. Outra, ela per, soltou: “Quem é que vai querer adotar uma pessoa já grande?” Aí foi quando eu disse: Não diga isso não, porque existem pessoas que querem adotar pessoas já grandes feito você. De uma certa forma ela pensa. O q vai ser dela? Né, porque o juiz não decide o que vai ser, se vai voltar pra casa da mãe ou não, como é que vai ficar. Se a gente não tiver esta percepção de, de perceber isso na criança, isso passa despercebido. Porque uma palavrinha que ela diz já é algo que ela ta sentindo. E a gente tem que ter esta sensibilidade. A palavra certa é sensibilidade. De perceber isso da criança. Uma palavrinha que ela diga.

(e acho q vai ter gente que vai topar, mas tem quem tem medo por não saber o que responder.)

É. Eu acho que a gente tem que mostrar a realidade mas de uma forma mais suave. Né, que queira, quer não, essas crianças, infelizmente, tem que crescer sabendo disso.

(É. O difícil é como conversar, o que dizer. É algo que ninguém nasce sabendo. É necessário conversar, discutir isso junto. Falo sobre trabalho com adolescentes para desligamento que ainda não acontece em João Pessoa.)

Eu acho que isso precisa partir desde aqui, das casas que trabalham com criança, porque eles já vão crescendo sendo trabalhado nisso.

(É um belo desafio.)

Exatamente. Exatamente.

(E aí te pergunto: Acho que a educação superior faz diferença, mas vc acha que sua infância pode fazer diferença em todo esse seu jeito de ver o mundo, de se colocar, de se responsabilizar?)

Eu acredito que sim.

(Vc falou que tem um monte de lembrança mas não de idade.)

De idade. Não lembro de idade. Incrível, eu não lembro, não consigo lembrar. Eu lembro, eu lembro de momentos de quanto eu fazia segunda-série, terceira, quarta, quinta, mas eu não lembro da minha idade.

(vc lembra mais da escola?)

Lembro de escola, tudinho desde que eu morava com minha tia, quando eu fui pra companhia de mainha, eu lembro. Mas de idade eu não consigo lembrar. Não consigo. E eu acredito que sim, que isso influencia bastante, porque, é, quando criança a gente vai criando a nossa personalidade, né? Então, eu acho que sim... eu não consigo dizer... eu particularmente acredito que sim, que isso influencia bastante, mas possa ser também que não, que as vezes, já existe caso de criança, não teve vida fácil, veio de uma família desestruturada e hoje é uma pessoa... existe casos, mas isso aí é uma raridade e isso vai depender da personalidade da pessoa mesmo. De como enxergar o mundo, de como querer aquela mudança. Eu acho que a gente deve trabalhar as crianças nisso, que independente da situação que vc vive hoje, vc não deve deixar aquilo... perder as esperanças. Acreditar que vc é capaz. Eu acho assim. Eu acho, né. Aí as crianças daqui... eu não sei, eu sozinha... tem que se conversar, porque eu só... não adianta eu querer mudar o mundo sozinha, né. O trabalho tem que ser em equipe. Independente que quando eu sair daqui, não seja continuado, mas pelo menos eu queria sentir a satisfação de que eu fiz a minha parte. Quem sabe daquele tempo que ele viveu comigo ele possa levar algo, que possa fazer as diferença lá na frente. Com a equipe com... com as meninas que eu dou plantão aqui, ta sendo tranqüilo. Só teve uma que foi transferida, pq ela não era muito paciente coma s crianças, aí foi transferida, foi... domingo... terça, eu acho, da semana passada.

(Ela já era da casa?)

Ela já era da casa, mas ela não tinha trabalhado na casa aqui com as crianças. Era de outras casas. Aí quando eu vim pra cá ela já tinha uns dois meses que tava aqui. Aí inclusive, eu comecei a pensar, em questão das crianças, né, como eu disse, já vem com trauma, aí chega aqui pegar uns educadores que não tratam... foi justamente pelo posicionamento dela. Né. Aí quando eu voltei do hospital a semana passada, eu fiquei sabendo que ela tinha sido transferida, pq numa visita num domingo, um pai de uma das crianças viu ela reclamando com uma outra criança aí denunciou no ministério público. Aí pra evitar maiores confusões a coordenadora transferiu. Mas por isso que eu digo, né, a importância que isso tem, de trazer pessoas adequadas pra trabalhar aqui. Com as crianças.

(Pois é. É muito complicado. Mas também vai de saber que tem dias e dias, que cuidar de criança não é fácil.)

Não é fácil. Perde a paciência mesmo, né. Com os nossos, os nossos, de nossa família a gente perde a paciência, imagina com os dos outros. Com os nossos a gente dá aquelas tapinhas pra ver se alivia, mas aqui a gente não pode dar. Como é que faz. Tem isso também. A prática que eles usam aqui é colocar de castigo. Tem a cadeira pra ficar de castigo. Ainda obedece. Por mais que fique chorando lá o dia inteiro, mas fica quietinho ali. Tem uns que ainda tentam fugir, mas quando: Volte! Eles voltam. Pelo menos isso, assim. Eu acho... é a única forma que a gente tem de controlar um pouquinho. É botar de castigo. Que já é uma.

(Então, mas e vc vê essa coisa do respeito que na escola vc ouviu dizer que falta, lógico que por mais que haja respeito existem os momentos de crise que explode, mas se a coisa é levada na base do respeito, compreensão, dessa compreensão que vc trouxe – que o comportamento da criança diz de uma história que não desqualifica ninguém, muito menos a criança, então, por exemplo, D. ou E., são muito difíceis. Mas se vai brincar, olhar, dar atenção, ele acalma.)

Acalma. Acalma.

(De perceber que o trabalho que eles dão tem a ver com uma busca de contato, do outro se interessar e dar segurança. Que não é nada fácil, ainda mais na correria do dia-a-dia.)

Exatamente.

(Precisa de gente interessada e com muita vontade de trabalhar. Na verdade com a estrutura de hoje não sei se tem muita saída.)

É isso.

(Esse tipo de conversa que vc teve com a mãe, poder se colocar no lugar dela e perceber a dor que ela carrega, mesmo que os filhos estejam aqui.)

Ela vem visitar, ela fica feliz quando vê os filhos, eles ficam felizes de ver a mãe, e ela me disse que os filhos dela pra ela é tudo!

(vc acha que se fosse só psicólogos e assistentes sociais aqui com as crianças resolvia?)

Rs. Eu acho que não depende só da assistente social e da psicóloga, depende também da gestão, né, do, do dos programas. Porque assim, é tudo muito bonito no papel. Mas quando vai desenvolver é totalmente de outra forma. Deixa muito a desejar. Então, os próprios profissionais que atuam como também as condições que a prefeitura e o governo oferece, que são mínimas.

(e acho que tem muito preconceito que dificulta o acolhimento.)

Tem, tem. Por isso tem que partir da gente. A gente não deve olhar com preconceito. A gente, os profissionais que trabalham com essas crianças...

(mas é difícil se desfazer de um preconceito.)

É difícil. É verdade.

(ainda mais que os técnicos têm tanta demanda externa... deixar tudo na mão do educador eu acho demais.)

Eu também acho.

(não to julgando trabalho de ninguém, não. Acho q estão fazendo um bom trabalho dentro do que é possível hoje. Mas penso que tem muita responsabilidade que precisa ser olhada de outra forma. Desde gestores até as crianças. As crianças poderiam ser consideradas cidadãos que podem ser educados pensando em sua participação na sociedade e em tudo que as trouxeram pra cá. Enfim... espero que vc possa contribuir como assistente social logo. Ainda está faltando educador aqui?)

Não sei de outros plantões, mas do meu agora são quatro educadoras. Amadeu é auxiliar de assuntos gerais. E eu dei plantão a noite aqui, numa quarta-feira, aí ficou eu e dois homens. Que tinha duas educadoras de atestado e eu vim cobrir o plantão a noite. Aí ficou eu, esse outro rapaz...

(fomos interrompidas)

Aí, é... quando tu falaste em educador homem. De uma certa forma eu acho até, errado. Eu acho errado porque, eu dei plantão a noite e fiquei com dois homens. As crianças acordaram tudo, a maioria, dos menorzinhos, de cinco e meia, aí tinha que dar banho, tudinho... eu vou egar uma menina e botar pra um homem dar banho. Eu fiquei dando banho em tudinho. Infelizmente, infelizmente é porque a gente vê tanta coisa ruim no mundo que a gente tem que ter este cuidado, né. E ainda são filho dos outros. Aí eu vou botar um homem pra dar... não.

(falo do filme Preciosa, em que a mãe abusa sexualmente da filha, e como mulheres também são abusadoras. Mas vc nem conhecia os dois, nem sabe se eles tem filhos e se cuidam dos filhos ou não...)

Claro que tem homem que cuida dos filhos sim. Como eu disse eu não conhecia, não sei como é que é, tudinho. Aí tem as meninas que estão crescendo, aí na hora que for dar banho, vai mandar um educador homem: Olha aí, pra ver se não demora no banho. Não dá, não dá... aí eu fiquei assim meio receosa nessa parte assim.

(É que ainda tinha dois.)

Mas depois eu fiquei sabendo que ficava duas mulheres com um homem. É isso. Espero que eu tenha contribuído.

Relato meu

Hoje cheguei quem recebeu foi a nova cozinheira, que não se acostumou comigo e não parece dar muita importância pras crianças. Olga também, demorou falar comigo. Também não me reconheceu. Foi um dia engraçado, pq a casa está com muita criança pequena e não estavam deitados na hora do descanso. Alguns sim, mas a maioria não. E logo Branca veio conversar comigo. Muita visita de família, família extensa, mãe, família que vai adotar... foi agitado. Mas ao mesmo tempo pras educadoras acaba dando relaxo. Tem umas que vão se acomodando, especialmente Branca que está se vendo muito diferenciada ali. Já Socorro começa a pegar tudo pra si e com um coração enorme e paciência, não fica muito irritada. E com Branca deu pra conversar um pouco mais, depois Socorro quis conversar e contar do antigo trabalho que é muito perigoso, mas que trabalhava menos horas. Na casa ela não para quieta o dia inteiro. Hoje estava com muita dor de cabeça, pois fez cirurgia de aneurisma. Médico deu atestado pro dia, mas ela nem usou pq fica pensando nos meninos, quem é que vai cuidar... ela está achando que não cuidam tão bem como ela, não se preocupam tanto com as crianças. E eu posso acreditar um pouco. pq nesse tempo que fiquei ali, Branca ficava pedindo que Socorro olhasse a porta o tempo todo e os meninos. E quando Socorro veio conversar comigo ninguém olhava menino, era Socorro que precisava olhar.

Relato Socorro

Conta que cresceu no interior, com os pais que ainda são casados. Acha que isso faz toda diferença, assim como Branca disse que mesmo com pai alcoolista e viciado em jogo, os pais não brigavam na frente dos filhos... que ela acha que isso é que faz a diferença. E... isso quer dizer que é família estruturada. Não ter violência escancarada.

Socorro falou que sofreu foi do marido. Que a mãe dizia que não pode separar, mas que ela apanhou 25 anos, que ela viveu junto com o marido e ele bebia e batia. Até que um dia ele botou fogo na casa que ela montou com muito trabalho e aí ela abandonou ele. Há cinco meses. E falou pra ele se cuidar, cuidar da vida dele, ver se ele fica bom, e depois quem sabe daqui um tempo, um ano, dois, ela volta pra casa se ele estiver bem. E que os filhos dela estão bem também. Que a menina dela teve filho muito cedo, igual a ela. Que ela teve a menina com 15 anos e a filha dela também teve filho com 15 anos. Hoje já está com 30 e tantos e está muito bem. Diz que tem uma filha com deficiência e que o marido ama muito ela e cuida muito dela e da menina. E que ela (filha) não cuida muito do marido,

manda e desmanda nele e ela fica dizendo pra ela não maltratar, pra filha não maltratar, e que o filho agora é menor, pq ela teve o filho muito depois da filha. É adolescente agora. A gente não conversou tanto mas é uma pessoa que quer mostrar que é capaz, que quer que as coisas sejam de outro jeito, que ficou assustada com o funcionamento da casa, que cansa muito, mas que já está também apegada às crianças e quem é que vai cuidar dessas crianças que estão ali abandonadas, que é muito ruim trabalhar com o abandono e ver as crianças abandonadas ali pelas famílias, que a mãe não cuida. Ela falou assim.

Socorro é daquelas que não pára, que fica sempre procurando o que fazer pois gostaria de resolver os problemas das crianças. Já está se envolvendo com um menino mais trabalhoso que depois se envolve mais ainda e diz que os outros não o compreendem. Que ele quer atenção.

E a outra se achando superior pq fez faculdade e eu perguntei... e ela acha que... que foi tudo bem. Que pegou o bebe pra fazer inalação, veio mostrar que ela estava fazendo inalação, que ele tava chorando muito que não gosta da inalação... e... tinha muita gente na casa, essas pessoas novas... ainda muito por fora da realidade da casa, o que me admira pq já tem um mês e meio dois que já estão lá e ainda não foram chamadas pra conversar, não... os próprios colegas vão dizendo, cada um do seu jeito: ah, aqui não é educador, é só pra ficar mais chique, mas aqui é babá mesmo. E falam isso que pode servir como piada interna, para falar da precarização, como ela (Branca) mesmo fala, mas que pra quem está chegando, fica muito confuso. E ela não vê a hora de sair deste lugar de “educadora”, e espero que saia mesmo porque não vai fazer bem pra equipe ela ficar mandando e desmandando. Mas realmente a conversa com ela me deixou um pouco angustiada.

Olga veio simpática querendo saber de Raul como é que está e se precisava mesmo conversar mais, que ela não falou mesmo de quando ela era pequena, que a infância dela não teve nada de horroroso, que foi tudo bem. Só o pai era muito rigoroso, que tinha que tudo ser feito muito corretamente. Mas não sabe pq não falou dela, que eu não falei nada na hora. E eu acho que esqueci mesmo.

Relato meu + retorno com Rita + retorno com Amélia

Visita em dia com muitos bebês doentes, com diarreia, angustia educadoras que se aglomeram em torno disso e as crianças maiores ficam bem a deus dar, pois educadoras entendem que eles já se viram. Nunca querem brincar junto com os grandes, ficam achando que eles se viram e eles ficam bem ansiosos, especialmente R., que seria uma criança que deveria ter uma certa orientação e Rita diz que não tem orientação nenhuma, que não tem manual não. É, e é uma menina que sabe escutar muito bem, esperta, ela é difícil mas se vc fala com calma ela escuta, e as pessoas já vão um pouco na ignorância, não conversa, fazem como se ela não entendesse muito as coisas. A própria educadora que não para de pensar em um que não é compreendido pq é danado não consegue compreender e olhar com cuidado pra R. Reli com Rita. Ela acha muito confusa a transcrição da entrevista, diz que falou muito misturado mas que é isso mesmo. Fala que se ela antes se sentia com 30 agora já está se sentindo com 40. Pq tem muita coisa que aconteceu. Passou uns apertos com o ex-marido, que ela descobriu um monte de traições, inclusive com gente da casa, do abrigo, e aí quando começou a falar que ia se separar o marido começou a dizer que era culpa de quem tinha contado pra ela, ficou muito bravo e foi lá tomar satisfação na casa. E aí perguntei se isso fazia ela pensar na mãe dela, ela falou que sim. De tudo que ela viveu. E, que a mãe dela ficou junto com ela o tempo todo, que chegou a passar mal. Que o filho ficou sentindo muita falta do pai, mas já ta dando pro filho ficar de 15 em 15 dias com o pai e que a delegada deu uma prensa no marido e ele acalmou e entendeu que é muito sério tudo que estava fazendo e ta seguindo assim, morando com a irmã, que agora estão arengando um

tanto mas que estão bem, que desde dezembro está morando com a irmã. Que tentou ir morar com o pai. Disse que a casa do pai era o único lugar que ela tava se sentindo segura pq é em Tibiri, não é aqui por perto. Mas que o pai nem foi busca-la e que a mulher do pai ficava falando muita história e aí ela acabou indo morar com a irmã que a irmã convidou e agora está tudo se organizando.

A casa estava bem agitada com as crianças doentes e querendo colo pq estão doentes e as educadoras têm dificuldade de se dividir pra... criar uma estratégia de como lidar com a situação. Em especial Branca, que fica ali bem na dela. Não se envolve muito com nada. Parece. Olga inclusive diz pra Rita mandar Socorro pro hospital pq ela é mais esperta que Branca é mais devagar. Depois Rita tentando ligar pra assistente social: onde ela vai fala mais do que não sei o que, conversa demais, não atende o telefone! Todo mundo fica angustiada. A própria Olga trocando e trocando a menininha fazendo um monte de coco. Precisou até se enrolar numa toalha pois ficou suja também. Eles muito incomodados com o chorinho dela: “que que foi, que que foi, que coisa feia.” A menina doente faz perder a paciência. Ela se disse muito controlada na entrevista. Muito angustiante ver aquele monte de criança querendo atenção e chorando. Foi... eu ia embora mais cedo, mas achei que tinha que dar uma força ali. E a própria assistente social, dá um pouco de atenção para as crianças até. Mas normalmente não. Fica no cel esperando o carro pra ir fazer não sei o que e... não tem muita sensibilidade. Parece que as pessoas ali acabam tendo mais familiaridade com os adolescentes, que dá pra conversar, do que condição de cuidar dos bebês, brincar. Brincar, não é nem dos bebes, é brincar com as crianças. Isso é bem difícil de ver ali.

Nesse momento de observação de muita criança, com muito choro, a gente percebe a diferença que faz ter sua casa, seu espaço, pra onde as crianças vão. Inclusive Jo. fica contando que tem sua casa, com mãe e pai, que ele está com saudade. Nisso um bebe começa a falar que a mãe também vai trazer biscoito e pipoca e eles começam a rodar em torno desse receber, que a mãe vai dar coisas... ao invés de valorizar a visita da mãe, a presença da mãe. Como aprendizado. Lógico que valorizam a presença da mãe, mas nessa construção de desejos eles podem crescer pensando o bom é o que ela traz? Não a presença dela? (provavelmente uma forma de tentar lidar com a separação e com o que fica com eles, de alguma forma.) é... por outro lado também, sempre me vem na cabeça uma família de muitos filhos, como é que faz por exemplo, a de Amélia que ela falou tão maravilhosamente, que era tudo tão... todo mundo se dá bem... como será que foi essa convivência, desse tempo em que ta todo mundo crescendo junto em casa... que os mais velhinhos começam a cuidar dos menores, é bem angustiante de pensar em como é que as pessoas ali fazem pra suportar, quantas barreiras se criam e quanto se deixa passar de coisas importantes.

Outra coisa que chama atenção é Socorro dizendo de novo que não pára quieta, mas que isso é dela mesmo (não sei se já reclamaram com ela – no serviço público quem faz demais é mal visto pq escancara os que não se esforçam muito – além de mostrar que há muito a fazer e não darão conta nem que todos se esforcem, pois não há como acabar com os problemas!). mas q ela não pára, que está sempre procurando coisa pra fazer, pq também quando pára pára de vez. E ela tava mexendo nas roupas, e é a que se vincula rapidamente com um bebê. Que é muito diferente da outra educadora nova, que parece ao contrário, querer se distanciar. Pega os bebe, brinca, mas ta cada vez mais parada parece, cria uma certa distancia. E ainda diz que então quando para para de vez e que tem outro trabalho no dia de folga, que tem muita coisa pra fazer sozinha – 1900 salgados – está preocupada. (Os problemas de fora também vão ficando insolúveis.) Esta luta é muito complicada mesmo.

Hoje cheguei tava uma voluntária fazendo atividade com as crianças, pintando, legal. Os bebes querendo pintar também, mas presos lá dentro da casa, subindo nas janelas pra tentar sair e ver o que os outros faziam. Não sei pq que acharam melhor separar as idades. E é interessante pq realmente os

educadores não acham que é papel deles fazer isso. (ou não vão assumir por conta do salário). Frida estava bem cansada neste dia. Acho que ela e Amélia não estão se dando bem pq ela não está muito no berçário (mas depois percebo que Maria também está neste plantão, então as duas do berçário são Maria e Amélia. Frida está com os maiores agora). Frida está meio solta, meio mal humorada e chateada. Frida não tava querendo muito terminar a entrevista. Achei que era pq estava sensível, mas no fim ela topou. Depois que outras educadoras fugiam de mim, isso foi bem engraçado, fugindo mesmo. Se escondendo, dizendo que tinha que fazer isso ou aquilo. Frida pergunta se não posso ir à tarde, mas seria bem complicado, então aceitam fazer um esforço. (mas não parece que atrapalha tanto, o problema é que de manhã estão preocupada com os afazeres e horários para deixar meninos prontos para a escola). Aí, Frida se colocando mesmo muito no lugar de vítima. Falando da necessidade dela de alguém que cuide dela, que ela precisa aprender a se cuidar, a gostar dela mesma, a não depender do outro pra ficar feliz, da dificuldade que é arrumar um psicólogo e acho que é um caso difícil.

Depois encontrei Amélia que tinha me dado um perdido. Ela tava dobrando roupa lá no quarto anexo ao berçário (bem escondida) e perguntei se dava pra ler e ela disse que sim se fosse ali enquanto dobrava roupa. Foi interessante pq antes ela estava preocupada em mostrar só o lado bom de tudo e concordava com tudo que eu estava lendo mas não tanto quando eu falava sobre as coisas boas do abrigo. Daí falou como ela não prefere estar no hospital mas vai pq as outras não gostam tanto. Acabou de voltar de 45 dias com G. no hospital. E depois acaba falando que foi mais os irmãos que criaram ela mesmo, e como a casa está muito cheia de bebês e isso é mais difícil – agora que estou entendendo, que tem muito a ver com essa angustia que elas ficam, que tem muito bebê abandonado, “cadê o amor das famílias, que não ta com Deus”. E isso faz elas ficarem... ela falou que as crianças não ficam junto com os pais, que tem essa coisa de trabalho, por isso que tem tanto problema, ta muito mexida mesmo e vi ela reclamando muito dos educadores de outro plantão, que não sabem guardar remédio...

Relato meu

Notória a necessidade de contato físico. Maiores começam a se agarrar, inclusive de forma sexualizada. Inclusive entre irmãos.

Garotinho “mau” já está sendo rotulado e isso interfere em cada momento: pede água, vou pegar e educadora nova dá primeiro a B., o bonzinho que só pede para disputar com o outro. E. fica bravo e joga água no chão e a educadora briga e reitera a maldade do menino. E vira pra mim e diz que o outro nem tinha tomado. Ele nem queria, ela que deu água pra ele. Essas pequenas confusões e dificuldades em dar atenção ao garoto que vai sendo rotulado leva a uma grande bola de neve.

Esta mesma educadora, nova na casa, já traz o discurso de que não pode ficar pegando bebês no colo pq não dá pra ficar o dia todo porque se não não fazem mais nada. Parece necessidade de afastar, pq nenhuma criança quer ficar no colo o dia todo. Falam de uma: “Essa daí só quer colo se deixar”. A peguei por estar chorando muito e sentei no sofá, no que ela já desceu e começou a brincar.

Retorno com Olga

Conversei com Olga. Cheguei lá estava bem agitado e D. estava esperneando e a coordenadora o segurava de forma que não se machucasse ou machucasse outros. Interessante. Ela tem uma forma

bem legal de lidar e compreender as crianças. Fiquei bastante com os meninos, desenhando. Gostam muito de desenhar. M. veio perguntar se eu sou criança, se ele pode me adotar. Achei uma graça. A casa tem muitos não e é difícil pra eles inventar o que fazer, sem ter muito brinquedo, sem ter material. Ariadne diz que “eles não se educam pra cuidar dos brinquedos”, apenas Marcílio e Robson já sabem. Mas que é muito complicado eles terem os brinquedos ali pq acabam estragando.

E falou que nossos filhos têm poucos brinquedos e que as crianças ali tem muitos então não aprendem a cuidar pq sabem que tem mais.

Falei que pros nossos filhos a gente ensina também. Ela responde que sim, que são poucos filhos dá pra ensinar. Como se no abrigo não desse.

Fui falar com Olga que estava muito diferente. Não estava com os bebês quase. Acho que estava mais com L. (O quarto de L. agora está com dois berços que são ocupados por bebês recém nascidos e ganhou um ar-condicionado muito forte. A porta vive fechada, gelado lá dentro e não dá a menor vontade de entrar, além de isolar os que ali estão). E se incomodou a hora que cheguei pra vê-lo e ela disse: Pode deixar, pode deixar que eu vou. Socorro parecia estar ajudando mais com os bebês. Rita e Branca mais com os grandes.

Olga falou um pouco, que cresceu na cidade mesmo. “Da minha mãe eu não tenho o que dizer.” Que era maravilhosa. Pai muito rigoroso, rígido. Brigava muito. Acha que ele se excedia um pouco porque eles não eram “traquinas”. Mas que ela agradece as palmatórias, por ver que hoje tem muito marginal e filho matando pai e que ela acha que isso se deve a falta de castigo e punição. Que hoje não tem controle. E aí contou que perdeu a mãe com oito meses de gravidez do primeiro filho – depois disso nem fala mais do pai. Então que a ajudou foi sempre a irmã mais velha que não casou. Que quando... a mãe trabalhava de tecelã numa fábrica e o pai produzia bebida, então eles ficavam só as crianças em casa, a irmã mais velha cuidava e o pai não deixava brincar fora de casa, só podia ficar dentro. Que se deu sempre muito bem com irmã e que aí esse filho com 14 anos sofreu um acidente de carro e “perdeu metade do membro inferior” e ele ficou muito deprimido e morreu com 24 anos. Ela não me fala nesse momento que tinha uma filha. Fala que teve que agüentar cuidar do filho pq tinha que agüentar, se não morria junto. Mas depois... e não parece na hora que ela diz, eu vou perguntando algumas coisas tipo: ah, vc morava só com ele? É. Ela não fala dessa filha, mas que também era uma filha mais velha e ela se separou do marido depois que o menino já estava doente. E... e aí começou a morar com a irmã depois que o menino morreu e agora a filha se mudou pro Bessa, perto delas, pra Antonieta ajudar com o neto que vai nascer logo. Ela disse que gostou muito de cuidar dos filhos quando eram bebês. Na retomada da entrevista ela conta que sente muita falta do outro Antenor Navarro. Que a coordenadora é muito boa, mas que ela sente falta de como era no outro. E pergunto se não tem vontade de sair e ir pra outro lugar e ela diz que vai levando “enquanto me quiserem”. Ela diz que a Prefeitura só quer gente jovem. Falamos sobre o outro Antenor e perguntei de moça que ia muito ver os bebês lá pois ela se incomoda com visitas no berçário. Ela fala de uma que acha que queria adotar uma menina mas que quando, quando só, quando a menina saiu que ela ficou “sem chão”. E disse que a moça só gostava de ver as crianças porque se achava feia. Pq tem gente que é assim, que ela acha, que tem gente que se acha feia e se aproxima das crianças (pq não arruma homem). E que a moça depois fez uma bariátrica e acabou não aparecendo e ela junta e fala que a moça então ficou bonita e não quis mais crianças. E retomando a história de L., ela diz que era aquilo mesmo, ela era muito feinha e... ela não quis falar muito, não. De nada. Depois ela falou que nem soube se abriu o abrigo em Cabedelo, mas que a pessoa que iria ser a coordenadora veio falar com a coordenadora sobre sua experiência. O que mostra que gostam mesmo dela, capacitada e muito desenrolada. Tá levando a casa de um jeito interessante, embora haja muita ressalva.

Olga me parece essa pessoa muito dura, que teve que lidar com a morte de um filho e não se deixar levar com isso, tenta, parece que barrar os sentimentos. Não gosta de se abrir, não. Não gosta de se expor. Talvez seja interessante nessa necessidade dela de privacidade dos bebês talvez pra ela se envolver mais com os bebês, ficar à vontade. Como no dia que G. estava doente, ela ficou com a menininha no colo, conversava, via que tinha necessidade de contato. Mesmo que falasse que era feio ficar chorando assim... inclusive a cozinheira tava ali, que parece amiga dela e tem um jeito mais seco com a crianças. Não sei se já eram amigas, mas estão sempre conversando e pelo jeito não gostam muito de criança.

Relato de outro dia

Levei Raul depois do almoço pra lá. Ele estava doente e não foi na escola e não quis perder o dia no abrigo. Conversei com Maria. Ela falou que estava muito bom o que tinha falado. E que daí ela, ela gostava muito de cuidar dos filhos dela, mas que a menina, que é a mais velha, ela trabalhava no jornal, então ela teve ajuda de uma vizinha, pq ela saía 8h00 e chegava 23h00. E aí acordava a menina pra brincar até 24h00, 1h00 pq não via a menina. E depois o filho já foi ela que cuidou, viu todas as fases, nesse tempo que ela contou que ficou sem trabalho, que mexe muito com a pessoa, mas disse que dela quem cuidou foi a mãe, que a mãe antes trabalhava mas que como ela era a mais nova ela teve muito cuidado pq tinha a mãe e os irmãos, só o pai que passava o dia fora pq trabalhava. Que foi isso e tava tranqüila e gostou do que a gente falou.

Raul tava querendo brincar e achando que ali era uma escola, estava com medo que eu fosse deixa-lo. Comecei a repassar com Clara mas não conseguimos terminar. Chovia, comecei a cansar, Raul também, E. querendo meu colo. Peguei os dois no colo e falei de como E. era pesado. A coordenadora disse: “Deixa Raul 15 dias aqui que ele volta assim!” como se fossem dar mais comida que eu? Achei muito ruim. Parece que todas as mães não cuidam tão bem como eles ali? Depois tenta dizer que não ia dar pq ele já tem hora certa pra comer, não sei bem a relação, mas indica este modelo de que bebê tem que ser gordinho. E aí Clara foi falando que tem filha mesmo, mais velha, que hoje tem 18 anos. E quando a mãe se separou do pai a filha tinha nascido há pouco. E talvez isso tenha começado a abalar o casamento dela.

Faltou falar que Olga, com quem conversei antes, disse estar bem feliz que vai ganhar um neto, que a filha vai morar perto dela. Tá contente que vai ajudar.

Relato meu

Outro dia. Dia bom, de muita gente na casa e pouca criança. Só estavam os pequenos. Consegui falar com Clara, terminamos de passar a entrevista dela e ela me contou que quando engravidou da primeira filha ela que cuidou mesmo, que não trabalhou até a filha fazer quatro anos, que o trabalho do marido dava pra manter, que a mãe disse que ela teria um monte de filhos pq ela sempre gostou de ter criança no braço, ficar com filho dos outros. No braço. Que é uma coisa que ali ela disse que não pode, que quando Maria veio pro plantão dela ela logo disse pra parar com a mania de pegar menino no braço, pq não tem braço pra todo mundo, que eles vão chorar, tudo vai chorar e então não adianta. E aí falou que ta ta gostando de estar ali, que só não trabalhou com adulto, mas que acha que com adulto é mais difícil, que com criança ela ta indo muito bem, “ta tirando de letra”. Ela é líder do plantão e diz que todos se apóiam, que conversam e se entendem. Que ela é compreensiva mas não é “boa”, como

boazinha. E é assim que leva e que daí todo mundo pergunta pra ela como fazer. E ela acha que ta dando certo. Que com as famílias também não dá pra bater de frente, que se não fica pior ainda, mas que... então ela tem que compreender, mas finge que compreende. Pergunto se fosse outra pessoa cuidando do filho dela ela não desconfiaria ou se incomodaria, e ela: é, né, pensando assim...

Clara falou que a mãe de Jo. chegou reclamando que ele tava na creche, que quando estão cuidando do menino os pais chegam reclamando e fala como eles não cuidam e ainda reclamam de como se cuida no abrigo. Fala bastante disso. E realmente falando com muito incômodo, assim, dos pais. Comentou que é muito difícil, mas que Frida só faz sair chorando, Amélia nem sai do berçário, Berenice sai correndo chamando Clara e ela sempre que resolve as coisas. E ainda falou que esse jeito todo que ela faz e que parece que dá certo ela não aprendeu com ninguém, não. Foi sozinha, na vida, na experiência própria, que ela saiu de casa cedo, pq casou cedo e a mãe morava sempre longe e não tinha ajuda da mãe pra cuidar de filho. Quando tinha febre ela não tinha pra quem pedir ajuda, sempre se virou só.

Ela gosta quando eu ajudo a pensar na dosagem do remédio pra bebê: “Sempre digo, ta vendo, como duas cabeças pensam melhor que uma!”.

Fico ali com os meninos. Ele vem pra cima de mim, brinco, é gostoso. Me canso e brinco com Jodete e ela diz: “É, e ainda tem gente que acha que esse trabalho é fácil! A gente gosta do que faz mas não é nada fácil.” E é isso. É isso que venho dizendo pra elas mas parece que elas ficam com isso na cabeça, de que todo mundo que vem ali vai achar que é lindo. Ela diz: É, quem vem passar uma hora sai sempre dizendo, ai que coisa maravilhosa trabalhar aqui. E aí as competições e as dificuldades vão aparecendo. Clara falou muito que o outro plantão tem muita briga, muita intriga de uma com a outra, Rita acaba saindo muito pra resolver coisa fora e... e aí ficam falando que ela não pára na casa. E é bem o dia que é José o assistente geral. E aí acho que fica menos ajuda com as crianças... Pq Berenice, bem ou mal... hoje tava até pegando em bebê. A bisneta tava na casa, a filha e neta de Frida estavam lá. Frida quis conversar um pouco.

Relato meu

Outro dia. Hoje trouxe material gráfico pras crianças. Eles adoram ficar desenhando. Precisa alguém orientando, mas... seria interessante que pudessem estar se expressando... e disso sai algumas conversas... R. e Ro. ficaram falando da mãe e do pai. No que começaram a discordar do pai ser bom ou mal, a educadora fica nervosa e não faz nada, não consegue intermediar isso. Uma coisa tão importante e que talvez a expressividade gráfica traga a conversa e eles não colocam as crianças pra desenhar pq não vão saber como lidar com o que isso desperta. Muito complicado. Ao mesmo tempo Socorro fala que quer ficar no abrigo, que o outro trabalho ta muito violento. Que os dois adolescentes que ela trabalhava morreram, foram mortos com tiro, então é complicado. Fui brincar com Olga e de novo ela entende errado: acha que eu tava dizendo que ela não gosta dos bebês dali, por eu dizer que ela só vai querer saber do neto – “Mas não tem que trabalhar?!” E a cozinheira começou a contar do neto. Parece não gostar muito do trabalho e Olga parece se dar bem com ela. E hoje pensei como é importante ter um espaço de bebês pequenos mais reservado, pq é muito barulho pra recém nascido, muito agito, como vai se achar num lugar tão cheio de estímulos logo que nasce? Mas ao mesmo tempo o bebê não tava reclamando. Mas também não estava olhando para ninguém, não estava sendo convidado à interação nem pela educadora que o segurava. Eu que comecei a falar e ele ficou olhando e ouvindo.

Casa grande, cheia de gente e de mulheres cuidando de crianças.

Retorno com Frida

Frida está querendo atendimento psicológico. Está se sentindo muito desanimada, momentos que está bem, momentos que está mal, triste e não entende porque que não consegue arrumar alguém, que tem homens que falam um monte de coisa linda, mas que quando ela quer algo mais sério eles somem. E não entende. (a profecia do tio). Quer alguém mais próximo. Diz que com os filhos não consegue. Diz que eles já frustraram muito ela. Fala como se ela fosse a vítima. Ela conta que a filha falou umas coisas e se afastou e ela se afastou. Tem muita dificuldade de se colocar no lugar de mãe. Carinho materno, amor materno tenha muita dificuldade, tenha a ver com sexualidade e ela tem dificuldade com isso. A casa está muito cheia, de criança pequena, eles ficam mais cansados. Hoje parece que tinha chegado feira e Clara tava cuidando disso. As educadoras do berçário ficam lá dentro do berçário e as crianças de dois anos ficam já com os maiores e aí a gente não pensou uma estrutura para esses momentos de retorno e acabou ficando complicado.

Conforme Frida ia falando eu achei que podia retomar a entrevista q ela fala muito das mesmas coisas. Ela chorou muito. A gente não conseguiu ler tudo, pq é muito cumprida. E chegou a hora das crianças irem pra escola. Ela virou e falou que queria saber porque, pois não queria chorar quando vc lê tudo isso. (ao ouvir sua narrativa). É engraçado pq a mãe dela é a que não se deixa sofrer, segue em frente, não fica remoendo, deixa passar, mas vive bebendo. Frida não bebe e vive chorando. Ela quer ser uma pessoa sensível, carinhosa, saudável, tendo passado por tudo isso e ela ta vendo que precisa de ajuda.

Amélia, a outra educadora que ficava com C. no hospital, tava lá. Dando banho em G., que é a bebezinha que é irmã de alguém, eu acho, e parece que ta com diarreia. E ela dando banho na pia, gelado, e a bebezinha chorando, chorando, chorando muito. E Maria fazendo comida pra L. não podia limpar a outra que tinha feito coco, e o outro pedindo ajuda pra fazer a tarefa da escola... e a outra menina esperando pra tomar banho e os meninos tomando e ela vê um pelado e fica aflita, mas ninguém nota, nem fala com ela sobre isso. Essa rotina ainda não parece bem estabelecida, pq tem que ser com tanta pressa, não sei se eu atralhei, mas de repente era uma correria. Não sei se preferem assim.

Fiquei ajudando o menino a fazer lição e outros se aproximam querendo fazer. O que fazia lição conta que o outro ainda não está na creche mas que estão atrás de vaga para ele. Perguntei como ele sabe, ele diz que sabe. Uns se preocupam com os outros. E Jo. ia pra escola quando morava com os pais e no abrigo está fora. E gosta de fazer tarefa, desenhar.

Muita criança pequena é muito difícil, todas querem contato físico, atenção. Seria mais tranquilo pra elas pensar em atividade coletiva, mas elas não propõe. R. fica muito regredida com os bebês e o que se faz é gritar muito com ela e manda-la ficar sentada de castigo. A irmãzinha dela não gosta que ela chegue perto pois ela machuca ao abraçar com muita força. Uma estratégia teria que partir da equipe técnica.

São crianças que moram lá, é completamente diferente a dinâmica institucional, mas será que a função do educador é tão diferente de uma creche? Eu fico achando que não e que precisávamos pensar que esses educadores precisam ser colocados no lugar de educadores e precisam saber do seu papel na subjetivação das crianças. Precisam saber que eles têm opções de atuação, de formas de estar lá. E não sabem e ficam se destruindo sob o discurso de trabalho precarizado.

Quando Berenice abre o portão pra mim pergunta se estou passeando. Ouço como preconceito e fico chateada.